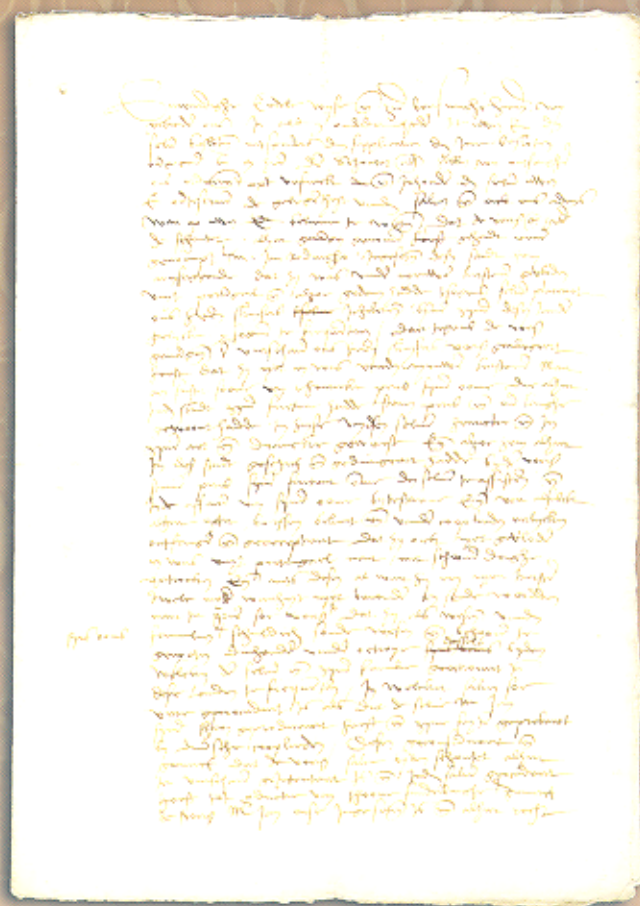


MEDICINA·NA·BEIRA·INTERIOR DA·PRÉ-HISTÓRIA·AO·SECULO·XXI



MEDICINA NA BEIRA INTERIOR
DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI



CADERNOS DE CULTURA
PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

Director:

António Lourenço Marques

Coordenadora:

Maria Adelaide Neto Salvado

N.º 23 - Novembro de 2009

Secretariado:

Quinta Dr. Beirão, 27 - 2.º E
6000-140 Castelo Branco - Portugal
Telef.: 272 342 042

Capa:

Stadsarchief Antwerpen, Vierschaar 316
(processo de Jan Rodrigues): *Exposição da Magistratura ao Chanceler e Conselho de Brabanté.*

Composição e Paginação

PRYUS, Lda. - Fundão

Impressão e Acabamento:

GRAFISETE - Artes Gráficas, Lda.
Rua Jornal do Fundão, 4-B
6230-406 Fundão
Telef./Fax: 275 771 474

E-mail: grafisete@mail.telepac.pt

Os textos assinalados são, na forma e no conteúdo, da inteira responsabilidade dos respectivos autores e não devem ultrapassar 2.500 palavras, incluindo a biografia e os anexos.

SUMÁRIO

AS TRIBULAÇÕES DE MESTRE JOÃO RODRIGUES DE CASTELO BRANCO (AMATO LUSITANO) À CHEGADA A ANTUÉRPIA, EM 1534, EM REPRESENTAÇÃO DO MERCADOR HENRIQUE PIRES, SEU TIO MATERNO	7
— António Manuel Lopes Andrade	
AMIGOS DE AMATO, CIDADÃOS DO MUNDO	15
— Alfredo Rasteiro	
A CIRURGIA NA OBRA DE AMATO LUSITANO	20
— Fanny F. Xavier da Cunha	
OS MITOS EM AMATO LUSITANO	23
— Armando Moreno	
PARALELISMOS E DIVERGÊNCIAS ENTRE AS CENTÚRIAS E O TRAITÉ DES MONSTRES ET DES PRODIGES	30
— Isilda Teixeira Rodrigues	
AMATO - “AMÁVEL DE NOME E DE FACTO”	36
— Maria Adelaide Neto Salvado	
O CRUZAMENTO DE OLHARES: HUMANISMO EM AMATO LUSITANO E LUÍS VIVES	39
— Lurdes Cardoso	
O CONTRIBUTO DE AMATO LUSITANO PARA A HISTÓRIA DA SEXOLOGIA	44
— Isilda Rodrigues	
A CRIANÇA NO TEMPO DE AMATO LUSITANO, UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DAS CENTÚRIAS DE CURAS MEDICINAIS	53
— João-Maria Nabais	
JOSÉ LOPES DIAS E A SAÚDE ESCOLAR: ESBOÇO DE UM PENSAMENTO	63
— Helder Henriques	
AMATO LUSITANO E OUTRAS PRESENÇAS MÉDICAS NO ESPAÇO URBANO ALBICASTRENSE — Visibilidades e invisibilidades - Elementos para uma leitura	69
— Pedro Salvado	
EVOCAÇÃO/MEMÓRIA DE ALGUNS MÉDICOS NOTÁVEIS DA BEIRA INTERIOR – CONCELHO DO FUNDÃO (VIII): DRS. EDUARDO FIGUEIRA E JOÃO NABINHO AMARAL - O gosto pelo património cultural	83
— Joaquim Candeias da Silva	

CONTACTOS E INTERRELAÇÕES NA HISTÓRIA DA MEDICINA DA BEIRA INTERIOR: LEMBRANÇA DO DR. FRANCISCO ANTÓNIO RODRIGUES DE GUSMÃO (1815-1888)	93
— Joaquim Candeias da Silva	
NOTAS PARA UM ESTUDO DE MEDIDAS SANITÁRIAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA - O CASO DO FUNDÃO	97
— Maria Antonieta Garcia	
OS MEDOS E A DEFESA DO CORPO NO HOMEM DA GARDUNHA	106
— Albano Mendes de Matos	
PÍNDARO, A III ODE PÍTICA - A PRIMEIRA MANOBRA DE RESSUSCITAÇÃO CARDIO-RESPIRATÓRIA DESCRITA NA ANTIGUIDADE?	114
— Maria do Sameiro Barroso	
OS ASSOMOS DA FORMAÇÃO MÉDICA NA OBRA DE JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS	119
— Maria José Leal	
DAS INCISÕES CIRÚRGICAS E DA 5ª CHAGA DE CRISTO A PROPÓSITO DE UMA VISITA AO MUSEU DO PRADO	124
— Daniel Cartucho, Gabriela Valadas	
EVOCAÇÃO DE UM MÉDICO ESQUECIDO, O DR. LUÍS CEBOLA - PIONEIRO DA OCUPAÇÃO ERGOTERÁPICA NA CASA DE SAÚDE DO TELHAL, DA ORDEM HOSPITALEIRA DE S. JOÃO DE DEUS	126
— Aires Gameiro	
DR. ANTÓNIO MENDES LAGES - PRIMEIRO DIRECTOR CLÍNICO DA CASA DE SAÚDE DO TELHAL E DA IDANHA	134
— Augusto Moutinho Borges	
FRANCISCO TAVARES: UM MARCO NA MEMÓRIA E NO IMAGINÁRIO DA MEDICINA E FARMÁCIA PORTUGUESAS	137
— João Rui Pita	
CRIAÇÃO DO ENSINO MÉDICO NO BRASIL EM 1808	142
— Marta Gama Mendes e Alfredo Rasteiro	
UM TEXTO INÉDITO DE SOUSA VITERBO	147
— Armando Moreno	

Literatura e medicina

Em 1972, nos EUA, as escolas superiores de medicina introduziram na formação dos alunos uma vertente dedicada aos estudos da literatura. O objectivo central desta inovação ligava-se à necessidade da promoção das capacidades humanistas dos futuros médicos, quando confrontados com a sua prática. Eram as dimensões humanas do trabalho do médico, obscurecidas pela medicina tecnológica, marcada pela influência decisiva da ideia de ciência pura, que era preciso recuperar e reavivar. A exploração do conhecimento da literatura prestava-se a este importante propósito. Não só a escrita literária ensina os médicos a conhecer melhor a realidade das doenças e como é que os doentes vivem nessas condições críticas, em particular, quando são limites (veja-se o caso profícuo da descrição da doença de José Cardoso Pires, no *De Profundis Valsa Lenta*), como abre horizontes novos, vislumbrados na literatura médica de ficção, ou aprofunda a reflexão indispensável no espaço da ética. As narrativas também ensinam os médicos a melhor compreender e atingir a particularidade de cada doente em concreto. Acresce que a criação literária, na prosa ou na poesia, é considerada também como uma potencial e singular forma de atingir o conhecimento avançado de determinadas experiências humanas, neste caso, compreendidas no campo que a medicina percorre. A célebre obra de Tolstói, *A morte de Ivan Ilich*, é ainda um relato único que aborda a vivência do homem face à proximidade da sua morte e a relação com o sofrimento que a envolve. E nesta perspectiva não devemos esquecer, finalmente, a riqueza da criação literária dos próprios médicos.

Voltando ao sofrimento humano, aqui está precisamente onde a literatura mais pode ajudar. Se o progresso na capacidade de apurar o diagnóstico e ter disponíveis terapêuticas mais certas, para debelar as doenças, foi sendo conseguido, o reconhecimento do sofrimento humano, que as acompanha, não teve a mesma sorte. Ora, a obra literária é uma possibilidade de formação, excepcionalmente capaz de mostrar essa amargura, enriquecendo assim o ensino.

Escolheu-se, pois, a literatura na relação com a medicina para o tema global das XXI Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior – da pré-história ao século XXI”. Amato é sempre um farol para todos os temas. Mas a particularidade de estarmos distanciados 20 anos da morte de um outro médico notável, Fernando Namora, que passou pela Beira Baixa, no decurso da sua actividade clínica, e aqui contactou singulares experiências do sofrimento de pessoas doentes, tal como relata, magistralmente, na sua obra literária, em particular nos *Retalhos da vida de um Médico*, faz com que o tema se torne ainda mais acutilante. E envolvendo o grande escritor nestas Jornadas de Estudo é também uma forma de justamente o homenagear.

O XXIII número dos Cadernos de Cultura continua o seu propósito de fixar os trabalhos apresentados anteriormente, incluindo, desta vez, cerca de 20 ensaios.



MEMÓRIA DAS XX JORNADAS DE ESTUDO “MEDICINA NA BEIRA INTERIOR – DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI”



O Prof. António Andrade proferindo a conferência de abertura.



O Prof. Armando Moreno e o Dr. António Salvado na direcção dos trabalhos.



Exposição bibliográfica amatiana no auditório da Biblioteca Municipal de Castelo Branco.



O Eng. Manuel da Silva Castelo Branco proferindo a sua comunicação.



Participantes Das Xix Jornadas De Estudo “Medicina na Beira Interior — da pré-história ao século XXI” junto da estátua de Amato Lusitano, na Praça do Município de Castelo Branco.

XIX JORNADAS DE ESTUDO

“MEDICINA NA BEIRA INTERIOR – DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI”

Auditório da Biblioteca Municipal
de Castelo Branco

7 e 8 de Novembro de 2008



Mesa de abertura das XIX Jornadas. Da esquerda para a direita: Dr. António Lourenço Marques (Director dos Cadernos de Cultura), lendo as palavras introdutórias; Professor Doutor António Manuel Lopes Andrade; Dr.^a Cristina Granada (em representação do Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco), Professor Doutor Alfredo Rasteiro e Dr. António Salvado, da organização.

Dia 7 – 18.30 h

Palavras de abertura.

“Amigos de Amato”

- Professor Doutor Alfredo Rasteiro

Conferência inaugural: **“As tribulações de Mestre João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) à chegada a Antuérpia, em 1534, em representação do mercador Henrique Pires, seu tio materno”**

— Professor Doutor António Manuel Lopes Andrade.

Apresentação do volume n.º 22 dos Cadernos de Cultura **“Medicina na Beira Interior - da pré-história ao séc. XXI”**.

Inauguração da Exposição Bibliográfica sobre Amato Lusitano.

Dia 8 - 9.30 h:

“Amato Lusitano – Amável de Nome e de Facto”

– Doutora Maria Adelaide Salvado

“Os Mitos em Amato Lusitano”

– Professor Doutor Armando Moreno

“A Cirurgia na Obra de Amato Lusitano”

– Doutora Fanny F. Xavier da Cunha

“A criança no tempo de Amato Lusitano, uma análise historiográfica das Centúrias de Curas Medicinais”

– Doutor João Maria Nabais

“O Cruzamento de Olhares: Humanismo em Amato Lusitano e Luís Vives”

– Doutora Maria de Lurdes Cardoso

“Lembranças do Dr. Francisco António Rodrigues de Gusmão (1815-1888)”

- Professor Doutor Candeias da Silva

“Evocação/Memória de alguns médicos notáveis da Beira Interior

– Concelho do Fundão (VIII): Drs. Eduardo Figueira e João Nabinho Amaral”

– Professor Doutor Joaquim Candeias da Silva

“José Lopes Dias e a Saúde Escolar: Esboço de um Pensamento”

- Doutor Helder Manuel Henriques

“Os assomos da Formação Médica na Obra de José Leite de Vasconcelos”

– Doutora Maria José Leal

“Notas para um Estudo de Medicina Sanitária da 1ª República (O Caso do Fundão)”

– Professora Doutora Antonieta Garcia

“Um texto inédito de Sousa Viterbo”

– Prof. Doutor Armando Moreno

“Píndaro, a III Ode Pítica: A primeira manobra de ressuscitação cardio-respiratória descrita na Antiguidade?”

– Doutora Maria do Sameiro Barroso

“Os grandes Surtos Epidémicos em Portugal na Primeira Metade do Século XX: Enfoque Histórico e Epidemiológico”

– Professor Doutor J. A. David de Moraes

“Dr. António Mendes Lages e as Casas de Saúde do Telhal e Idanha”

– Professor Doutor Augusto Moutinho Borges

“Um Republicano no Convento: O Dr. Luís Cebola e as Ocupações Ergoterápicas dos Doentes Mentais na Casa de Saúde do Telhal (o Hospital de S. João de Deus)”

– Doutor Aires Gameiro

“Os Medos e a Protecção do Corpo no Homem da Gardunha”

– Doutor Albano Mendes de Matos

“Assistencialismo e Misericórdias no Distrito de Castelo Branco – Um Balanço Historiográfico”

– Doutora Inês Melo

“Comemoracionismo e História da Medicina em Castelo Branco”

– Doutor Pedro Miguel Salvado

“Ramon y Cajal e os Portugueses: Tempos de Perplexidades”

– Doutor Manuel Correia

“Peregrinações a Santiago de Compostela”

– Professor Doutor Romero Bandeira e Doutora Susana Barbosa de Sousa

“Docentes de Anatomia em Portugal”

– Professor Doutor Armando Moreno

“Criação do Ensino Médico no Brasil”

– Professor Doutor Alfredo Rasteiro

“Assistência aos doentes em Castelo Branco e seu termo, entre começos do séc. XVII e XX”

– Eng.º Manuel da Silva Castelo Branco

“Das Incisões Cirúrgicas e da Quinta Chaga de Cristo”

– Doutora Gabriela Valadas e Doutor Daniel Cartucho

“Paralelismos e Divergências entre as Centúrias e o *Traité des Monstres et des Prodiges de Ambroise Pare*”

– Doutora Isilda Rodrigues.

“A Saúde Transfronteiriça: memória duma iniciativa”

– Doutor Luís Lourenço

AS TRIBULAÇÕES DE MESTRE JOÃO RODRIGUES DE CASTELO BRANCO (AMATO LUSITANO) À CHEGADA A ANTUÉRPIA, EM 1534, EM REPRESENTAÇÃO DO MERCADOR HENRIQUE PIRES, SEU TIO MATERNO

António Manuel Lopes Andrade *

Gostaríamos, antes de mais, de começar por dirigir uma palavra de profundo agradecimento à Comissão Executiva das XX Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior – da Pré-história ao Século XXI”, na pessoa dos Doutores António Lourenço Marques e António Salvado, pela oportunidade que nos concederam de colaborar na vigésima realização deste evento, discorrendo sobre um tema que – pelo menos assim o esperamos – possa ser do agrado de todos quantos se interessam pela ilustre figura de Amato Lusitano.

1. Resumo

Esta comunicação, conforme é sugerido pelo título em epígrafe, está centrada na análise de documentação belga que vem trazer uma nova luz sobre as motivações que levaram Amato Lusitano a abandonar o Reino e sobre o que realmente aconteceu à sua chegada ao empório de Antuérpia, nas margens do Escalda. Esclarece-se, ainda, em definitivo, através desta mesma prova documental, qual a natureza e a relevância das relações familiares de Amato com o seu tio materno, o mercador Henrique Pires, pai de Diogo Pires, o célebre poeta e humanista eborense que desde a primeira hora acompanhou o nosso médico albicastrense nos penosos caminhos do desterro.

2. Antecedentes

A experiência e o capital adquiridos pelos judeus portugueses, sobretudo desde os primórdios da expansão portuguesa no século XIV, formaram uma comunidade capaz de aproveitar as novas e grandiosas oportunidades que iam surgindo em África, no Oriente, no Brasil e também nas colónias espanholas. A descoberta do caminho marítimo para a Índia constituiu um marco decisivo que veio revolucionar por completo todo o sistema em que assentava o comércio mundial.

No virar do século, Portugal detém o mais vasto império alguma vez alcançado, assente numa relação bastante estreita e frutuosa entre poder e saber, que propiciou um avanço extraordinário em múltiplas áreas do conhecimento entre as quais se destacam a Astronomia, a Cartografia, a Matemática, para não falar, evidentemente, da Medicina. Os judeus portugueses, entretanto convertidos à força em cristãos-novos, mantêm-se, na sua grande maioria, no país e não são alheios a este projecto grandioso, em que participam com empenho e dedicação, tanto na produção de riqueza como de saber.

A expulsão dos judeus do território português, em 1497, executada de forma mais simulada que efectiva, e a tardia implantação da Inquisição no nosso país, deu azo a que as primeiras décadas de Quinhentos constituíssem uma época de relativa paz e prosperidade para os cristãos-novos residentes em Portugal. Na verdade, a conversão forçada dos judeus, por imposição de D. Manuel, coincidiu com o momento áureo da expansão portuguesa e, naturalmente, foi nesse meio e nessas circunstâncias que os cristãos-novos se envolveram, desde o primeiro momento, no comércio dos produtos da metrópole e das colónias, em particular as drogas e as especiarias (onde a pimenta sempre ocupou um lugar de primeira grandeza), o sal e o açúcar, e em todas as actividades que lhe estavam associadas, incluindo o trato de escravos. De facto, não é por acaso que são cristãos-novos portugueses, em grande medida, os homens que, em Lisboa e Antuérpia, lançam as bases do grande comércio à escala mundial.

Muitos dos judeus portugueses que se vão notabilizar na diáspora, como Amato Lusitano ou Diogo Pires, são filhos desta conjuntura extraordinária que fazia do império português o mais vasto alguma vez alcançado.

O estabelecimento do Tribunal do Santo Ofício em Portugal, em 1536, acarretou graves e profundas consequências, tanto para o país, quanto para a comunidade judaico-portuguesa. A relação estreita entre poder, saber e riqueza, em que assentava o sucesso do império marítimo português, sofreu um rude golpe. Com os judeus portugueses que eram forçados a abandonar, em cada vez maior número, a terra que os vira nascer, partia também uma parte importante da nação lusitana. Com eles partia, sem dúvida, uma cultura, uma língua e uma experiência únicas. Uma parte substancial do saber e da riqueza nacional acompanha os numerosos cristãos-novos que rumam a Antuérpia a partir da década de trinta.

As actividades da pioneira e empreendedora comunidade judaico-portuguesa, estabelecida na plataforma comercial de Antuérpia, desde as primeiras décadas do século XVI, é um exemplo paradigmático desta realidade. Há um núcleo reduzido de grandes mercadores cristãos-novos, encabeçado por Diogo Mendes, que criam, desde muito cedo, as condições que tornaram possível, alguns anos mais tarde, a fuga generalizada dos cristãos-novos, seguindo as mesmas vias de comunicação das mercadorias. Foram os membros do chamado *Consórcio da Pimenta*, que estiveram na base do grande comércio internacional associado, primeiro, às especiarias, em particular à pimenta, e depois alargado a muitos outros produtos provenientes da metrópole e das colónias portuguesas.

Mas são também estes mesmos homens que assumem um papel decisivo e incontornável na diáspora sefardita, organizando e financiando redes de apoio à emigração dos seus conterrâneos menos favorecidos. Nesta primeira metade de Quinhentos, foram lançadas as sólidas raízes de uma estrutura alargada de base comercial, cultural e religiosa, assente em redes familiares, cujos membros se encontravam dispersos pelas grandes praças comerciais europeias.

Em Lisboa e em Antuérpia, a acção da família Mendes-Benveniste assume um papel de indiscutível importância para a comunidade judaico-portuguesa. A morte de Francisco Mendes, em Janeiro de 1535, constituiu um golpe profundo e inesperado, não só na Casa Mendes-Benveniste, mas na própria liderança, organização e estratégia dos cristãos-novos, que no ano seguinte assistem, incrédulos, ao

temido e anunciado estabelecimento da Inquisição em Portugal, vindo assim malogradas todas as suas diligências para que tal não viesse a suceder.

3. A Figura de Henrique Pires, alias Yacob Cohen

Henrique Pires, mercador cristão-novo, natural da cidade de Évora, é uma figura proeminente da *Nação Portuguesa*, desde as primeiras décadas de Quinhentos, fazendo parte integrante, na companhia de Estêvão Pires, seu sobrinho e genro, do já referido *Consórcio da Pimenta*, liderado em Antuérpia pela figura incontornável de Diogo Mendes. Entre os seus filhos, merece uma referência particular o famoso poeta e humanista Diogo Pires, que acompanhou de muito perto o pai, conforme ele próprio relata em carta autobiográfica dirigida a Paulo Jóvio, em 1547, de Ferrara.

São escassas as informações sobre a infância e juventude de Diogo Pires até ao momento da sua partida definitiva de Portugal, ocorrida pouco depois de ter celebrado o seu décimo oitavo aniversário, em 17 de Abril de 1535¹. Sabemos, porém, que o jovem abandona o país, por ordem expressa do pai, numa altura em que a situação dos cristãos-novos em Portugal se tornava cada vez mais precária. As negociações na Cúria romana não corriam de feição para os cristãos-novos, e antevia-se, a breve trecho, o estabelecimento da Inquisição em Portugal, como de facto veio a ocorrer no ano seguinte.

Henrique Pires tinha seguramente conhecimento do evoluir destas negociações e do enorme perigo que se avizinhava. A indicação do triste momento da partida de Portugal é-nos dada pelo próprio poeta eborense num escólio a um dístico dedicado a D. João III:

Neste reinado, a mando de meu pai e adolescente de apenas dezoito anos, eu parti: facto que não é sem lágrimas que escrevo; e os confins e os doces campos da pátria eu deixei, no ano de 1535.²

Sabemos, agora, que também Amato Lusitano foi obrigado a partir da pátria que o viu nascer, nas mesmas circunstâncias, apenas alguns meses antes de Diogo Pires. Compreendem-se, pois, as razões subjacentes à ordem indiscutível que Henrique Pires deu, primeiro, ao sobrinho (João Rodrigues de Castelo Branco) e, pouco depois, ao filho (Diogo Pires), para abandonarem Portugal sem demora.

Um destino comum, para não mencionar os próprios laços familiares que uniam Amato Lusitano e Diogo Pires, irmanou-os na longa jornada das suas vidas, marcada a todo o momento pela instabilidade e pela omnipresente necessidade de partir para terras mais hospitaleiras. Antuérpia foi apenas a primeira paragem na difícil caminhada destes dois homens pela Europa de Quinhentos.

4. O Empório de Antuérpia

Na passagem do século, Antuérpia vai começar a servir de plataforma privilegiada de recepção e de distribuição das especiarias da Rota do Cabo pelos grandes mercados europeus³. Por volta de 24 de Agosto de 1501, dá-se um acontecimento que constitui um marco de viragem para a cidade de Antuérpia enquanto grande empório comercial europeu e, simultaneamente, é um dos pontos culminantes do período áureo da expansão portuguesa: a chegada às margens do Escalda de dois navios portugueses carregados com a primeira pimenta e canela provenientes da Rota do Cabo⁴. O porto do Escalda fervilhava de actividade no início do século XVI. A partir dessa data, por regra, ancoravam no porto duas frotas portuguesas, uma entre Maio-Junho, outra entre Outubro-Dezembro. De facto, a grandeza de Antuérpia muito ficou a dever ao estabelecimento pioneiro da *Natie van Portugal* e, sobretudo, aos fluxos e refluxos da intensa actividade comercial da Coroa portuguesa. Antuérpia torna-se rapidamente uma das praças europeias mais importantes, local de confluência de inúmeros mercadores e banqueiros das mais variadas proveniências. Na prestigiada Bolsa da cidade, onde Amato Lusitano era uma figura conhecida e respeitada (conforme é notado no processo que lhe foi movido), desenrolavam-se as grandes transacções e as grandes operações financeiras efectuadas por mercadores, financeiros e agentes das mais importantes casas comerciais da Europa. Antuérpia constituía, de facto, um eixo vital das principais rotas comerciais marítimas e terrestres⁵.

5. Processos em Antuérpia contra Cristãos-Novos Portugueses

A comunidade judaico-portuguesa que se estabeleceu em Antuérpia desde os primeiros anos de Quinhentos envolveu-se no auxílio à emigração

ilegal de cristãos-novos. De facto, quatro dos elementos principais desta comunidade são denunciados, em 1532, pela prática dessa actividade⁶. Os acusados são Diogo Mendes, Gabriel de Negro, Manuel Serrano e Luís Pires, todos eles mercadores de grosso trato, envolvidos em múltiplas actividades comerciais, das quais a maior teria lugar, porventura, no âmbito do *Consórcio da Pimenta*, chefiado por Diogo Mendes Benveniste.

Uma denúncia anónima, em 1532, marcou o início de um período particularmente conturbado para os mercadores cristãos-novos estabelecidos em Antuérpia. De facto, até ao famoso processo de Diogo Mendes, cujas acusações se fundamentam, em grande medida, na estranha delação de um jovem cristão-novo, a comunidade judaico-portuguesa não teve dificuldades de maior em desenvolver as suas actividades comerciais, por meio das quais foi adquirindo uma pujança e uma grandeza que não podiam escapar aos olhos de ninguém e, muito menos, da regente Maria de Hungria e do irmão, o imperador Carlos V.

As denúncias desencadearam, pois, um processo que abalou por completo toda a estrutura política e económica de Antuérpia e teve repercussões nas mais altas instâncias europeias, já que conduziram, inclusive, à intervenção pessoal de alguns monarcas.

Diogo Mendes Benveniste, o mais rico dos quatro mercadores denunciados⁷, no dia 19 de Julho de 1532, foi preso e acusado de vários crimes como, por exemplo, judaizar em segredo, promover o regresso dos cristãos-novos à sua fé original, apoiando a sua emigração ilegal para a Turquia, e monopolizar o comércio das especiarias portuguesas⁸.

Parece ter havido uma clara opção por parte do poder instituído em centrar o libelo acusatório sobre o chefe da comunidade judaico-portuguesa de Antuérpia. Mais do que uma aparente questão religiosa, estava em causa um problema de ordem económica, de âmbito comercial e financeiro. A prisão de Diogo Mendes põe em causa toda a estrutura comercial da praça de Antuérpia e, à distância, faz estremecer as débeis estruturas financeiras da Coroa portuguesa, uma das maiores credoras do *Consórcio da Pimenta*.

Carlos V não terá medido com exactidão as reais consequências da prisão de Diogo Mendes.

De facto, no dia 27 de Novembro de 1532, o Imperador escreve uma carta a Maria de Hungria, retrocedendo claramente na sua política contra o monopólio que estava, em grande medida, nas mãos dos cristãos-novos⁹. A isso havia sido forçado pelo inesperado desenrolar dos acontecimentos e, acima de tudo, pela intervenção pessoal dos reis de Portugal e de Inglaterra, ou seja, D. João III, D. Catarina e Henrique VIII¹⁰. Todos intercedem em favor de Diogo Mendes Benveniste, não deixando de apontar os graves e incomportáveis prejuízos que a sua prisão e conseqüente confisco dos bens a todos causaria.

É assim que todas as acusações a Diogo Mendes são retiradas e, volvidos cerca de dois meses desde a sua prisão, é posto em liberdade contra a entrega de uma vultuosa caução¹¹.

Não obstante a libertação de Diogo Mendes parecer prenunciar um apaziguamento da tensão vivida no seio dos mercadores cristãos-novos, a verdade é que a política de Carlos V e de Maria de Hungria não sofreu alterações significativas. Ainda o processo Mendes estava na memória de todos, quando, em Dezembro de 1533, António Fernandes¹², um outro influente mercador cristão-novo, também membro do *Consórcio da Pimenta*, é preso por ordem do Imperador, quando se dirigia a cavalo para Lião.

Assistimos a uma reedição do processo Mendes com idênticas acusações de participação no monopólio das especiarias, mas igualmente de permanência ilegal nos Países-Baixos. Mais uma vez, torna-se patente um antagonismo entre a Comuna de Antuérpia e o poder central, estabelecido em Bruxelas, nas mãos de Maria de Hungria e de Carlos V.

6. O Processo contra o Mestre João Rodrigues e Estêvão Pires

Mestre João Rodrigues de Castelo Branco chega a Antuérpia, pouco antes de Outubro de 1534, precisamente quando ainda decorria a fase mais conturbada dos acontecimentos. Estava em curso o processo de António Fernandes¹³, que continuava detido. À chegada, reencontra o primo Estêvão Pires, em casa de quem é acolhido, o qual era dado como associado de António Fernandes no *Consórcio da Pimenta* e, de alguma forma, havia sido envolvido no processo, pois foi o monopólio, no fundo, que sempre esteve em causa.

No decurso da investigação que temos desenvolvido nos últimos anos sobre a história dos judeus portugueses, cujo ponto de partida foi precisamente a apresentação de um estudo inovador sobre a constituição, actividades e diáspora da família Pires-Cohen pela Europa de Quinhentos¹⁴, comprovámos, recentemente, que Amato Lusitano foi para Antuérpia ao serviço do mercador Henrique Pires, homem forte da família Pires-Cohen. Na verdade, o conhecimento aprofundado da família, de que Amato Lusitano faz parte integrante, conduziu-nos à redescoberta e interpretação de um conjunto de documentos a que os investigadores, a julgar pelas muito escassas e vagas referências que lhes foram feitas, nunca deram a atenção devida¹⁵.

Referimo-nos a um núcleo de documentos que faz parte de um processo que foi movido, no Tribunal de Antuérpia (*Vierschaar*), a Meester Jehan Roderigo. Não restam dúvidas de que o réu principal deste valioso processo é, precisamente, Mestre João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano), recém-chegado de Portugal, no Outono de 1534. Esta documentação fornece dados muito importantes, até este momento completamente desconhecidos, não apenas sobre o próprio Amato Lusitano, como também sobre os demais membros da família Pires-Cohen, com particular destaque para Henrique Pires e Estêvão Pires.

Limitemo-nos, de seguida, a traçar o fio condutor dos principais acontecimentos, à luz dos novos dados fornecidos por estes documentos, de que apresentamos a tradução portuguesa dos excertos mais relevantes¹⁶.

No dia 16 de Outubro de 1534, em Antuérpia, o Bailio deu ordem de prisão a dois cristãos-novos portugueses, Mestre João Rodrigues e Estêvão Pires. Mestre João Rodrigues, recém-chegado de Portugal, é acusado de ser cristão-novo e de permanecer ilegalmente em Antuérpia, desrespeitando as disposições legais decretadas por Carlos V, em Agosto de 1532, que proibiam a emigração de cristãos-novos portugueses para os Países-Baixos¹⁷. O mercador Estêvão Pires, que já estava estabelecido em Antuérpia em data anterior à do processo, é directamente envolvido porque o médico albicastrense se alojou em sua casa, sendo também ele preso e impedido, com grande prejuízo, de dispor dos seus armazéns e mercadorias.

É, assim, instaurado um processo no Tribunal de Antuérpia contra João Rodrigues (que é sempre distinguido nos documentos com o título de Mestre) e contra Estêvão Pires, acusados de permanência ilegal. O processo segue os trâmites legais, e são ouvidas, sem demora, as testemunhas das partes na Câmara Municipal. A estratégia da defesa parece ter apanhado de surpresa o Margrave, representante do poder central na *Vierschaar* e titular da acusação. Para o efeito, alegaram os acusados ter na sua posse uma carta de salvo-conduto, datada de 23 de Abril de 1533, concedida ao mercador Henrique Pires por ordem do Imperador Carlos V, ao abrigo da qual tanto ele próprio como a sua família e os feitores, servidores e procuradores da sua casa estavam autorizados a estabelecer-se e a negociar livremente em Antuérpia.

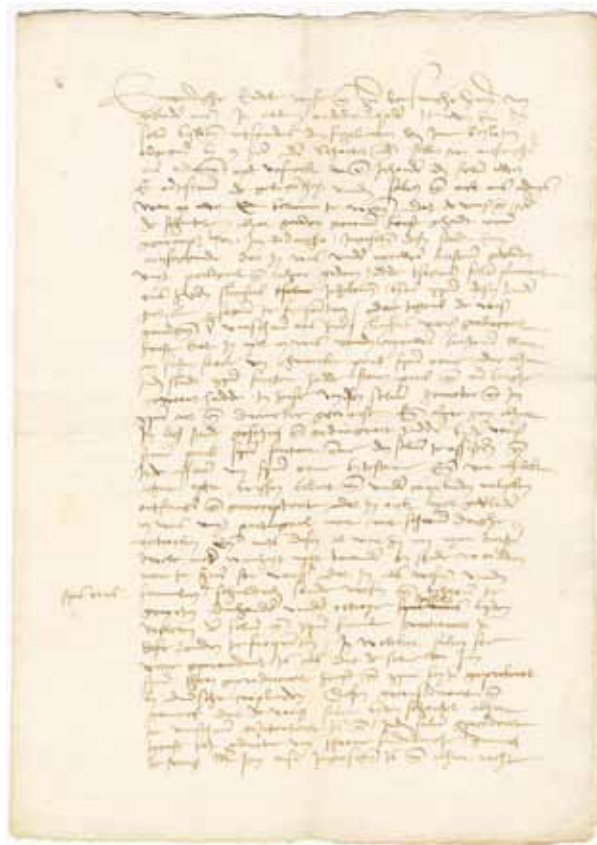
Mestre João Rodrigues apresenta-se como familiar e representante de Henrique Pires, seu tio materno, por ordem e em representação de quem diz ter viajado para Antuérpia. Estêvão Pires, por sua parte, apresenta-se como feitor da casa de Henrique Pires em Antuérpia. Um e outro dizem estar abrangidos pela referida carta de salvo-conduto, em razão da qual consideram não haver fundamento nas acusações de que eram alvo.

O Margrave, no dia 20 de Outubro de 1534, decide requerer superiormente, da parte do Chanceler e do Conselho de Brabante, um parecer sobre a validade e o alcance do salvo-conduto passado a Henrique Pires (de quem se diz nunca ter estado pessoalmente em Antuérpia), procurando, no fundo, transferir o processo para a alçada do Conselho de Brabante, em Bruxelas:

À Majestade Imperial.

Dá a conhecer, com toda a humildade, o seu submisso Willem vanden Werve, servindo no Margrave de Antuérpia, como, no desempenho das suas funções, apreendeu recentemente uma pessoa chamada Mestre Janne Rodrigo, recentemente chegado do estrangeiro, de Portugal, um dos cristãos-novos que têm residido na referida cidade de Antuérpia, com outro, chamado Steven Perys, sem ter autorização e consentimento da Majestade Imperial, situação esta que é contrária aos decretos, cartas e ordenações do Nosso Clemente Senhor Imperador, publicados neste país no mês

de Agosto do ano de mil quinhentos e trinta e dois, e ele, expoente, procedeu em direito contra os referidos Mestre Janne e Steven, seguindo devidamente as suas instruções, perante a *Vierschare*. Na ocasião, os referidos Mestre Jan Rodrigue e Steven Perys alegaram de efeito principalmente como um indivíduo chamado Henricus Perys teria obtido, do Nosso Clemente Senhor Imperador, cartas de salvo-conduto no ano de mil quinhentos e trinta e três, a seguir à Páscoa, sendo da data de vinte e três de Abril, sob cobertura das quais pretendem os referidos Mestre Jan e Steven que teriam licença e salvo-conduto na qualidade de feitores, procuradores ou servidores da casa ou da família do referido Henricus Perys [...]¹⁸.



Stadsarchief Antwerpen, *Vierschaar* 316 (processo de Jan Rodrigues): *Exposição da Magistratura ao Chanceler e Conselho de Brabante*

Entretanto, o Conselho de Brabante requer a apresentação do procedimento entretanto decorrido no Tribunal de Antuérpia, nomeadamente as provas das partes e a cópia do referido salvo-conduto. Em Novembro, três magistrados da *Vierschaar* são enviados a Bruxelas para depositar a documentação

solicitada nas mãos do Chanceler do Conselho de Brabante e do Advogado, ficando a causa suspensa no Tribunal de Antuérpia por um prazo de quinze dias, «para neste tempo se falar desta matéria com a Rainha [Maria de Hungria]».

O Margrave não conseguiu levar a acusação por diante, porquanto a Magistratura de Antuérpia, sempre ciosa das suas prerrogativas, em exposição dirigida ao Chanceler e Conselho de Brabante, reclamou ser a instância competente para julgar os dois acusados que haviam requerido justiça na qualidade de habitantes da cidade de Antuérpia. Através desta exposição, ficamos a saber que Mestre João Rodrigues utilizou uma outra estratégia de defesa, faltando neste caso à verdade, ao afirmar que não era cristão-novo, para fugir, desta forma, ao alcance da citada ordenação imperial de 1532. Por isso, alegou, ainda, não ter fugido de Portugal, por não ter razões para tal, «mas ter partido num belo dia», a mando do tio materno, em casa de quem há muito vivia, comia e bebia; e que o próprio Henrique Pires o havia enviado para assistir e ajudar nos negócios do seu feitor em Antuérpia, isto é, Estêvão Pires.

Vejamos, em pormenor, a parte inicial desta exposição da Magistratura de Antuérpia ao Conselho de Brabante:

Reverendos, Nobres, Sábios e Muito Expeditos Senhores,

Recomendamos com toda a submissão a Suas Excelências o que vai em anexo, assim como o requerimento aí contido, entregue pelo senhor Bailio desta cidade, que nós recebemos, procedendo-nos a escrever a Suas Excelências acerca do requerimento e seu conteúdo a fim de apresentar a situação da causa, bem como o nosso parecer. Fiquem Suas Excelências servidas de saber que o referido senhor Bailio desta cidade teve presa uma pessoa chamada Mestre Jan Roderigho, habitante desta cidade, acusando-o de ser um cristão-novo, fugido de Portugal, tendo assim procedido contra determinada ordenação do Nosso Senhor Imperador, proibindo a frequência dentro deste seu país de pessoas da mesma condição [i.e., cristãos-novos]. Contra isso, o referido recluso alegou perante a Vierschare do Nosso Senhor Imperador que não pertencia aos cristãos-novos, mas que era filho de uma

irmã de Henricke Peris, seu tio, que nesta cidade tinha o seu feitor, Steven Peris, e que desde há muito tempo tinha vivido na casa do mesmo Henricke e aí comia e bebia. Assim sendo, este [tio] o tinha mandado e enviado para o referido Steven Peris, seu feitor nesta cidade, para o assistir e ajudar nos negócios do seu tio, sendo nesta qualidade conhecido na Bolsa nesta cidade e honradamente recebido e aceite pelos mercadores. Disse também não ter fugido de Portugal, mas ter partido num belo dia e que ele, mesmo que fosse cristão-novo, o que em verdade não se mostraria ser o caso, mas bem ao contrário, como ficou dito, que ele, por ser da família do seu tio, podia e devia gozar do conteúdo da patente do mesmo, pelo qual o mesmo e sua família são autorizados a frequentar este país [...]¹⁹.



Stadsarchief Antwerpen, Vierschaar 316 (processo de Jan Rodrigues): Exposição da Magistratura ao Chanceler e Conselho de Brabante

Esta exposição da Magistratura de Antuérpia foi atendida, uma vez que, tanto quanto foi possível apurar, o julgamento do processo não chegou a transitar para a alçada do Conselho de Brabante, tendo sido reconhecida como válida a carta de salvo-conduto e a competência da *Vierschaar* para julgar o processo. A documentação existente não indica qual terá sido a posição da Rainha Maria de Hungria, embora saibamos que esta foi consultada sobre o caso, mas a verdade é que, no dia 22 de Janeiro de 1535, o Tribunal Superior de Antuérpia (Hooger Vierschaer) decide ilibar Mestre João Rodrigues de todas as acusações, «salvo custas de ambas as partes compensadas».

Da análise deste processo, conclui-se que Henrique Pires desempenhava, sem dúvida, o papel de chefe da família Pires-Cohen, tendo ao seu serviço vários familiares como seus representantes, entre os quais pontuam Estêvão Pires, Mestre João Rodrigues (Amato Lusitano) ou, entre os seus filhos, o próprio Diogo Pires. Ficamos a saber, ainda, que Henrique Pires preparou com bastante antecedência e muita cautela a sua saída de Portugal, conseguindo obter, em 1533, da parte de Carlos V, a carta de salvo-conduto que viria a constituir uma peça fundamental na defesa dos dois sobrinhos – João Rodrigues e Estêvão Pires.

À luz desta documentação, comprova-se que Mestre João Rodrigues viajou para Antuérpia pouco antes de Outubro de 1534, a mando do tio materno, com quem mantinha há muito uma relação bastante próxima. Pouco ou nada se sabia sobre os ascendentes de João Rodrigues de Castelo Branco. Neste momento, pode adiantar-se que era filho de uma irmã de Henrique Pires, um cristão-novo cuja família era originária da cidade de Évora, onde estava estabelecida há várias gerações. Acreditamos que Henrique Pires abandonou Portugal apenas em meados de 1535, muito provavelmente na companhia do próprio Diogo Pires, quando o estabelecimento do Tribunal do Santo Ofício em Portugal, mais dia, menos dia, era já uma certeza para muitos.

Mestre João Rodrigues é um dos ilustres membros desta rede familiar, cuja estrutura assenta na liderança incontestável de Henrique Pires. É neste contexto que devem ser perspectivados, por exemplo, a formação superior em Artes e Medicina, no Estudo de Salamanca, tanto de João Rodrigues como

de Diogo Pires, ou, mais tarde, os estudos e as actividades que ambos desenvolvem já na cidade do Escalda. A este respeito, convém sublinhar esta faceta desconhecida de Mestre João Rodrigues como mercador, ao serviço do tio, que não pode ser dissociada, evidentemente, da sua actividade profissional e científica como médico e comentador do tratado de Dioscórides sobre a *matéria médica*. O primeiro livro do médico albicastrense – *Index Dioscoridis* –, o único que ostenta o seu nome de baptismo, João Rodrigues de Castelo Branco, foi publicado, em 1536, em Antuérpia.

7. Rumo a Ferrara

Em Antuérpia, com o aproximar do final da década de trinta, um número cada vez maior de mercadores cristãos-novos começa a deslocar as suas actividades para Sul, estabelecendo-se em cidades italianas como Ancona, Ferrara ou Veneza. As perseguições de que foram novamente objecto, no final dos anos trinta, aumentam ainda mais a instabilidade já existente e levam muitos a abandonar de vez o empório comercial de Antuérpia.

Henrique Pires traçou um novo destino, decidindo estabelecer-se na cidade de Ferrara, onde terá chegado por volta de finais da década de trinta. Diogo Pires, na carta a Paulo Jóvio, dá conta da decisão tomada pelo pai e da perda da mãe nessa difícil viagem para terras italianas:

Foi assim que o meu pai, sem em nada se desviar da sua consciência, mas deliberadamente avesso à sorte dos tribunais, partiu de Antuérpia em busca de outras paragens e para Itália se dirigiu com a família, depois de entre os Lusitanos ter deixado avultadas riquezas. E eu, como é justo, enquanto me mantinha na sua inseparável companhia, fui necessariamente forçado a abandonar o estudo das humanidades, sobretudo quando vim a perder a minha mãe nesse peregrinar, mulher de extraordinária eleição e que tinha por mim amor superior ao de qualquer mãe²⁰.

Henrique Pires temia claramente um agravamento da situação em Antuérpia. A arbitrariedade do poder instituído, em quem já ninguém tinha confiança, não deixava antever melhores dias na Flandres. O seu nome e o dos seus familiares mais

próximos (referimo-nos a João Rodrigues e Estêvão Pires) haviam sido envolvidos em acções judiciais, cujo alvo visava sobretudo a comunidade judaico-portuguesa, sem que daí tivessem advindo consequências de maior. A instabilidade crescente e as insistentes e aliciantes ofertas de acolhimento, vindas da parte de Hércules II, duque de Ferrara, convergiram para que tomasse, uma vez mais, a decisão de partir com a família, em busca de mais segurança e de liberdade religiosa.

Henrique e Estêvão Pires, os dois homens fortes da família, aceitaram o generoso, mas não totalmente desinteressado, convite que o duque de Ferrara lhes estendeu. Fizeram-se, assim, à dura viagem que os iria levar, por terra, até Ferrara, a cidade que, na voz de Samuel Usque, constituía para os cristãos-novos o «mais seguro porto da Itália».

Abria-se, deste modo, um novo capítulo na vida de Amato Lusitano e de Diogo Pires.

NOTAS

- 1 - Assinale-se que, desde 14 de Junho de 1532, os cristãos-novos estavam impedidos de abandonar o país ou de vender as suas propriedades.
- 2 - FLAVII / IACOBI EBORENSIS / CATO MINOR, / SIVE DISTICHA MORALIA / Ad Ludimagistros Olysiipponenses. / ACCESSERE EPIGRAMMATA, / & alia nonnulla eodem auctore, quae / sequens pagella indicabit. / OPVS PIVM, ET ERVDIENDIS / pueris adprime necessarium. / Psal. 33. / Uenite filij, audite me, timorem Domini docebo uos. / VENETIIS, MDXCVI. / Apud Felicem Valgrisium, p. 76. Tradução de C. A. ANDRÉ, *Um Judeu no Desterro: Diogo Pires e a Memória de Portugal*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra – I.N.I.C., 1992, p. 14.
- 3 - Sobre o comércio, proveniência, produção, propriedades e preços das especiarias e drogas asiáticas, cf. M. N. DIAS, *O Capitalismo Monárquico Português (1415-1549)*. Contribuição para o Estudo do Capitalismo Moderno. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1964, vol. II, pp. 43-66; V. M. GODINHO, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*. Lisboa, Presença, 1981-1983, vol. II, pp. 183-220.
- 4 - Cf. V. M. GODINHO, op. cit., vol. III, p. 184.
- 5 - Sobre a importância do eixo Lisboa-Antuérpia na distribuição da especiaria, veja-se o estudo de A. A. Marques de ALMEIDA, *Capitais e Capitalistas no Comércio da Especiaria*. O Eixo Lisboa-Antuérpia (1501-1549). Aproximação a um Estudo de Geofinança. Lisboa, Edições Cosmos, 1993.
- 6 - Cf. P.-M.-N.-J. GÉNARD, «Personen te Antwerpen in de XVIe eeuw, voor het «feit van religie» gerechtelijk vervolgd. Lijst en ambtelijke bijhoorige stukken»: *Antwerpsch Archievenblad/Bulletin des Archives d'Anvers* 7 (s. d., circa 1870), pp. 201-205; J. A. GORIS, *Étude des colonies marchandes méridionales (portugais, espagnols, italiens) à Anvers de 1488 à 1567*. Contribution à l'histoire du capitalisme moderne. Louvain, Librairie Universitaire, 1925, p. 562; A. di LEONE LEONI, *The Hebrew Portuguese Nations in Antwerp and London at the Time of Charles V and Henry VIII: New Documents and Interpretations*. Jersey City, Ktav, 2005, pp. 18-19.
- 7 - Amato Lusitano, na sua obra *In Dioscoridis* 1.120, afirma que

Diogo Mendes é «omnium mercatorum suae aetatis ditissimo».

8 - Para uma análise dos acontecimentos que levaram à prisão de Diogo Mendes e à sua libertação, cerca de dois meses depois, cf. P.-M.-N.-J. GÉNARD, op. cit., p. 204; J. A. GORIS, op. cit., p. 563; A. di LEONE LEONI, op. cit., pp. 19-22.

9 - Cf. P.-M.-N.-J. GÉNARD, op. cit., pp. 251-252; J. A. GORIS, op. cit., p. 568; H. P. SALOMON-A. di LEONE LEONI, «Mendes, Benveniste, De Luna, Micas, Nasci: the State of the Art (1532-1558)»: *The Jewish Quarterly Review* 88, n.º 3-4 (January-April 1998), pp. 145-146.

10 - Para uma análise das cartas enviadas por D. João III e D. Catarina a Carlos V, cf. H. P. SALOMON-A. di LEONE LEONI, op. cit., pp. 135-148 e 182-184, documentos 3 e 4.

11 - Veja-se o sumário oficial das condições de libertação de Diogo Mendes, documento datado de 17/03/1532, em H. P. SALOMON-A. di LEONE LEONI, op. cit., pp. 185-189.

12 - Sobre o processo de António Fernandes, cf. P.-M.-N.-J. GÉNARD, op. cit., pp. 265-273, 282-289, 330-345, 393-425; J. A. GORIS, op. cit., pp. 199-201 e 562-570. Mais recentemente, R. ANSWAARDEN, *Les Portugais devant le Grand Conseil des Pays-Bas (1460-1580)*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian – Centre Culturel Portugais, 1991, pp. 259-268, traça os acontecimentos principais do processo de António Fernandes e apresenta a transcrição de vários documentos fundamentais para a sua compreensão.

13 - Em Junho de 1534, António Fernandes foi transferido para a prisão de Vilvorde, onde ainda se encontrava no dia 2 de Setembro de 1535. Só em Maio do ano seguinte a acusação contra o mercador português é considerada improcedente. Cf. R. ANSWAARDEN, op. cit., p. 260.

14 - Para uma análise pormenorizada da constituição e das actividades da família eborense Pires-Cohen, veja-se o nosso estudo: A. M. L. ANDRADE, *O Cato Minor de Diogo Pires e a Poesia Didáctica do séc. XVI*, Aveiro, Universidade de Aveiro – Departamento de Línguas e Culturas, 2005 (dissertação de doutoramento), cuja primeira parte (pp. 1-134) traça um esboço biográfico de Diogo Pires e da família Pires-Cohen.

15 - Devemos ao importante trabalho do arquivista Pierre-Marie-Nicolas-Jean GÉNARD, «Personen te Antwerpen in de XVIe eeuw, voor het «feit van religie» gerechtelijk vervolgd. Lijst en ambtelijke bijhoorige stukken»: *Antwerpsch Archievenblad/Bulletin des Archives d'Anvers* 7 (s. d., circa 1870), pp. 293-310, a transcrição e edição in extenso dos documentos deste processo, todos eles redigidos em língua neerlandesa, que se encontram à guarda do Stadsarchief Antwerpen, *Vierschaar* 316 (processo de Jan Rodriguez).

16 - A tradução portuguesa dos documentos originais em neerlandês esteve a cargo do Prof. Doutor Arie Pos, a quem manifesto o meu profundo agradecimento pela colaboração prestada. É nossa intenção, dentro em breve, aprofundar este estudo, publicando in extenso a transcrição da documentação original e a respectiva tradução portuguesa.

17 - Veja-se a transcrição da referida ordenação imperial, datada de 14 de Agosto de 1532, em P.-M.-N.-J. GÉNARD, op. cit., pp. 236-237.

18 - Cf. Stadsarchief Antwerpen, *Vierschaar* 316 (processo de Jan Rodrigues): tradução da parte inicial da *Exposição da Magistratura ao Imperador Carlos V*. Veja-se a transcrição do documento original em P.-M.-N.-J. GÉNARD, op. cit., pp. 293-295.

19 - Cf. Stadsarchief Antwerpen, *Vierschaar* 316 (processo de Jan Rodrigues): tradução da parte inicial da *Exposição da Magistratura ao Chanceler e Conselho de Brabante*. Veja-se a transcrição do documento original em P.-M.-N.-J. GÉNARD, op. cit., pp. 296-298.

20 - Veja-se o texto latino e tradução em C. A. ANDRÉ, op. cit., pp. 162 e 170.

Universidade de Aveiro *

AMIGOS DE AMATO, CIDADÃOS DO MUNDO

Alfredo Rasteiro *

Julio Caro Baroja (1), Ellis Rivkin (2) e muitos outros, constataram que os descendentes dos cristãos novos de origem espanhola que formaram a «nação portuguesa», conhecidos como «judeus portugueses» em memória das terras «lusitanas» que lhes marcaram a diáspora, desenvolveram três formas de actuação que impulsionaram decisivamente o mundo moderno: o espírito de empresa que determinou a esfera económica; o apego a direitos naturais inalienáveis que marcou a esfera política; e a liberdade mental de que não abdicaram, na esfera intelectual e religiosa (2) especialmente depois que, nos séculos XVI e VII, «favorecidos y amparados por potencias protestantes, no perdieron la ocasión de atacar las instituciones españolas y portuguesas que les eram enemigas y de defenderse o hacer su propia apologia» (1).

A «abertura do Mundo moderno» começou em Lisboa e prosseguiu na Europa com Mendes Benvenistes e Lunas (6), e muitíssimos outros, que a Santa Inquisição não quis em Portugal...

Francisco Mendes Benveniste (c.1491-1535) desenvolvera negócios em Lisboa e seu irmão Diogo Mendes (c.1493-1542), desde 1512 em Antuérpia, geriu, sem problemas até 1532, o negócio da Pimenta (5, 10).

Francisco e Diogo casaram com duas irmãs Luna nascidas em Lisboa, Beatriz (1510-1569) e Brianda (1531-1556), irmãs do Doutor Agostinho Henrique Micas/ Naci (c.1472-c.1532?), médico, casado com uma Benveniste, quiçá Mestre Henrique na «Farsa dos Físicos» de Gil Vicente, Lente de Prima (1515-1526) na Universidade portuguesa sediada em Lisboa (4,6,9).

Beatriz, Mendes pelo casamento (1528), enviuvou em 1536 e retomou o patronímico Luna. Em 1552 tornou-se Gracia Naci/ Nasci.

João e Bernardo, filhos do Doutor Micas, circuncidados em 1554, tornaram-se José e Samuel Naci e casaram com as primas, que receberam nomes judaicos. Isto é: os Naci receberam o nome que quiseram quando foram circuncidados, depois de terem tido sido judaico-cristãmente baptizados.

O Baptismo das crianças cristãs deveria ser por volta do oitavo dia de vida, tal como a Apresentação judaica no Templo.

José Naci (1515-1579) casou com Anna (1531-1599), filha de Donna Gracia. Na cerimónia do casamento Anna (Hanna) tomou o nome de Regina/ Reyna. Em 1557 receberam o ducado honorífico de Naxos, nas Cíclades. No mesmo ano Samuel casou com Gracia *la Chica*, filha de Brianda e Diogo Mendes.



Gracia *la Chica*

Algumas Enciclopédias judaicas mostram Gracia, *la Chica* como Beatriz de Luna na medalha, célebre, de Pastorino di Pastorini (1558).

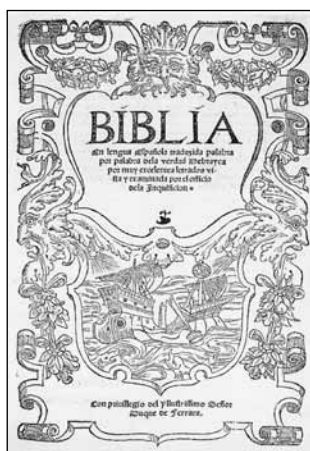
A endogamia assegurou e desbaratou patrimónios de grandes famílias: na casa de Aviz e na corte dos Reis Católicos, entre Mendes/Benvenistes, Nasci/Naci, Pires/Cohen, Levy, Abravanel,...

Quando os deixaram ser portugueses, os Nasci/ Naci/ Nassi, Nasci/ Naci/ Nazj, ... procederam como católicos apostólicos romanos e foram Mendes, não sabemos se inspirados nos Mendes de D. Afonso Henriques, se em Mendes, localidade Egípcia recordada nas traduções da Matéria médica de Dioscoridis, em Laguna, página 45 e em Amato Lusitano, página 91 nas edições de 1558: En. LXV: «*Mendesi compositio, ea in regione Aegypti vbi Mendes, id est caper colitur, preparetur*».

Os Mendes obedeceram ao Papa e ao Rei português. Depois, patrocinaram a «*esfera armilar*» no barco de velas rotas e mastro quebrado da «Bíblia» de Ferrara, 1553 e aceitaram o emblema de D. Manuel, sinal de orgulho e fé em Deus, «*In te Domine spes mea*» na «Consolação às Tribulações de Israel», 1553 na «Hystoria de menina e. moça», 1554 e em muitas outras Obras. E continuaram sempre «lusitanos» da Sefarad, judeus portugueses, com crescente orgulho (5).

Aron di Leone Leoni, pesquisador incansável em Arquivos de toda a Europa, verificou «que os notários e escrivães italianos não estavam, geralmente, familiarizados com palavras estrangeiras e tinham grandes dificuldades em transcrever, não apenas os nomes hebraicos, mas também os espanhóis e portugueses» e transcreviam «os nomes estrangeiros foneticamente, utilizando qualquer combinação de letras que reproduzisse o som de forma aproximada» (4).

Porém, as coisas complicam-se quando, na mesma Tipografia, em Ferrara, em 1552, com escassos meses de intervalo, surgem duas grafias para o nome de Dona Gracia, «Naci» e «Nasci».



Bíblia, Ferrara, 1532

A «Bíblia», editada no primeiro de Março de 1553 em «lengua Española» por Yon Tob Atias/ Ieronimo de Vargas e pelo «português» Abrahã Usque/ Duarte Pinel, foi dedicada «a la muy magnífica Señora Doña Gracia **Naci**» e a «Consolação as tribulações de Israel», de Samuel Usque, «*piqueno ramo de fruta noua a nossa nação Portuguesa*», saído em 7 de Setembro do mesmo ano, 5313 da «criação do mundo» será para «A *illustrissima Senhora Dona Gracia Nasci*».



Naci («nune», «sine», «iode», «álefe»)

Naci/ Nasci exemplifica contradições, hesitações e dificuldades várias dos «*lusitani nostris*», «*nostris*

porugalenses» no processo de recuperação, tradução, e adaptação, de patronímicos pouco usados.

No vasto mundo do século XVI Samuel Usque, um dos Autores que melhor se expressou na maravilhosa língua lusitana de Sefarad, propôs a transcrição Nasci, que não vingou, preterida em favor de Naci.

Porém, por maior que seja a nossa admiração pela obra literária do autor da «Consolação», devemos respeitar grafias de nomes tal como foram usados e, no caso Naci, para que nos entendamos, forçoso é seguir os filhos do Doutor Micas, sobrinhos e herdeiros de Gracia de Luna/ Mendes Benveniste/ «Naci».

Ligados aos «*Nassini*», grafia utilizada por Amato, provável atribuição da sonoridade SS a um Z castelhano, iremos encontrar Juan Rodríguez de Castelo Branco e muitos dos seus antigos companheiros de Salamanca.

Não se conhece notícia do Baptismo de «Juan Rodriguez» em Santa Maria do Castelo Branco, *circa* 1511 mas sabemos que «Joanne Roderico Casteli Albi Lusitano autore» publicou em 1536, em Antuérpia, o seu livrinho de apresentação «*Index Dioscoridis*». O exílio propriamente dito, e a adopção de um nome judaico lusitano, começaram depois.

Criança ainda, João Rodrigues, Amato Lusitano (1511-1568) iniciou amizades que perduraram depois do bacharelato, adquirido em 19 de Março de 1532 na presença de Luis Nunes de Santarém (8).

João Rodrigues foi contemporâneo de Manuel Raynel, formado em 22.XII.1531, casado com uma Benveniste; do Doutor Duarte Gomes, bacharelado em 23.IV.1532, Professor em Lisboa, autor da Oração de Sapiência de 1536; de Luis Nunes, bacharel em 13.IV.1532, de António Luis, bacharel em 14.VIII.1532 e de Tomás Rodrigues (da Veiga), bacharel em 4.IV.1533, professores em Coimbra; de Manuel Lindo, bacharel em 28.IV.1533; (8)...

Lembranças de doentes, amigos e colegas, obras e percursos, ajudam a compreender Amato.

«In Dioscoridis Anazarbei de Medica Materia», Veneza, 1553 recorda «Didaco Mendio», Diogo Mendes («Enaratio CXX. De rosis») e «Domina Beatrix a Luna», Gracia Naci/ Nasci («Enarratio XXXIX. De cervi mascvli genitale»).

A «Quinta Centúria», Salonica, 1560 é dedicada a José «Nassini», «*Pessoa ornada de insignes virtudes*», identificado (?) como Miguel na Memória LXXIII, discu-

tindo o caso clínico, preocupado com o sofrimento de Laurentius de Gentilibus, notário em Pesaro (9).

A Memória XIX da Quinta Centúria lembra o Doutor Duarte Gomes (Salomão Usque, Salusque, David Zaboca), Eduardus Gomez Lusitanus, tradutor de «Canções de Petrarca» para a língua castelhana.

O Doutor Luis Nunes de Santarém, professor em Lisboa e em Coimbra (1540-1544), editor do Dicionário de Nebrija (1545), médico de Maria de Medicis e colaborador de Andre Laguna (1510-1560), é recordado como o amigo «Lvdivicvs» no livro I, Enarratio CXXXVII, «Palmitos», do «In Dioscoridis anazarbei de medica materia», 1553.

Laguna agradeceu a colaboração de Luys Nuñes na página 618, não numerada, do «Pedacio Dioscorides Anazarbeo: Acerca dela materia medicinal», 1555.

Diogo Pires/ Isaia Cohen (1517-1597), está presente na Terceira Centúria, Memória XXXVIII e na Sexta Centúria, Memória XXX.

Familiares, amigos, compatriotas, próximos e remotos, não são esquecidos. O irmão José foi recordado na Memória XLIX da Quarta Centúria e o sobrinho médico, (António) Brandão, na Quinta Centúria, Memórias IV, VI, X, XVI, ...

Ana, parente de Amato pelo lado dos Pires, grávida de dez meses, casada com um Estevão Pires mais afastado, figura na Primeira Centúria, Memória XXVII (10).

A esposa de Sebastião Pinto, cancro da mama aos trinta anos de idade após gravidez sem problemas, dois anos de doença e morte, foi recordada na Primeira Centúria, XXXI, 1549. O marido, provavelmente o «magnata do açúcar» Sebastião Rodrigues Pinto, bem relacionado com Ercole II *da Este*, será visitado por Diogo Pires em 1543, questão em estudo (10).

Identificações deste género são dificultadas

pelo sigilo profissional peculiar de Amato, por exemplo: «Ana Pinta, senhora que viveu em Inglaterra, casada com aquele que passou muitos anos na Índia e falava muitas línguas», sofria de uma infecção num dedo e estava viva em 1560 (Quinta Centúria, XC).

A referência à esposa de Sebastião Pinto é curiosa pelo empastelamento com deslocação a Veneza a prestar assistência ao embaixador de Carlos V D. Diogo de Mendoza, provavelmente o mesmo que foi recordado por Laguna como «Señor Cardenal de Medoça» (Acerca de la materia medicinal, 1566, p. 612).

Nesta passagem por Veneza, e eventual conferência médica, o segoviano e o albicastrense, embora amigos, ignoraram-se. Creio que este «Mendoza» era familiar da princesa de Eboli Ana Mendoza de la Cerda (1540-1592), bisneta de Pedro Gonzales de Mendoza (1428-1495), «Cardenal Arzobispo de Toledo», casada com o português *valido* de Filipe II Rui Gomes da Silva (1529-1573), patrono de André Laguna (1510-1560). Foi no tempo em que os negócios dos Pires, com a Casa *da Este* (10), «deram para o torto».

E quem seria o marinheiro Jorge Pirez de Almada, empanturrado com figos no mar Cantábrico, recordado por Andrés Laguna (obra citada, página 120)? Cidadão do mundo, João Rodrigues/ Amato Lusitano abandonou Lisboa em condições que desafiavam a perspicácia dos investigadores. A relação entre o início de estudos em Salamanca, a partida para Antuérpia, e a chegada a Ferrara foi registada no diálogo com Luís Nunes de Santarém, atrás citado: «Amatvs: : Scio certe, quum nos due è Salmamticessi, nobili apud Hispanos gymnasio, in Lusitaniam reuerteremur, te publicè medice nam apud Colimbrienses, regis mandato legisse, imo ibidem tibi in eo munere primas delatas recorder. Sed ego relictas Lusitania, vt qui in ab



Consolação, Ferrara, 1532

hinc decem & octo annis praesagieram, que nunc euenisse audio, regios contem psi honores, & in An-thuerpiam me recepi, vbi septénium egi, & inde Illus-trissimi ducis Ferrariae Herculis secundi iussu, Ferrariam veni, sub cuius clientela sexennium moratus sun, vbi quoq; publice artem medicam professi sumus & multa à viris doctissimis, in re anatomica & herbaria didi-cimus». Isto é, Amato partiu para Antuerpia dezoito anos depois de ter iniciado estudos em Salamanca, viveu sete anos em Antuerpia e passou a Itália, após o reencontro com Luis Nunes, em 1544-45.

A utilização da «Raiz da China» é outro marco na vida de Amato.

Ruy Diaz de Ysla, médico no Hospital de Todos os Santos de Lisboa, refere a utilização de «un palo que aora traen de la China por via de Portugal» no «Tractado cõtra el mal serpenti-

no», Sevilha 1539 presumindo-se que as referências à China, e a Portugal, evitem confusões com «Sarsaparrillas», e outros «palos», do «Calecut e Indias de Castela» que muitos Castelhanos, do século XVI, «localizavam» no México.

Amato diz ter utilizado Raiz da China em Lisboa (Segunda Centúria, Memória, XXXI, 1551) e que quem primeiro a trouxe foi «Vicentius Gilius a Tristanis» (Primeira Centúria, XC, 1549).

Vicente Gil, mercador assíduo nos mares da Índia, figura na «Relação e armadas da Índia», Códice Add. 20902 da British Library, editada por Maria Hermínia Maldonado (1985).

Vicente Gil partiu para a Índia em 10 de Abril de 1532 na nau Graça, zarpou em 13 de Março de 1536 na nau Santa Cruz, saiu em 25 de Março de 1540 novamente na Graça e, ainda na Graça, em 23 de Abril de 1542 (11).

Presumo que, na viagem de 1532, Vicente Gil tenha regressado após Setembro de 1535, após a tomada de posse de Diu onde, inicialmente, mer-

cadores chineses levaram a primeira Raiz da China de que os portugueses tiveram notícia, segundo a informação de Garcia d’Orta, «Coloquio» 47, 1563.

Ofuscando quaisquer outras notícias, o aventureiro Diogo Botelho Pereira com cinco companheiros e oito escravos, zarpou da Índia em Novembro de 1535, demorou muito para quem vinha cheio de pressa, chegou a Lisboa em 21 de Maio de 1536, trouxe a novidade da posse de Diu e deu-a a D. João III.

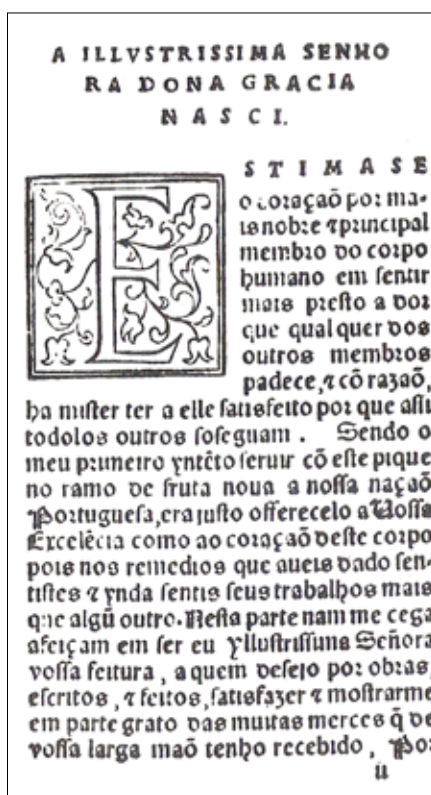
Voltando a Vicente Gil, contando com a sua perícia de armador, com a qualidade dos barcos que comandou, capacidade dos marinheiros sob o seu comando, e a ajuda de ventos propícios, o comandante da nau Graça terá contactado João Rodrigues de Castelo Branco em Lisboa e rapidamente passou à nau Santa Cruz, e zarpou, em 13 de Março de 1536.

Merece realce a alternância do comando que alguma vez se verificou entre as naus Graça e

Santa Cruz, poupando tempo no estaleiro, reparações, cargas e descargas, sinal de grande eficiência e minuciosa organização, que merece estudo.

O trabalho do Doutor António Manuel Lopes Andrade: «As tribulações de Mestre João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) à chegada a Antuerpia, em 1534, em representação do mercador Henrique Pires, seu tio materno», 2008 abre uma janela neste vasto mundo.

O Doutor Lopes Andrade procura registos, estuda Obras e investiga itinerários que o ajudem a compreender a geração de ouro d’«Os Senhores do desterro de Portugal», «*figuras de proa*» da cultura portuguesa do século XVI: Amato Lusitano, Diogo Pires, Duarte Gomes, Luis Nunes, Manuel Reinel, ... que «*haviã obtido, em conjunto, a sua formação superior, no Estudo de Salamanca, em Artes e Filosofia e Medicina*». «*O percurso atribulado desses homens retrata, como é notório, a fuga irreparável do saber*», palavras suas.



«Consolação», dedicatória, 1532

«O *Cato Minor* de Diogo Pires e a poesia didáctica do século XVI», 2005, Tese, 553 páginas, inicia um percurso em que brilham: «Os senhores do Desterro de Portugal: judeus portugueses em Veneza e Ferrara em meados do século XVI», Veredas, Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, vol. 6, 2006, pp. 65-107; «De Ferrara a Lisboa: tribulações do cristão-novo Alexandre Reinel, preso no cárcere do Santo Ofício», Caderno de Estudos Sefarditas, nº 7, 2007, pp. 1-49; «O processo de Alexandre Reinel, aliás Isaque Bendana, na Inquisição de Lisboa», Caderno de estudos sefarditas, nº 7, 2007;...

Até ao século XIV, os Judeus de Sefarad viveram as suas vidas no espaço relativamente limitado das suas comunidades. Com os Descobrimentos marítimos e terrestres dos séculos XV e XVI desenvolveram o empreendedorismo individual. Acoitados pela Inquisição, acentuaram a errância e resistiram. Conservaram línguas, nomes, religião, moral, cultura.

D. João III, D. Sebastião, D. Henrique, e a criminosa santa Inquisição que cá deixaram, conduziram o País à perda da independência (1580-1640), à prosperidade de alguns e à ruína de todos, nos antípodas da «nação portuguesa» da Diáspora, males de que nunca Portugal se libertou completamente, e se renovam.

Termino onde comecei, aproveitando conclusões do investigador Ellis Rivkin, Hebrew Union College, Cincinnati, atrás citado: «... *los cristianonuevos portugueses merecem nuestro aplauso por haber puesto los tres fundamentos esenciales del mundo moderno: el espíritu de empresa en la esfera económica, la doctrina de los derechos naturales en la esfera política, y la libertad de pensamiento y de conciencia en la esfera intelectual y espiritual*» (2).

Em 2008, a desorientação dos sistemas político-militares reféns dos poderes económicos, financeiros e mediáticos (14) e a livre circulação de ideias, mercadorias e capitais apresentam alguma semelhança com acontecimentos do século XVI que tiveram a participação activa de Amato, dos seus familiares, e de alguns dos seus companheiros de Salamanca:

Pelo espírito de empresa em que se tornaram mais conhecidos os Naci, gerando riqueza até ao limite absoluto em que tudo o que cresce isoladamente tende a desaparecer, como reconheceram as grandes economias em Novembro de 2008, admi-

tindo nacionalizar Bancos (Gordon Brown no Reino Unido; George Bush nos U.S.A.), nacionalizando-os (BPN em Portugal).

Por lutarem pelos seus direitos naturais, pela Liberdade e pela segurança de cada uma e de cada um, ainda que isolados, longe das suas comunidades.

Por pensarem, escreveram e publicaram livremente; por serem mais ou menos religiosos, segundo os ditames das suas consciências.

Castelo Branco, 7 de Novembro de 2008.

NOTAS

1. Baroja, J. C.: «Los judíos en la España moderna e contemporánea», II, 3ªed. 1986.
2. Rivkin, E.: Los cristianonuevos portugueses y la formación del mundo moderno, in Angel Alcalá (Ed.): (Judios. Sefarditas. Conversos. La expulsión de 1492 y sus consecuencias, 1995, pp. 408-419).
3. Luna confundido com Lima surge, por exemplo no «Tratado da vida e feitos do infante D. Fernando», de Frei João Alvares, relativamente a João de Luna/ João de Lima, «homem do forno», na Edição de Adelino A. Calado, Acta U.C., 1959 e 1960. Existiu um Mestre Nicim ou Nacim, Mestre na «arte dos olhos» autorizado a exercer em exclusividade, em 1434 e em 1439, podendo passar cartas de habilitação a quem julgasse idóneo (Iria Gonçalves: «Imagens do mundo medieval», 1987).
4. Leoni, A. L.: «As transcrições do apelido «Naci» nos documentos guardados nos arquivos de Ferrara e de Modena», Cadernos de Estudos Sefarditas, nº 5, 2005, pp. 77-85.
5. Azevedo, J. L.: «História dos cristãos novos portugueses», 1921 reedição Livraria Classica Editora, 1975
6. Salomón, H. P. e Leoni, A.L.: «Mendes, Benveniste, de Luna, Micas, Nasci: em que ficamos? (1532-1558)», O Património Judaico Português, Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, 1996, pp.87-116 mostram-nos um vasto mundo em que deparamos com barreiras espaciais e linguísticas, dificuldades de estudo e de identificação, relações escondidas e relações sem número.
7. O Patronímico castelhano Naci, e o seu correspondente português Nasci, exemplifica diferenças linguísticas entre povos que aparentemente se ignoram «del nacer al morir», «do nascer ao morrer», entre castelhanos que «tienen conciencia» disso e portugueses que disso têm «consciência», S antes de C, «*tchapéu*» no E. Oito séculos «*a vivir de espaldas*» recordados no «El País» de 3 Outubro 2008, «Público» e «Diário de Notícias» de 4 Novembro 2008 a propósito de Carlos Arias Navarro (1908-1989), Chefe de Governo de Francisco Franco Bahamonde (1892-1975), desejo de invadir Portugal após intenciona contra-revolucionária de António Sebastião Ribeiro de Spínola (1910-1996), em 11 Março 1975.
8. Gracia Naci, em caracteres hebraicos, figura em medalha de Pastorini (1558); junta «nune», «sine», «iode», «álefe», que a um castelhano soam Nazi, com Z a valer SS, diferente do «nazi»-Hitler (1889-1945). «Gracia» também é complicado: *bete, reche, tsadé, yode, álefe, hé* - Beatriz?
9. Santander, T.: «Escolares medicos en Salamanca (Siglo XVI)», 1984
10. Rasteiro, A.: Medicina judaica lusitana, 2000
11. Andrade, A. M. L.: O *Cato Minor* de Diogo Pires e a poesia didáctica do século XVI, Tese, Universidade de Aveiro, 2005
12. Maldonado, M. H.: «*Relação das Naus e Armadas da Índia*», Univ. Coimbra, 1985
13. Birnbaum, Marianna: «*A longa Viagem de Gracia Mendes*», Edições 70, 2005
14. Clément, Catherine.: «*La Señora*» de 1992, Edições Asa, 1994
15. Alegre, M.: Via Nova, *Diário de Notícias*, 28 Outubro 2008

* Faculdade de Medicina de Coimbra

A CIRURGIA NA OBRA DE AMATO LUSITANO

Fanny F. Xavier da Cunha *

Desde sempre que o Homem procurou a cura das doenças por meio de operações, ou seja, da Arte cirúrgica, a qual era considerada por Amato como uma Arte auxiliar da Medicina.

Contudo e apesar do “juramento Hipocrático” que os médicos de hoje ainda fazem, o qual diz: “Não utilizarei lâmina, ou seja, não exercerei cirurgia nem sequer nos casos dos que padecem mal de pedra; declinarei este género de intervenções a favor dos homens práticos nestas (operações)”, a cirurgia é nos nossos dias uma disciplina da Medicina.

Em Portugal, até ao século XVI, data da criação dos estudos cirúrgicos em Lisboa, é pobre a história da cirurgia, porque os únicos depositários da Ciência, os eclesiásticos, faziam uso dela, mais como justificação do seu domínio, do que como elemento de prosperidade e civilização. A cirurgia foi quase totalmente abandonada, porquanto a Igreja proibias a menor efusão de sangue *in* Maximiano de Lemos, citámos.

Amato diz na 6^a Centúria, Cura LXXXVII – na qual aplica a sua terapêutica preferencial – a sangria por flebotomia – incisão de veia com expulsão de sangue, logo contra os princípios expressos nos Aforismos de Hipócrates, justificando: “exercemos a medicina como uma arte de Deus, por meio da qual retiramos das fauces de Orco não pouca gente”.

Vejamos agora como usando da arte cirúrgica, Amato alcançou tal desiderato. Na Cura XVIII da



Amputação dos membros (gravuras extraídas de *Feldtbuch der Wundartzney*, de Gersdorff, 1540.

1^aCent. – “Das mencionadas ulcerações da boca e da escarificação das pernas e dos braços” de uma criança de dois anos a qual foi por ele restituída à saúde com escarificações das pernas e nos seus Comentários justifica-se e justifica Galeno, visto que Galeno muitas vezes usou deste método e da extracção de sangue por meio da secção da veia, como se depreende da sua explanação 17^a do livro dos Aforismos: “A evacuação de todos os humores que é de facto a mais apurada igualmente por meio da secção da veia; a seguir a esta há a que se faz por meio da escarificação das pernas, como nós costumamos fazer”; e termina dizendo: foi, todavia trabalhoso em Ferrara a mim como na Germania inferior, ensinar os cirurgiões a executar esta evacuação, visto que nunca a tinham empregado antes disso.

Vamos encontrar casos de cirurgia na 2^aCent., Cura II – “Em que se trata duma fractura occipital” – chamado para ver uma criança que dera uma queda pelas escadas, Amato mandou ao cirurgião que fizesse uma abertura grande em forma de cruz nessa região occipital. Nela fala em médicos e cirurgiões e sobre fracturas de crânio manda ler Galeno, livro 6^o do *Methodus medendi*. Na cura V – Do osso cocigeo chamado rabadilha, recuro

e duma inflamação nele surgida, fala em cirurgião assistente. Amato fazia a diferença entre médico e cirurgião. A flebotomia é um termo cirúrgico, pois trata da abertura com lanceta, de veias. O Físico era o termo popular ou (físico militar) para médico.

Na Cura XXII, c.2ª - “De uma repentina erupção de pápulas em volta dos pulsos, das mãos e do estragalo dos dois pés, ou calcanhar” – Amato, ao tratar esta doença mandou extrair da incisão da basílica direita seis onças de sangue e pela tarde foi a sangria repetida no braço esquerdo até oito onças. Às pápulas que eram do género corrosivo, mandou escarificá-las. Elas secaram e o doente ficou bom.

Na 3ª C. Cura LXXI – “De um estrocelo ou hérnia intestinal” – Amato também recorre à cirurgia, fazendo uma incisão nas virilhas e extraindo o testículo, restituiu o doente à saúde. Para esta cura Amato diz convir que o médico escolha um cirurgião perito e excepcionalmente hábil para realizar a operação. E na cura LXXXIII, da mesma C., “a propósito de uma ferida que penetrava entre os dois ventrículos do cérebro”, diz nos seus Comentários: o médico ou cirurgião que se aproxime do corpo humano e o pretenda tratar sem conhecer a rigor os seus órgãos e pequenas partes, deve ser considerado na posição do carpinteiro com os olhos distraídos e a tentar cortar madeira para fazer um assento. É, pois, necessário que o médico ou cirurgião seja muito versado na dissecação dos corpos.

Na Cura XCVII, 1ªC. – “Dum carbúnculo nascido na pálpebra inferior do olho”, Amato, indo ao encontro de doença tão atroz e mortal (antraz) mandou tirar imediatamente uma libra de sangue da veia cefálica, dizendo-nos que Galeno não receava sangrar até à perda dos sentidos.

Porque Amato considerava Galeno como “um profundo Oceano da Medicina”, respeitando em tudo os seus ensinamentos. Galeno, considerado a autoridade clássica da medicina, autor de mais de uma centena de tratados médicos que ainda se conservam, exercendo clínica em Roma, iniciou a sua carreira da arte de curar como cirurgião dos gladiadores de Pérgamo. Seguindo as doutrinas de Hipócrates, praticou a dissecação em macacos, já que não podia fazê-lo em homens, mas aprendeu anatomia e prática clínica e adquiriu experiência.

Assim, na Cura IV, 1ªC. – Amato recorreu à cirurgia – realizada em Ferrara, “duma fortíssima dor de cabeça”, logo Amato matutou que só havia um remédio para a doença: que lhe fosse aberta a cabeça. Mandou logo ir um cirurgião mandando-lhe abrir a cabeça, precisamente no sítio em que a dor se apresentava mais. O corte era grande, penetran-

do até ao crânio, e livre de sangue, mandou que perfurassem o crânio com a 1ª e 2ª lâminas da navalha até à meninge dura. Com esta operação começou a dor a abrandar.

Depois disto, passados dias mandou excisar alguns ossos do mesmo crânio. Tirados eles o doente começou a sentir-se melhor, sendo restituído à saúde, depois de curada a perfuração do crânio como qualquer chaga. Nesta cura Amato recorreu a um cirurgião, mas noutras curas ele próprio, como médico praticava a arte cirúrgica. Assim refere nas Curas da 6ª centúria, nas quais ele próprio praticava a flebotomia.

Na 1ª C., Cura XVII – “Da ulceração da boca que os gregos chamam aftas e os árabes alcholas” – Amato mandou abrir-lhe a veia do braço, e na Cura XVIII – “Das mencionadas ulcerações da boca e da escarificação das pernas e dos braços” – também restituiu o doente à saúde com escarificações das pernas e dos braços, ou seja, secção da veia na curvatura do braço como na cura XCV – “De dor dos pés”.

Na 3ª C., Cura LX – “Cura do epíploon que os árabes chamam zirbo saído por ferimento no ventre”, e tendo saído, por ferimento com faca, entre o umbigo e o estômago o epíploon, veio um cirurgião que cortou parte do epíploon no tamanho de um dedo, tendo-o antes ligado com uma linha a ferida foi tratada.

Amato também recorreu aos cirurgiões nas curas 83ª e 85ª da 2ª Cent. – “De uma ferida que penetrava entre os dois ventrículos do cérebro” – e “De uma ferida entre o ombro e a fúrcula”.

Amato recorria aos cirurgiões, mas ele, como médico também praticava a arte cirúrgica. Ele compara o médico físico ao capitão de um navio que sabe remar e trepar aos mastros, mas que não sabe apenas isto, mas outras coisas que dizem respeito à arte marítima. Será tido como o Rei ou general que por vezes tem de fazer o ofício de soldado.

Sendo a sangria a terapêutica preferencial de Amato Lusitano, vamos encontrá-la realizada por flebotomia nas Curas II “De febre contínua com graves sintomas”, com uma sangria de cerca de 7 onças, na abertura da veia basílica, na curvatura do braço na Cura V, 4ª C. – “De febre contínua” – na qual mandou que sem demora abrissem a veia interna cubital e tirassem oito onças de sangue; na Cura VI, 4ª C. – “De um ferimento na cabeça”, Amato mandou que na sua presença a ferida fosse aberta por

meio de navalha afiada, longitudinalmente e do outro lado transversalmente e o pericárdio muito bem aberto à navalha e separado, depois do crânio com os dedos. No 4º dia o crânio foi raspado a escalpelo ao longo da ferida até ao diploe. Nem foi preciso ir mais fundo, isto é, até às meninges.

Na Cura C da 6ª Cent. – “De ferimento na cabeça, com o crânio descoberto e se é possível tratar-se com segurança por meio de remédios secantes ou por cataplasmas húmidas como o digestivo gema de ovo e semelhantes” – Amato é chamado, como médico, por dois cirurgiões contratados, Celetano e Venuccio, a pedido de Grádia, e chamado Amato, mandou cortar os cabelos e limpar o sangue da cabeça e do pescoço, e depois, com uma faca (lançeta) rasgarem 2 linhas que se cruzassem ao meio uma à outra, separar bem do osso a pele carnosa dos quatro ângulos, respeitando a membrana que protegia o crânio, até onde fosse possível fazer e se alguns ossículos estivessem partidos ou esmigalhados, tirarem os que pudessem extrair com cuidado, à mão, com uma pinça ou fórceps. Os cirurgiões assim fizeram e entrando em Diálogo com Amato, disseram os cirurgiões:

Celetano – visto me aparecerem com frequência fracturas da cabeça para tratar, não raro me ocorre, ó Amato, quão difíceis são de tratar, tanto mais que seja quanto o moderno tratamento difere do que utilizavam os antigos.

Venuccio – Estou muito convencido que a arte cirúrgica nunca foi tão exercida anteriormente com tal correcção, e principalmente no que se refere a ferimentos da cabeça. Mas Amato fará o que lhe

parecer mais agradável se ele nos quiser dar a sua opinião neste assunto.

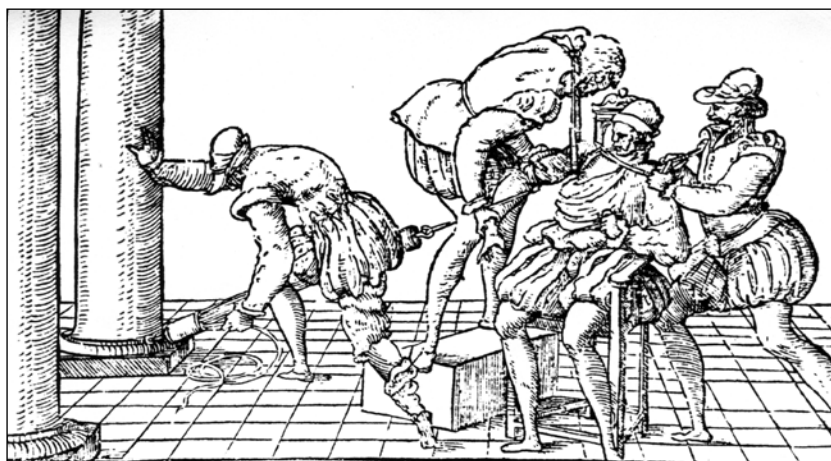
Neste Diálogo Amato defende o seu ponto de vista e termina dizendo: «a secção dos ossos da cabeça é necessária e que a história é como um tesouro que nunca deve sair das mãos», exortando-os a reconhecerem que as próximas 7ª Centúrias lhes deverão ser muito agradáveis.

São estes Comentários e os registos das observações clínicas, bem como os comentários de Amato sobre os textos de Galeno, que em pleno século XVI fazem de Amato um dos maiores apolo-gistas da Cirurgia e da sua aplicação.

BIBLIOGRAFIA

- Amato Lusitano (João Rodrigues de Castelo Branco) - *Centúrias de Curas Medicinaiis*. Pref. e tradução Firmino Crespo, Univ. Nova de Lisboa, Fac. Ciências Médicas (1549-1551), Ed. 1980.
- CUNHA, Fanny Xavier da – As terapêuticas preferenciais de Amato Lusitano (1511-1558) e seu ressurgimento, *Jornadas de Medicina na Beira Interior da Pré-história ao séc. XXI, Cadernos de Cultura* n.º XXI, Nov. 2007, pp. 32-35.
- *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Ed. Lisboa – Rio de Janeiro, Vol. 6, pp. 864-871.
- LEMOS, Maximiano - *História da Medicina em Portugal*, 1899.
- Arquivos de História da Medicina Portuguesa, I e II Série dirigidas por Max. de Lemos.
- PEREIRA, Sofia Vale, Ricardo - «Bartholo Thumann do Vale Pereira – Uma vida dedicada à cirurgia» in *Rotas – Cientistas, Viagens, Expedições, Instituições, CEIS*, Ed. Coimbra, 2006, pp 235-298.
- Revista Portuguesa de Cirurgia. Órgão oficial da Soc. Portuguesa de Cirurgia, Ano 3 – n.º4, 1915.
- SANTOS, Costa – *A Escola de Cirurgia do Hospital Real de todos os Santos* (1565 – 1775), 1925.

* Técnica Superior do Museu da Ciência e da Técnica



Redução de uma luxação do ombro, in *Des luxations*, XIV, Livro Obras de Ambroise Paré.

OS MITOS EM AMATO LUSITANO

Armando Moreno *

Segundo o Dicionário Etimológico de Pedro Machado, a palavra mito deriva do grego mythos, e dá como ideia fundamental a noção de palavra expressa e inclui ainda a noção de conselho, ordem, prescrição.

Por sua vez, as largas interpretações do Dicionário de Moraes incluem alegoria que mostra, sob aspectos fabulosos, os fenómenos naturais.

Cabe à Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira entender que o mito é aquilo que apenas existe nas pessoas crédulas.

Revendando a História da Medicina, conclui-se que a arte médica tem vivido alicerçada em numerosos mitos que, mais ou menos fabulosos, mais ou menos originados em distorções de observação, se mantêm ao longo de séculos. Podem considerar-se cinco as origens destes mitos: as religiões, as tradições populares, os textos de estudiosos, as filosofias funcionais, os astros e, por fim, as terapêuticas. Se quisermos apontar mitos impostos pelas religiões, talvez ganhe a palma o impedimento de estudar o corpo humano, vigente na maioria das religiões. No que respeita aos mitos populares de tratamento de doenças são bem conhecidos e não é o lugar para o expor. Neste sector entregaria a palma aos amuletos e bruxarias. Não merece repetição a citação do magister dixit que imperou durante toda a Antiguidade Clássica e Idade Média, chegando, quase incólumes à aurora do Renascimento e a que atribuo a palma neste sector. No que respeita a filosofias funcionais, entregaria a palma à teoria dos quatro humores: sanguíneo, fleumático, biliar amarela e biliar negra. No que respeita aos astros cabe a palma aos árabes. Quanto às terapêuticas, a palma cabe à frase: primo saignare, deinde purgare, postea clysterium donare.

Como referi, o Renascimento constituiu um volte face e destruição de alguns mitos, em todos estes campos. Provavelmente o mais importante e decisivo consistiu no aniquilamento da proibição de estudar o cadáver humano.



Tábuas Anatómicas, Leonardo da Vinci (1452-1519)

Alguns factores principais convergiram para este desfecho:

- 1 - A tradicional proibição de estudar em cadáveres humanos, com base, sobretudo, na crença egípcia de que o cadáver continua a ser habitáculo da alma, proibição que se manteve por toda a Antiguidade Clássica e Idade Média;
- 2 - O levantamento desta proibição pelo Papa Clemente VI (1342-1352), embora com rigorosas restrições, sendo as dissecções mais tarde encorajadas pelo Papa Sisto IV (1414-1484)
- 3 - A entrega do estudo anatómico a Escolas organizadas de Cirurgiões, por parte dos médicos licenciados;
- 4 - O surto artístico e mecenato de grandes artistas do Renascimento que, além desse estudo, registaram em belas e rigorosas imagens o que observaram no corpo humano.
- 5 - A invenção da imprensa
- 6 - As viagens e descobrimentos
- 7 - A renovação de ideias, nomeadamente a Reforma.

Resultaram, daqui, dois grandes períodos da Anatomia como ciência: um período pré-Renascença, em que o estudo era realizado em animais, com raras exceções, e o período Renascentista e pós-Renascentista em que o estudo passa a ser levado a cabo no corpo humano. Como corolário, o primeiro período baseia-se na Anatomia comparada, constituindo uma fase de conclusões correctas ao lado de outras erradas e em que o magister dixit mantinha as suas afirmações acima de toda a suspeita. O segundo período, além das novas e mais profundas descobertas, assume-se como um período de correcções. Pode, por isso, afirmar-se que o grande impulso dado à Anatomia ficou a dever-se tanto a cirurgiões como aos grandes artistas plásticos do Renascimento. Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci, Rafael, associam-se a Vesálio, a Charles Estienne e a Acquapendente, entre outros notáveis cirurgiões. A associação é tão importante e decisiva que a grande obra do anatomista André Vesálio, *De Humani Corporis Fabrica*, publicada em Basileia em 1543, é ilustrada por artistas do gabinete do famoso Ticiano. Muito atacada no seu tempo, esta obra registou desenhos notáveis que ainda hoje se vêm com agrado. No tempo de Amato, encontravam-se em queda alguns dos mitos que ensombravam a Medicina da Idade Média, sobretudo a nível anatómico.

ALGUNS ERROS ANATÓMICOS OU A CRIAÇÃO DOS MITOS

ERRO

Hipócrates sustentou a ideia de que o sémen tanto existe no Homem como na Mulher.

CORRECÇÃO

Aristóteles, como outros sábios do seu tempo, opôs-se a esta concepção.



ERRO

Hipócrates aceita que as artérias originam-se no coração mas acreditava que conduzem ar, em virtude de estarem vazias no cadáver, em resultado da última sístole cardíaca.

CORRECÇÃO

Só Galeno veio contrariar esta ideia, afirmando que conduzem sangue.



ERRO

Aristóteles admitia que só o Homem contribuía para a formação do feto, sendo a Mulher um mero vaso de desenvolvimento, utilizando o sangue da menstruação para alimentar o feto. Aristóteles acreditava em que nasceria um rapaz se o sémen se localizasse no lado esquerdo do útero, e uma rapariga se do lado direito.

CORRECÇÃO

As teorias de Aristóteles foram combatidas ainda no seu tempo por outras teorias. Mas foi o médico grego Sorano de Efeso que, usando o espéculo, reconheceu a importância do contributo da Mulher para a concepção. Galeno contribuiu para a aceitação destes princípios.



ERRO

O conceito de que a vida depende da globalidade dos seres, isto é, estruturas completas como uma planta ou um animal, deu o passo, mais tarde, à noção de que as funções vitais dependem de cada órgão.

CORRECÇÃO

Só em 1802 o francês Bichat concluiu que não são os órgãos mas as estruturas que os compõem que regem a vida. Devido à sua incessante pesquisa, atribui-se-lhe a autópsia de 600 cadáveres mas foi sempre avesso e desconfiado em relação ao uso do microscópio. No entanto, os seus conceitos abriram as portas à Histologia.



ERRO

Leonardo da Vinci acreditou nas teorias de Aristóteles de que só o Homem contribui para a formação do feto. Nos seus famosos desenhos, Leonardo da Vinci admite que existem dois canais penianos: um destinado à saída da urina e do sémen, enquanto o outro canal estaria ligado à espinal medula, responsável pela erecção. Também a nível do útero, nos seus desenhos apresentava tubos aos pares um dos quais se estendia até às glândulas mamárias. Entendia que o sangue da menstruação é conduzido ao seio para fabricar leite. Este erro foi creditado pela tradição popular, confirmado por Leonardo da Vinci que desenha esse canal que não existe.

CORRECÇÃO

Embora tenha aceite muitas das teorias certas sobre o coração, acreditava que as lágrimas vêm do coração, não do cérebro. É, no entanto, aceitável que esta sua frase tenha um carácter simbólico.

O próprio Leonardo acabou por se render às correcções de Sorano de Efeso e de Galeno e renegou os seus próprios esboços como uma perda de tempo. Registe-se, no entanto, que Amato Lusitano ainda escreve que um tumor do peito se formou do sangue menstrual retido.



ERRO

Embora Herófilo já tivesse descrito correctamente o útero, esquecendo os seus trabalhos, aceitava-se até ao Renascimento, que o útero se dividia em pequenas cavidades, como refere Amato Lusitano a curas XXVII.

CORRECÇÃO

Procedendo à dissecação com Canano, Amato Lusitano corrige o erro, afirmando que só tem uma cavidade



ERRO

Canano e Amato, após dissecação de um útero, chegam à conclusão de que o útero tem a forma da bexiga e que, portanto, a descrição que antes tinha feito Herófilo, que ensina que tem dois cornos, é errada.

CORRECÇÃO

Não se entende esta conclusão errada dos dois grandes médicos, devida, talvez, a o útero examinado estar alterado pela gravidez, como declaram.



ERRO

A cura V das Segundas Centúrias, Amato diz: há ainda a acrescentar que a espinal medula da qual, como é sabido, se originam os nervos, termina no osso sacro e não desce até ao coccix.

CORRECÇÃO

Não foi encontrada data nem autor para a correcção deste erro.



ERRO

Para Aristóteles o coração seria o centro da vida e o cérebro uma simples câmara de refrigeração do sangue.

CORRECÇÃO

Veremos que o próprio Harvey entendia o coração como uma simples bomba. Só em 1662 Stenon (ou Stenson) publicou os seus trabalhos onde declara que o coração é um músculo.



ERRO

Embora as realidades anatómicas tivessem sofrido um enorme avanço com os estudos dos artistas do Renascimento, o seu amor à realidade conduziu-os a erros na Pintura. Provavelmente, o mais flagrante consiste em o próprio Miguel Ângelo pintar Adão com cicatrícula umbilical, o mesmo fazendo em relação a Eva, como pode ver-se em A Criação de Adão ou em O Pecado Original, da Capela Sistina.

CORRECÇÃO

Nem sempre é desejável corrigir erros. Seria um atentado à criatividade se alguém decidisse apagar o umbigo destes frescos.



ERRO

Os alimentos passam do intestino para o fígado onde são transformados em sangue que irriga o conjunto do organismo, em particular o ventrículo direito por intermédio da veia cava. Chegado ao ventrículo direito, o sangue divide-se: uma parte segue para o pulmão, onde se desembaraça das suas impurezas, outra parte passa directamente através da parede interventricular para o ventrículo esquerdo onde se mistura com o ar vindo do pulmão para as veias pulmonares, carregando o sangue de espíritos vitais; passando para a aorta, fornece ao organismo princípios diferentes dos trazidos pelo sangue venoso. A crença na existência de um orifício de passagem do sangue entre os dois ventrículos, creditado por Galeno, prejudicou o entendimento da circulação durante séculos.

CORRECÇÃO

Afirma Ibn na-Nafis, médico do Cairo, no século XIII: Depois de o sangue ser refinado no ventrículo direito, tem de passar para a cavidade esquerda onde se formam os espíritos vitais. Neste nível a substância do coração é particularmente sólida e, ao contrário do que pensava Galeno, não há passagem visível nem passagem invisível que permita o trânsito deste sangue. O sangue, depois de ter sido refinado, tem de passar para a veia arterial, ir assim até ao pulmão, espalhar-se na sua substância e misturar-se ali com o ar para que a mais subtil porção seja purificada e possa passar para a artéria venosa e chegar à cavidade esquerda do coração, adaptada à formação dos espíritos vitais.

Esta correcção, na época, não foi tomada em consideração pela comunidade médica.

Mais tarde, coube a Vesálio corrigir este erro definitivamente. Diz: o septo do coração é denso, compacto, tornando-se impossível que, através dele, se infiltrem partículas, mesmo de fino calibre.



ERRO

O anatomista italiano Lancisi procurando a sede da alma, acabou por a localizar no corpo caloso.

CORRECÇÃO

É curioso assinalar que Homero e Galeno designavam, por vezes, o diafragma por alma e Amato Lusitano refere, a cura VIII da sexta centúria, que isto se deve a que o diafragma tem grande comunicação entre o cérebro e o espírito. Por seu turno, Hipócrates entende que no quadragésimo quinto dia o feto começa a mexer-se e é então que lhe é introduzida a alma racional. A busca da localização da alma teve continuidade até aos nossos dias.



ERRO

A circulação do sangue é feita em vaivém, como as ondas do mar na praia.

CORRECÇÃO

Embora Harvey tenha concluído em 1616, que o sangue flui circulando, não conseguiu explicar a fase final, por falta de conhecimento da existência dos capilares que viriam a ser estudados por Malpighi, após a invenção do microscópio.



ERRO

Para Hipócrates o feto alimenta-se e respira pela boca e não pelo cordão umbilical, atribuindo a prova ao facto de existirem fezes no intestino do feto.

CORRECÇÃO

O próprio Hipócrates afirma, noutro passo: a criança recebe alimento pelo umbigo, pois que do umbigo até ao fígado derivam duas veias e outras tantas artérias pelas quais o feto atrai o alimento e a respiração.



ERRO

Para Galeno, existiram nas veias pequeno orifícios, os cotilédones, por onde o sangue saíria para os tecidos.

CORRECÇÃO

Só o microscópio veio esclarecer este erro.



ERRO

Para Harvey o coração não passava de uma bomba complexa (teoria mecanicista).

CORRECÇÃO

Este erro manteve-se até 1662, quando Stenon (ou Stenson) publicou os seus trabalhos e declara que o coração é um músculo.



ERRO

Galeno entendia que a bÍlis negra é segregada pelo baço e foi aceite por Leonardo da Vinci que desenha um canal que não existe.

CORRECÇÃO

Só os anatomistas do séc. XVII esclareceram a morfologia dos canais pancreáticos.



ERRO

O fígado foi desenhado muito mais pequeno do que realmente é, durante séculos. Este erro é figurado em numerosas gravuras anteriores ao Renascimento. O próprio Galeno subscreve esta noção, confirmada por Leonardo da Vinci nos seus desenhos.

O mesmo erro acarretou outro: o baço é, proporcionalmente, descrito como maior do que o fígado.

CORRECÇÃO

Nos desenhos anatómicos do séc. XVII estas vísceras surgem nas devidas proporções.



ERRO

A pituíta, calmante, seria elaborada pela glândula pituitária, a hipófise, pendente do cérebro e es-correria até ao nariz (daí o nome de pituitária posto à mucosa nasal).

CORRECÇÃO

O final da teoria dos humores acabou com esta relação entre a glândula pituitária e a mucosa pituitária.



Postas estas premissas, vejamos algumas interpretações de Amato que se relacionam com mitos aos quais, em alguns casos, aderiu e, noutros casos combateu: Seria fastidioso expor cada um dos textos em que Amato se filia aos mitos criados nomeadamente por Hipócrates, Galeno, Avicena, Aristóteles, entre outros. A sua clara dedicação aos textos dos dois primeiros faz com que em quase todas as suas Curas mostre indisponibilidade para discutir as verdades expostas por aqueles dois médicos. Daí que siga, quase cegamente, a indicação: primo saignare, deinde purgare, postea clysterium donare. Do mesmo modo, segue sem discutir a teoria dos humores que, verdadeiramente, fundamenta aquele silogismo visto que, aceite que a doença é

resultado da alteração dos humores, há que retirá-los do corpo de todas as formas possíveis, recorrendo, ainda, ao vômito.

Já a teoria da pituíta é mais complexa, embora se inclua na mesma teoria. A título de exemplo, vou apenas citar alguns casos mais flagrantes, copiando as frases que os representam:

Na dedicatória da Primeira Centúria explana largamente o mito da contagem dos dias de doença, atribuindo valores diversos a cada um: os dias laudáveis são: o 3.^o, o 4.^o, o 5.^o, o 7.^o, o 9.^o, o 11.^o, o 14.^o, 17.^o, 20.^o, 24.^o, etc.... O 13.^o dia mantém o meio termo entre os bons e os maus, e não se considerará tão bom como os bons nem tão mau como os maus.... Mais adiante considera, com Galeno, o mês medicinal. Entende que deve dar a conhecer a opinião de Galeno mas firmemente asseveramos que não é necessário que o médico, nestes tempos, siga o presente método galénico.... Porém, mais adiante, aceita este mito que estuda e desenvolve.

Será desnecessário comprovar com exemplos a insistência com que Amato recorre à sangria. Podemos afirmar, sem exagero, que a refere em quase todas as curas: Na Primeira Centúria: Cura II, Cura IX, Cura X, Cura XVI, Cura XVII, Cura XXI, Cura XXV.

No que respeita ao clister também o utiliza sem parcimónia: Na Primeira Centúria: entre muitas outras citaremos a Cura II, Cura XXII, Cura XXVIII.

O mesmo se diz da purga, utilizada também na Primeira Centúria, a Cura II, Cura IV, VIII, Cura XV, Cura XVI, Cura XXI, Cura XXVIII.

A associação da sangria, purga e clister, segundo a norma, surge com muita frequência. Na Primeira Centúria, Cura XLI, Cura LVII.

Quanto ao papel dos vomitórios, surgem com alguma frequência: na Primeira Centúria, Cura LXV.

No que refere ao mito dos quentes e dos frios ou dos secos e húmidos, parece que este princípio está sempre presente no seu espírito.

Na Primeira Centúria, Cura II, Cura III, Cura VIII, Cura XXI, Cura XXII, Cura XXVIII, Cura XXXI, Cura XXXIV, XXXIX, Cura XCII

Na Segunda Centúria a Cura I, Cura VII, Cura XIV, Cura LXXII.

O mito da teoria dos humores, como é natural, está subjacente em muitos comentários: na Primeira Centúria, Cura VIII, Cura X, Cura XI, Cura XIII, Cura XXI, Cura XXXI, Cura XXXV, Cura XXXVI, Cura XX-

XIX, Cura LIV, Cura LV, Cura LXIII, Cura LXXXIV, Cura LXXXI, Cura LXXXII, Na Segunda Centúria a Cura I, Cura VI, na Terceira Centúria, a Cura XXXVI. Na Terceira Centúria, a Cura XLIII refere que a palpação leva o próprio coração para o humor. Cura LXV. Na Sexta Centúria, a Cura XXXIX. Cura LXXXII.

Mais rara é a alusão ao mito da pituíta: na Primeira Centúria, Cura VI, Cura XVI, Cura XX, Cura XXI, Cura XXXII, Cura XXXIX, Cura XLI, Na Segunda Centúria a Cura I na Terceira Centúria, a Cura XXIV diz: com este purgante expulsou muita matéria pituitosa. Na Sétima Centúria, Cura X, surge com alguma frequência o mito da localização da sangria: na Primeira Centúria, Cura XV: Ora se a plétora aparece com a supressão da menstruação e se o sangue se tira da veia do pé, há o perigo de os humores se precipitarem... Cura XLI: a dúvida agora era saber se abrir a safena do pé ou a basílica do braço. A Cura LII diz: É muito velha a questão se na pleurite, deve ser aberta a veia do mesmo lado onde está a dor, ou antes do lado contrário. Na Terceira Centúria, a Cura XXII fala em espíritos animais. Surgem também os mitos relacionados com medicamentos ou aplicações. Assim, na Primeira Centúria, a Cura XL refere o ninho de andorinha que, neste caso, tem grande vantagem. Na Segunda Centúria a Cura I: mandei rapar o cabelo ao doente e colocar o remédio de excremento de pombos bravos. Na Terceira Centúria, a Cura XII, discute, largamente, o uso de excremento de lobo e, a Cura LXXIII da V Centúria aconselha excremento de um garoto que tenha comido tremoços.

O recurso aos dados dos astros também surge: na Primeira Centúria, A Cura XLVI defende que como diz Galeno, o mesmo mundo que então existia, existe agora, e nenhuma rota de estrelas se alterou. Volta ao assunto na Cura LXVIII.

Quanto aos mitos religiosos, tradu-los através de expressões da sua fé na doutrina da sua religião. Na Primeira Centúria, Cura LXXXV: é de admirar o poder divino. Na Sexta Centúria, a Cura XLV diz: com a graça de Deus Omnipotente ou na Sexta Centúria, Cura XCII: graças a Deus aceita, ainda, mitos de outras naturezas como o caso de a criança, enquanto está no ventre materno é alimentado pelo sangue menstrual.

Mitos que combateu:

Aristóteles: Na Primeira Centúria, nos Comentários a Cura VI refere: Não devemos seguir Aristóteles ao pretender, contra a opinião dos médicos, que não pode gerecer-se lombrigas no estômago.

Os mitos de Aristóteles também são contrariados por Amato na Sétima Centúria, Cura XXIV escreve, a propósito da respiração: Ora isto é o que Aristóteles não conheceu.



Aristóteles (pintura medieval)

Hipócrates: Também nem sempre está de acordo com Hipócrates. Na Primeira Centúria, a Cura XXXVI diz: embora Hipócrates também chame apoplexia e nós hoje, quer seja um relaxamento geral do corpo quer de alguma parte dele, chamamos paralisia. A Cura LXX diz: para daqui se julgar quão incertos são tais sinais (de o lado direito originar fetos masculinos e o esquerdo femininos) teimosamente aceites por muitos (Hipócrates). Na Segunda Centúria, a Cura LXXII, reclama: Hipócrates no citado livro diz que os remédios atraem a si os humores mas eu sou de opinião que as partes mais subtis do remédio se dirigem aos humores a si semelhantes... Na Sexta Centúria, Cura C escreve: Se Hipócrates trata as feridas com remédios secos, por que razão é que trata as articulações ulceradas por meio de ceratos e substâncias húmidas?

Avicena: Na Sexta Centúria, a Cura LXXIX contraria Avicena: nós não seguimos nem respeitamos esta ordem (de Avicena).

Na Sétima Centúria, a Cura XXXVII escreve: não caímos em erro, com Avicena e seus discípulos. Na mesma Centúria, a Cura XXXVIII: Por isso é manifesto o erro de Avicena neste ponto. Nesta Centúria, Cura LIII escreve: Avicena pessoalmente deixou falsamente escrito...

Galeno: Logo na Primeira Centúria, a Cura XV refere: não agarrar-se obstinadamente a Galeno.

Combate, diria obstinadamente, a opinião de Galeno sobre o uso da sangria em crianças: na Primeira Centúria, a Cura XVII diz: não era de temer a abertura da veia, embora Galeno e outros gregos não tivessem admitido isto. A Cura XXXVII diz: a extracção de sangue é muito conveniente em idade moça. Antes dos quinze anos. Já na Sétima Centúria, Cura XLIX volta à carga: Tome nota quem, agarrado aos preconceitos de Galeno, receia tirar sangue da veia antes dos catorze anos. Também se opõe a Galeno na aplicação de teriaga a crianças. Cito Segundas Centúrias Cura XLIII a opinião de Amato: a teriaga pode seguramente dar-se em qualquer idade às crianças.. e adiante: Galeno proíbe que se dê teriaga às crianças. Mas a sua crítica mais severa refere-se à Sexta Centúria, Cura LXXXVII quando escreve:

Também Galeno acredita que há poder nos encantamentos das velhas.

Na Sétima Centúria, Cura X, escreve: se for verdade que a convulsão se forma na pituíta, como eu disse agradecer a Galeno, porque razão é que desta mesma pituíta não se produz mais um relaxamento?

Ainda na Primeira Centúria, a Cura XXXIV combate Galeno: Finalmente, concluo que o vinagre não é penetrante, como quere Galeno. E reconhece mesmo, a Cura LXV, que Galeno é duvidoso e fala obscuramente nesta questão. Na Terceira Centúria, a Cura XLI, contraria Galeno sobre o resultado de feridas cerebrais.

Vesálio: Mostra-se mais afoito a contrariar os princípios de André Vesálio que, não sendo clássico, usufruía de grande prestígio. Na Primeira Centúria, a Cura LII diz: este é o raciocínio de André Vesálio.... mas, na verdade isto deve ser rejeitado.

Vários: Na Primeira Centúria, Cura XVII refere,



Galeno (pintura sec. XVII).

a propósito de purgantes: Estas prescrições hoje parecem absurdas, visto que outrora os medicamentos eram acres e perniciosos.

Não hesita em ir contra opiniões generalizadas: a Cura LXXIX diz: é manifesto que até agora erram sábios e médicos nesta matéria quando pretendem que a víbora concebe pelo focinho.

Fazendo a dissecação do cadáver de uma mulher grávida, com Canano, na Primeira Centúria, a Cura XXVII combate a ideia tradicional de que o útero tem várias cavidades.

Em Conclusão

Os mitos criados pelos médicos da Antiguidade chegaram a Amato consagrados por séculos de respeito e quase mística.

Mitos a que aderiu:

- 1 - sangria
- 2 - clister
- 3 - purga
- 4 - primo saignare, deinde purgare, postea clysterium donare.
- 5 - vomitório
- 6 - quentes e frios
- 7 - secos e húmidos
- 8 - teoria dos humores: : sanguíneo, fleugmático, bílis amarela e bílis negra
- 9 - teoria da pituita
- 10 - localização da sangria
- 11 - medicamentos
- 12 - importância dos astros
- 13 - religião



Averrois, detalhe do Triunfo de S. Tomás, fresco de Andrea Firenze (sec. XV) - Igreja de Santa Maria Nova de Florença



Frotespício de uma tradução latina das Obras Completas de Aristóteles (1597)

Se Amato lhes obedeceu, nos casos que acabámos de rever, mostra ser um homem do Renascimento, ilustrado, conhecedor do seu ofício, muito lido e viajado.

Mas também é um homem do seu tempo porque não aceitou cegamente aqueles mitos. Em alguns casos, aponta o dedo a princípios dos grandes clássicos, colocando em dúvida ou mesmo repudiando esses mitos.

Assim, embora demonstre uma admiração sem limites por Hipócrates e Galeno, quando lhe parece adequado, não deixa de pôr em dúvida as afirmações destes mestres e de outros:

Aristóteles - Hipócrates - Galeno - Avicena - Vesálio.

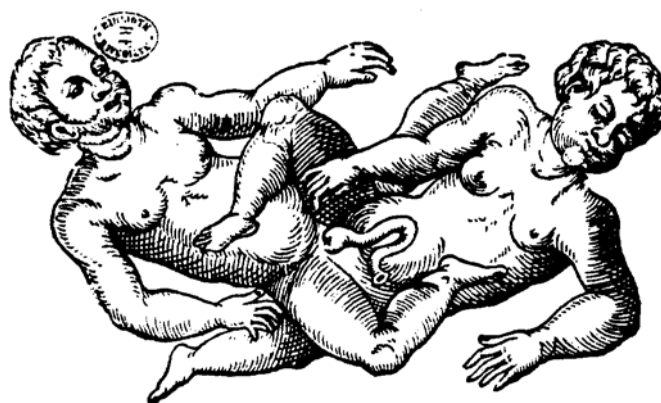
Outros:

Diascórides - Celso - Paulo Egineta - Averrois - Rufo - Abenzoar - Oribásio - Andrómaco.

* Professor Doutor — Universidade de Lisboa

PARALELISMOS E DIVERGÊNCIAS ENTRE AS *CENTÚRIAS* E O *TRAITÉ DES MONSTRES ET DES PRODIGES*

Isilda Teixeira Rodrigues *



Monstros de Paré (Paris, 1570) - Luís e Luisa nascidos em Paris em 1570

Introdução

A história cultural da deficiência física é marcada pelo preconceito. Durante a Idade Média as malformações foram geralmente entendidas como punição religiosa: o pecado da família traduzia-se em defeitos no rebento. Também era corrente a ideia de que malformações fossem presságios, anúncios de algum grande evento, fosse ele catastrófico ou auspicioso. Essa concepção parece ter-se estendido além da Idade Média.

Devido à descoberta de variadas formas estranhas e à acumulação de conhecimento sobre “monstros” levou a que, durante a Renascença, se reforçassem algumas teorias explicativas destes fenómenos. A Teoria das Impressões Maternas ou Telogonia, que subsistiu durante vários séculos³, baseava-se na ideia de a imaginação da mulher é uma arma poderosa capaz de transmitir ao feto coisas pensadas, vistas ou ouvidas. Ou seja, considerava que sendo a retina da mulher grávida como que uma superfície sensível, na qual vem registar-se a cena que se projecta a seguir sobre a criança que vai nascer, há coisas vistas e ouvidas que saem naturalmente pelas vias genitais, depois de deixarem marcas no filho.

Uma outra forma de explicar estes *moldes* é considerar a extravagância do próprio útero - Teoria

dos Moldes Uterinos - segundo a qual o útero das mulheres pode gerar muitas outras formas além da humana. As teorias hipocrático galénicas de diferenciação entre o macho e a fêmea explicam a fêmea como um macho minorizado pelo frio do útero materno, que o obrigou a crescer mais devagar e, conseqüentemente, a nascer com os órgãos genitais retidos no interior. Dentro deste quadro, o útero, inexistente na genitália masculina, é um órgão tão anómalo que nem sequer tem lugar fixo no corpo: é apenas a gravidez que, com o peso, o segura no fundo do abdómen. Este órgão anómalo tem funções gerativas, é certo; mas devido à forma aberrante como se formou, pode não ter um controlo exactamente correcto sobre o que deve gerar⁴.

Tanto o Amato Lusitano (1511 – 1568), médico renascentista português, como o seu contemporâneo francês e cirurgião da casa real, Amboise Paré (1509 – 1590) escreveram e relataram, nas suas obras, casos de monstrosidades geradas nos úteros das mulheres.

As *Centúrias*⁵ de Amato Lusitano desviam-se da estrutura clássica dos tratados médicos renascentistas, adoptando antes uma organização de matérias que virá a tornar-se prática corrente a partir do Século XVII: o estilo “diário de bordo”, sem se-

paração de temas, em que o médico, como num caderno de apontamentos, vai anotando casos que lhe chegam às mãos, o diagnóstico, a terapêutica, e o porquê dos resultados.

Para além dos variadíssimos temas tratados, encontramos nas *Centúrias*, referências a monstruosidades humanas inexplicáveis, ou a formas de vida bizarras geradas pelos úteros das mulheres. Em contraste com as *Centúrias*, obras como a de Ambroise Paré são publicadas em livros claramente dirigidos às massas, que se constituíram em verdadeiros best-sellers, do período⁶. O paradigma deste tipo de literatura que utilizaremos como exemplo de contrastação ao longo deste estudo é o circuladíssimo *Traité des Monstres et des Prodiges*, publicado pela primeira vez em...

Claro que as *Centúrias*, pela sua seriedade, quantidade de observação e esforço de raciocínio sobre os fenómenos observados, não podem incluir-se nesta classe. No entanto, estabelecem por vezes com ela alguns paralelismos, exemplarmente representativos da forma de progressão do conhecimento humano, que nos pareceram merecedores de referência e atenção.

Paralelismos e divergências entre as *Centúrias* e o *Traité des Monstres et des Prodiges*

Estabeleceremos nesta secção os paralelismos e as divergências entre as *Centúrias* e o *Traité des Monstres et des Prodiges*, no que diz respeito a alguns casos de monstruosidades.

Utilizaremos, nesta comparação, os termos retaguarda, quando nos referimos ao pensamento medieval, e vanguarda aos novos conceitos que se começaram a delinear neste período.

Veja-se, por exemplo, a Cura XXVII⁷ da I *Centúria*, intercalada entre “dum tumor cirroso galicano” e “duma febre contínua, acompanhada de dor em volta das falsas costelas e da propinação de vinho nas febres contínuas”. O título da cura que nos interessa é “dum parto decimstral, das espécies de mola e das variedades de matriz”. Note-se, logo à partida, que por “mola” se entende aqui, na tradução directa a partir do Latim, a variedade de seres desumanos que podem gerar-se dentro dos úteros maternos, a que optaremos nesta estudo por dar a designação mais explícita de “moldes uterinos”⁸. Sendo assim, estamos a entrar declaradamente no universo me-

dieval, o que parece confirmado pela parte da cura que diz respeito a tais criaturas:

«A isto há que juntar o seguinte: a filha de João Gualierútio, recém-casada, quando no parecer de todos se dizia grávida, em lugar do feto deu à luz quatro animais semelhantes a rãs, e ficou bem de saúde (...) De igual modo, a mulher de Dionísio Pinto que deu à luz, normalmente, um menino e expeliu dentro das secundinas um animal semelhante a uma rã, e tanto ela como o filhinho estão fortes e resistentes. Também a esposa dum mercador que veio de Inglaterra abortou e, no segundo dia depois do aborto, deu à luz um animal semelhante, como temos visto acontecer a muitas outras, principalmente às Anconitanas.»⁹.

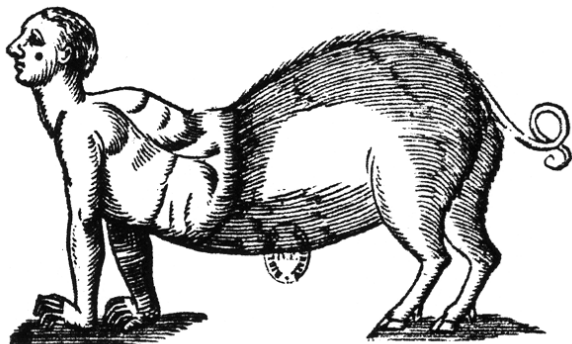
Se o leitor não soubesse que estava a ler as *Centúrias*, o mais provável é que pensasse ter ido parar ao universo de Ambroise Paré ou de qualquer um dos seus inúmeros predecessores, imitadores e herdeiros. O facto de Amato Lusitano considerar legítimo e digno de interesse a inclusão de fábulas destas nas *Centúrias* leva-nos a compreender melhor a sobreposição de conceitos marcante da literatura médica renascentista e, portanto, a procurar conhecer melhor o foro das histórias prodigiosas, tão característico do pensamento popular da época.

No prefácio com que inicia a sua obra, Paré apresenta-nos uma tentativa de definição distintiva entre monstros e maravilhas:

«Monstros são coisas que aparecem fora do curso da Natureza e são geralmente sinais de infortúnios que estão para vir, tal como o nascimento de uma criança com um braço apenas, ou de outra com duas cabeças, e com membros excedentários. As maravilhas são coisas que ocorrem contra a Natureza, tal como quando uma mulher dá à luz um serpente, ou um cão, ou qualquer outra coisa que seja totalmente contranatura.»¹⁰.

Esta ideia do monstro como signo divino, enviado como prenúncio de qualquer de coisa monumental que vai acontecer, figurava na cultura europeia, pelo menos desde a Alta Idade Média¹¹. Acrescentamos que este tipo de pensamento, em que o monstro aparece com um papel a cumprir enquanto pres-

sábio, se manteve vivo na literatura popular, até ao Século XVIII¹², e só começou a ser questionado na literatura erudita, também nesse século¹³.



Homem, meio porco nascido em Bruxelas em 1564

Ambroise Paré, conhece Amato e cita-o referencialmente, na sua obra, na sequência de uma passagem referente aos hermafroditas¹⁴ que culmina com a história de Maria Pacheca, incluída nas *Centúrias*, que analisaremos de seguida. No *Monstres et Prodiges*, note-se desde já, a colocação desta cura parece-nos claramente indicativa da associação entre o trabalho de Amato e o seu interesse pelos problemas clínicos do foro sexual, uma vez que aparece logo a abrir um capítulo intitulado *Histórias Memoráveis Sobre Mulheres Que Degeneraram Em Homens*, depois de uma longa digressão pelo universo dos hermafroditas. Está aqui relatada nos seguintes termos:

«Amatus Lusitanus diz-nos que existia, num burgo chamado Esgueira, uma rapariga chamada Maria Pacheca, que, chegando ao tempo da vida em que as raparigas começam a ter as suas menses, em vez das supracitadas menses um membro masculino saiu de dentro dela, e assim a mudou de mulher para homem; por cuja razão foi vestida com roupas de homem e o seu nome foi mudado de Marie para Manuel. Esta pessoa masculina fez negócio por muito tempo na Índia, onde, tendo adquirido grande fama e fortuna, depois de regressar casou-se e teve filhos. Lusitanus não sabe se teve filhos; é verdade (diz ele) que nunca chegou a ter barba.»¹⁵.

Paré entretém-se bastante evidentemente com estes casos, pois, na sequência da história de Maria Pacheca, conta mais outras quatro ocorrências idên-

ticas, incluindo um episódio narrado por Plínio que, como veremos, Amato também incluiu no seu comentário à mudança de sexo da rapariga de Esgueira.

O comentário de Amato ao caso de Maria Pacheca é complexo e remete essencialmente para o foro do que hoje designaríamos de psicologia (disciplina que, sendo inexistente à época, põe directamente o autor português na área da vanguarda). Em contrapartida, o comentário de Paré é um exemplo perfeito de raciocínio de rectaguarda, onde são evocados apenas os já referidos figurinos Clássicos, que nem o próprio Vesálio (1514-1564), questionou, segundo os quais os órgãos genitais femininos seriam apenas órgãos genitais masculinos retidos, no interior do corpo, pelo excesso de frio do útero:

«A razão pela qual as mulheres podem degenerar em homens é porque as mulheres têm tanto escondido no interior do corpo como os homens têm exposto no exterior (...) que as mulheres não têm tanto calor, nem a capacidade para empurrar para o exterior o que pelo frio do seu temperamento fica preso no interior. Decorre que se com o tempo, tendo-se pedido na maior parte a humidade da infância que impediu o calor de completar o seu trabalho, o calor torna-se mais robusto, veemente, e activo, então não é uma coisa inacreditável se [o calor], mormente ajudado por algum movimento violento, consiga puxar para fora o que estava escondido dentro. Como esta metamorfose ocorre na Natureza pelas razões e



Carneiro com 3 cabeças nascido em Melum (1577)

exemplos supracitados, por isto nunca encontramos nenhuma história verdadeira de algum homem que se tenha transformado numa mulher, porque a Natureza tende sempre para o que é mais perfeito (...)»¹⁶.

Estando, assim, devidamente enquadrado o pensamento de rectaguarda representado pela obra de Paré, atentemos agora como as menções de Amato a moldes uterinos. Amato Lusitano não fica atrás de Ambroise Paré, no seu inventário de moldes uterinos. No entanto, por apresentar os seus casos dispersos ao longo de todo o texto das *Centúrias* em vez de concentrados numa única secção, o efeito da sua presença é menos notório, embora, por outro lado, seja muito mais surpreendente. Temos, além das rãs, o caso de uma mulher que abortou de um feto monstruoso, semelhante a um rato, e, dois dias depois, deu à luz um animal semelhante, este vivo, o que Amato nota ser:

«uma ocorrência muito frequente, particularmente entre as mulheres de Ancona»¹⁷.

Até o molde espectacular obrigatório figura nas *Centúrias*. Não será tão rebuscado como o de Paré, mas não deixa, por isso, de fascinar o leitor. Uma vez mais, passa-se com uma mulher de Ancona, cidade, como vimos, pródiga na produção de rãs e de ratos, nos úteros das mulheres.

«Ao terceiro ou quarto mês de gravidez, expeliu um corpúsculo carnudo, sem forma, totalmente hirsuto e muito cabeludo, com quatro olhos, dois narizes, quatro orelhas e lábios deformados»¹⁸.

Mas voltemos ao caso das rãs, que nos lançou nos meandros deste périplo de fascínio popular. Amato classifica-o de facto como um caso de “mola”, baseando-se em Hipócrates. Só que, logo a seguir, ainda dentro do mesmo parágrafo, começa a contar a seguinte história, imediatamente seguida de considerandos.

«Ao escrever isto, veio-me à mente aquela mulher de Ferrara que, tendo morrido por causa dum parto difícil, a abrimos e dissecamos: pois tinha na matriz uns gémeos completos, macho e fêmea, mas mortos. Extraída a matriz, por intermédio do doutíssimo GIAM-

BATTISTA CANANO, percebemos ser engano o que alguns dizem da existência na matriz de pequenas cavidades (*locellos*), visto que, na realidade, a matriz ou útero é semelhante a uma bexiga em que, além duma cavidade comum, nenhuma outra aparece. Nota-se nela uma parte direita e uma esquerda (...). É também fabuloso o que diz HERÓFILO que a matriz humana, aberta em duas, é bicorne. Com efeito, isto observa-se na matriz dos animais, de modo nenhum nas humanas (...)»¹⁹.



Homem duplo

Ou seja, exactamente na mesma cura em que fala de rãs e admite a existência de moldes uterinos, Amato parte, quase sem tomar fôlego, para correcções de vários erros correntes, sobre a conformação interna do útero, e descreve, na perfeição, uma dissecação, feita com auxílio de outro colega igualmente destacado, para observação de gémeos bivitelinos. Amato descreve na Cura LVII da III *Centúria* a exibição de dois gémeos siameses, dos quais o segundo é parasítico do primeiro, crescendo e vivendo a partir do seu umbigo. Pelas suas características na infância tais como descritas por Amato, estes poderão ser os mais tarde conhecidíssimos gémeos italianos Lazzaro e Giambaptista Coloredo que, na idade adulta, se tornaram tão famosos e conhecidos na Europa que chegaram a exhibir-se, por dinheiro, na Inglaterra e províncias adjacentes, e mereceram a imortalização na canção de rua *Dois Irmãos Inseparáveis*²⁰. Eis o que Amato nos conta:

«Quando escrevia isto, chegou a Ancona um rapaz de Ilíria, de seis anos de idade, e muito boa aparência, com todos os membros exactos e perfeitos, tendo no entanto em si um monstro, visto que desde o umbigo até ao tórax apresentava um outro corpúsculo de criança, sem cabeça, mas com dois braços e duas pernas imóveis (...). Era este rapaz a admiração de toda a gente e a tal ponto que os pais o exibiam por toda a Itália, para arranjar muito dinheiro»²¹.

Este é, abertamente, um dos territórios de retaguarda, com que autores imbuídos do senso comum do tempo, como Ambroise Paré, se deleitam e deleitam as audiências. A exibição pública, tanto para a plebe, como para as elites, de deformidades e monstruosidades, a troco de dinheiro é uma tradição tão antiga na Europa, que Paré se sente compelido a dedicar uma passagem substancial da sua obra ao assunto, apontando, no seu inventário preliminar das trezes causas fundamentais que levam ao aparecimento de monstros ou prodígios, a 12ª causa como sendo

«o artifício de pedintes maliciosos e sem escrúpulos»²².

Um dos homens em que Paré mais fundamenta o *Monstres et Prodiges*, Jean Boaistuau²³, descreveu o assunto da seguinte forma:

«Estes peregrinos disfarçados, ou melhor, estes hipócritas absolutos, que não estudam mais que a filosofia de Satanás, assim que os seus filhos nascem, enquanto a sua pele e ossos são tenros e flexíveis, requerendo pouca força, tratam de partir-lhes os braços, esmagar-lhes as pernas e de inchar-lhes o estômago com algum pó artificial, desfigurando os seus narizes ou outras partes das suas caras, e, por vezes, vazando-lhes os olhos, tudo para fazerem parecerem monstruosos».

Depois destas advertências preliminares, Paré lista uma série considerável de “falsos monstros”, adjectivando-os com um léxico negativo vastíssimo e descrevendo em grande detalhe as penas que sofreram ao serem descobertos.

Mas, se Amato passou pela retaguarda ao re-

ferir o hábito antiquíssimo e sobejamente documentado, de exibição pública de deformidades a troco de dinheiro, não deixa, por isso, de rematar a cura com um salto para a vanguarda ao referir um dos pioneiros do estudo de monstros, como casos clínicos e não como prodígios da natureza.

Conclusões

Ambroise Paré tem o mérito de ser o primeiro cirurgião a tentar, de alguma forma, sistematizar os casos então considerados de teratologia humana, mas fá-lo dentro de um quadro medieval. Numa linha colada à literatura de prodígios, que se propagou por toda a Idade Média, apresenta os “monstros” como casos de sinal divino, presságio ou mensagem.

Amato Lusitano não se distancia radicalmente de Paré e apresenta, também ele, alguns casos de “monstros”, dispersos ao longo das *Centúrias*. Passa pela retaguarda ao referir os casos de monstros, aparentemente inexplicáveis, mas remata as curas com saltos para a vanguarda, ao apresentá-los como casos clínicos e não como prodígios da Natureza. Note-se que esta posição só começou a delinear-se, com mais clareza, no meio académico, no Século XVII e, para o senso comum, ainda constituía a regra durante o Século XVIII.

BIBLIOGRAFIA

- Boaistuau, J., *Histórias Prodigiousas*, Damaia: Tertúlia do Livro, edição sem data.
- Copenhaver, Brian, *Natural Magic, Hermetism, and Occultism, In Early Modern Science In Reappraisals of the Scientific Revolution*, Cambridge: Cambridge University Press, 1990, pp. 261-302.
- Lopes Dias, José, *Dr. João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano. Ensaio Bio-Biográfico*, Lisboa: Congresso Da Actividade Científica Portuguesa, pp. 92-178
- Lusitano, Amato, *Centúrias de Curas Mediciniais*, Tradução de Firmino Crespo, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1980.
- Lvsitani, Amati, *Curationum Medicinalium centuriae septem, varae multiplicique rerum cognitione referte; quibus praemissa est commentatio de introitu medici ad agrotantem, deque crisi et diebus decretoriis*, Bordéus, 1620.
- Paré, Ambroise, *Monsters and Marvels*, Tradução, introdução e notas de Janis L. Pallister, Chicago: University of Chicago Press, 1982.
- Paré, Ambroise, *Monstruos y prodígios*, Com Introduccion, traducción y notas de Ignacio Malaxecheverría, Ediciones Siruela, 1987.
- Park, K. e Daston, L., *Unnatural Conceptions: the study of monsters in Sixteenth and Seventeenth-Century France and England*, *Past and Present*, 1981, 92: 20-54.
- Pinto-Correia, Clara, (1998), *O Ovário de Eva*, Lisboa: Relógio D' Água.

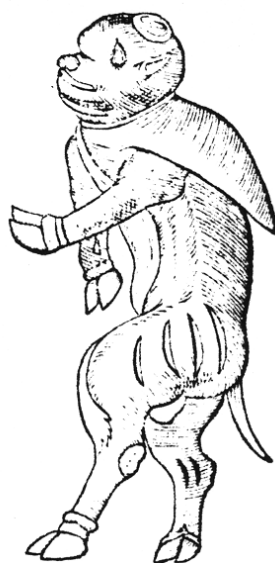
— Pinto-Correia, Clara, *O Mistério Dos Mistérios*, Lisboa: Relógio D' Água, 1999.
 — Pinto-Correia, Clara, *O Testículo Esquerdo*, Lisboa: Relógio D' Água, 2004
 — Reis, C.M., Um Olhar sobre 1500, *Revista Portuguesa de Medicina Militar*, vol.36, 1986, pp.55-65.
 — Rodrigues, Isilda, (2005), AMATO LUSITANO E AS PERTURBAÇÕES SEXUAIS – Algumas contribuições para uma nova perspectiva de análise das Centúrias de Curas Mediciniais. Tese de Doutoramento apresentada na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Vila Real: UTAD.

NOTAS

1 - Lusitano, Amato, Centúrias de Curas Mediciniais, Tradução de Firmino Crespo, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1980.
 2 - Paré, Ambroise, *Monsters and Marvels*, Tradução, introdução e notas de Janis L. Pallister, Chicago: University of Chicago Press, 1982.
 Posteriormente foi também consultada uma versão espanhola. Paré, Ambroise, *Monstruos y prodígios*, Com Introduccion, traduccion y notas de Ignacio Malaxecheverría, Ediciones Siruela, 1987.
 3 - Pinto-Correia, C. (1999). O Mistério dos Mistérios. Relógio d' Água: Lisboa, pp. 71-77
 4 - Rodrigues, I.T. (2005) AMATO LUSITANO E AS PERTURBAÇÕES SEXUAIS – Algumas contribuições para uma nova perspectiva de análise das Centúrias de Curas Mediciniais. Tese de Doutoramento. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Vila Real: UTAD. pp.
 5 - A obra as Sete Centúrias de Curas Mediciniais foi publicada num só volume, em 1580, em Léon, já Amato tinha falecido. Depois de uma longa espera, as Centúrias foram finalmente traduzidas para Português, por Firmino Crespo, professor de Latim e Português no ensino secundário de Portalegre. Foi publicada em 1980, numa edição, em 4 volumes, da Faculdade de Ciências

Médicas da Universidade Nova de Lisboa
 6 - Reis, C.M., Um Olhar sobre 1500, *Revista Portuguesa de Medicina Militar*, vol.36, 1986, pp.55-65.
 7 - I Centúria, Cura, XXVII, p.120.
 8 - Seguindo a terminologia portuguesa proposta por Pinto-Correia, C., *Mistério dos Mistérios*, p. 69.
 9 - Idem
 10 - *Monsters and Marvels*, p.3.
 11 - Park, K. e Daston, L., *Unnatural Conceptions: the study of monsters in Sixteenth and Seventeenth-Century France and England, Past and Present*, 1981, 92: pp. 20-54.
 12 - Pinto-Correia, C., *Ovário de Eva*. pp. 221-232.
 13 - Caso de Jean P, mencionado por Pinto-Correia em *Ovário de Eva*, pp. 236-238.
 14 - *Monsters and Marvels*, p. 31.
 15 - Idem
 16 - *Monsters and Marvels*, pp. 32-33. Para discussões mais detalhadas e indicações bibliográficas complementares para o estudo da visão do feminino como um masculino que não se desenvolve até ao fim, consultar as obras de Pinto-Correia *O Mistério dos Mistérios*, pp. 39-42, e *O Ovário de Eva*, pp. 379-385.
 17 - I Centúria, Cura XXVII, p.120.
 18 - Idem
 19 - Idem
 20 - Para mais informações sobre estes gémeos na vida adulta, consultar Park, K. ; Daston, L. *Unnatural Conceptions: The Study of Monsters in Sixteenth and Seventeenth – Century France and England, Past and Present*, 1981, 92:20-54.
 21 - III Centúria, Cura LVII, p. 267-
 22 - Idem
 23 - Boaistua, J. op. cit., pp. 40-65.

* Professora Auxiliar da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD Investigadora do Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência Membro da Secção de História da Medicina da Sociedade de Geografia de Lisboa



Monstro d'Ambroise Paré.

AMATO - “AMÁVEL DE NOME E DE FACTO”

Maria Adelaide Neto Salvado *

A expressão de Amato Lusitano que serve de título às minhas palavras deve-se a Ambrósio de Nicandro. Encontrei-a na carta datada de Ancona de 15 de Fevereiro de 1553 que Nicandro enviou ao florentino António Barberini.

Nessa carta, que serve de prefácio à *IV Centúria*, confessa o seu autor que, tendo lido os comentários de Amato Lusitano ao *Dióscórides* neles muito aprendera e querendo, diz ele, verificar se «as ciências dos escritores estavam de acordo com o próprio indivíduo» procurara conhecer pessoalmente Amato. Desse conhecimento próximo concluiu que a sua sabedoria excedia em muito aquilo que escrevera. E acrescenta:

«Daí comecei a estimá-lo pelas suas qualidades, sendo amável de nome e de facto, pois, chama-se Amato».

O encontro de Nicandro com Amato marcaria o início de uma sólida Amizade. Assim o refere Ambrósio de Nicandro:

«Quanto mais me habituava à sua prática, tanto mais agradável era para mim, pois que, além de ter ciência sólida e autêntica e é de um trato tão afável que se poderá afirmar ser ele uma pessoa de todos os momentos».¹

«Pessoa de todos os momentos». Creio que estas palavras de Nicandro sintetizam o tipo de relações que Amato Lusitano estabelecia com os doentes que a ele acorriam, nos mais diversos lugares e circunstâncias.

É que o doente é antes de tudo uma pessoa.

A Cura 54 da *IV Centúria*, que relata o caso de Manuel Ario, encerra elementos paradigmáticos da sua dedicação e da sua busca empenhada em

encontrar o caminho que aliviasse o sofrimento aos que procuravam os seus cuidados. Neste caso, Amato Lusitano, incansavelmente, releu Avicena, Galeno, Diocles e Mundino, buscou e cotejou informações diversas afim e são palavras suas «poder ajudar este homem». Mas as diligências de Amato foram infrutíferas e, ao fim de quatro longos meses, Manuel Ario, no dizer poético de Amato, «trocou a vida pela morte».

No desenrolar da doença, Amato meditou no exemplo dos médicos da Antiguidade, nos seus diligentes cuidados que, e são palavras suas, «no seu tempo tratavam talvez os doentes com mais cuidado do que fazem hoje os médicos doutos de modo que costumavam ir visitá-los com frequência, muitas vezes trabalhavam junto deles, e por vezes até pernoitavam em casa deles».²

Mas se a admiração pela postura dos mestres da medicina do passado era profunda, fortes crispções urdiam as relações de Amato com alguns dos médicos seus contemporâneos. O êxito das **Curas** de Amato, a sua postura inovadora aberta à experimentação e à aplicação de novas terapias vindas dos confins das terras descobertas, não raras vezes despoletaram a venenosa hidra da inveja.³

Esta conclusão está evidenciada na Cura 44 da *IV Centúria*. Corria o mês de Setembro de 1552. Amato encontrava-se em Ancona e aí foi procurado por Vicêncio de Nobilis, sobrinho do Papa Julio III, que Amato tratara com assinalável êxito alguns anos antes. Sofria D. Vicêncio de gota. Aflitivas náuseas e dores marcavam o seu quotidiano. Amato, como anteriormente acontecera, receitou-lhe o decocto da raiz da China. Vinte e cinco dias durou o tratamento e com um regime alimentar cuidado o doente recuperou a saúde e partiu para Roma. No



Amato, Matiolo e Guilandino, in *Historia Plantarum Universalis*, de João Bauhin (1650). Foram célebres as contudentes divergências entre Amato e Matiolo.

entanto, passados dois ou três dias da sua chegada a Roma começou a queixar-se de dores nos rins e «tão penosamente - conta Amato - que muitos pensavam que ia morrer desta dor». E diz Amato;

« Alguns gananciosos lançaram a culpa desta dor ao decocto da raiz da China que bebera, talvez para exprimirem melhor a sua ignorância e lisonjarem tão ilustre pessoa, mas o curso dos acontecimentos, descobriu a maledicência deles imerecidamente urdida contra mim».⁴

Era o quadro de uma cólica renal a recaída de Vicêncio de Nobilis e, de modo claro, o explicou Amato Lusitano. Por acção da raiz da China as vias tornaram-se lasas os cálculos diminuíram, «tentando a natureza a sua expulsão». Daqui surgiram as dores e a saúde voltou quando os cálculos foram eliminados.

E a cura termina com estas palavras amargas e cáusticas que Amato dirigiu aos colegas que lhe tinham enlameado o nome:

«(...) os idiotas gananciosos, lingüareiros, palradores e tagarelas, cessem de derramar a baba as suas línguas férvidas e desenfreadas».⁵

Uma outra passagem desta *IV Centúria* revela bem a postura que norteou as relações de Amato Lusitano com os seus colaboradores de trabalho. E inovadora em relação ao espírito e às ideias do seu tempo. Diz o historiador do Renascimento J. R. Hale que embora «muitas atitudes intelectuais necessárias à visão científica» já vigorassem, um profundo abismo de preconceitos tanto sociais como intelectuais separavam a hipótese da experimentação. A actividade manual era olhada com desprezo e soberberia. E exemplifica:

«O desprezo de Leonardo pelo suor do escultor tinha o seu paralelo nos lentes de medicina que deixavam a dissecação aos humildes assistentes cirurgiões».⁶

Amato Lusitano quebra este preconceituoso olhar.

Na Cura 69 desta *IV Centúria* ao contar o caso de um frade da Ordem dos Pregadores que sofria de morbo gálico, Amato Lusitano refere ter tratado da mesma doença outras duas pessoas (um presbítero de nome Rochus e uma mulher que vivia num lugar longe da cidade), esclarecendo, no entanto,

que o tratamento por ele prescrito havia sido realizado pelo cirurgião Hanúsio «por nossa ordem, e de forma conveniente» - são palavras suas.

Depois, num desenrolar de todo um imbrica-



Ulisses e seus companheiros - copo grego do sec- IV a.c.

do jogo de relações e interrelações, desenha as vantagens de um trabalho em equipa. E em jeito de justificação afirma «ter o grande Galeno («esse oceano da medicina» como lhe chama) conhecido por experiência a arte cirúrgica com que dominava exactamente todos os ramos da medicina».

E acrescenta acerca de Galeno:

«Não ignorava que os filhos dos deuses tinham exercido esta parte do ofício da medicina curativa».

E de seguida Amato lembra uma passagem da *Iliada* acerca da Guerra de Tróia onde Homero conta que Pátroclo, filho de Zeus, prestou auxílio ao herói grego Eurípilo ferido na coxa por uma flecha dos troianos.

Interroga Amato deste modo:

«Quem é que não conhece que Padalírio Machaoma (se quisermos dar crédito a Homero, pai de todas as ciências, na opinião de Plínio) filhos de Esculápio, no exercício da arte cirúrgica prestaram grande auxílio, durante a guerra de Troia, aos gregos sob o comando de Agámemnon»⁷.

No relato de Homero se lê que o herói ferido teria implorado a Pátroclo:

« - Pátrocolo, nascido de Zeus! (...) Salva-me, ao menos levando-me para o meu negro navio, aranca a flecha da minha coxa, lava com água mor-

na o negro sangue que dela brota e derrama sobre a ferida bálsamos calmantes e salutareos (...). Dos nossos dois médicos Podalírio e Macáon, um está ferido em sua tenda e o outro resiste a Ares na planície dos troianos».

Então Pátroclo, conta Homero, « (...) arrancou da coxa o dardo agudo e acerado com o auxílio do seu cutelo, lavou com água morna o negro sangue, e espalhou sobre a ferida uma raiz amarga e calmante, que triturara com a mão. A raiz acalmou as dores, a ferida secou, e o sangue deixou de correr»⁸.

E Amato lusitano termina esta Cura expressando a sua opinião acerca do que, do seu ponto de vista, deveriam ser as relações médico-cirúrgico, do seguinte modo:

«Visto que somos médicos, sabemos por experiência qual o mérito de uma arte auxiliar, quanto vale, qual a sua oportunidade e o modo de aplicação. Quando abrimos uma veia, colocamos umas ventosas e fazemos outras operações manualmente, já somos auxiliares. Por isso a arte médica dignifica superiormente os médicos, o médico às artes auxiliares (...)»⁹.

Um outro traço da personalidade de Amato contado na Cura 8.^a da *III Centúria* dá a dimensão de quanto os laços das relações de Amizade de Amato eram profundos e fortes. Amato Lusitano nunca abandonava um amigo, mesmo caído em desgraça e perseguido pela justiça. Conta Amato nesta Cura 8.^a a assistência que prestara a D. Afonso de Lencastre, embaixador de Portugal junto do Papa Júlio III. Mas um pormenor final deste relato evidencia de modo claro a faceta leal de Amato Lusitano para os que a ele estavam ligados por laços de Amizade. Aconteceu que um sobrinho do embaixador, Francisco de Sotomaior fora, por questões de negócios familiares, assassinado por um seu primo chamado Francisco Sylvio. O trágico incidente acontecera

momentos depois de Francisco Sotomaior ter saído de casa de seu tio, onde alegremente conviviera com Amato. Quinhentos ducados de ouro foram oferecidos como recompensa a quem entregasse o assassino que fugira de Roma. Através de um longo diálogo Amato relata a seu irmão José todos estes trágicos acontecimentos. Mas é a resposta de Amato à pergunta de José: «Conhecias Francisco Sylvio?, que encerra toda a grandeza de alma de Amato, e toda a verdade da consideração de Ambrósio de Nicandro: ser ele «amável de nome e de facto». Foi esta a resposta de Amato:

« Conhecia-o e estimava-o. Era tão meu amigo que, enquanto eu viver, não o tirei do coração».¹⁰

NOTAS

- 1 - Amato Lusitano, *IV Centúria de Curas Mediciniais*, Edição da Universidade Nova de Lisboa, vol. III, p. 10. Trad. de Firmino Crespo.
- 2 - Amato Lusitano, *IV Centúria de Curas Mediciniais*, Cura 54, Ed. da Universidade Nova de Lisboa, vol.III, Cura p.100. Trad. e Firmino Crespo.
- 3 - Foram célebres as contundentes divergências entre Amato e Matiolo.
- 4 - Amato Lusitano, *IV Centúria de Curas Mediciniais*, Ed. da Universidade Nova de Lisboa, vol. III, Cura 44, p. 89. Trad. de Firmino Crespo.
- 5 - ibidem.
- 6 - J. H. Hale, *A Europa durante o Renascimento (1480-1520)*, Lisboa, Editorial Presença, 1971, pp 250-251.
- 7 - Amato Lusitano, *IV Centúria de Curas Mediciniais*, Ed. da Universidade Nova de Lisboa, vol. III, Cura 69, p. 119. Trad. de Firmino Crespo.
- 8 - Homero, *A Ilíada*, Lisboa, Publicações Europa-América, 2004, pp. 180-181
- 9 - Amato Lusitano, *IV Centúria de Curas Mediciniais*, Ed. da Universidade Nova de Lisboa, vol. III, Cura 69, pp.119-120. Trad. de Firmino Crespo.
- 10 - Amato Lusitano, *III Centúria de Curas Mediciniais*, Ed. da Universidade Nova de Lisboa, vol. II, Cura 8, p. 182. Tradução de Firmino Crespo.

* Geógrafa. Investigadora.



Ilustração do Prefácio da *IV Centúria*

O CRUZAMENTO DE OLHARES: HUMANISMO EM AMATO LUSITANO E LUÍS VIVES *EYES CROSSING: THE HUMANISM OF AMATO LUSITANO AND LUÍS VIVES*

Lurdes Cardoso *



AMATUS LUSITANUS

Ein Arzt von Castelhianco einer Stadt in Portugal, gebürtig, hies eigentlich Johannes Rodriguez de Castelhianco, lebte in der Mitte des 16. Jahrhunderts, und bekehrte sich zu Thejsatomisch zur Aitischen Religion.

Gravura provável do século XVII ou XVIII, reproduzida da monografia do Prof. Maximiano de Lemos

Introdução

João Rodrigues de Castelo Branco, mais conhecido por Amato Lusitano (Castelo Branco, 1511-Salónica, 1568), na sua obra *Centúrias de Curas Mediciniais*, dedica a primeira história clínica (I Cent., Cura I) ao tratamento de uma rapariga de treze anos de idade, mordida no pé direito por uma víbora-macho. Sobre esta revela ter profundo conhecimento das suas características morfo-fisiológicas, afirmando que o macho tem apenas dois caninos, ao passo que a fêmea tem quatro e que a mordedura do macho não é tão perigosa como a da fêmea, sobretudo se a pessoa for mordida depois de comer, como aconteceu neste caso, em que a rapariga tinha comido antes.

Também nos seus Comentários à Cura I, Amato Lusitano descreve o ataque do animal como sendo feroz e cruel quando é pisado pelo homem e escreve: “como me aconteceu a mim, em rapaz, andando a caçá-las para a preparação de pastilhas, em Portugal, onde há delas grande abundância.”

É especialmente interessante notar as suas referências aos autores clássicos, no que respeita ao tipo de reprodução das víboras, comentando que Plínio compreendeu menos bem Aristóteles quando este diz no último capítulo do 5º Livro que *a víbora gerece dum ovo dentro do corpo*. Com efeito, Amato Lusitano escreve que se chama “víbora (vipera) porque pare um animal vivo... De facto, eu verifiquei

que a víbora pare e fica inteira, sem falha nem dano. Tive uma víbora prenhe numa boceta onde pariu as suas crias, ficando ilesa.”

Segundo Debus (2002), a dedicação aos Antigos é uma característica do Humanismo do Renascimento e Amato Lusitano revela-se um homem culto e rigoroso que recorre aos textos puros e originais da Antiguidade, mostrando-se bastante crítico em relação a uma das traduções da obra de Avicena do seguinte modo: “os que lerem Avicena, varão doutíssimo, na minha opinião e a quem devemos colocar logo a seguir a Galeno, precisam de examinar atentamente as suas palavras com grande rigor, visto o texto estar repleto de muitos e vários erros que devem atribuir-se ao seu comentador.”

No entanto, Amato Lusitano mostra-se intelectualmente honesto e elogia um seu contemporâneo, Bartolomeu Eustáquio (1520-1574), acrescentando:

“Deus, contudo, dar-nos-á alguém que nos restitua Avicena integralmente, mais latino e bem traduzido... Se devêssemos entregar esse trabalho a alguém na Itália, poderia sê-lo, agora e muito bem a Bartolomeu Eustáquio, muito culto e conhecedor de várias línguas e médico habilíssimo do mui ilustre Duque de Urbino.”

Ainda na primeira Centúria, na Cura XCIX, Amato Lusitano faz referência a um dos mais conhecidos educadores do Renascimento, o espanhol Juan Luís Vives (Valência, 1492-Bruges, 1540), seu doente, e escreve sobre ele: Ao tratar agora da chiraga, ocorreu-me Luiz Vives, de Valência, pessoa muito douta no conceito geral, como atestam as suas obras, principalmente os comentários que publicou sobre o livro de Santo Agostinho, A Cidade de Deus (De civitate Dei). Quando vivia em Antuérpia, fui por ele chamado para recuperar a sua preciosa saúde.

De facto, da leitura da primeira Centúria, em particular, de algumas curas relativas a crianças, fica-se a conhecer certos aspectos do humanismo médico através de Amato Lusitano e os seus comentários ao pedagogo Luis Vives despertam o nosso interesse, como formadora de educadores, pelas suas ideias sobre Educação.

Humanismo médico

O humanismo médico pode caracterizar-se pelo retorno às fontes gregas clássicas, cuja patologia hipocrática, baseada na doutrina dos quatro humores - sangue, fleuma ou pituita, bílis amarela e bílis negra -, se pensava constituírem a própria natureza do corpo humano. As suas qualidades são naturalmente as qualidades fundamentais dos elementos a que correspondem: o sangue quente e húmido como o «ar»; a fleuma, fria e húmida, como a «água»; a bílis amarela, quente e seca, como o «fogo»; a bílis negra, fria e seca, como a «terra». Quando estes humores estão perfeitamente misturados e se encontram devidamente proporcionados uns em relação aos outros no que se refere à composição, propriedades e quantidades, o indivíduo goza de saúde (Tavares de Sousa, 1996).

Amato Lusitano, nos seus Comentários à Cura XVIII, sobre o tratamento de uma criança de dois anos de idade que sofria da ulceração da boca (aftas), fiel à teoria dos humores que na acção dos contrários busca o princípio de toda a cura, usa a sangria como forma de se recuperar o equilíbrio perdido dos humores, cuja prática estava de acordo com a terapêutica galénica, escrevendo:

“Não deixarei aqui de censurar a todos, excepto os médicos da Hispânia, que passam em silêncio nas criancinhas esta escarificação das pernas e braços, como se a evacuação fosse de pouca importância ou dela Galeno nunca tivesse usado. Que isto é falso, mostrá-lo-emos em poucas palavras, visto que Galeno muitas vezes usou desta evacuação e da extracção do sangue por meio da secção da veia, o que se poderá depreender facilmente destas palavras que vêm na explanação 17^o do livro 2^o dos *Aforismos*: A evacuação de todos os humores, que é de facto a mais apurada, faz-se igualmente por meio da secção da veia; a seguir a esta há a que se faz, por meio da escarificação das pernas, como nós costumamos fazer. Estas as palavras de Galeno. Não se poderá dizer mais claro e mais lucidamente. Acrescente-se ainda que Galeno liga tanta importância a esta evacuação por escarificação que escreveu um livro sobre ela. Com efeito, no livro 13^o do *Methodus Melendi*...”

Contudo o humanismo renascentista pode, ainda, ser caracterizado pela necessidade de uma ruptura com o passado. Amato Lusitano, na Cura XXXVI, refere que a filha de Fabriferario, de onze anos de idade, era uma rapariga obesa, de rosto lindo e completamente sanguínea, acrescentando:

Indo de encontro ao seu mal, mandei fazer retracções (*retractiones*) com ligaduras, fricções e ventosas, depois de escarificadas profundamente as feridas. Mas como os sintomas persistiam, aconselhei a diminuir o sangue por meio da secção da veia exterior do braço que nessa altura estava muito inchada. Como fora da Hispânia todos os médicos receiam abrir a veia antes dos catorze anos, imbuídos do preceito de Galeno, não quiseram obedecer-me.

Com efeito, Amato Lusitano mostra a necessidade de uma ruptura com o passado e na Cura XXXVII, sobre o tratamento de uma rapariga de dez anos que foi atacada de febre, mandou abrir-lhe a veia interna do braço, escrevendo nos Comentários, o seguinte:

Daqui se pode tirar o argumento de que a extracção de sangue pela secção da veia é muito conveniente na idade moça, antes dos quinze anos, visto que nesta idade o sangue corre espontaneamente, sem qualquer prejuízo nem relaxamento do calor natural, como muitas vezes inculcámos neste trabalho.

Também a actualização de conhecimentos, acompanhada de terapêutica a partir da descoberta de plantas do Novo Mundo, é característica do humanismo médico.

Amato Lusitano, na Cura LXXIV usa o decocto de Guáiacó num filho de Gaspar de Pisauro, de onze anos, com temperamento melancólico e macilento, que sofria de uma chaga que lhe consumia a garganta, que era das que demonstram a qualidade das úlceras galicanas, afirmando:

Fiquei certificado, visto que seu pai sofria dessa doença...e para a curar completamente, passámos ao decocto de Guáiacó que bebeu durante trinta dias e ficou bom.

De igual modo, Amato Lusitano faz referência a outra planta, à Raiz da China, introduzida em Portugal no ano de 1540 por Vicente Gil de Tristão (I Cent., Cura XC, Comentários). Na Cura LXXXIV, aconselhou um decocto de Raiz da China a uma rapariga de oito anos, cuja cabeça estava coberta de chagas.

A procura da *verdade* dos mestres a partir da sua própria observação e experiência é referida por Amato Lusitano na Cura XVII:

Mandei abrir-lhe a veia do braço...Não era de temer, sendo uma criança carnosa e de belo aspecto, a abertura da veia nesta idade, embora Galeno e outros gregos não tivessem admitido isto. Os Árabes, porém seguindo Abinzoar, no seu livro *De sanitate tuenda*, que ordenou reduzir o sangue por meio da secção da veia a um filho seu, de três anos...E os bons médicos imitam-nos e não temem a fama do vulgo, visto que têm verificado por experiência que muitos benefícios daí advêm...

É, também, interessante verificar a importância que Amato Lusitano dá à compreensão da criança, acompanhando o movimento humanista da época. Assim, na Cura X, Amato Lusitano escreve:

Ora já em rapazes menores de catorze anos abrimos uma veia, contra a opinião de Galeno e dos gregos e tirámos sangue, seguindo os Árabes, a quem, por este facto se devem fazer gratas referências.

...Para se tirar o sangue por secção da veia convém dizer apenas duas coisas: primo, que a doença o exige; secundo, que o vigor o suporta.

O pensamento novo, independente e original, estreitamente relacionado com o humanismo médico, pode encontrar-se na Cura XXIII, intitulada "Duma glande não aberta e sem qualquer vestígio aparente de abertura", em que uma criança de dois anos que a natureza tentara patentear de macho e fêmea, sendo do género dos Hermafroditas, deveria na opinião de Amato Lusitano ser-lhe perfurada a glande com um instrumento inventado por João Baptista Canano, *insigne anatómico*. Assim o afirma Amato Lusitano que descreve o instrumento e o seu modo de operar do seguinte modo:

Uma cânula de prata, fina, dentro da qual se continha uma agulha também de prata. Esta cânula deveria ser introduzida pelo buraco existente perto dos testículos, como disse, até à glande e até onde pudesse penetrar. Quando, porém, não pudesse avançar mais, devia ser perfurado o resto com a agulha contida dentro da cânula. Então o bico da agulha devia ser enviado em vários sentidos até que ficasse totalmente feito o meato urinário.

Como este último caso clínico gerou controvérsia, o que na opinião de Amato Lusitano indica *justa suspeita de ignorância e torna os ouvintes incrédulos*

los...sucedeu que os pais do menino não quiseram trazer o filho à diferenciação da vida e, deste modo, desistimos da operação.

Que tudo isto sirva de lição para cada um, já que revela o carácter humanista de Amato Lusitano que sobrepõe à *verdade* dos mestres, o respeito pelo(s) Outro(s).

Humanismo educacional

Como fizemos referência na Introdução, Amato Lusitano tratou da artrite o célebre humanista Luís Vives, na cidade de Antuérpia, onde ambos eram foragidos da Inquisição por pertencerem a famílias judias. Amato Lusitano é um profundo conhecedor das obras de Luís Vives, em particular do Comentário ao *De Civitate Dei* (Cidade de Deus) de Santo Agostinho, publicado em Basileia (1522) e dedicado a Henrique VIII, rei de Inglaterra, por julgar que viria a representar uma pátria para o humanismo.

Na corte inglesa, Luís Vives é amigo de Thomas More, autor de *Utopia* (1516) que defende um rendimento incondicional para os pobres e que o deve ter influenciado, pois no seu tratado *De subventionem pauperum* (1526) mostra ser favorável a que os pobres recebam do governo um salário. Contudo é um inovador e propõe que seja em troca de alguma forma de trabalho, recomendando mesmo o treino para aqueles que não têm nenhum mister, mesmo em relação aos deficientes, como os cegos, que seriam treinados para prestar algum serviço e, depois, receberem um pagamento.

Luís Vives, autor de uma vasta obra (mais de 60 livros), nos seus trabalhos, especialmente em *De disciplinis libri* (1531), formula regras de estilo, apoiando a filosofia e a história que deve abarcar a actividade humana na sua totalidade e não deve confinar-se aos relatos das guerras.

Em *De communione rerum* (1535) defende que a Natureza nos mostra e ensina que são muito poucas as coisas de que temos necessidade, sendo facilmente alcançáveis, ao contrário do Homem que inventa coisas dispensáveis e supérfluas que lhe custam muito trabalho e resultam de pouco saber e de falsas opiniões. Este pensamento pode ter influenciado Rousseau (1712-1778) que, como sabemos, defende a sua fé na sabedoria da Natureza em prever as necessidades humanas.

No que se refere à Educação, Luís Vives - tal como Erasmo (1466-1536), amigos que comungam as mesmas ideias e ensinam na universidade de Louvain -, integra a corrente humanista da Ciência Nova, e aprofunda as questões pedagógicas, defendendo que a Educação é o crescimento da sabedoria prática e uma preparação para a perfeição moral com a qual o homem há-de conseguir o seu fim último: a união com Deus.

No entanto, ressalta a importância de Luís Vives lhe ter dado uma base psicológica. De facto, o seu tratado *De anima et vita libri*, publicado na cidade de Basileia em 1538, é considerado um marco importante na história das ideias e dos métodos psicológicos, em que mais do que a essência da alma ou da mente, se valoriza a observação baseada na experiência sensível, o que valeu a Luís Vives ter sido considerado por Watson (1878-1958) o precursor da Psicologia Moderna.

Também, numa época em que a Educação é elitista, Luís Vives defende que a escola deve acolher não apenas as crianças mas também os adultos e os velhos, considerando contudo a infância a idade mais adequada ao ensino porque a criança tem a memória expedita e livre e como tudo está em desenvolvimento é, assim, com facilidade que se prendem profundas raízes, e que dificilmente se poderá obter depois os mesmos resultados. Por isso, os pais que deixam passar os primeiros anos do filho sem o instruírem em coisas úteis estão perdendo uma oportunidade que não voltará.

Luís Vives recomenda o estudo das línguas no primeiro período escolar dos sete aos quinze anos e advoga uma formação integral que compreenda também a educação física.

Ainda, no que respeita à educação das mulheres, Luís Vives recomenda que seja objecto de reflexão e que se lhes ofereça uma instrução de ordem prática, publicando *De institutione feminae christianae*, em Bruges (1523), dedicando-o à rainha Catarina de Aragão, de quem foi leitor. Nesta obra, embora siga o pensamento de Tertuliano, um dos primeiros escritores cristãos, nascido em Cartago, por volta de 155-160, e autor *De cultu feminarum* em que se trata do comportamento da mulher cristã, esposa e mãe virtuosa, e como deve vestir-se apropriadamente e quanto ao uso de cosméticos. Não obstante, Luís Vives devota um trabalho especial à

instrução das mulheres, exigindo que não seja deixada na ignorância. Acredita que as mulheres podem aprender latim e grego e, assim, ajudar os seus filhos na sua preparação para a vida. Essa posição será um século e meio depois enfatizada pelo bispo francês Fenélon no seu pioneiro e famoso livro *Education des filles* (1687). Apesar de Luís Vives reter a posição medieval radicada no aforismo: *A mulher pertence ao lar*, ele ultrapassa essa posição explicitando que a influência feminina deve estender-se ao Estado e à Igreja.

O livro *De ratione studii puerilis* (Da razão dos estudos infantis), escrito a pedido da rainha Catarina, esposa de Henrique VIII, serve como orientação de estudo à sua filha, Maria Tudor, princesa de Gales, seguindo a linha do *De institutione feminae christianae*. Ainda na mesma linha, compõe *Satellitium* (1524), um livro de máximas para a princesa Maria, de quem foi preceptor.

A terminar, uma nota de síntese sobre Luís Vives que no contexto cultural do renascimento defendeu uma pedagogia atenta à personalidade dos alunos e métodos de ensino adequados à sua personalidade em formação. Veja-se a sua opinião sobre a avaliação: os exames não devem consistir em provas de comparação entre os discípulos de uma classe, mas sim em exercícios que se comparam com outros anteriormente realizados pelo aluno. Cada aluno seguirá a sua trajectória própria uma vez que a comparação do aproveitamento escolar será feita com ele próprio nas diversas etapas da programação escolar (Cobra, 1999).

Breves considerações finais

Durante o século XVI começa a delinear-se a compreensão da criança como indivíduo, ligada ao próprio nascimento da noção de infância, em contraste com o mundo greco-romano em que a criança existe num espaço marginal ao mundo do homem adulto. De facto, Aristóteles, citado por Fernandes (2004), vê no infante um homem incompleto e na idade da infância uma idade infeliz e mais próxima do estado de servidão do que do homem livre.

Segundo Fernandes (op.cit.) há uma tensão entre duas concepções para a educação da criança, a saber: uma concepção optimista baseada nos textos do Novo Testamento que tende a afirmar a bondade natural da criança e que propõe como mé-

todo pedagógico um ambiente afectivo; e, uma outra concepção pessimista da criança marcada pela herança da sociedade antiga, patriarcal e repressiva e pela doutrina do pecado original, segundo a qual a natureza humana está indelevelmente marcada de tendências para o mal e preconiza o uso de uma disciplina rigorosa, o castigo violento e a casa de trabalho como processos de domesticar a rebeldia inata da criança.

Na época do Renascimento inicia-se um movimento de crítica à visão pessimista da criança em que, como vimos, Amato Lusitano e Luís Vives, com base em princípios humanistas, introduzem várias inovações que, no contexto social do alargamento de horizontes culturais, vão no sentido de permitirem a valorização da criança e do seu mundo.

Assim, na sociedade contemporânea, cuja Convenção dos Direitos da Criança, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (1989), onde estão representados todos os governos do mundo, verifica-se uma crescente tomada de consciência universal acerca da dignidade e personalidade da criança. A Saúde e a Educação tornaram-se focos de interesse no sentido de promover o bem-estar da criança como pessoa autónoma perante as suas características próprias e o seu estatuto distinto do mundo dos adultos e orientada por uma ética participativa numa perspectiva de Educação para a Cidadania.

BIBLIOGRAFIA

- Amato Lusitano (João Rodrigues de Castelo Branco), *Centúrias de Curas Mediciniais*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Médicas, 1990.
- Cobra, R., *Juan Luís Vives*. Brasília, 1999 (Internet: <http://www.cobra.pages.nom.br>).
- Debus, A., *O Homem e a Natureza no Renascimento*. Porto Editora, col. História e Filosofia da Ciência, 2002.
- Fernandes, A., *A Mundivivência Cristã da Criança numa perspectiva histórica: Entre a Concepção Pessimista e a Concepção Optimista da Criança*. In: Oliveira-Formosinho, J. (coord), *A Criança na Sociedade Contemporânea*. Lisboa: Universidade Aberta, 2004.
- Tavares de Sousa, J., *Curso de História de Medicina: Das origens aos fins do século XVI*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

* Professora - adjunta
Escola Superior de Educação

O CONTRIBUTO DE AMATO LUSITANO PARA A HISTÓRIA DA SEXOLOGIA

Isilda Teixeira Rodrigues *

INTRODUÇÃO

O estudo que se apresenta¹ centra-se essencialmente na identificação da obra do médico português Amato Lusitano (1511-1568) *Centúrias de Curas Mediciniais*² como uma das primeiras obras científicas em que o foro das problemáticas sexuais humanas se define como matéria médica. Tem como principal objectivo: analisar nas *Centúrias* as problemáticas especificamente associadas a todo o foro da sexualidade. Em termos metodológicos recorreremos à análise de conteúdo, utilizando para recolha de dados a edição portuguesa das *Sete Centúrias de Curas Mediciniais*, publicada pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, em 1980³.

Nesta apresentação começaremos por tecer algumas considerações sobre reprodução, sobre deformidades anatómicas nos aparelhos genitais masculinos e femininos, e ainda sobre doenças de natureza sexual. Faremos ainda algumas considerações sobre casos de indefinição da vivência sexual, incluindo análise cuidadosa da terminologia utilizada, necessariamente bastante diferente da linguagem que utilizaríamos hoje, ao discutir, no âmbito da medicina, questões ligadas aos diversos aspectos do sexo e da sua expressão na vida dos doentes.

Gostaríamos de realçar que, no período renascentista, era prática corrente utilizarem-se diferentes nomes para as mesmas doenças, o que resulta por vezes numa dificuldade considerável em encontrar uma correspondência entre os termos da época e os agora em vigor. Sendo que esta tentação de “retro-diagnosticar” conduz muitas vezes a más interpretações, bem como a alguns erros heurísticos, vamos aqui cingir-nos, tanto quanto possível, à terminologia renascentista tal como utilizada por Amato.

1 – Considerações sobre a reprodução

Para explorarmos devidamente o pensamento renascentista sobre a reprodução, temos que ter presentes as teorias da reprodução professadas pela Escola de Hipócrates e retomadas, mais tarde, por

Galeno, que serviram de referência privilegiada para a maioria dos médicos, até finais do Século XVIII. Para Hipócrates, a fecundação resulta da mistura das duas sementes, masculina e feminina, ejaculadas, durante o coito, para o interior da matriz, ou útero. Galeno admite a emissão de esperma na mulher, como no homem, mas a semente produzida pelos “testículos” da mulher, menos perfeita, porque é fria, serve apenas para alimentar a semente do homem.

A ideia da mulher como elemento passivo na concepção, associada à da mulher como homem invertido, foi longamente difundida, durante a Idade Média e Renascimento. Este modelo foi proposto pelo anatomista belga, André Vesálio (1514-1564). Vesálio subscrevia as visões do feminino herdadas dos Clássicos, suportando-as até com ilustrações que falam por si, como o famoso “pénis interno”, apresentado na *Fabrica*⁴.

No que diz respeito à doutrina das duas sementes, Amato mostra-se repetidamente fiel ao modelo hipocrático-galénico. Considera que ambos os sexos contribuem, em igual medida, para a concepção, sendo a semente do homem o esperma e a da mulher os fluidos vaginais, misturando-se no útero para darem origem ao embrião. Refira-se, aliás, que as ideias hipocráticas das duas sementes, defendidas por Amato, continuaram a ter defensores destacados, no Século XVII, por exemplo, René Descartes e M. de Maupertuis, e no Século XVIII, com homens tão cientificamente relevantes como o Conde de Buffon e seu colaborador inglês John Needham.

A nível dos órgãos genitais femininos, de descrição normalmente muito mais negligenciada, o conhecimento de Amato é, de facto, considerável. Das 700 curas descritas nas *Centúrias*, 421 (60,1%) envolvem homens e 196 (28%) referem-se a mulheres.

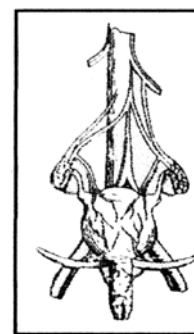


Ilustração de Vesálio representando a anatomia genital feminina

Ressalve-se que, nesta época, o acesso ao corpo da mulher seria possivelmente mais limitado, mas mesmo este facto social não impossibilitou o médico de fazer várias observações, das quais conseguiu extrair conclusões significativas. Das que envolvem o sexo feminino, 62 (31,6%) são referentes a gravidezes, partos, abortos e doenças venéreas. Face a estas percentagens, podemos deduzir que Amato terá tido uma prática ginecológica considerável. Salienciamos que as descrições anatómicas de Amato, no que se refere ao aparelho genital feminino, desviam-se claramente do modelo do homem invertido, proposto pelo anatomista belga, André Vesálio.

Neste domínio, notemos, em primeiro lugar, o contributo de Amato no respeitante à morfologia e localização do útero (também referido, na época, como matriz). O autor nota, antes de mais, que o útero humano difere do útero de outros animais. Afirma, baseado em dissecações, que o útero é semelhante a uma bexiga em que não são visíveis cavidades, contrariando assim o que afirmavam alguns dos seus colegas contemporâneos. Em relação à sua localização, constata que o útero fica entre o colo da vesícula urinária e o intestino recto, ao qual se liga por uns ténues ligamentos fibrosos. Liga-se também ao osso sacro, neste caso por pregas nervosas e musculares⁵. Com esta descrição Amato refuta algumas ideias herdadas dos Clássicos e ainda bem aceites na época, segundo as quais o útero seria flutuante, assim como os rins, e que estaria enfiado num pedículo ou encostado numa vareta.

2 - Considerações sobre a gravidez, desenvolvimento embrionário e parto

Os processos para diagnóstico da gravidez são muito antigos, com registos conhecidos desde o tempo do Antigo Egipto e da Babilónia. A Antiguidade Clássica é também rica em referências a este tipo de processos de diagnóstico. Hipócrates, por exemplo, propunha o teste do alho, que consistia em introduzir na vagina, durante uma noite inteira, um dente de alho humedecido. Se, de manhã, o odor a alho se manifesta pela boca ou pelo nariz, a mulher estaria grávida; se, pelo contrário, a respiração fosse normal, isso seria sinal que a mulher não concebera. Estas metodologias baseiam-se na consideração de que o corpo da mulher está organizado como um vaso permeável, em relação

ao exterior, e ainda de que a boca e o sexo comunicam directamente. Estes métodos continuaram a ser preconizados, até ao Século XVI, estando patentes nos trabalhos de variados médicos da época, nomeadamente nas *Centúrias*, de Amato. O que é curioso, em Amato, é que, sendo sem dúvida fortemente influenciado por Hipócrates, não se coíbe de sobrepor ao conhecimento antigo, a novidade das suas próprias observações⁶.

Embora Amato registre observações que enriquecem conhecimentos renascentistas sobre o desenvolvimento embrionário, é nítido que muitos dos seus pressupostos, neste domínio, continuam a ser os da Medicina Clássica. Por exemplo, afirma, de acordo com Galeno, que os primeiros órgãos a formarem-se são o fígado, o coração e o cérebro, e só depois os restantes órgãos⁷.

Depois das considerações tecidas acima, sobre as ideias de Amato no respeitante ao desenvolvimento do feto, vamos agora debruçar-nos sobre os pormenores específicos da sua alimentação, tal como aparecem tratados nas *Centúrias*.

Na Cura XXXV, da VII *Centúria*, Amato, a pedido de um outro médico seu colega, descreve o modo de alimentação do feto. É outro bom exemplo de como os aspectos de retaguarda são intercalados com conhecimentos de vanguarda, no discurso do autor. Relata:

«Vieste junto de mim e como que admirado de uma dúvida digna de consideração, SIMPSON, de todos o mais ilustrado, pois que leras em HIPÓCRATES que a criança, dentro do ventre materno, era alimentada pela boca, e não pelo umbilical, como acreditam todos os médicos até agora com GALENO»⁸.

Esta ideia, herdada directamente dos Clássicos e também da convivência com a ciência judaica, de que o feto recebia o alimento pela boca, era ainda corrente na época. No entanto, Amato manifesta uma opinião contrária, afirmando que este se alimenta através do cordão umbilical. Explana, em resposta ao seu colega, ao longo de 6 páginas, o mecanismo de desenvolvimento do feto e seu modo de alimentação. Esta longa sequência de transcrições permite-nos constatar que, ao discutir o processo da alimentação embrionária, Amato identifica claramente aquilo a que hoje chamamos o saco amniótico (*amnio*), a *placenta (sarcinimal)* e o *córion*

(*chorion*), descrevendo as suas principais características, em termos não muito diferentes dos que utilizaríamos agora⁹.

Associada à questão do desenvolvimento do feto, surge uma outra, que sempre intrigou os investigadores de todos os tempos: o fenómeno da diferenciação sexual. Esta curiosidade, manifesta em todas as culturas, leva à formulação de várias formas de diagnóstico durante o período Clássico.

Hipócrates, como já vimos, sustenta que o rapaz se mexe mais cedo ao que a rapariga. Aristóteles partilha esta mesma opinião, mas defende que não é o calor do útero que determina o sexo, porque, se assim fosse, os gémeos deviam ser sempre do mesmo sexo, o que nem sempre acontece. A cultura popular foi também apresentando e universalizando os seus métodos de diagnóstico, nomeadamente no que respeita a determinação do sexo do feto, examinando as manifestações apresentadas pela mãe. Durante muitos anos, considerou-se que o sexo da criança influenciava o carácter e aspecto maternos. Se a mãe andava alegre, cheia de vigor, com um apetite excelente, era porque estava a conceber um rapaz. Se, por outro lado, se sentisse triste e rabugenta, apresentando a tez pálida e sombria, então estaria à espera uma rapariga.

Amato, inevitavelmente interessado por este assunto, assume aqui numa posição de vanguarda e desconstrói rigorosamente os falsos sinais do sexo do feto, que sabe perfeitamente serem consensuais na sua época. Repare-se, entre outras, na contundência desta passagem:

«A esposa do magnífico JOÃO DO TRIUNFO, patrício de Ancona, andava grávida, o mamilo direito estava mais inchado do que o esquerdo e o feto agarrava-se quase sempre ao lado direito, segundo ela dizia. Com efeito, o ventre alteava-se muito e ela tinha a face bem corada, tudo sinais que anunciam sexo masculino, no testemunho de Hipócrates. Não obstante, deu à luz uma menina, para daqui se julgar quão incertos são tais sinais, teimosamente aceites por muitos como verdadeiros e fundamentados»¹⁰.

Vários casos clínicos, relativos à gravidez, descritos por Amato envolvem alterações do comportamento feminino. Por exemplo, situações como

o aborto, a morte de crianças ou de parentes, a infertilidade, a própria gravidez, as pressões para a mulher aceitar pretendentes não desejados ou os namoros proibidos, aparecem como causas que levam as mulheres a ter alterações comportamentais, por vezes pronunciadas, manifestando-se nomeadamente no sofrimento da chamada melancolia, hoje referida como depressão clínica. Apresentamos vários outros casos clínicos em a melancolia surge após o parto, aquilo que nós actualmente chamamos depressão pós-parto. Na Cura XXXIV, da I *Centúria*, Amato conta o caso de uma mulher que deu à luz e depois caiu em melancolia. Diz, citando Paulo Egineta, que:

«a melancolia é uma alienação mental sem febre, proveniente sobretudo do humor melancólico que tenha ocupado a sede da razão (...)»¹¹.

Um outro caso clínico que trata de melancolia e que envolve uma mulher grávida é descrito na Cura LXXXVII da V *Centúria*, em que Amato refere alguns dos sintomas da doença «(...) Palavra muito, e variado, a ponto de todos ficarem admirados»¹².

Para o tratamento desta doença, Amato considera essencial a regularidade das chamadas “limpezas periódicas femininas”, afirmando que os ciclos menstruais certos e não problemáticos tornam as mulheres mais saudáveis, tanto mental como fisicamente.

3 – Considerações sobre doenças que afectam os aparelhos genitais masculino e feminino

A teoria da origem americana da sífilis encontrou em Amato Lusitano, no Século XVI, um dos primeiros defensores. Na época a nomenclatura utilizada para esta doença era muito variada. Os portugueses chamavam-lhe sarna castelhana. Os espanhóis, mal serpentina, bubas e boubas. Os franceses, morbo napolitano. E existiam ainda várias outras designações. Em testemunho desta diversidade, note-se que Amato nomeia a sífilis, em numerosas curas, como morbo gálico, ou sarna gálica, ou lepra gálica, ou úlcera serpentina, entre outras designações.

Com os resultados das suas pesquisas e experimentações sobre a nova doença, Amato veio ajudar a questionar as concepções ancestrais, que

atribuíam aos astros a origem das moléstias venéreas, responsabilizando especialmente o planeta Vénus. Entrava também na lista dos responsáveis astrais a conjugação de Saturno e Marte. Além dos astros, as doenças venéreas podiam também depender das condições atmosféricas, das inundações e dos próprios castigos dos deuses. Amato refuta estas concepções e, numa afirmação de vanguarda, alerta para as verdadeiras causas da doença. Como atestam as descrições de vários casos clínicos, para além de possuir conhecimentos que

lhe permitem fazer o seu diagnóstico, Amato possui também, noutra linha denotadora da sua posição de vanguarda, noções sobre o seu carácter contagioso. A Cura XLIX da I *Centúria* é disso um bom exemplo. Amato refere nesta cura, o caso de um indivíduo que foi atacado de morbo gálico e que, depois de aplicados muitos remédios, se sentiu curado. Passados alguns anos, casou e a sua mulher deu à luz dois meninos saudáveis. No sétimo ano do matrimónio, nasceu outro rapaz,

este atacado de lepra gálica. A mãe esteve sempre de boa saúde, mas perto do nariz apresentava duas chagazitas. Entretanto a criança foi entregue a uma ama que, em poucos dias, ficou infectada com o morbo gálico do bebé. Por sua vez, ao ter relações com o marido, esta ama infectou-o, e até foram infectadas duas crianças de vizinhas suas, a quem dera leite, e de quem as respectivas mães contraíram o mesmo mal. Assim, num mês, ficaram contagiadas nove pessoas. O garoto morreu dentro de um mês, após o parto, e o pai, que contagiou a esposa por “via do germe oculto de antigo mal”, ao ser atacado de uma febre, morreu dentro de seis dias. A mãe escapou, porque lhe foi dado durante cinquenta dias o decocto de guaiaco, assim como escaparam a ama e respectivo marido, e, igualmente, as vizinhas e as crianças¹³. Nesta cura, verificamos que

Amato identifica os contágios por via epidémica, conjugal, hereditária, lactancial, contribuindo desta forma para o esclarecimento de como funciona a nova enfermidade.

A ideia de contágio tinha pouca relevância, tanto na Medicina de Hipócrates, como na de Galeno. Esta contribuição das *Centúrias* revela-se-nos tanto mais inspirada, quanto mais tivermos em mente que estamos ainda no Século XVI. Só no Século XVII, com a introdução da microscopia no estudo das ciências naturais, mormente com os trabalhos

de Athanasius Kircher (1602–1680), de Antonj van Leewenhoek (1632–1723) e de um grande número de outros microscopistas pioneiros, é que se reforçou o conceito da teoria do contágio, pois a observação da grande variedade dos então chamados *animáculos* em todos os tipos de líquidos, detectada através dos seus instrumentos primitivos (Lindemann, 2002), mas suficientemente esclarecedores, permitiu o início de um raciocínio, em termos de agentes patogénicos invi-

síveis, que até aqui teria sido impossível estabelecer.

Sempre atento aos sintomas Amato, descreve a alopecia sífilítica, no que, segundo o médico português Maximiano Lemos, terá sido a primeira referência concreta a esta doença. A certeza de associação do sintoma à doença leva o médico, na Cura IV, da IV *Centúria*, a usar como título De Alopecia, Hoje Sinal Certo E Indubitável Do Morbo Gálico¹⁴. Refere ainda:

«uma senhora, por sinal muito formosa que tivera uma grande febre durante um dia inteiro e no dia seguinte, sentiu-se rouca. A febre passou, com um xarope de avena. Algum tempo depois, apresentava manifestações de alopecia, isto é queda de cabelo. Curou-se, tratando-se como se estivesse afectada de morbo gálico»¹⁵.



Infecção ginecológica evocada pelas flores brancas, in *Tratado de Rhazés* (autor árabe do sec. IX).

Verificamos nesta cura que o autor percebe que os sintomas da doença não se manifestam directamente em associação com a doença.

O decocto de guaiaco e a raiz da China aparecem como as duas grandes armas terapêuticas de Amato, no tratamento da sífilis. Deduzimos que o decocto de guaiaco era considerado um excelente remédio para combater a sífilis, nos doentes tidos como de natureza pituitosa, com humores lentos e frios¹⁶. Amato desaconselhava-o nos doentes de temperamentos secos, compleições quentes ou hálitos secos e enfraquecidos¹⁷. Quanto à raiz da China, é preferida, pelo médico, para aplicação em pessoas com compleição cálida ou biliosa, como podemos constatar nas descrições dos seguintes casos clínicos¹⁸.

As inovações terapêuticas de Amato e a sua preocupação característica, de adaptar o tratamento especificamente a cada doente e cada doença, não ficam por aqui. O médico apresenta ainda um outro remédio, para a nova doença do seu tempo, a salsaparrilha¹⁹. A salsaparrilha é referida no seu *Index Dioscorides*, onde está também desenhada²⁰. Amato recorreu à salsaparrilha, em vários casos clínicos, como por exemplo, nas curas XXV e LXVIII da V *Centúria*²¹.

Associada, muitas vezes aos casos, clínicos de sífilis, aparece uma outra doença venérea, a gonorreia. Amato refere que a gonorreia é uma doença pouco conhecida e de difícil tratamento²². Logo na Cura LV da I *Centúria* faz a sua primeira referência à gonorreia, dizendo:

«(...) um boticário, de 38 anos, de temperamento bilioso, tinha o fígado calidíssimo e os rins excessivamente queimados, a ponto de apresentar gonorreia. Surgiram-lhe uns calores não naturais, como dor no occiput. (...) Chamado para o ver, ordenei imediatamente a abertura da basílica do lado direito, dei-lhe de seguida, um xarope de chicória, de almeirão e de borragem, e foi depois purgado. Por fim, bebeu um decocto, de chicória, de almeirão, de lúpulos e foi restituído à saúde»²³.

Neste primeiro caso, Amato descreve, ainda que de uma forma pouco clara, a sintomatologia da doença. Curiosamente, quando já lemos o suficiente para acharmos que é lícito estabelecer que Amato tem claramente definidas e diferenciadas estas doenças, para as

quais até aplica remédios específicos, e que conhece bem as suas formas de contágio, logo a seguir verificamos que as águas do conhecimento renascentista são, de facto, muito turvas. A dificuldade que notamos, na clarificação da sintomatologia da gonorreia, é mais evidente ao longo das três primeiras *Centúrias*. A partir da IV *Centúria*, verificamos que Amato já é capaz de distinguir claramente esta doença e, como vimos, até aplica uma terapêutica específica e inovadora para o seu tratamento. Isto poderá dever-se ao aumento de conhecimento que foi adquirindo. O caso seguinte é bem representativo deste progresso.

Na sequência da análise dos casos clínicos mais característicos de sífilis e de gonorreia tratados nas *Centúrias*, podemos agora enumerar, segundo Amato, os principais agentes usados na terapêutica destas doenças:

- Pau guaiaco, hoje com nome científico *Guayacum officinale* L.. Abunda na flora das Índias Ocidentais, e é também empregue contra afecções da pele e do aparelho respiratório. As primeiras informações precisas referentes a este bálsamo foram dadas pelos espanhóis Fernández de Oviedo e Pedro Mártir de Angleria.

- Raiz da China, classificada como *Smilax ferrox*. Foi importada da China e divulgada pelos portugueses e é também usada como medicamento anti-reumático e afrodisíaco.

- Salsaparrilha, actualmente designada por *Smilax aspera* L.. É uma raiz importada do Perú, México e Brasil, aplicada também como medicamento diurético e secretório. O médico sevilhano, Nicolas Monardes (1493-1588), foi um dos seus grandes divulgadores.

Tomando em conjunto tudo o que ficou registado nas *Centúrias*, verificamos que, no domínio das doenças venéreas, Amato nos deixou um legado que ultrapassa os limites da sintomatologia e da terapêutica, sobretudo no caso da sífilis; sobre a qual nos oferece, ainda, um apanhado abrangente das suas origens e do seu historial no Ocidente. De acordo com o que acabámos de expor, parece-nos argumentável que é com Amato que terá começado a delinear-se, na linha da frente do conhecimento, uma terapêutica específica para o tratamento das doenças venéreas mais graves, sobretudo das que só recentemente tinham começado a afectar a Europa.

4 – Outras doenças do foro sexual

Há ainda uma miscelânea considerável de outras patologias do foro sexual apontadas por Amato, nas *Centúrias*, que analisaremos nesta secção.

A questão da esterilidade foi por várias vezes abordada e estudada pelo autor. Uma das pistas, no texto das *Centúrias*, que nos indica a sua fama e credibilidade como excelente médico, é a quantidade de homens e mulheres que recorreram aos seus cuidados para conseguirem ter filhos. Das várias curas sobre este assunto, seleccionamos as que consideramos mais representativas. Na cura LXX-XIII, da V *Centúria*, Amato relata o seguinte:

«Por serem várias as causas de esterilidade e várias as fórmulas de tratamento curativo, convém que também variem os remédios. Todavia de entre os remédios que são aceites empiricamente, sem qualquer observada indicação, onde má qualidade nociva do útero, ou temperamento da mulher ou do homem, ou de outras diferentes que não importa nem julgo de grande valor referir, está o aloés que a mulher deve mastigar não só em jejum, mas também ao ir deitar-se. Tal experiência é tida por certa de forma que não duvidarei que as mulheres, dele utilizadoras, me hão-de agradecer por isso (...)»²⁴.

Recordemos que, neste período, e uma vez mais na sequência de crenças e mitos milenares, a esterilidade de uma mulher era frequentemente considerada como um castigo, constituía uma vergonha, em termos sociais, e era certamente sentida como uma culpa. Ao lidar com casos destes, Amato desvia-se frontalmente dos preconceitos mais antigos, referentes a maldições e punições divinas ou diabólicas, que nem sequer se dá ao trabalho de mencionar. Esta abordagem do tratamento da infertilidade, estritamente como um caso clínico, é, sem dúvida, uma modernidade, para a época, tal como é novo o argumento do médico segundo a qual as causas da esterilidade podem ser várias. Num corte, ainda mais dramático, com as configurações medievais suas antecessoras, onde a infertilidade é, por definição e sem discussão possível, um problema estritamente feminino, o médico afirma taxativamente que a doença tanto pode afectar as mulheres, como os homens. Aponta por isso,

alguns remédios que poderão ajudar a conceber e discriminando-os e discutindo-os, conforme o sexo a que se destinam. Na Cura XCV, da VI *Centúria*, refere que tratou vários homens que “não ejaculavam qualquer sémen”²⁵.

Ainda dentro do vasto leque de outras doenças tratadas por Amato que envolvem os aparelhos genitais, devemos referir de seguida o furor, a satíriase e o priapismo. Na Cura XCVII, da VI *Centúria*, Amato descreve o seu entendimento da diferença entre satíriase e priapismo. Conta-nos, nomeadamente, o caso de uma freira que sofria de satíriase. Nos comentários chama a si o dever de esclarecer os leitores, dizendo o seguinte:

«(...) Portanto este furor resultava do útero, pelo que se chama furor uterino. Ora, a satíriase difere muito do priapismo. Com efeito, a satíriase é um enorme prurido da região pudenda e um insuportável desejo de acto sexual com calidez, desejo que não se encontra no priapismo que é mais um inchaço do membro genital e talvez apenas do viril (...). As mulheres costumam ser tentadas mais frequentemente e mais fortemente de satíriase do que os homens tanto as virgens como as que provocam o coito e professam castidade, principalmente as que se encontram ausentes dos maridos ou que ficaram viúvas (...)»²⁶

Para ajudar o tratamento destas doenças Amato tem por hábito aconselhar o casamento²⁷. Ainda nos comentários desta mesma cura, Amato fala na satisfação sexual e conta a propósito da satíriase:

«Isto é o que os maridos depreendem ser verdade quando não satisfazem muito bem. Com efeito, elas tornam-se palradoras e implicativas (...)»²⁸.

Este à-vontade, na referência à naturalidade do prazer sexual e mesmo à conveniência da sua satisfação, pode entender-se, em grande medida, pela transposição das questões sexuais para o foro da Medicina, o que as liberta de constrangimentos sociais ou morais, irrelevantes quando o que está em causa é o diagnóstico e a terapêutica de doenças. É nesta superação de constrangimentos, tornada possível no foro clínico, que podemos começar a ver uma nova linguagem sexológica a dar os seus primeiros passos.

5 - Indefinição da vivência sexual

Neste ponto iremos analisar alguns casos de indefinição sexual, apresentados pelos doentes descritos por Amato, e tecer algumas considerações sobre o assunto:

Numa época em que ainda nem sequer existe terminologia precisa para os quadros de desvio aos esterótipos, nem na linguagem popular, nem na linguagem erudita, começamos por frisar um ponto de partida importante: Amato distingue claramente as situações de indefinição sexual causadas por anomalias anatómicas, das que são causadas por inquietações eminentemente emocionais. Na Cura XXIII da I *Centúria*, por exemplo, encontramos, um caso de hermafroditismo:

«Uma criança de dois anos não foi aberta na glândula, desde que nascera, e não mostrava qualquer vestígio onde deveria existir o orifício. Contudo na raiz dela, perto dos testículos, havia um buraco, por onde a urina escorria, não gota a gota, mas directamente, de modo que se poderia dizer que a natureza tentara paten-tear macho e fêmea, sendo do género dos hermafroditas»²⁹.

Amato não só está tão à vontade com este tipo de variância anatómica que identifica o hermafroditismo com precisão, como chega, inclusive, a propor uma intervenção cirúrgica para o resolver. No entanto, a forma de intervenção gerou alguma controvérsia, acabando por não se realizar.

«Andávamos na dúvida se lhe deveria ser perfurada a glândula, pois António Musa Brasavola e o cirurgião Francisco afirmavam que de maneira nenhuma. Eu, porém com Giambaptista Canano, insigne anatómico, afirmávamos o contrário. Se não se perfurasse a glândula, não poderia ter filhos (...). Ora visto que a controvérsia indica justa suspeita de ignorância e torna os ouvintes incrédulos, sucedeu que os pais do menino não quiseram trazer o filho à diferenciação da vida e, deste modo, desistimos da operação»³⁰.

Note-se a acutilância desta última escolha de palavras: ao declarar que não houve possibilidade de “diferenciação da vida”, Amato está a afirmar, sem hesitações, que a rejeição da cirurgia vai impedir a criança de vir a definir-se - ou como homem, ou como mulher - o que, de facto, a impedirá de viver uma existência devidamente diferenciada.

Uma última cura, esta, várias vezes parafraseada por autoridades ilustres, alude a um caso-limite de mudança explícita de sexo, potenciada em toda a sua plenitude, quando as condições de vida permitem ao transexual comportar-se como a pessoa que realmente sente ser. É a famosa Cura XXXIX, da II *Centúria*, com o título De Uma Rapariga Que Passou A Varão, em que se relata o seguinte:

«Em Portugal, na freguesia de Esgueira, a nove léguas de Coimbra, cidade ilustre, havia uma rapariga, fidalga, cujo nome, se não me engano era Maria Pacheca. Chegada à idade em que as mulheres costumam ter pela primeira vez a menstruação, em vez desta, principiou a aparecer-lhe e a desenvolver-se um pénis que até esse tempo estivera anteriormente oculto. Desta forma transitou de mulher ao sexo masculino, vestiu fato de homem e foi baptizada, com o nome de Manuel. Foi à Índia, tornou-se famoso e rico, e, ao voltar à pátria, casou. Ignoro, porém, se teve descendência. Todavia estamos cónscios de que ficou sempre imberbe»³¹.

Este relato alerta-nos, tranquilamente, para o conhecimento antigo destas condições e para o florescimento da identidade sexual preferida, quando o afastamento o permite. Na obra de Amato, não aparece escrito o termo transsexualidade, muito provavelmente uma potencialidade humana ainda não resolvida na época. A realidade existia. O contexto também. Mas o conceito não. No entanto, Amato encontra-o e refere-o, com frontalidade e detalhe, mesmo na ausência de palavras explícitas para denominar o fenómeno que descreve.

Sendo assim, a viagem, todas as viagens e por excelência a grande viagem global dos Descobrimientos, pode, de repente, revelar-se-nos como um factor irresistível da mais profunda das libertações sexuais em cada indivíduo, solto por fim das convenções familiares e sociais.

É com esta obra que a sexologia se define como matéria clínica, pela abundância de casos, pela naturalidade da sua apresentação — que ocorre ao lado de outras matérias que requerem a atenção do médico — e pela uniformidade da terminologia clínica usada, em tudo idêntica à utilizada para os outros casos.

Em suma, Amato Lusitano deve ser considerado como um sexólogo de pleno direito, dentro dos condicionalismos cognitivos do seu tempo. As *Centúrias* podem ser lidas como uma das primeiras obras médicas em que começam a esboçar-se os rudimentos da perturbação sexual, que mais tarde viriam a integrar-se na ciência actualmente identificada como sexologia clínica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arrizabalaga, Jon, Syphilis, (1993), *The Cambridge World History of Human Disease*", Cambridge: University Press, pp. 1025-1033.
- Bacic, Jurica; Vilovic, Katarina e Baronica, Koraljka Bacic, (2002), "The gynaecological-obstetrical practice of the renaissance physician Amatus Lusitanus (Dubrovnik, 1555-1557)", *European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology*, 104, pp. 180-185
- Bullough, Vern, "Sexual Deviance as a Disease" In *The Cambridge World History of Human Disease*, Cambridge: University Press, 1993, pp. 85-90
- Carmichael, Ann, "Disease of the Renaissance and Early Modern Europe" In *The Cambridge World History of Human Disease*, Cambridge: University Press, 1993, pp. 279-289.
- Conrad, Lawrence *et al.*, *The Western Medical Tradition 800 BC to AD 1800*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Correia, Maximino, J. O. Millar Guerra, L. Leibowitz, M. Pina, M. Menezes, José Dias, L. Glesinger, Caria Mendes e José Boléo, "Amato Lusitano: Miscelânea de Cartas e Documentos", *Estudos de Castelo Branco*, Castelo Branco; *Estudos de Castelo Branco*, 1968.
- Demaitre, L., The art and science of prognostication in Early University Medicine, *Bull Hist Med.* 2003, Winter, 77(4), pp. 765-88.
- Dictionary of History of Science, Editado por William F. Bynum, E. Janet Browne e Roy Porter, Pinceton: N. J., Pinceton University Press, 1984.
- Font Quer, P., *Plantas Medicinales – El Dioscórides Renovado*, Barcelona: Editorial Labor, S.A., 1990
- Front, D., The expurgation of medical books in sixteenth-century Spain, *Bulletin Of The History Of Medicine*, 2001 Summer, 75 (2), pp. 290-296.
- *Index Dioscorides, iohanne Roderico Casteli Albi Lusitano autore*, Antuérpia, 1536.
- Jorge, Ricardo, "Comentos á vida, obra e época de Amato Lusitano", Arquivo de História da Medicina Portuguesa, Lisboa, 1915.
- Jorge, R., *La médecine et les médecins dans l'expansion mondiale des portugais* In III Congrès Ind. D' Hist. Des Sciences, Lisboa, 1936
- Keller, A. G., Lusitanus, Amatus (Rodrigues, João) In *Dictionary of Scientific Biography*, vol. 8, 1973, pp. 554-555.
- Leite Cordeiro, J. P., "A terapêutica da sífilis desde o Mercúrio até a Penicilina, São Paulo: Tipografia Ideal – Irmãos Canton, 1948.
- Lemos, Maximiano, *Amato Lusitano e o seu tempo*. Conferência na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Porto, 30 p. in-4º, Porto: Tipografia de Artur José de Sousa e irmão, 1904.
- Lindemann, Mary, *Medicina e Sociedade no Início da Europa Moderna – Novas Abordagens da História Europeia*, Lisboa: Replicação, 2002, p.62.
- Lopes Dias, José, Terapêutica da Sífilis em Amato Lusitano, *Arquivos do Instituto de Farmacologia e Terapêutica Experimental*, 8º vol, 1946, pp. 1-29.
- Lopes Dias, José, *Dr. João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano. Ensaio Bio-Biográfico*, Lisboa: Congresso Da Actividade Científica Portuguesa, pp. 92-178
- Lvsitani, Amati, *Curatium Medicinalium centuriae septem, varae multiplicique rerum cognitione referte; quibus praemissa est commentatio de introitu medici ad agrotantem, deque crisi et diebus decretoriis*, Bordéus, 1620.
- Lusitano, Amato, *Centúrias de Curas Mediciniais*, Tradução de Firmino Crespo, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1980.
- Pardo Tomás, José; López Terrada, Maria Luz, *Las Primeras Noticias sobre Plantas Americanas en las relaciones de Viages y Crónicas de Indias (1493-1553)*, Instituto De Estudios Documentales e Históricas sobre La Ciencia. Valência: Universitat De Valência, 1993.
- Peset, M. e J.L., *El aislamiento científico español i través de los Indices del inquisidor Quiroga de 1583 e 1584*, *Anthologica Annu*, 16, pp. 25- 41, 1968; Front, D. The expurgation of medical books in sixteenth-century Spain. *Bull History of Medicine*, 001. 75 (2): pp. 290-296.
- Pinto-Correia, Clara, *Ovário de Eva*, Lisboa: Relógio D' Água, 1998.
- Pinto-Correia, Clara, *O Mistério Dos Mistérios*, Lisboa: Relógio D' Água, 1999.
- Pinto-Correia, Clara, *O Testículo Esquerdo*, Lisboa: Relógio D' Água, 2004
- Rodrigues, I. T. *Amato Lusitano E As Problemáticas Sexuais – Algumas contribuições para uma nova perspectiva de análise das Centúrias de Curas Mediciniais*. Tese de Doutoramento apresentada na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Dezembro de 2005.
- Rothenberg, Richard, *Gonorrhea In The Cambridge World History of Human Disease*, Cambridge: University Press, 1993, pp. 756-763
- Siraisi, Nancy, *Medieval & Early Renaissance Medicine - Na Introduction To Knowledge And Practic*, Chicago: University Of Chicago Press, 1990.
- Vesálio, A, *De Humani corpori fabrica* (conhecida por *Fabrica*), Basileia, 1543.

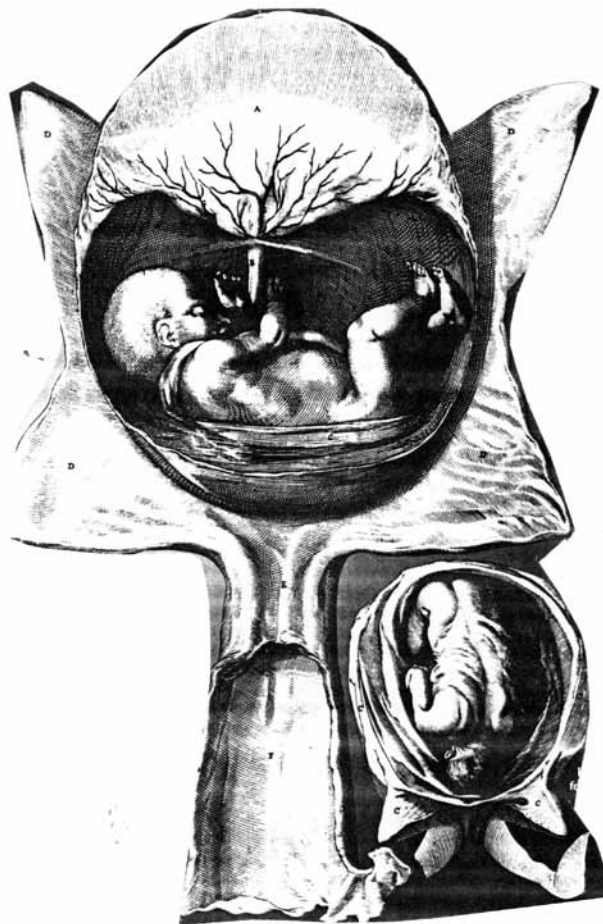
NOTAS

- 1 - Integra uma investigação mais ampla, no âmbito de uma Dissertação de Doutoramento. Rodrigues, I. T., Amato Lusitano e as Problemáticas Sexuais – Algumas contribuições para uma nova perspectiva de análise das *Centúrias de Curas Mediciniais*. Orientada pela professora Doutora Clara Pinto Correia e pelo Professor Doutor José João Bianchi
- 2 - Lvsitani, Amati, *Curatium Medicinalium centuriae septem, varae multiplicique rerum cognitione referte; quibus praemissa est commentatio de introitu medici ad agrotantem, deque crisi et diebus decretoriis*, Bordéus, 1620.
- 3 - A obra as *Sete Centúrias de Curas Mediciniais* foi publicada num só volume, em 1580, em Léon, já Amato tinha falecido. Depois de uma longa espera, as *Centúrias* foram finalmente traduzidas para Português, por Firmino Crespo, professor de Latim e Português no ensino secundário de Portalegre. Foi publicada em 1980, numa edição, em 4 volumes, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa .
- 4 - *De Humani corpori fabricas* (conhecida por *Fabrica*), publicada em Basileia, em 1543.
- 5 - VI Centúria, Cura L, p. 83.
- 6 - VI Centúria, Cura L, p.83
- 7 - Esta questão sobre qual seria o primeiro órgão a formar-se levou a grandes discussões até ao século XVIII. Uns defendiam que o coração seria o primeiro órgão a formar-se, desenvolvendo-se o organismo a seguir, ou seja, do centro para a periferia, os de opinião contrária, que diziam que o desenvolvimento se operava da periferia para o centro.
- 8 - VII Centúria, Cura XXXV, p. 257.
- 9 - Idem
- 10 - I Centúria, Cura LXX, p. 199.
- 11 - I Centúria, Cura XXXIV, p. 145.
- 12 - V Centúria, Cura LXXXVII, p. 282.

13 - I *Centúria*, Cura XLIX, p. 168.
14 - IV *Centúria*, Cura IV, p. 23.
15 - Idem
16 - I *Centúria*, Cura XCIX, p. 242.
17 - Idem
18 - III *Centúria*, Cura LXV, p. 275.
19 - V *Centúria*, Cura X, p. 188.
20 - Índex Dioscorides.
21 - V *Centúria*, Cura XXV, p. 208.
22 - V *Centúria*, Cura LI, p. 235.
23 - I *Centúria*, Cura LX, p. 176.

24 - V *Centúria*, Cura LXXXIII
25 - VI *Centúria*, Cura XCV, p. 154.
26 - VI *Centúria*, Cura XCVII, p. 159.
27 - VI *Centúria*, Cura XCVII, p. 157.
28 - Idem
29 - I *Centúria*, Cura XXIII, p. 117.
30 - Idem
31 - II *Centúria*, Cura XXXIX, p. 85.

* Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD),
Vila Real



Desenvolvimento embrionário, in *De Formato Foetu* de Girolano Fabrici (1533-1619).

A CRIANÇA NO TEMPO DE AMATO LUSITANO, UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DAS CENTÚRIAS DE CURAS MEDICINAIS

João-Maria Nabais *

Preâmbulo

“Houve povos sem médicos¹ mas nunca houve povos sem Medicina²” (Plínio)

Tal como é exposto e de igual modo sublinhado, na palestra inaugural por mim proferida em 2007, nas XIX Jornadas de Medicina da Beira Interior, subordinada ao tema *A Criança - aproximações várias sob o ponto de vista histórico*, aí destaco o papel subalterno e periférico que, historicamente, a criança sempre deteve na família e na sociedade, independentemente da classe social donde provinha.

Desde sempre e quase até aos nossos dias, a criança e toda a infância, no geral, não eram verdadeiramente úteis nem relevantes para o social da vida quotidiana. Havia uma anulação tácita da infância. A criança seria um pequeno adulto em fase de transição, sendo tratada como tal - um ser imperfeito, sem identidade que depressa se haveria de transfigurar. Vestiam-nas como adultos sendo inseridas sem restrições no *mundo dos crescidos* podendo participar e colaborar, de igual modo, nas cerimónias e ritos envolvendo a morte, com os adultos. As tarefas domésticas instituíam uma forma comum de educação e trabalho iniciático para ricos e pobres nos caminhos da vida. O conceito de criança bem-educada não existia no século XVI pela possibilidade tácita aceite dos castigos corporais.

A infância era uma curta etapa da existência, sem grande valor aquisitivo para o comportamento e subsistência familiar, encarada como uma vida em

suspensão ou de uma morte pré-anunciada, sendo apenas inevitável, a criança imaginada como ser sem alma, tornar-se o mais cedo possível adulta³,

e assim, valer-se a si própria, se entrementes não desaparecesse pelos motivos mais dispares: morte natural, infanticídio, inanição, incúria, desleixo, abandono, inércia afectiva e moral por parte dos pais e família, epidemias ou outro tipo de acidentes e maus-tratos. As taxas de mortalidade infantil eram elevadíssimas. A morte dos filhos era encarada naturalmente, sem angústia nem tristeza, quase como uma fatalidade

divina do destino. Era frequente, certos pais, persistirem na atitude medieval de grande indiferença pela idade, ao oferecerem os filhos como promessa ao diabo.

Só a partir dos séculos XVII e XVIII, o colégio irá dedicar-se de modo especial à educação e formação dos jovens, através das autoridades eclesiásticas, homens de lei e pelos recém-chegados, reformadores moralistas.

A Medicina é tão antiga como a natureza humana, assim desde sempre acompanha a his-



A criança no ritual da morte



Afonso X (Cantigas de St.ª Maria)
Representação dum infanticídio

A Medicina no século XVI

“... Costuma prometer-se o mundo inteiro aos médicos, acabada porém a doença, imediatamente se esquece o médico (Cent. II, Cura LIII)

tória da humanidade, já que o seu objecto de estudo primacial é o Ser Humano. A sua gesta começa com o primeiro Homo sapiens (trad. linear *homem sábio*), a vaguear nos alvares da Pré-história. Cedo, a contingência das circunstâncias do meio onde vive e se insere a própria vida, a doença e a inevitabilidade da morte, acompanham a Humanidade e a sua presença no planeta Terra, com o seu cotejo de avanços, recuos, descobertas, terapêuticas, curas milagrosas, tendo por última finalidade, o cuidar para aliviar a dor da pessoa enferma ou portadora de alguma deficiência incapacitante. Por fim e no limite, ao conseguir-se evitar no imediato todo e qualquer sofrimento, tenta-se proporcionar bem-estar de modo a obter, uma melhor qualidade de vida.

Ao longo dos tempos, a medicina tem evoluído, apoiada em novos conceitos e conhecimentos. A medicina mágica, religiosa e empírica foi sendo gradualmente substituída por uma medicina, dita científica, caracterizada por uma atitude de entender, explicar e procurar soluções, com a preciosa ajuda da observação e da experiência.

A profissão médica no século XVI compreendia três classes: em primeiro lugar, os médicos que possuíam melhores conhecimentos teóricos, usavam o latim em seus escritos e consideravam-se a elite da profissão. A seguir vinham os cirurgiões que tratavam feridas e traumatismos externos, faziam amputações, praticavam a talha (operação cirúrgica também chamada litotomia e cistotomia) para tratamento da litíase vesical, lancetavam abscessos e usavam o cauterio. Por último, os cirurgiões-barbeiros que realizavam sangrias ou flebotomias, aplicavam sanguessugas e ventosas, barbeavam os seus fregueses e, por vezes, concorriam com os cirurgiões, abrindo abscessos e fazendo curativos.

A proibição da dissecação de cadáveres, nas três religiões monoteístas (cristã, muçulmana e judia), não permite o desenvolvimento dos conhecimentos e técnicas cirúrgicas que durante muitos séculos, se restringiram aos ensinamentos greco-romanos.

Durante mais de mil anos, desde os tempos idos do espírito científico helénico - que vai perdurar até mais tarde na escola médica de Alexandria -,



Botica (atendimento médico-religioso sec. XVI)

não haverá mais investigação nem arte anatómica.

Parecia ao homem que a descoberta do próprio corpo, a estrutura dos órgãos, e as respectivas funções lhe era proibido, sustentando a crença que os mortos deviam aparecer incólumes perante o Deus supremo, no dia do Juízo Final. Ninguém ousava conhecer o homem através de si próprio.

Mas com o humanismo da Renascença, a Medicina avança com toda a objectividade da observação, tornando prioritário o estudo do corpo e do comportamento humano, preocupando-se desde logo com a saúde do paciente e as doenças que cronicamente, o afligem. A Anatomia e a Cirurgia, até aqui ensinadas em conjunto, a partir de 1570 tornam-se disciplinas autónomas. Aos poucos, começa-se a pôr em casa os autores clássicos. Com o desenvolvimento das universidades, a prática médica encontra nelas aquele refúgio que vai possibilitar uma evolução pacífica e segura.

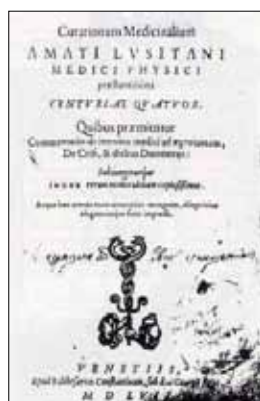
O Renascimento médico vai ter como principais expoentes: Paracelso (1493-1541), Andreas Vesálio (1514-1564), Ambroise Paré (1517-1590), William Harvey (1578-1657).

Resumindo, a medicina dos séculos XV, XVI e XVII caracteriza-se pelo primado da razão científica, fundamentado na experiência e no espírito crítico. A invenção da imprensa vai contribuir, para o desenvolvimento da medicina na Época Moderna, tornando acessível a muita mais gente todos os novos conhecimentos, pelos muitos livros agora escritos nas diversas línguas - em vez do tradicional latim -, libertando assim a Nova Ciência dos velhos copistas monásticos.

Começam a surgir publicações nas áreas da Obstetrícia e da Pediatria, como a obra inglesa de Thomas Phayre - *Book of children* - e a obra italiana *De morbis puerorum* (Sobre as doenças das crianças).



Dioscoridis Anazarbei. Veneza 1558



Centúrias

As Centúrias de Curas Mediciniais

João Rodrigues Castelo Branco, *Amatus Lusitanus* (como ficou conhecido para a posteridade), nasce em 1511⁴ em Castelo Branco. O sobrenome Amatus que vai usar em todas as suas obras, excepto no *Index Dioscorides*, pode-se ponderar como a tradução latina do nome hebraico de família, *habib*=querido, dilecto (ver Jewish Encyclopedia).

Dois anos após a saída definitiva de Portugal, publica em Antuérpia - 1536, a sua primeira obra impressa em latim, o *Index Dioscorides*, reconhecido trabalho sobre simples e drogas, a única assinada com o nome de nascimento e dum possível baptismo - Ioanne Roderico Castelli albi Lusitano autore -, Excudebat Antuerpiae Vidua Martini Cæsaris, MDXXXVI. Logo, aqui inicia os *Comentários a Dioscórides* (In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quique enarrationes eruditissimae) - tarefa de maior fôlego publicada em Veneza no ano de 1553 – Venetiis: ex officina lordani Zilleti, tendo sido um dos

primeiros comentaristas a fazê-lo no século XVI.

As *Sete Centúrias de Curas Médicas*, é a maior e mais célebre obra de Amato dividida em sete volumes, são um repositório valioso baseado nos seus estudos e observações médico-cirúrgicas de casos clínicos, terapêuticas, conselhos e práticas médicas, reveladoras da Arte Médica, do século XVI, em Portugal e na Europa.

As *Centuriae Medicinalis*, iniciadas em 1546 por Amato Lusitano quando exercia a cátedra de Medicina, em Ferrara⁵ (governada pela família dos Este), ao mesmo tempo que o célebre anatomista Giambattista Canano (1515-1579), são um texto referencial clássico de História da Medicina, baseado nos preceitos e na tradição médica dos mestres: Hipócrates (460-377 a.C.), Galeno (c.129-199/200) e do mais próximo discípulo deste Avicena (980-1037) que Amato, a todos enaltece e adoptará como paradigmas a seguir, quase escrupulosamente, na prática medicinal vigente no seu tempo.

Cada Centúria (do latim *centuria*) é uma colectânea de uma centena de casos clínicos (ou Curas), enumerados e ordenados individualmente com um título sugestivo correspondente. Cada uma das Curas é na sua maioria acompanhada de uma adequada identificação do doente, com nome, idade, sexo, profissão e local de origem ou residência. Com ajuda de uma efectiva anamnese sobre o passado do paciente, Amato descreve a evolução da enfermidade e a sintomatologia, referindo ao pormenor a terapêutica instituída, assente por norma, em meticolosos e complexos receituários empregues nas prescrições e na dietética.

A maioria das curas é seguida por um comentário, mais ou menos extenso, a legitimar a conduta das ideias e procedimentos, apoiados em citações de autores de referência tanto antigos como coevos. Amato é um exemplo acabado de alguém que possui domínio largo da literatura médica, num constante propósito de aperfeiçoamento e actualização.

A 1.^a Centúria foi terminada em Ancona 1 de Dezembro de 1549; a sua edição *princeps* sai nos prelos de Florença em 1551, dedicada ao ilustre príncipe da Toscana, Cosme de Médicis. A impressão da 7.^a e última Centúria, é completada por um testamento espiritual, o famoso *Juramento*, já em Salónica, em 1561, sete anos antes do seu padecimento durante

uma epidemia de peste que grassava na cidade, ao tempo sob o domínio turco-otomano.

Uma abordagem que muito pouco tem sido referenciada, em muitas das monografias a ele dedicadas, é a natureza do temperamento de Amato que seria cordial, disponível, colaborante, tal como se lê na Cura XVI, Cent. II (*“encetado o trabalho mantivemos a ordem seguinte que não custa trazer a público, para que depois outros tenham um guia ao curarem semelhantes afecções”*); por vezes seria leal e sincero (como é ex. a defesa que faz dum colega de nome Calaphurra que matou involuntariamente, a filha de oito anos, do famoso Mestre Leão Hebreu, Cura XIX: Cent. II), nunca perdendo de vista a deontologia e responsabilidade ética da ciência médica ao revelar-nos na Cura LXXV: Cent. V (*“depois de ter sido tirado sangue, a doente começou a sentir-se melhor e no espaço de quatro dias ficou liberta de tão grande e tormentosa fúria, não sem a admiração de todos e enorme glória da ciência médica”*). Repare-se que celebra e dedica o êxito alcançado, à ciência médica sem se referir à sua própria pessoa.

Muitas vezes trata de igual modo vários elementos da mesma família, como actualmente faz, o verdadeiro médico de família.

Também com alguma humildade e contenção citava que *em breve a doença seria vencida pela vitória da natureza*.

A criança no tempo de Amato Lusitano: curiosidades terapêuticas, crenças, superstições, paradoxos & demais tribulações

“... perdi dois filhos pequenos, não sem tristeza, mais sem desespero ...” (Montaigne)

A criança é ainda vista pouco mais do que, *gritos, sujidade, aborrecimentos e ansiedade*, levando a um crescente abandono infantil por exposição pública ou à benemérita assistência hospitalar aos enjeitados. Muitas vezes é apresentada como a alma de um moribundo sob a forma de uma criança que sai da boca do falecido para que Deus o receba.

Contudo Amato Lusitano, não diferencia nas suas reflexões e descrições cuidadas sobre a Anamnese de cada paciente, uma nomenclatura específica tendo em conta a idade do doente, isto é, o discurso de escrita usado para descrever a doença e a terapêutica utilizadas nas crianças, sobrepõem-

se na generalidade, a todos os outros, não havendo um fraseado próprio. Novamente, não há diferença nem no estilo nem no vocabulário, entre os pequenos e os grandes. Com a sua argúcia e perspicácia Amato contorna o problema, referindo sempre a idade de todos eles.

Exponho sucintamente, as várias abordagens terapêuticas habituais nas Curas em Amato, mesmo quando se trata de crianças ou adolescentes (do lat.



Crianças na companhia de adultos
- cena de apedrejamento de um indigente expulso da cidade

adolescente-, part. pres. de *adolescère*, “crescer”):

- Cataplasmas (FARMÁCIA: massa medicamentosa, rubefaciente, que se aplica sobre a pele), cautérios (Cent. III: Cura XXII - *de uma apoplexia sobrevinda após tiro de bombardas*), clisteres, decoctos (cozimentos), dietas, infusões, fumigações, fricções (ungir), remédios alterantes (unguentos, linimentos, purgantes e fortificantes), escarificações e sangrias, tópicos, ventosas às costas, ombros e nádegas (Cent. IV: Cura LXII; Centúria VI: LXXV), vomitórios, xaropes, etc..

- Sanguessugas às veias do ânus (hemorróidas) (Cent. III, Cura LI; Cent. IV: Curas VII, LXII), mastigatórios, errinos, águas termais, etc..

- Propõe o uso regular de vinho⁶, na terapêutica adjuvante em crianças, tal como os clássicos, Galeno e Avicena. Ver (Cent. II: Curas XIV; XVI; XXIII; Cent. III: Curas XXX, XCI; Cent. VI: Cura XXVI; Cent. VII: Cura XLVII. Por vezes, Amato interdita o vinho, visto que é muito prejudicial às crianças e enche a

cabeça de fumos: Centúria VI: Cura V – “de um menino que falava mas que ficou mudo depôs, por lhe ter sobrevivido uma terrível doença”.

- Cuida do tratamento da enurese (Cent. VI: Cura XCV – “de um remédio para os que urinam durante a noite”) e de outras afecções urinárias: Curas LVIII, XCI (“de pedra contida no meato da virga de que surgiam sintomas graves”).

- Óleo de escorpião (Cent. IV: Cura X; Cent. VI: Curas XII, XXXI)

- Sarna, termo por si empregue a toda afecção ou moléstia da pele.

Crenças e superstições: Centúria VI: Cura II (“de uma criança disentérica, curada com um remédio tópico” - epíloon de carneiro castrado aplicado na barriga, remédio especial, Cura V (“... com efeito, foi-lhe aplicado à nuca um laço com o qual as humidades supérfluas da cabeça têm sido cuidadosamente extintas. Por isso ele começou a falar...”).

Astrologia (a suposta arte de ler nos astros o futuro e o destino): Cent. VI: Cura XLV – “... aconteceu que no sétimo dia da doença o Sol ficasse em conjugação com a Lua. Nesse dia tivemos grande

receio por este rapaz, mas com a graça de Deus Omnipotente o jovem resistiu ...”; Cent. IV: Cura: LX-XII (“de mulheres parturientes”) – “... os astrólogos ajuntam a estas outra razão tirada dos planetas ...”.

Religião: os muitos casos que refere, na observação de pessoas da sua estirpe e raça, especialmente, na última centúria, Cent. VII: Cura LXXXII.

Sangrias e escarificações:

Centúria II: Curas XVI, XIX, LVIII, LXXIII; XCVI
 Centúria III: Curas XV, XVI, XVII, XXII, XXVI, LXIX, XCVIII
 Centúria IV: Cura I, LXII, LXVIII
 Centúria V: Cura XXXV, LII, LXXV, LXXXV
 Centúria VI: Curas XXVI, LXXV
 Centúria VII: Curas XXXIV, XLV, XLIX, LXXXII

Amato revela preocupações obstétricas para com o recém-nascido durante o parto e a amamentação: Cent. VI: Cura XXI – “de remédios que aceleram o parto” - “com efeito assim que espirrou, expôs a criança e não permitimos nunca que as parteiras usassem algo violento com as mãos, conforme é o seu costume, visto que por causa dessa violenta actuação se originam muitos males e afecções defeitantes”.

Os filhos nos primeiros anos de vida especialmente das elites, ficavam fora do círculo familiar, quase esquecidas, entregues a outras mulheres normalmente de classe social inferior: as amas de leite. A ama-de-leite (hábito antigo e frequente em várias culturas e sociedades) tradicionalmente amamenta as crianças alheias, filhas de outras mulheres quando a mãe natural não o deseja ou está impossibilitada de o fazer.

Amato demonstra alguns cuidados com as amas-de-leite (Cent. VI: Curas II, VII, XII), preocupando-se tanto com aspecto, como pela consistência do leite de ama, tendo estas de ser sujeitas por vezes a atitudes dietéticas e terapêuticas apropriadas durante o período da amamentação.

Avaliações do foro da psique, segundo Amato: Cent. VI: Cura XIII, “em que se refere o caso extraordinário de um rapaz que por temor, teve morte breve” - “... sabem que os males do espírito são mais graves que os do corpo. Donde conclui que deve haver o maior cuidados com esses males. Com efei-



Iluminura (Homem Anatómico)



A criança, a alma dos mortos

to os males do espírito produzem estranhas alterações no corpo humano, principalmente o pavor e o temor...”.

A homossexualidade latente em Amato: Cent. IV: Cura IX – (“... Um amigo deste, um jovem muito robusto, obeso, carnoso e musculado...”); Cent. VI: Cura XCV – “de um remédio para os que urinam durante a noite” - “apareceu a consultar-me um jovem dalmata, de bela aparência física, mas com ar triste e melancólico, dizendo que preferia morrer do que sofrer defeito como este”); Cent. VII, Cura XXXIII – (“... Por esta época Sadich Lanio, um robusto rapaz que se poderá chamar atleta ...”).

Paradoxos na terapêutica em relação a um dos seus alter-egos, Galeno

No século XVI, o saber médico valorizava (como ainda hoje, a observação e a História Clínica), segundo os ensinamentos de Hipócrates (460-377 a.C.), Dioscoridis (40-90), Galeno (130-200), como o refere na Cent. II: Cura XIX (“... é por isso que o médico seja versado nos ensinamentos de

Galeno, visto que é muito fácil encontrar nele tudo o que pode deparar-se-nos ...”, e Avicena (980-1037).

- Galeno ao contrário de Amato contra-indicava o uso terapêutico generalizado de vinho nas crianças, como panaceia ou electuário (medicamento composto de várias drogas misturadas com mel ou açúcar).

- Galeno aplicava cedo a perfuração das pápulas e pústulas no sarampo e na varíola, (Cent. III: Cura XXI, 207), o que não sucede com Amato.

- Contra os preconceitos de Galeno que receava tirar sangue pela secção das veias antes dos catorze anos, (Cent. VII, Cura XLIX). Amato, diz também, “... a sangria por secção da veia é útil às crianças atacadas de doenças agudas e muito graves e executamo-las sem medo quase todos os dias ...”. na Cent. IV: Cura LXII (“de febre continua maligna, com exantema, chamada pulicária”7).

• Rol de Curas⁸

I Volume - Centúria I Centúria I⁹ - (21 casos)

- Cura I (p. 57) – curativo de uma mordedura de víbora, 15 ♀
- Cura X (p. 83) – febre sanguínea, 7 ♀
- Cura XV (p. 93) – da supressão da menstruação e exantemas pelo corpo, 18 ♀
- Cura XVII (p. 103) – ulceração da boca, aftas, *alcholas*, 4 ♂
- Cura XVIII (p. 105) – ulcerações da boca, e da escarificação de pernas e braços, 4 ♂
- Cura XIX (p. 106) – da redução do crânio, antes fora ferido e plicado ♀
- Cura XXIII (p. 117) – glande não aberta e sem vestígio aparente de abertura, 2 ♂
- Cura XXXVI (p. 152) – de apoplexia e paralisia, chamada relaxamento de nervos, 11 ♀
- *Cura XXXVII (p. 153) – duma rapariga febricitante, curada por um fluxo de sangue do nariz, 10 ♀
- Cura XXXIX (p. 155) – do perigo originado pela ingestão de cogumelos, 18 ♀
- Cura XL (p. 157) – de angina e ninho de andorinha, 17 ♂
- Cura XLIV (p. 162) – de um rapaz que soltava gemidos a dormir, 12 ♂
- Cura LI (p. 169) – duma criança que nasceu com um corno na cabeça, 12 ♂
- Cura LVI (p. 177) – de lombrigas e outros sinais que pressagiam a morte, 6 ♀
- Cura LXIX (p. 198) – dum tumor aquoso que quase sempre aparece em cabeças de crianças logo ao nascer, 15 dias
- Cura LXXI (p. 200) – dum menino que sofria de disenteria, 30 meses ♂

- Cura LXXIV (p. 202) – duma chaga que consumia a garganta, 11 ♂
 Cura LXXXVIII (p. 207) – de terçã contínua, 18 ♂
 Cura LXXXII (p. 211) – de certos sintomas da boca, depois de comer arruda, 18 ♀
 Cura LXXXIV (p. 214) – duma luxação vertebral da espinha, dos sintomas e da composição dos ossos, 8 ♀
 Cura XCII (p. 227) – duma antiga erosão do estômago, catarro da cabeça, tosse seca e forte e doutras coisas que levaram a doente à morte, 17 ♀

II Volume – Centúrias II e III
 Centúria II¹⁰ - (27 casos)

- Cura II (p. 19) – trata duma fractura occipital, 6 ♂
 Cura VI (p. 23) – criança atacada de mal comicial que chamamos epilepsia, 9 ♂
 Cura XI (p. 34) – de um doente que por uma queda não podia reter as urinas, 9 ♂
 Cura XIV (p. 36) – de catalepsia (*catalepsis*), isto é congelação (*congelatio*), 5 ♂
 Cura XV (p. 38) – de uma cátocho, isto é, letargia vigilante ou doença de sono vígil, 18 ♀
 Cura XVI (p. 41) – de um indivíduo que tendo sido curado de sarna com um linimento..., 5 ♂
 Cura XIX (p. 45) – de um que caiu dumas escadas de pedra e ficou sem movimentos na perna e no braço esquerdos, 5 ♂
 Cura XXIII (p. 52) – de tratamento de vermes
 Cura XXIX (p. 60) – de líquen ou impingem, 12 ♂ (unguento com *Pb*)
 Cura XXXIII (p. 75) – de um indivíduo que por haver aplicado unguento (misturado *c/ As*) à sarna, faleceu durante a noite, 5 ♂
 Cura XXXVII (p. 80) – de herpes miliar, 8 ♂
 Cura XXXIX (p. 85) – de uma rapariga que passou a varão, 5 ♀
 Cura XL (p. 86) – de um rapaz que defecou uma vesícula cheia de vermes, 4 ♂
 Cura XLI (p. 86) – de vermes e do sinal letífero (que produz a morte, letal), 5 ♀
 Cura XLIII (p. 87) – se a teriaga se poderá dar confiadamente às crianças, 5 ♂
 Cura XLVI (p. 101) – da disenteria biliosa tratada com água gelada, 5 ♂
 Cura XLIX (p. 105) – de uma rapariga que sofria de fluxo do ventre, 16 meses ♀
 Cura LIII (p. 107) – de uma rapariga que morreu por causa de uma disenteria mal curada, 10 ♀
 Cura LVII (p. 114) – dum rapaz atacado de mania, 16 ♂
 Cura LVIII (p. 116) – de um rapaz continuamente febril que só se curou com a escarificação das pernas, 9 ♂
 Cura LXV (p. 122) – de um garoto que, de haver tomado arsénico, morreu passado um ano, 12 ♂
 Cura LXIX (p. 127) – de um garoto que engoliu uma moeda de cobre, 8 ♂
 Cura LXXI (p. 128) – de um enterocelo, ou hérnia intestinal, 8 ♂
 Cura LXXIII (p. 135) – de uma chaga crostosa que infeccionava a face e as orelhas, 16 ♀
 Cura LXXVI (p. 140) – de uma rapariga atacada sub-repticiamente de dupla terçã contínua e a quem sobreveio a caros ou mal de letargia que os árabes chamam *subet*, 14 ♀
 Cura LXXX (p. 143) – de um menino atacado de febre diu-

- turna (longa duração, vivaz, resistente), 5 ♂
 Cura XCVI (p. 155) – de um rapaz de oito anos continuamente febril a quem se incisou a veia do braço e ficou bom, 8 ♂

Centúria III¹¹ - (26 casos)

- Cura IX (p. 182) – da queda de um garoto, 8 ♂
 Cura XIV (p. 195) – duma mordedura de víbora, 8 ♂
 Cura XV (p. 195) – de varíola e sarampo, chamados exantemas e dos sintomas que precedem a sua aparição, 6 ♂
 Cura XVI (p. 199) – de um sintoma aparecido antes da varíola, 5 ♂
 Cura XVII (p. 200) – de uma criança continuamente febril e caída depois em varíola, 16 meses ♂
 Cura XVIII (p. 201) – de uma varíola serpentina que só corria a pele e as suas designações, 8 ♂
 Cura XIX (p. 206) – de uma criança que durante três dias teve os olhos fechados por causa da varíola, 8 ♂
 Cura XXI (p. 207) – de uma criança achacada de varíolas bravas e grandes, 8 ♂
 Cura XXII (p. 208) – de uma apoplexia sobrevinda após tiro de bombarda, 5 ♂
 Cura XXVI (p. 212) – de uma mulher grávida continuamente febril, 17 ♀
 Cura XXX (p. 216) – de uma terrível dor de cólica complicada com cólera-morbus, 17 ♀
 Cura XXXIX (p. 232) – de febre expulsa com purgante minorante, 18 ♂
 Cura XLI (p. 239) - de um rapazito que caiu de uma janela e morreu passados três dias, 9 ♂
 Cura XLII (p. 240) – de um ferimento na cabeça e da razão por que sendo contusa uma parte a outra pode ficar lesada, 12 ♂
 Cura L (p. 261) – de angina numa criança, 1 ♂
 Cura LI (p. 262) – de uma febre aguda, maligna, mortal em que a urina sempre se apresentou boa, 11 ♂
 Cura LVII (p. 267) – de um monstro (1552), 6 ♂
 Cura LX (p. 270) – cura de epíloon, 8 ♂
 Cura LXIII (p. 274) – de uma antiga dor de cabeça ou cefaleia curada pelo aparecimento de uma febre contínua, 14 ♂
 Cura LXIX (p. 286) – de uma pleurite, 17 ♀
 Cura LXX (p. 287) – de exantema, *morbus pulcaris*, que irrompeu sem febre numa criança
 Cura LXXXVI (p. 305) – de *citta*, isto é, doença *pica*, que os médicos chamam também *malákia*, (moleza), 12 ♀
 Cura XC (p. 319) – de disenteria contagiosa e pestilente, 8 ♂
 Cura XCI (p. 320) – de um garoto com a cara inchada sem causa manifesta, 8 ♂
 Cura XCVI (p. 331) – de febre lenta, 10 ♂
 Cura XCVIII (p. 334) – de sintomas surgidos antes da primeira manifestação de menstruação, 15 ♀

III Volume - Centúrias IV e V
 Centúria IV^{12,13} - (14 casos)

- Cura I (p. 15) – em que se trata de inflamação do fígado com tosse, escarros de sangue e outros sintomas, 12 ♂
 Cura VII (p. 25) – de icterícia sem febre, 10 ♂
 Cura X (p. 32) – de retenção de urina, 8 ♂
 Cura LVII (p. 105) – de uma rapariga com febre contínua, com vários sintomas, a que se seguiu a morte, 15 ♀
 Cura LVII (p. 106) – de *choirades*, isto é, escrófulas e também de nodosidades)

Cura LX (p. 108) – de uma cura de vermes, 3 ♂
 Cura LXII (p. 110) – de febre contínua maligna, com exantema chamada pulicária, 6 ♂
 Cura LXVIII (p. 116) – de lipitude ou oftalmia, isto é, inflamação do branco ocular com dor no próprio olho e parte da testa, 17 ♀
 Cura LXXII (p. 124) - de mulheres parturientes
 Cura LXXIII (p. 126) – de erisipela ulcerosa que apanhava a face e toda a região do olho direito, 12 ♀
 Cura LXXXII (p. 132) – de um rapazito que sofria de uma obstrução na parte côncava do fígado e de icterícia, 5 ♂
 Cura LXXXIV (p. 135) – de hérnia aquosa, 10 ♂ †
 Cura XCII (p. 144) – como atrair o leite para os peitos
 Cura C (p. 155) – onde se ensina como um rapazito canhoto, isto é, com mais agilidade na mão esquerda, de modo nenhum pode ser trazido ao uso da mão direita e ao mesmo tempo do peso dos ossos humanos e do coiro humano, 4 ♂

Centúria V^{14,15} - (17 casos)

Cura VII (p. 184) – cura de lombrigas, 4 ♀
 Cura VIII (p. 186) – de *talpa* ou *talpária*, isto é, de um tumor com corrupção do crânio que é lícito reduzir às milecérias, ateromas ou esteatomas, 8 ♂
 Cura XX (p. 204) – de febres consequentes, ditas *choraidas*, isto é, estrumas, escrófulas vulgares que mataram o doente, 14 ♂ †
 Cura XXXV (p. 225) – de afiltiva febre contínua, terminada em sarampo, 10 ♂
 Cura XLV (p. 204) – de micção de sangue, por causa de uma queda, 8 ♀
 Cura XLVI (p. 204) – de vermes, ♀ †
 Cura LII (p. 236) – de um rapaz continuamente febril, sofrendo à volta do peito de uma dor com difícil respiração, 15 ♂
 Cura LIII (p. 236) – de desfazer nébula dos olhos, 12 ♀
 Cura LIV (p. 237) – de um rapaz que urinava negro; não tinha febre mas sofria de grande ulceração escabiosa da cabeça e do pescoço, 15 ♂
 Cura LXIII (p. 244) – de uma criança que sofria de um tumor grande e muito duro na occípüt, de que lhe sobreveio uma paralisia morrendo pouco depois, 2 ♂ †
 Cura LXXV (p. 263) – em que se trata de uma doença muito grave e cruel que atacava o doente duas, três e mais vezes por dia, tão terrivelmente que mulherzinhas assistentes julgavam que ele estava atacado de espírito maligno, 18 ♀
 Cura LXXX (p. 273) – de crostas que apanhavam a cabeça de um rapaz e desciam até aos olhos, r/n ♂
 Cura LXXXII (p. 275) – de aftas, ♂
 Cura LXXXV (p. 278) – de um rapaz mordido por um cão que acompanhava constantemente uma carreta, 12 ♂
 Cura XCI (p. 286) – de um rapazito que morreu por ter ingerido (comido) cal viva, 8 ♂
 Cura XCIII (p. 287) – de um remédio muito bom contra dores e cólicas na disenteria
 Cura XCVIII (p. 291) – de um rapaz que morreu por ter bebido cicuta, 12 ♂

IV Volume - Centúrias VI e VII

Centúria VI^{16,17} - (18 casos)

Cura II (p. 13) – de uma criança disentérica, curada com um remédio tópico, 6/8 meses ♂ (crença, superstição)
 Cura III (p. 14) – de uma doença horrível e cruel em que o doente expulsou trezentos vermes de tamanho normal, 11 ♂ †
 Cura V (p. 17) – de um menino que falava mas que ficou mudo depôs, por lhe ter sobrevivido uma terrível doença, 5 ♂ (crença, superstição)
 Cura VII (p. 22) – de lienteria (MEDICINA - diarreia em que os alimentos são evacuados antes de completamente digeridos), vinte meses ♂
 Cura IX (p. 23) – de um rapazito que caiu de uma janela, 4 ♂
 Cura XI (p. 25) – de um menino atacado de disenteria, 3 ♂
 Cura XII (p. 25) - de um menino que não podia urinar, 6 meses ♂
 Cura XIII (p. 26) – em que se refere o caso extraordinário de um rapaz que por temor, teve morte breve, 14 ♂
 Cura XXI (p. 41) – de três irmãozinhos atacados da mesma doença, 2, 4 e 6, ♂
 Cura XXXIV (p. 51) – de um rapaz que caía muitas vezes em febre por causa de obstruções com vermes e do mau regime de vida, 8 ♂
 Cura XLV (p. 70) – de um indivíduo atacado de febre contínua, maligna e de mau comportamento, em que durante vários dias a urina aparecia muita negra, mas depois entrou em convalescença, 12 ♂
 Cura XLIX (p. 78) – de uma rapariga que sofria de certo estranho vômito de sangue vomitando tudo o que comia, 15 ♀
 Cura LVIII (p. 95) – de ardor urinário com micção de carúnculas e da eficácia de um cõndito feito de flores de malvas com açúcar, 16 ♀
 Cura LXIX (p. 109) – de febre contínua conjunta com fluxo do ventre, 14 ♂
 Cura LXXV (p. 116) – de febre contínua com exantemas, 16 ♀
 Cura XC (p. 142) – de tosse antiga e recente de crianças
 Cura XCI (p. 143) – de pedra contida no meato da *virga* de que surgiam sintomas graves, 10 ♂
 Cura XCV (p. 154) – de um remédio para os que urinam durante a noite, 12 ♂
 Centúria VII^{18,19} (9 casos)
 Cura IX (p. 216) – de vermes, 6 ♀
 Cura XXXIV (p. 256) – de uma terçã contínua com erisipela flegmonosa e de leite coagulado em caseína nas mamas e da dor intensa das papilas, 18 ♀
 Cura XLV (p. 282) – de doenças surgidas no tempo da primavera
 Cura XLVII (p. 284) – de um tumor cirroso que se sentia sob o umbigo. Supurado depois foi aberto, 9 ♀ (crença, superstição)
 Cura XLIX (p. 286) – de exantemas ou sarampo, que apanhava ou desfeava todo o corpo, 8 ♀
 Cura LXIII (p. 301) – de uma lombriga expelida pelo canto grande da vista, cerca do nariz, 3 ♀
 Cura LXIV (p. 301) – de um dracúnculo surgido na perna, a que os árabes chamam veia medena, 18 ♂
 Cura LXXXII (p. 323) – da apresentação de um caso digno de atenção numa pleurite, 16 ♀
 Cura LXXXV (p. 326) – de bilis verde e vermes que ataca com febre intensa, 10 ♂ †

Memória futura - 2011, ano de Amato

Está por demais referenciado e demonstrado a importância das comunidades judaicas e cristã-nova de origem portuguesa na formulação e consignação da ciência moderna. A listagem de nomes é tão extraordinária como exemplar nos vários ramos da ciência (Pedro Nunes), na filosofia (Bento de Espinoza (1632-1677), na marinhagem (Fernando de Noronha) e, nomeadamente, na medicina com Mestre José Vizinho, Isaac Abravanel, Leão Hebreu, Abraão Zacuto, Garcia de Orta, João Rodrigues de Castelo Branco, Francisco Sanches, Estêvão Rodrigues de Castro, etc., o que releva a contribuição dos judeus sefarditas, para a Medicina e a Ciência do Século de Ouro português.

Também, o nosso Amato Lusitano, através de um estilo de narrativa muito própria, evidenciando por vezes alguma audácia, revela-nos de maneira simples e numa linguagem de escrita objectiva, as centenas de casos clínicos (ou *curas*, como se dizia à época) que ia observando e tratando, ao longo de uma vida, pelos muitos locais por onde peregrinou e clinicou, criteriosamente registadas, nas *Sete Centúrias das Curas Mediciniais* - escrita na língua latina dos humanistas do Renascimento. Estas cogitações e demais comentários, permitem-nos *espreitar* e avaliar, como seria a natureza humana, na Europa do século XVI. Para lá dos aspectos meramente médicos, dão-nos uma ideia dos hábitos alimentares, ritmos do quotidiano no dia-a-dia, conflitos e tensões religiosas, económicas e políticas, além das particularidades das hierarquias sociais, como se observássemos, privilegiadamente, através de uma escotilha, de uma qualquer máquina do tempo, dispostos a descobrir e a partilhar com Amato, as maravilhas dum mundo novo que ia sendo revelado perante os nosso olhar atónito como se há muito esperássemos esta janela de oportunidade.

A importância própria, intrínseca e incontornável das Centúrias tem a ver com o interesse histórico que ainda nos induz à leitura e atrai, tanto do ponto de vista médico como clínico e terapêutico. Amato Lusitano, médico físico (designação por si usada na dedicatória que faz a Cosme de Medicis na Centúria I) seguindo a linha tradicional dos verdadeiros contadores de histórias, arte tão antiga de exprimir ocorrências e factos reais (ou fictícios), vai empregar a expressão última da palavra escrita, para descrever de modo, *sui generis*, as *Curas* - verdadeiros *retalhos*

da vida de um médico -, quase todas elas baseadas nas múltiplas experiências pessoais e profissionais por que passou, ao longo dum périplo de vida tão sofrida como resignada mas intensamente cosmopolita. Ele percorre a sua Diáspora de judeu errante, num tempo especialmente conturbado da História de Portugal e da Europa, onde ocorrem uma série de *mutações* históricas e sociais, convulsões religiosas, descobertas e novos conceitos de demografia que se sucedem a um ritmo alucinante, prefigurando a transição para uma nova era, pela ascensão da burguesia com o Renascimento.

Em toda a sua obra, o Homem tem um papel central, com os seus medos, fantasias, ambições, crenças e incertezas, onde a vida e a morte caminham lado a lado. Mas como não podia deixar de ser, embora sendo referente a um tempo de vida



Médico judeu

antigo, hoje, passados quinhentos anos, continua a estimular o nosso imaginário e a enriquecer a curiosidade do nosso saber.

Amato Lusitano perseguido em boa parte da sua vida pelo seu judaísmo, este grande caminhar europeu, acaba os seus dias em Salónica em 1568. Como homem de fé e de ciência deve e pode-se considerar, um exemplo de cidadão do mundo!

No ano de 2011, comemora-se o 500º aniversário do nascimento deste eminente médico e humanista. Esperamos nós que esta efeméride, não se resuma a um simples colóquio regional em *círculo fechado*, com os mesmos de sempre, mas que tenha uma verdadeira dimensão supranacional,

sem esquecer porém, todos aqueles que desde há muito, estão de alma e coração a trabalhar, no apoio, incentivo e promoção destas jornadas, não só pela sua desinteressada e reiterada presença, como também na preocupação que revelam pela qualidade científica dos trabalhos apresentados, tendo como finalidade última inovar e estimular a criação de saber nesta já longa e singular viagem de mais de vinte anos.

NOTAS

- 1 - Profissionais na arte de curar.
- 2 - Isto é, sem o uso de meios ou a prática de processos terapêuticos, mais ou menos eficazes.
- 3 - Ana Maria Tavares da Silva Rodrigues Oliveira, *A Criança na Sociedade Medieval Portuguesa – Modelos e comportamentos*. Lisboa 2004; "... Era a partir dos sete anos que os rapazes podiam ser prometidos em casamento, atingiam a maioridade aos catorze, a idade em que os reis menores assumiam o encargo de governar. Por sua vez, as raparigas aos doze anos estavam aptas para a consumação do matrimónio e para a procriação...".
- 4 - Ele mesmo o diz no final da *IV Centúria*, Cura C, ao ter sido concluída em 1553, o autor desta Centúria andava no quadragésimo segundo ano de vida.
- 5 - Aqui nasceu Savonarola (1452-1498), padre dominicano e filósofo, morto em 1498 às ordens do Papa Alexandre VI.
- 6 - Ler mais adiante: Paradoxos na terapêutica em relação a um dos seus alter-egos, Galeno.
- 7 - Erupção em que a pele se apresenta como se tivesse sido muito picada por pulgas (Brasil); (do lat. cient. [herba-] pulicaria-, «erva das pulgas»)

- 8 - Nas *Centúrias*, Amato descreve 132 curas a crianças (entre 0-18 anos), incluindo 20 casos fatais (†) o que dá uma média de 18,9% do total das curas.
- 9 - A edição princeps saiu nos prelos florentinos em 1551, oferecida por dedicação ao ilustre príncipe da Toscana, Cosme de Médicis. Terminada em Ancona em 01.12.1549, estando vaga a Santa Sé e sendo Imperador Carlos V.
- 10 - Dedicada a D. Hipólito de Este, cardeal de Ferrara – Roma, 1 de Maio de 1551. Finda a 1 de Abril 1551, Roma.
- 11 - Dedicada a D. Afonso de Lencastre, Comendador-mór de Portugal – Ancona, 13 de Abril de 1554. Terminada a 2 de Julho, 1552.
- 12 - Carta de Ambrósio Nicandro, servindo de prefácio à *IV Centúria*.
- 13 - Terminada em Ancona no ano de 1553, e 5319 da criação do mundo.
- 14 - Carta-dedicatória de Amato a D. José Nassin (Naci) em 1.12.1561 ou 5320 do ano da criação do mundo.
- 15 - Terminada em Salónica no ano de 1559, e 5319 da criação do mundo.
- 16 - Intróito de Amato às *Curas Ragusinas* em que são apresentados os patrícios de Ragusa – João Gradi, Simão Benesi e Pascal Cervini
- 17 - Terminada em Salónica no ano de 1559, e 5319 da criação do mundo.
- 18 - Prefácio-dedicatória a D. Guedelha Yahia, ilustre pelo saber e pela ascendência.
- 19 - Terminada em Salónica (Tessalónica), em Agosto, no ano de 5321 da Criação do Mundo, e de 1561, segundo o modo romano de contar.

* Médico pediatra, poeta, ensaísta e investigador



Calendário judaico

JOSÉ LOPES DIAS E A SAÚDE ESCOLAR: ESBOÇO DE UM PENSAMENTO

Helder Henriques *

Introdução

A comunicação que hoje apresentamos pretende chamar a atenção para a importância do estudo da obra e do pensamento de um dos mais prestigiados médicos da Beira Interior, no século XX: José Lopes Dias. Acreditamos que a XXª edição das Jornadas de História da Medicina é o momento mais pertinente para iniciar, de uma forma madura, o processo de afirmação, e reconhecimento, do pensamento desenvolvido por este médico, escritor, historiador e educador social.

É no interior deste último tópico que gostaríamos de introduzir alguma reflexão sobre a capacidade de José Lopes Dias construir uma consciência própria em torno dos discursos médico-pedagógicos e higienistas, e do seu contributo para a humanização da própria medicina, aproximando-a de forma gradual a esta região, dita, do interior de Portugal. Neste sentido, achamos pertinente começar o nosso texto com uma breve nota biográfica da vida deste homem.

Breve Esboço Biográfico

José Lopes Dias Júnior nasceu em Vale do Lobo, no concelho de Penamacor, hoje Vale de Nossa Senhora da Póvoa, a 5 de Maio de 1900. Filho legítimo de José Lopes Dias, seu pai, professor elementar da mesma freguesia, e de Carlota Leitão Barreiros, sua mãe, doméstica.

José Lopes Dias Júnior concluiu os estudos secundários no Liceu Central de Castelo Branco a 1 de Agosto de 1917 onde, mais tarde, exerceu funções como médico-escolar. No mesmo ano matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, onde foi admitido. Obteve

o “grau de doutor” em Medicina a 15 de Março de 1924 depois de ter completado “todas as cadeiras que constituíam o primeiro e o segundo grupos da Faculdade de Medicina” (*Processo de Carta de Curso – Medicina – Arquivo da Universidade de Coimbra – IV-2º D-13-5-5*).



Dr. José Lopes Dias

Segundo Dias de Carvalho, José Lopes Dias teve uma breve experiência no estrangeiro nomeadamente, frequentou o Hospital de Sainte Pietriere, em Paris, durante dois anos (1991: 5).

Em 1925, encontramos-lo como médico municipal de Penamacor onde exerceu durante 6 anos junto dos Penamacorenses. As décadas seguintes ficaram marcadas pelo serviço prestado ao concelho e distrito de Castelo Branco e, muito particularmente, a esta cidade. Esteve

ligado a um conjunto de instituições com diferentes matrizes até à data da sua morte (1976). Foi médico-escolar, como dissemos atrás, do Liceu Central de Castelo Branco (i.1931/1932). Esteve ligado, e dedicou uma boa parte da sua vida, ao Dispensário de Puericultura e ao Lactário. Exerceu funções públicas e privadas ligadas à saúde no entanto, a instituição que, do nosso ponto de vista, melhor representa o pensamento deste homem foi a Escola de Enfermagem de Castelo Branco, e que terá mais tarde o seu nome, que adiante mencionaremos (1948).

José Lopes Dias teve uma produção científica assinalável¹ e fez circular a nível internacional muitas das suas ideias e dos seus estudos que elaborou com base nas instituições e cargos a que esteve ligado. De facto, constituiu um pensamento próprio que desenvolveu com pertinência e estratégia, tendo em atenção o contexto em que viveu.

Não obstante, centremo-nos no objectivo principal deste trabalho que é o de desenvolver um esboço do pensamento deste médico no que diz respeito à Saúde Escolar e, mais propriamente, ao modo como ele encarava a profissão de médico-escolar e o seu contributo para a emergência/aparecimento de novos grupos profissionais no interior da paisagem educativa como, por exemplo, as Enfermeiras Escolares e ainda as conexões com o campo educativo e assistencial.



Il. 1 - Imagem do Dispensário de Puericultura de Castelo Branco.

“O Movimento Higienista em Portugal”

O século XIX ficou marcado pela necessidade de combater um conjunto de doenças infecto-contagiosas como a tuberculose, a peste bubónica, o tétano, entre outras mais ou menos frequentes no nosso país. Vários foram os autores que, na segunda metade de Oitocentos, desenvolveram estudos ligados a estas doenças e deram um importante contributo no sentido do seu combate. Muitos desses trabalhos apontavam para a necessidade de se expandirem novas mentalidades, hábitos e costumes, no que diz respeito às “noções de higiene e prática da sanidade” junto dos diferentes aglomerados populacionais (Martins, 1999: 52). Este problema foi realçado por várias vezes e inúmero protagonistas como por exemplo Ricardo Jorge.

Assim, foi-se enraizando, gradualmente, a necessidade de cuidar do corpo como forma de combate às doenças, e construiu-se um movimento que fez com que a Educação tivesse um papel importan-

te na definição dos hábitos de higiene junto das camadas mais jovens da população. Mais uma vez, a Escola foi vista como a solução possível para a resolução dos problemas deste Homem em construção.

O movimento higienista e de medicina social ganhou novos públicos e uma projecção maior na primeira metade do século XX, influenciando decisivamente a conduta do homem face a si mesmo e estabelecendo um conjunto de políticas orientadoras face aos problemas higienistas em associação com as práticas educativas.

Os médicos tiveram um importante papel, em cruzamento com a Educação, na fiscalização dos diferentes dispositivos formados à época, como a “Liga Nacional Contra a Tuberculose” onde se destacou, por exemplo, Miguel Bombarda no combate a esta doença utilizando os meios de divulgação e informação que tinha ao seu dispor para ir ao encontro de uma determinada “consciência social” que deveria ser aprofundada no que diz respeito aos problemas de higiene.

Efectivamente, os médicos afirmaram-se como representantes de uma ciência do corpo face ao sentimento religioso que se impunha, ainda, na primeira metade do século XX.

Convém lembrar que este processo de afirmação do saber médico só foi possível porque o contexto político e social em que se vivia o permitiu. Recordemos que no final do século XIX e principio do século XX estavam em marcha um conjunto de ideias ligadas ao positivismo que se queria instalar definitivamente, assim como ideais políticos como o Republicanismo que haveriam de vingar em 1910.

Esta consciência de cientista do corpo, associada aos médicos, é relevante porque só assim se compreende como, de modo gradual, entraram em diferentes instituições da época.

Segundo Alcina Martins, “no século XX, os médicos e as suas organizações juntam-se para se imporem como guardiões da saúde pública, implantando o movimento higienista e de medicina social, defendendo a ciência médica, influenciando as decisões governamentais” (1999: 63).

Apesar da importância da figura médica, ao longo do século XX surgem novos elementos profissionais ligados ao campo da saúde que, depois, se cruzarão com o campo educacional: o caso das Enfermeiras, especificamente as Enfermeiras Escolares.

Também, nesta primeira metade do século XX, circulam ideias muito interessantes que colocam estes grupos profissionais entre duas grandes esferas de poder: de um lado a religião; do outro lado, o poder que legitima o próprio Estado: a Ciência. Um bom exemplo disso é o caso que referimos das Enfermeiras. Inicia-se, pela mão de Miguel Bombarda a profissionalização da Enfermagem, em Portugal. Assim, as enfermeiras assumem um papel de destaque na promoção da higiene e da salubridade, nomeadamente, a sua entrada na paisagem escolar tem uma importância enorme dado que, segundo Costa Sacadura, “é o melhor agente para o ensino da higiene” (1921: 112) pois este novo elemento profissional podia agir no interior e no exterior das Escolas, nomeadamente dos Liceus. Informando, desse modo, o médico-escolar que poderia fazer chegar indicações mais precisas aos alunos, e às famílias dos alunos, acerca dos seus hábitos de higiene. A Enfermeira podia ser, e foi, um elo intermediário entre os alunos e o médico, mas também entre as famílias e os alunos.

Segundo Jorge Ramos do Ó “o aparecimento da figura da enfermeira escolar [...] forneceria ao médico e ao professor valiosos elementos de informação sobre o “meio” em que o aluno vivia. Quando formalmente criada, logo se transformaria no “verdadeiro laço” que devia ligar a “família à escola”, que o mesmo era dizer, no “verdadeiro agente da colaboração da família com a escola” (2003: 418/419).

No fundo o que aconteceu ao longo do século XX, mas principalmente a partir dos anos 30, foi a penetração da intimidade das famílias, a bem da população em geral, construindo-se assim novos hábitos e costumes no espaço escolar mas também no espaço social (Henriques, 2008).

De facto, gradualmente as instituições escolares assistem à entrada no seu interior de um número cada vez maior de elementos. Os professores que, desde o Marquês de Pombal, viviam sozinhos, com os seus alunos, no interior da caixa negra das Escolas, quer dizer sala de aula, passaram a ter que repartir os seus aprendizes com elementos ligados às ciências do corpo/psi que ganhavam cada vez mais importância. Assim, se construiu a chamada Saúde Escolar. De algum modo, temos de reconhecer que estes elementos que entraram na paisagem educa-

tiva funcionaram como dispositivos disciplinadores do corpo e da alma que foi obrigada a abrir-se para os especialistas.

José Lopes Dias: O itinerário de um pensamento entre a teoria e a prática.

Também no Liceu de Nuno Alvares, em Castelo Branco, este movimento teve dinamizadores. Referimo-nos a José Lopes Dias que foi, precisamente, médico-escolar a partir de inícios da década de 30, do século XX, apresentando a sua tese ao concurso documental para este cargo no ano de 1932 intitulada “Breves Considerações Sobre a Tuberculose em Sanidade Escolar”.



II. 2 - Capa da tese de concurso a Médico-escolar dos Liceus.

Lopes Dias tinha plena consciência da importância do movimento que descrevemos anteriormente, até porque, alguns dos seus professores na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra eram apologistas destes novos profissionais e desta nova mentalidade higienista. Este homem acompanhou de perto todo o movimento, optando por desenvolver conceitos como: previdência, prevenção, profilaxia, com o objectivo definido de ajudar a construir uma “consciência social” sobre os problemas da salubridade e higiene em Castelo Branco, utilizando o seu cargo de médico-escolar como plataforma de exercício de poder sobre a comunidade.

Quer isto dizer que, foi neste sentido que escreveu alguns textos, aproximando-se, depois de ter exercido actividade médica em Penamacor, do Liceu de Castelo Branco onde aplicou os seus princípios de higiene e desenvolveu a Saúde Escolar.

Logo no 1º parágrafo da tese apresentada ao concurso de médico-escolar no Liceu de Castelo Branco diz, muito claramente:

“ Um dos múltiplos encargos que a legislação portuguesa atribue à função de médico escolar, consiste em diagnosticar e prevenir com a máxima precocidade as doenças infecto-contagiosas por constituírem um perigo para os seus portadores e uma ameaça para a colectividade escolar” (Dias, 1933: 3).

Lopes Dias, tinha plena consciência das funções para que concorria e do papel importante que estava associado a esta profissão no interior do campo educativo, afirmando, assim, a medicina escolar na linha de Costa Sacadura, Ricardo Jorge ou João Camoesas.

Segundo Lopes Dias “importa na verdade (...) que a medicina escolar ocupe um decidido posto de combate na estratégia contra o flagelo” (1933: 33), chamando a atenção para o contacto entre os alunos e os professores dado que estes eram potenciais transmissores de determinados tipos de doenças, como a tuberculose. Defensor de uma consciencialização do problema das doenças infecto-contagiosas refere que:

“O médico escolar, pelo espírito que anima as suas funções, indicadas nas leis Portuguesas, e de resto nas de todos os países civilizados, é antes de tudo, um Higienista e um executor da profilaxia e quer a Higiene, quer a profilaxia não se ocupam de estabelecer qualquer especiosa distinção entre tuberculose – doença e tuberculose – infecção, antes cuidam de encarar o problema em globo, sob o ponto de vista social (1933: 4).

Defende, no mesmo sentido e enquanto médico escolar, a “prática conscienciosa da antropometria escolar” mas também da educação física e “Gimnastica respiratória”, preparação higiénica do espaço

escolar e a higiene individual como forma de combate generalizado ao problema das doenças utilizando todos os recursos possíveis no interior das escolas e, neste caso, do Liceu de Castelo Branco.



II. 3 - O cruzamento entre a Saúde e a Educação na Escola. O modo de “estar” dos alunos. (Extraído de Ó, 2003: 409)

É importante, em nosso entender, salientar a associação médico-pedagógica proposta por José Lopes Dias, ao longo de toda a sua vida. Na verdade, Lopes Dias, salientou que a medicina escolar “tornou-se indispensável nos dados científicos da psico-fisiologia. Desentranha-se em valiosos subsídios à profilaxia, à pedagogia, à Embiótica, à Engenharia e à Higiene” (1933: 13) reconhecendo, assim, a importância social desta função.

Lopes Dias, fala numa arte de conservar e cultivar a saúde que deveria ser promovida nas Escolas de todo o País e em todas as classes sociais, salientando que a higiene significava muito mais do que “asseio e [...] limpeza de pele e das mucosas”. Era no interior das Escolas, segundo este médico, que se devia construir de raiz a dita consciência higienista onde a família deveria ter um papel central no processo:

“ (...) a escola do lar, sobre os joelhos da mãe, é uma fábrica de infanticídios por atropelos à higiene, uma grande parte devido à ignorância, pois as qualidades afectivas da mulher portuguesa são consideradas notáveis (1933: 14).

A educação para a saúde, como hoje dizemos, devia estar, neste caso, no interior dos Liceus ao mesmo nível da formação científica clássica ou literária e devendo, segundo o médico Lopes Dias, ser leccionado pelo médico-escolar. Efectivamente em alguns dos seus textos, propõe um conjunto de alterações significativas no que toca à relação entre a educação, e ao seu papel, e a Saúde Escolar.

José Lopes Dias: Colocar na Prática

Não obstante, este autor não se limitou a desenvolver um conhecimento de natureza teórica ou seja vai passar do papel para a pedra o que defendia.

Na linha de pensamento deste autor, a higiene apresenta-se para o corpo, tal como a moral para a alma. Estes ideais encontram-se várias vezes ao longo da sua vida. Por exemplo, o Dispensário de Puericultura e o Lactário foram manifestações desta preocupação higienista e de saúde pública por parte de Lopes Dias, tendo-lhe dedicado uma boa parte da sua vida e daí a importância dada aos projectos de natureza assistencial.

Uma outra instituição que é bem representativa deste pensamento, apresentado atrás, foi a Escola de Enfermagem de Castelo Branco (1948). Esta escola abriu, inicialmente, três cursos: Enfermagem Geral, Auxiliar de Enfermagem e o curso de Auxiliar Social².

De facto, acreditamos que esta Escola foi um laboratório representativo daquilo que José Lopes Dias defendeu durante os anos 30 do século passado e que apresentamos anteriormente. Note-se que nesta instituição conseguiu cruzar a componente Educativa, com a Saúde e uma matriz assistencialista e de ajuda à comunidade, algo que promoveu ao longo dos anos 20 e dos anos 30, do século passado. Defendemos, que esta instituição é fruto de todo o pensamento desenvolvido depois da sua saída da Universidade de Coimbra até, *grosso modo*, à década de 40.

Mas, voltando aos Liceus, devemos dizer que todos estes actores que emergiram ao longo do século XX funcionaram, por um lado, no sentido da



II. 4 - Figura da Enfermeira esculpida na pedra no edifício da actual (antiga) Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias.

utilidade da comunidade e, por outro lado, como verdadeiros mecanismos e dispositivos de governamentalidade dos indivíduos no interior das instituições educativas.

Acreditamos, neste ponto de vista, porque as funções do médico escolar, que anteriormente estavam mais ajustadas ao indivíduo e à sua higiene, alargaram-se, gradualmente, e entraram na vida das famílias, com a ajuda de outros actores. Deste modo, os médicos escolares passaram a ter uma palavra importante ao nível dos meios auxiliares de ensino, do desenvolvimento mental e físico dos alunos e, também, das construções escolares.

Recordemos uma das conferências de abertura do Liceu “novo” de Castelo Branco proferida, precisamente, por José Lopes Dias onde realça a importância do novo edifício e diz:

“Nesta hora, digamos, alegre e confiada, não é temerário adivinhar-se um pensamento comum, aliciante de estímulos superior, uma geral disposição para conceber, mais fácil e harmoniosa, a aliança da educação física, intelectual e moral, com o regalo do espírito e a decisão de trabalhar.

Neste impressionante edifício, bem situado, com boas salas, anfiteatros, laboratórios, biblioteca, ginásio, cantina e recreios, ou fora dele [...] convém a todos meditar na responsabilidade da grandiosa, incomparável tarefa educativa” (1946: 13).

Segundo Lopes Dias, este edifício novo oferecia condições físicas superiores para a prática médica, pedagógica e educativa. Afirma a importância da relação triangular entre o corpo, a mente e a alma como tivemos oportunidade de referir.

Ora, do nosso ponto de vista todo o seu discurso relacionado com a Saúde Escolar visava uma aposta na autonomia dos alunos. Neste sentido, o cruzamento entre a Saúde Escolar e a Educação permitia construir homens e mulheres capazes de responder aos desafios da sociedade da época nas condições mais adversas. Dá o exemplo no discurso de abertura do Liceu de Castelo Branco, em 1946, de Maria Sklodowski que, desde cedo, foi obrigada a enfrentar os problemas da vida de forma autónoma:

“Visionemos por um instante a sua orfanidade materna, aos 10 anos, e a quase simultânea ruína do Pai que, longe de a abaterem, impõem à sua infância o carácter pertinaz e a noção de Self-Control, apesar das três formas do seu terror infantil, dos russos, da doença e da morte. Ela procura, então a alegria e a saúde, e cultiva a vida interior, do mesmo passo que a impossibilidade exterior, proibindo-se em certa medida de achar graça às coisas fáceis e fúteis. A situação apresenta-se triste e, mesmo dramática, para qualquer outra, mas ela reflecte e acumula o dom da concentração, pensar antes de agir, meditar para compreender, é a primeira em cálculo, literatura, francês, alemão e catecismo” (1946:14).

Claramente o caminho apontado por José Lopes Dias é o caminho da autonomia dos alunos, é o caminho do “governo de Si Mesmo”, é o caminho do self – government.

De facto, estas ideias estiveram sempre presentes quando construiu e pertenceu às instituições de natureza educativas e assistenciais.

Em síntese...

Em jeito de conclusão, devemos dizer que este homem defendeu e construiu um projecto de natureza médico-pedagógica e assistencial que promoveu nos mais diferentes locais onde esteve presente e ajudou a definir novos rumos de vida dos alunos do Liceu, mas também das Enfermeiras, das Auxiliares de Enfermagem, dos Auxiliares Sociais ou das Visitadoras Sanitárias entre muitos outros; deu, ainda, um enorme contributo para a definição da actividade profissional de Médico-Escolar construindo um pensamento profundo, maduro, desenvolvido em torno dos poucos aspectos, ainda assim, que aqui foram referidos onde os alunos passaram a ser vistos não apenas como sujeitos passivos que deviam acumular/reproduzir conhecimentos mas tornaram-se, eles próprios, objectos do conhecimento. De certo modo, podemos afirmar que a relação entre a Saúde e a Educação permitiu solidificar aquilo a que chamamos de Pedagogia e Ciência da Educação.

Existe uma preocupação em utilizar as técnicas relacionadas com o corpo para obter um melhor desempenho escolar. No fundo, aquilo que se procurou foi uma relação intrínseca entre o corpo e a alma. O corpo nas suas diferentes condições objecto de aperfeiçoamento e tratamento pelas incursões médicas, a alma sinónima da absorção dos valores, hábitos e costumes da sociedade da época, pelo aluno.

BIBLIOGRAFIA E FONTES (RESUMO)

- AAVV, José Lopes Dias [Pai] – *Educador e Benemérito*, Lisboa: Editorial Império, 1950.
- Arquivo da Universidade de Coimbra, Processo Biográfico de José Lopes Dias Júnior, Faculdade de Medicina, 1925.
- Carvalho, Fernando Dias de, “Evocação do Doutor José Lopes Dias”. In *Medicina Na Beira Interior – da Pré-História Ao Século XX*, nº3, Castelo Branco: Albinfor, Junho de 1991, pp. 5-6.
- Dias Júnior, José Lopes, *Em redor do Serviço Social (Duas Conferências)*, Vila Nova de Famalicão: Tipografia Minerva, 1932.
- Dias, José Lopes, “Alguns Aspectos Sanitários de Um Distrito Rural”. *Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge*, Ano III, Vol. XI, Coimbra: Minerva Central, 1948.
- Dias, José Lopes, “Breve Elogio da Liga Portuguesa de Profilaxia Social”. *Revista África Médica* (Separata), nº 4, 1942.
- Dias, José Lopes, “Cartas Políticas do Conselheiro João Franco ao Dr. João Pinto dos Santos”. Separata da *Revista Estudos de Castelo Branco*, Castelo Branco: Gráfica de S. José, 1971.
- Dias, José Lopes, “Regionalismo e Assistência”. *Revista Acção Médica* (separata), Lisboa: Imprensa Lucas, Fasc. IX, 1938.

— Dias, José Lopes, *A Higiene nos Jardins-Escolas João de Deus* – Conferência proferida no congresso dos Jardins-Escolas João de Deus a 22 de Abril de 1938, Porto: Jornal do Médico (separata), 1947.

— Dias, José Lopes, *Alguns Aspectos da Função Médico-Escolar na Universidade, nos Liceus e nas Escolas Primárias*, Lisboa: Editora Médica, 1941.

— Dias, José Lopes, *Biografia de Amato Lusitano e Outros Ensaíes Amatianos*, Castelo Branco, 1972.

— Dias, José Lopes, *Breves Considerações Sobre a Tuberculose em Sanidade Escolar*, Vila Nova de Famalicão: Tipografia Minerva, 1933.

— Dias, José Lopes, *Doze lições Sobre Serviço Social*, Lisboa: Livraria Morais, 1945.

— Dias, José Lopes, *Le Dispensaire de Puériculture de Castelo Branco – Exposé Au Groupe Itinerant de L`O.M.S.*, Castelo Branco: Artes Gráficas, 1958.

— Dias, José Lopes, *Liceu Velho...Liceu Novo – Discurso Pronunciado a 02 de Maio de 1946...*, Lisboa: Tipografia Fernandes, 1946.

— Dias, José Lopes, *Serviço Social e Cardiologia*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1948.

Dispensário de Puericultura Dr. Alfredo Mota de Castelo Branco (1930-1955), Coimbra: Imprensa de Coimbra, s.d.

Foucault, Michel, *História da Sexualidade*, 3 vols., Lisboa: Relógio d`Água, 1994.

Henriques, Helder, *O Professor do Ensino Liceal: Portalegre 1851-1963*, Coimbra: Palimage, 2008.

José Lopes Dias: Vida e Obra, Castelo Branco: Edição da Câmara Municipal de Castelo Branco, 1990.

Martins, Alcina Maria de Castro, *Génese, Emergência e Institucionalização do Serviço Social Português*, Lisboa: FCT/Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

Ó, Jorge Ramos do, *O Governo de Si Mesmo – Modernidade Pedagógica e Encenações Disciplinares do Aluno Liceal (ultimo quartel do século XIX – Meados do Século XX)*, Lisboa: Educa, 2003.

NOTAS

1 - Veja-se a este propósito a *Revista Estudos de Castelo Branco* cujo contributo para o conhecimento histórico da região albacastrense foi, e continua a ser, incedível.

2 - Este assunto encontra-se a ser tratado de forma detalhada numa tese de doutoramento, em construção, de minha autoria, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, intitulada: " A Formação de Enfermeiros no Século XX: Discursos, Práticas e Actores (O Caso da Escola de Enfermagem de Castelo Branco/Doutor Lopes Dias 1948 -2001), sob orientação do professor doutor António Gomes Ferreira.

* Docente da Escola Superior de Educação de Portalegre



AMATO LUSITANO E OUTRAS PRESENCAS MÉDICAS NO ESPAÇO URBANO ALBICASTRENSE

Visibilidades e invisibilidades. Elementos para uma leitura

Pedro Miguel Salvado *

À memória de Olímpio Salvado, meu saudoso tio.

Introdução

Em Setembro de 2007, anunciava o jornal de Castelo Branco *Reconquista* que o nome do Nobel da Medicina Egas Moniz iria ser introduzido no complexo toponímico da cidade. Cumpria-se, finalmente, uma ideia estabelecida, nas suas componentes gerais, alguns anos antes. Com efeito, a intenção em se convocar para o campo textual urbano albicastrense este nome cimeiro da medicina portuguesa tinha já sido avançado durante as XII Jornadas de História da Medicina na Beira Interior que decorreram em 2000¹. A ausência do nobelizado constituía uma lacunar realidade do património toponímico local dificilmente justificada por duas razões principais. Tenhamos, em primeiro lugar, presente de que o início do itinerário formativo e intelectual de Egas Moniz sucedeu num tempo e num espaço abraçados aos horizontes e aos ventos da serra da Gardunha em que foi escolar do colégio jesuíta de S. Fiel, instituição de ensino

que se situava cerca da povoação do Lourçal do Campo, freguesia do concelho de Castelo Branco. Foi no Liceu desta cidade onde efectuou as suas provas de exame que com a sua frequência de S. Fiel delimitaram as situações académicas da sua etapa formativa de adolescente que, muitos anos mais tarde, deste modo reviveria: «Devo a essa orientação muito do meu aproveitamento na carreira

universitária. A disciplina mental a que obrigavam os alunos, em ciências exactas e afins, era bem orientada. (...) Lá fui seguindo os estudos com regular

aproveitamento. Fiz exame em Castelo Branco. Tive 14 valores.»² Aliás, esta omissão toponímica ia ao arripio de uma realidade resultante de uma prática comum durante meio século inscrita, e epigraficamente palpável e imaterialmente sonora, na paisagem citadina: a inclusão de registos onomásticos de vultos médicos que coadjuvam a codificar, a individualizar e a marcar as circulações, os percursos e os sítios mais domésticos dos seus espaços vivenciais.

Pela sua centralidade face à totalidade do espaço urbano e enraizamento a uma determinada plástica e idiosincrasia da identidade local, a figura de Amato Lusitano salienta-se do conjunto de denominações de personalidades médicas que hoje ecoam e estruturam o mapeamento da cidade. Amato assume, efectivamente, um sentido de excepção não só por a sua presença urbana ser reforçada através de uma proeminente peça escultórica, como pela pluralidade de situações em que está presente nos quotidianos. Esta omnipresença amatiana que hoje olhamos é apenas uma representação que remete para algo ausente, tornando-o presente, interessando sim apreender quais os sentidos que emi-



Presença de Egas Moniz na primeira página do jornal albicastrense *Reconquista*.

te e qual a simbolização dos seus significados. Com efeito, a entidade urbana de Amato Lusitano traduz-se em múltiplas representações textuais e imagéticas materiais e mentais que envolvem processos de percepção, interpretação e de identificação muito próprios. Elas expressam interesses, concorrências e competições dos grupos sociais, guiando-os nos modos de nomear e de definir aspectos da realidade.

Esta dominância amatiana é complementada pela existência, na complexa textualidade toponímica local, por outras personalidades relacionadas com a medicina que transmitem dimensões e temporalidades mais recuadas ou mais próximas. A toponímia evoca e constrói memórias individuais que irradiam no colectivo, uma recordação positiva e uma exemplaridade anunciando um rumo para as condutas futuras. Essa denominação do espaço urbano é tarefa e função assumida pelo poder municipal, ao longo de séculos, que assim traçou e orientou novas formas de percepção e de representação simbólica da cidade. Os nomes destes profissionais foram selecções conscientes que se elevam no polifónico discurso da cidade como personagens históricas dignas de registo para a posteridade. Em cada período da sua História, e de acordo com interesses das elites políticas predominantes, houve sempre necessidade em se inscrever no espaço público um novo imaginário social e escolher quais os vultos do passado que interessa reproduzir para as actuais e futuras gerações. Entramos nos amplos domínios das representações sociais não só deste grupo sócio-profissional como, principalmente, da utilização de alguns dos seus membros, familiarizando-os junto do todo social como factores de equilíbrio e de constância dos cenários das práticas urbanas. Será então numa dualidade entre o visível e o invisível que se solidificará a mensagem comunicativa no imaginário urbano destes registos toponímicos. Um imaginário apreendido e reproduzido pelo colectivo mas tecido por diferentes grupos sociais e poderes em continuadas disputas simbólicas para demarcarem territórios, acções e lugares de exposição pública. Qualquer prospecção sobre o denso imaginário urbano, desperta sempre um encontro com outras matérias e com outros tempos de invisibilidades, de silêncios e de sombras.

Amato - da centralidade aos tempos de amnésia

Disposta na área central de Castelo Branco, verdadeiro lugar de memória da urbe contemporânea, para usarmos uma enunciação cara a Pierre Nora³, a estátua de Amato Lusitano cumprirá hoje uma efectiva função fomentadora da lembrança da personalidade junto do colectivo? Ou esta representação de uma das autoridades científicas do património cultural europeu, apenas expressa um desvanecimento das densidades e dimensões deste notável médico, colocando a sua memória numa linha situada entre a amnésia e o esquecimento? Sem dúvida que a figura de Amato Lusitano compõe e estrutura uma determinada construção imagética e identitária da comunidade. É, sem hesitação, uma presença referencial e referenciada que se materializa, e se expressa, na aplicação do nome do célebre médico, em várias situações. Nos últimos anos, estendeu-se uma redundância identificativa amatiana por toda a geografia da cidade, difundindo-se e



Descerramento da estátua de Amato Lusitano em Castelo Branco, no dia 27 de 1956, pelo então Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional Dr. Baltasar Rebelo de Sousa .

apropriando-se o antropónimo, outrora concentrado na estátua e controlado pelas elites e pelo poder, noutros suportes.

Quando, a 27 de Maio de 1958, se inaugurou a estátua de Amato Lusitano, a data vincou o enraizamento ao novo centro urbano da cidade da áurea do dilecto filho, expressando-se um invisível conjunto de desígnios, de projectos, principalmente de natureza individual trilhados alguns anos antes e que agora, se solidificavam, silenciosamente, em bronze. A inauguração foi um acontecimento impar na cronologia simbólica da localidade, profusa e pormenorizadamente relatada na imprensa local. Com a estátua, para além de se ter desenhado e feito emergir um novo imaginário urbano, afirmou-se um outro equilíbrio entre o espaço e o tempo do seu devir. A confirmação de Amato é a formação de um discurso onde convergiram várias vozes: as oriundas do Estado e as da sociedade civil, interpretadas por José Lopes Dias. Mais do que uma disputa, houve, neste caso, uma articulação estratégica, tanto no processo de selecção como na sua inauguração e repercussão para o todo social de um desígnio e de uma vontade. Portanto, a estátua de Amato não foi uma disposição neutral, ela reuniu outras invisibilidades e silêncios, demitindo uma pequena parte de tudo o que a sua materialização significou e provocou. No dia da inauguração, a Câmara distribuiu um folheto ilustrado, com um texto de José Lopes Dias: *Amato Lusitano, Cidadão de Castelo Branco*. Espantada, a cidade redescobre e descodifica com júbilo, o irmão perdido no esquecimento e, agora, reencontrado: «Nos últimos anos adoptou o pseudónimo de Amato Lusitano, (...) mas para nós, beirões e portugueses, preferimos continuar a chamar-lhe Dr. João Rodrigues de Castelo Branco. Muito nosso ele é, com efeito, a partir de hoje, em que a inauguração da sua estátua no Largo do Municipio, da autoria do ilustre escultor Martins Correia, o aproxima do nosso afectuoso convívio, no seu justo lugar, no seio da nossa cidade. - bem vindo seja!...»

A obra artística foi executada pelo mestre escultor Martins Correia, autor que se filiava numa genealogia escultórica que, no dizer de José-Augusto França, transmite um «sentido de estilização, marcado por um amaneiramento de inspiração algo italianizante, (...)» o que o conduzia a desenvolver «originais soluções decorativas que aligeiraram por ve-

zes as suas figuras de solene compromisso oficial.»⁵ Formalmente, trata-se de uma estátua fundida em bronze, de 3, 5 metros de altura, assente num plinto de granito. Representa Amato de pé, segurando um livro. Só, na aparência, é que o bronze de Martins Correia, inaugurado em 1958, na praça principal de Castelo Branco estabilizou a imagem de Amato Lusitano junto da comunidade. Sabemos que esta representação foi o resultado de um processo de construção histórica que teve muito de interesse e de vontade pessoal, envolvida por normas e metáforas estéticas de cariz mítico e de forte pendor ideológico. A estátua também pode ser percebida e entendida por transmitir uma cronologia e uma dimensão da vitalidade ou enfraquecimento da presença do representado na identidade local.

A edição, em 1940, do ensaio bio-bibliográfico *Amato Lusitano. Doutor João Rodrigues de Castelo Branco*, de autoria do médico beirão José Lopes Dias⁶, que a partir de então vai ser o grande divulgador e estudioso nacional da excepcionalidade



Dr. José Lopes Dias (Década de sessenta)

biográfica amatiana, inventaria e cartografa as principais contribuições da historiografia da medicina nacional e internacional sobre o vulto albicastrense surgidas até essa data. Textos e referências que tinham facultado a perduração do conhecimento da impar personalidade renascentista, nos grandes centros do saber académico de então, matérias que José Lopes Dias vai domesticar e perscrutar, devolvendo a Castelo Branco um passado cultural perdido. O desenvolvimento editorial das pesquisas

biográficas intensivas não reproduzia apenas uma visão ou uma vontade pessoal. As periódicas e continuadas análises sobre a figura, exaladas a partir de Castelo Branco, irão associar para sempre a cidade a esse notável e original intelectual. O babélico e cumulativo discurso historiográfico amatiano possui uma intrincada genealogia e evolução, desenvolvendo-se, ao longo de mais de um século, em diversas densidades interpretativas e expressões textuais. Pelo seu empenho e dedicação os discursos que se estabeleceram a partir da redescoberta da vida e obra de João Rodrigues Amato Lusitano, a urgência sentida do seu enraizamento local paralelamente à sua inclusão e ancoragem, em dado momento, a um particular mapeamento ideológico dos vultos locais e regionais que asseverariam a sua ciência e a cultura no todo nacional, alargaram-se e revitalizaram-se noutros territórios e disciplinas. Ao longo do tempo que diferentes apropriações e re-significações Amato originou? A sua utilização atendeu e cumpriu interesses individuais ou de um grupo específico? Qual a sua real recepção e reprodução da sua obra, na totalidade da comunidade local nacional e internacional? E de que maneira é que se construiu e como?

Nascido em 1900, em Vale de Lobo, concelho de Penamacor, Lopes Dias foi, efectivamente, o grande arqueólogo da memória amatiana perdida e da sua devolução ao campo cultural de Castelo Branco à sonhada Província da Beira Baixa, elaborando ao longo de toda a sua profissão uma obra magnânima e de referência nos domínios da história regional, paralelamente ao seu desempenho como profissional de saúde, cujas densidades são merecedoras de pormenorizada análise. Sobre o seu entendimento quanto ao porquê, função e validade das suas produções históricas escreverá: « (...) a escassa validade destas páginas residirá porventura na documentação sobre pessoas, coisas e factos mal conhecidos ou de todo ignorados, do nosso opulento mas desvirtuado património histórico cultural. Com frequência o que se tem dito e escrito sobre tal matéria enferma de inexactidões e erros que se perpetuam como realidades incontrovertidas. (...) Não precisamos de nos enfeitar das glórias alheias e que legitimamente nos não pertencem.», aditando que esta revisão e afirmação da História local e regional «hão-de exigir aturadas pesquisas de investigação,

profunda e sistematizada, a bem da valorização colectiva que não deve confinar-se a esforços de ordem material, industrial ou técnica, nem à resignada obediência ao deus milhão, antes mentalizar-se nas coisas do espírito para se subverter nas limitações da mediocridade.»⁷ Imbuídas de matizes ideológicas, num misto de exaltação do local no nacional, o texto de 1940 inventaria a bibliografia e iconografia do sábio, até então registada. E, com surpresa e indignação comenta: «A cidade de Castelo Branco deve assim uma homenagem ao seu magno Doutor. Nem uma só das suas obras existe nesta cidade – onde aliás se encontra o espólio de médicos cultos, com espécies de valor. Nas duas bibliotecas, a municipal e a liceal, não se encontra um fragmento sequer de algum dos seus livros.» Efectivamente, a voragem do tempo tinha-se encarregue de envolver a personalidade médica num quase esquecimento e ausência na memória das gentes e dos espaços da paisagem que tinha estabelecido o seu locus genético beirão. Diluído e apagado na região, o passado do vulto médico era, contudo, reconhecido e referenciado em toda a história da Medicina europeia. Apesar de analisado em diversas geografias do saber nacional e internacional a sua pequena pátria tinha-lhe sido ingrata. Referenciava, porém, o médico-historiador que «já lhe esboçaram homenagem por duas vezes; a primeira na atribuição do seu nome ao liceu desta cidade, ideia que não vingou ante a natural primazia do herói e santo nacional, e a segunda, na designação de uma rua que liga o Largo da Senhora da piedade à Carapalha. Raríssimas pessoas atribuem a este facto o menor significado, mesquinho e insignificante onde se usa e abusa da glorificação toponímica.» Nada havia então, nessa época, no espaço urbano que reproduzisse para a cidade a verdadeira e extraordinária dimensão intelectual amatiana. Lopes Dias propõe para inverter essa realidade, a edificação de um monumento «numa praça pública ou, pelo menos, um graciosa glorieta no moderno Jardim ao maior vulto de Castelo Branco de todos os tempos; nódoa entranhada no decurso de quatrocentos anos. A ingratidão nunca foi dele, mas da ingrata pátria (...). Ingrata pátria será mesmo o título de um capítulo da obra resultante da sua participação no Congresso de História da Actividade Científica Portuguesa de 1940, reunião onde apresentará o estudo confirmador da

«definitiva convicção de que lidava com o primeiro vulto médico da Renascença», reconhecendo que «aconteceu esta cousa inesperada; não só a figura excedia a craveira duma inexistente expectativa, como a obra ultrapassava os limites das conjecturas (...)». Afirmador e educado numa matriz regionalista que se desenvolveu na Beira Baixa durante as décadas de vinte e de trinta do século XX, área de visibilidade e de actuação social e política para as elites locais em processo de desmembramento pela ideologia centralista estado-novista imperante, Lopes Dias não deixará de reconhecer que com a edição do livro, profusamente ilustrado com toda a retratística conhecida de Amato, pretendia também: «exibir e divulgar junto dos beirões da Beira Baixa um dos seus maiores nomes do Passado, de forma a justificar-lhe um monumento na cidade de Castelo Branco (...), um projecto a que se associava «a assembleia erudita e sábia» que tinha estado presente no Congresso. O «padrão de apreço» haveria de ser materializado apenas a 27 de Maio de 1956: «A cidade de Castelo Branco soube associar-se à homenagem ao imortal Amato Lusitano, quer no desceramento da estátua do Largo do Município, presenciado por multidão de alguns milhares de pessoas, enquanto o Orfeão do liceu entoava o hino Nacional, quer na sessão da Câmara Municipal, com uma assembleia escolhida de convidados, que escutaram brilhantíssimas orações de académica eloquência.» relataria, identificando a diversidade de cenários, de atitudes, de públicos e de actores e de poderes que a cerimónia de evocação mnemónica amatiana despertou e congregou.

Hoje, ao estudo desta peculiar sumidade da medicina europeia, associaram-se novos objectos, surgiram outras interrogações, releeram-se textos, revisitaram-se os primevos lugares da escrita, renovaram-se as problematizações da pesquisa. Encontram-se, neste caso, as tão pertinentes análises da história da História amatiana e das continuadas prestações e análises, transversais a várias áreas do saber, que a inquieta figura deste médico quinhentista continua a provocar, junto de uma notável plêiade de investigadores, traduzidas nas Jornadas de História da Medicina na Beira Interior. Cumpre-se, algo anunciado por José Lopes Dias, um dos maiores historiadores e biógrafo de Amato, quando, em 1969, ao resumir o que tinha sido o seu itinerário

de investigador amatofilático, apontava: «Os grandes homens e as grandes obras jamais se deixam esgotar pela investigação histórica».

Dos factos mais singulares na construção do discurso histórico-cultural amatiano albicastrense, contam-se as reacções e os comportamentos estabelecidos entre as elites e o poder, como resposta a um peculiar projecto comemoracionista de 1968, ano em que se assinalaria a passagem do 4º centenário da sua morte. A História do comemoracionismo amatiano, como já vimos, conjugou momentos, disputas simbólicas e produção de imaginários plurais. E, nesta linha, a identificação e a compreensão das variadas situações locais, nacionais e internacionais, desenvolvidas à volta deste vulto, constitui um campo de estudo futuro que permitirá compreender e mesurar todos os espelhos mnemónicos, escalas e geografias que Amato percorre e vivifica na identidade local albicastrense e na História da Medicina contemporânea. Com efeito, qual a sua real influência e presença na cultura regional e nacional? Quais e como foram elaboradas e manipuladas as suas representações? Como foram e são construídas as suas tão voláteis e mutantes memórias e estratégicas amnésias? Quaisquer comemorações assumem-se sempre num palco e, acima de tudo, em bastidores que diluem aquela leitura em se ver, e em se ter este tipo de manifestações, como inócuas. Elas estabelecem um profundo vínculo e um carácter social e político estruturado e atravessado a partir e por subtis equilíbrios e relações de poder. E seria o que ocorreria, em Maio de 1967, quando o Presidente da Câmara Municipal relembra «nesta cidade nasceu tão insigne médico, e que o exemplo duma vida dada ao estudo e combate dos males do semelhante que sofre merece a celebração condigna».

Para o efeito das comemorações constitui-se uma comissão formada por Alberto Trindade, José Lopes Dias e Henrique Mendes Carvalhão e pelos vereadores Frade Correia e Vasco Mendes de Matos. Realizaram-se diversas reuniões, que tiveram lugar na Biblioteca Municipal, e esboçou-se um programa das comemorações de que faziam parte: uma emissão memorativa de selos de correio; cunhagem de uma medalha, exposição bibliográfica, sessão solene de abertura com evocação da figura de Amato Lusitano por Professores da História da Medicina,

nacionais ou estrangeiros, declaração pública junto da estátua, um espectáculo de teatro renascentista e a publicação de um volume com os trabalhos proferidos e com os que fossem enviados pelos conferentes convidados e que, por qualquer motivo, não pudessem estar presentes. Especificou-se que durante o espaço de tempo em que decorressem as comemorações, se iram promover conferências sobre Amato e uma sessão do teatro renascentista pelo TEUC da Universidade de Coimbra ou outro grupo, na Praça Velha, transportando a memória do génio médico para a zona quinhentista da cidade. A difusão das actividades junto da comunicação social nacional também se estabeleceria, nomeadamente, com a edição no O Comércio do Porto, Primeiro de Janeiro, Diário de Notícias, Diário de Lisboa, Diário Popular, etc., de suplementos literários sobre Amato que poderiam ficar arquivados no volume comemorativo a ser editado. As três universidades com os respectivos reitores, o presidente da Sociedade de Ciências Médicas, Idalino de Vasconcelos do Brasil, o Professor Leibowitz de Israel e Luís Sanches Grangel de Salamanca (o emérito Professor salamantino só haveria de vir a Castelo Branco em 2000) seriam convidados a associar-se à efeméride. A certa altura, porém, a comissão reconheceu que, por falta de suficiente apoio financeiro por, parte do poder local e do representante do poder central, lhe seria impossível continuar os trabalhos até que tal apoio fosse obtido, o que não haveria de acontecer, apesar de todos os contactos e desenvolvidos principalmente por Vasco Mendes de Matos. As diligências tardaram e ultrapassou-se a data prevista para realização do programa estabelecido e a Comissão dissolveu-se. A leitura da última acta é significativa pela declaração de voto de José Lopes Dias quando diz que «as comemorações do quadricentenário da morte de Amato Lusitano, não deixarão de ser asseguradas a título particular na revista Estudos de Castelo Branco; e pela cunhagem de uma medalha de bronze que ficará a assinalar a histórica efeméride.», o que de facto viria a acontecer. Este abandono e desinteresse por parte de alguns níveis do poder local em, efectivamente, celebrar a efeméride mereceu algumas repulsas procedentes do seio do mesmo poder autárquico, nomeadamente pela voz crítica do vereador Vasco Mendes de Matos. O advogado vai tecer uma contundente resposta jus-

tificativa do seu descontentamento pela situação, elaborando uma curiosa análise sobre a presença e o papel, nessa época, da cultura nas autarquias. Escreveu: « (...) Todavia, desejo acentuar que existe um plano em que a autonomia municipal não está sujeita, com tanta intensidade, ao condicionalismo apontado. Refiro-me ao plano da cultura onde, com verbas relativamente modestas comparadas com as que são exigidas pelas grandes obras de fomento, é possível satisfazer necessidades tão importantes como as de ordem material. Por aqui se vê como as câmaras poderiam, e deveriam, levar a cabo uma vasta e benéfica acção cultural, sistematizada em planos estabelecidos com antecipação e em que

interviessem, a título consultivo, os munícipes idóneos e ligados aos diferentes sectores da cultura. Mas, se em muitos casos assim não acontece, tal não se deve atribuir a culpa exclusiva de A ou de B. É que os tipos de comportamento individual, mesmo no plano político, encontram-se, em

larga medida, influenciados pelo ambiente em que se desenrolam.» Acrescentando que, para ele, estas comemorações «dariam também, de forma indirecta, o seu contributo para o esclarecimento do público português no sentido de que Castelo Branco não é só a terra dos desastres e dos crimes, estampados na página do Diário de Notícias, mas que, em conjunto com a região de que é a cabeça, tem um lugar próprio e individualizado naquilo a que Fernando da Cunha Leão, no seu notável trabalho “O enigma português”, designou como a corografia espiritual de Portugal.», concluindo que: «Procedendo como procedeu - e este é um parecer pessoal pois ninguém me conferiu nem eu aceitava mandato para falar em nome de outra coisa que não fosse o que julgo ser o interesse da comunidade - a Comissão interpretou a resolução camarária de 10 de Maio de 1967 no seu único sentido válido: o de fazer



Homenagem a Amato Lusitano prestada no Liceu Nacional der Nuno Álvares por ocasião da passagem do IV Centenário da sua morte. Atente-se na grande pintura mural representando a efigie de Amato que domina a parede do palco da mesa das autoridades (Fotografia "Jornal do Fundão").

comemorações condignas e ao nível que a figura do homenageado impunha-o nível nacional.» Para este inconformado vereador Amato era «um albicastrense ilustre que () além da projecção europeia da sua figura científica, foi um português (como ele próprio sempre se considerou) de raça judaica, e não um judeu que, por acaso, tivesse nascido em Portugal.»

Apesar de não se terem realizado as comemorações do IV centenário da Amato Lusitano ao nível oficial, a sociedade civil, as suas elites e os poderes culturais locais conseguiram levar a cabo um vivido núcleo de manifestações evocativas da efeméride, José Lopes Dias reuniria, e tal como tinha ideado, um importantíssimo conjunto de textos amatianos da responsabilidade de vários autores. Amato já não provocava junto do poder uma identificação e fervor plenos, afastando-se a possibilidade de uma verdadeira convergência de interesses ou a construção de cenários efervescentes como tinham sido aqueles do ano de 1958. O poder local pouco fazia para verdadeiramente cultivar essa presença identitária na comunidade, para além das atávicas fronteiras locais. Contudo, José Lopes Dias, o cultor amatiano persistente, saía da pequena pátria e desenvolve uma ampla difusão da personalidade médica junto dos grandes centros do saber nacionais e internacionais. Foi o caso da Itália, « a terra estranha na qual se preparava universal homenagem ao grande médico pioneiro que foi também o primeiro albicastrense de todos os tempo.» onde vai ter lugar o « Simpósio de Amato Lusitano» em Sena, incorporado no XXI Congresso internacional de História da Medicina» ou as cerimónias ocorridas na Academia das Ciências de Lisboa e na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. E numa conclusão do que tinham sido as várias iniciativas comemoracionistas organizadas ao longo deste ano por algumas instituições da cidade comentará: «Outras celebrações planeadas em honra do «1º cidadão de Castelo Branco » não alcançaram a desejada realização por imprevistas dificuldades, mas, enfim, houve a preocupação de salvar a honra do convento»⁸.

O desvanecimento da figura de Amato como um herói da diáspora, como albicastrense genético cidadão, como exemplar símbolo para a comunidade sobreveio. Em 1971, quando a cidade come-

morou o seu bicentenário, em todos os cerimoniais a figura histórica encontra-se apenas presente na longa enunciação da galeria de vultos locais. Os vocábulos desenvolvimento e crescimento dominavam agora os palcos. Contudo, é certo que Amato Lusitano continuará, para uma minoria, a ser matéria em continuada circulação e apropriação plasmadas em discursos locais, nacionais e internacionais, às vezes, em invocações monocórdicas e repetitivas em demasia. Por esses anos, o combatente pela liberdade que tardava ao País, Raul Rego quando procura «uma primavera com prados e flores e variedade de processo e opiniões» convoca Amato Lusitano como exemplo da nossa existência e pensar enquanto portugueses. João Rodrigues de Castelo Branco era o exemplo: «o caso do exilado que se morre de amores pela terra madrastra.» Com efeito, Amato tinha sido mais um «daqueles milhares e milhares de portugueses que Portugal expulsou durante séculos e que muito contribuiu para o empobrecimento do país em inteligência».⁹

Outros lugares da memória médica no espaço urbano albicastrense

Para além de Amato Lusitano, identificam-se, na denominação das ruas e das praças da cidade, outras presenças e ecos onomásticos de individualidades médicas ligadas, em dado momento da sua vida, à comunidade, seja por nascimento ou por terem desenvolvido uma prestimosa acção benemérita e exemplaridade profissional. O conjunto de clínicos registado na toponímia encontra-se, cronologicamente, enquadrado entre o século XVI e o século XX. A representação positiva na memória urbana desta classe profissional e a sua inscrição nas sonoridades locativas do espaço público surge associada a circunstâncias e objectivos variados. Esta arcada toponímica organiza parte integrante daquilo que poderemos apelidar de geografia médica albicastrense histórica. O mapeamento desta leitura do espaço estabelece-se a partir de lugares que emitem uma presença palpável e vivida, e um horizonte imaterial que não está materialmente visível e apenas pode ser evocado e transportada para o presente, pela sua referência e existência caligráfico-documental, tarefa amplamente simplificada pelos estudos históricos produzidos por José Lopes Dias.¹⁰

Farão parte desse horizonte mnemónico, os edifícios de instituições e os sítios, do presente e do passado, onde, ao longo de séculos, se desempenharam práticas profissionais no burgo e em cujo itinerário se incluem as distintas presenças médicas gravadas na toponímia local. Ora esta afirmação no espaço público destes nomes de profissionais da medicina do passado corrobora um facto muito devedor á notável acção de aperfeiçoamento e difusão de uma historiografia de incidência biográfica destes vultos do passado médico da região, levada a cabo e retomada, em várias ocasiões, por José Lopes Dias. O historiador médico, com as suas perseverantes investigações e publicações, iluminou uma plêiade de personalidades históricas ligada á prática da medicina até então desconhecidas, devolvendo o passado e possibilitando a construção de uma cartografia identitária da história local. A toponímia assumiu-se como a principal expressão e afirmação dessa redescoberta histórica pela colectividade deste mestres do cultivo da vida e do



Descerramento da placa de homenagem ao médico Henrique de Paiva, ocorrida durante a Romagem de Saudade de 1971.

controlo da morte, uma postura de gestão acrescido em vários contextos e tempos controlada pelos distintos poderes autárquicos e elites culturais que se foram sucedendo na cidade.

Fazem parte desta linhagem de presença nas designações toponímicas da cidade as seguintes personalidades o historiador e organizador da Misericórdia Hermano Castro e Silva (séc. XIX), o benemérito e mecenas das artes Francisco Rafeiro (séc. XVII), o nome cimeiro da história da Medina Europeia Henrique de Paiva (séc. XVIII), José Henrique Ferreira (séc. XVIII) físico e médico do Vice-rei do Brasil, o influente médico Sousa Refoios (séc. XVIII) o deputado Governador Civil e promotor da cultura José António Morão (séc. XIX) e Alfredo da Mota (séc. XIX), o regionalista e publicista António Trindade (séc. XX.)

Apontemos, como exemplo da marcação toponímica efectuada pelo poder municipal, a revisão e as alterações deliberadas pela Comissão de Toponímia da cidade em 1967, constituída pelos vereadores da Câmara João Frade Correia, António Rusinho e pelo advogado e memorialista José Vasco Mendes de Matos. Faziam igualmente parte da comissão os responsáveis pela Escola Técnica e pelo Liceu Nacional de Nuno Álvares, respectivamente, António Ribeiro Queirós e José Catanas Diogo. Nesse ano, esses responsáveis locais resolveram modificar a primitiva designação da Rua da Alegria para Rua Dr. Alfredo da Cunha «porque nesta artéria, se situa o Dispensário de Puericultura que já teve o nome deste ilustre médico e homem de bem que viveu na nossa cidade.»¹²

Uma das manifestações mais características das práticas culturais albicastrenses é corporizada pelas intituladas romagens de saudade, reuniões de antigos estudantes que, periodicamente, convocam distintos estratos geracionais que frequentaram os estabelecimentos de ensino existentes na cidade, principalmente o vetusto Liceu de Nuno Álvares. Intencionalmente surgidas no primeiro quartel do século XX, começaram a ser codificadas e formalizadas e, tradicionalmente, instituídas quanto aos seus objectivos e práticas, a partir de 1946, com a realização da primeira romagem¹³. Numa Europa em ruínas e pauperizada, Castelo Branco recebia, nesse Maio de 1946, com «grandiosidade os seus romeiros». Era o culminar e a legitimação da nova organicidade urbana albicastrense, desenhada e crescida à sombra da aplicação local das vontades e dos projectos do Estado-Novo para a periferia

regional de Portugal. A colocação da estátua de Amato Lusitano em 1956, finalizou essa progressiva e continuada construção da gradual afirmação de uma centralidade urbana aumentada durante uma década pelo poder. Da Câmara Municipal ao Governo Civil, do bulício comercial e económico à presença militar na cidade, tudo e todos gravitavam nessa nova centralidade, cena de sociabilidades colectivas e de rostos arquitectónicos e simbólicos dos distintos poderes da cidade. Nessa data inaugurava-se o Liceu e cumpriu-se a Romagem. As diversas ritualidades incluídas no seu programa revestem-se de um manifesto significado recordatório dos espaços vividos por essas gerações que, agora, longe da sua terra de formação, activam, com estas romagens, uma rede de cumplicidades e de sociabilidades entre todos os muitos que partiram e aqueles, poucos, que ficaram. Por outro lado, as romagens de saudade foram momentos escolhidos para se desenvolver uma confirmação da actividade do poder dos que ficaram, numa exaltação do progresso e da evolução local, poder que protege e estabiliza as profundas memórias de origem do grupo. Foi desta maneira que o poeta médico Miguel Torga apreendeu a idiosincrasia plástica desse campo de domínios que era a área urbana formada pela Praça do Município, pelo Passeio Público e pela Devesa:

«Castelo Branco, 19 de Fevereiro de 1949

- É uma cidade de guarnição - disse a mulher, a justificar a decepção dos olhos. - è- confirmou ele. Tinham parado o carro em frente da entrada do mercado, e sacudiram ambos a poeira da longa caminhada. A tarde caía languidamente, numa cor violácea feita das flores de Cerdeira que abriam no jardim público. (...) No grande largo, as flores de Cerdeira, iluminadas pela luz da madrugada, tingiam o ar com uma cor de mosto carregado. A garagem ficava perto, ao fundo da praça, e enquanto caminhava via pelas janelas de um grande casarão os soldados a lavar a cara, alegres e barulhentos como patos a chapinhar na água.

- Bom dia! - gritou ao garagista sonolento. Um novo toque de corneta quase que lhe magou os ouvidos. - Os senhores, ao menos, não precisam de despertador! - disse, atentar enrodilhar o homem na sua boa disposição. - Têm quem os acorde!

-Isto é uma cidade guarnição...»¹⁴

O ano de 1971 assegurou uma data carregada de um grande simbolismo para a História local. A cidade cumpria duzentos anos e V Romagem de Saudade foi incluída no programa geral das comemorações¹⁵ descerrando-se, na rua do Relógio, uma placa, em bronze, evocativa de Manuel Joaquim Henriques de Paiva. O presidente da Câmara leria uma evocação escrita por José Lopes Dias, numa homenagem no bicentenário do burgo a um dos vultos mais eminentes nascido em Castelo Branco.

Em 1976, apesar do peculiar período de grandes tensões ideológicas que o País atravessava realizava-se a VI Romagem de Saudade. O Presidente da Câmara Armindo Ramos evocava «a saudade dos que partem e a saudade dos que ficam», com certeza do regresso «a esta nossa cidade, que todos poderemos tornar cada vez maior, perpetuando uma Romagem - Símbolo de que a cidade somos todos nós os que aqui estamos e aqui sentimos e os que embora noutras paragens, daqui se lhes não aparta o coração.». Na Biblioteca Municipal inaugurar-se-ia uma exposição dedicada à memória do Dr. José Lopes Dias. António Salvado, co-organizador da mostra bibliográfica, dirá: «procurámos por em evidencia através de uma mostra de publicações a dimensão de uma obra da qual abstractamente se fala e, vamos lá, por hábito se admira, mas que raros conhecem.»¹⁶ A XIV Romagem de Saudade, de Junho de 1999, incluiu na sua programação geral, um conjunto de evocações a personalidades médicas¹⁷. A utilização tradicional imagem de Amato Lusitano continuou a ser usada, nomeadamente, na peça medalhística mandada cunhar para celebrar a edição do reencontro.

O antigo romeiro e médico-historiador José Lopes Dias, já tinha sido incluído no complexo toponímico albicastrense com a atribuição do seu nome ao largo situado junto da antiga Escola de Enfermagem, fundado por esse



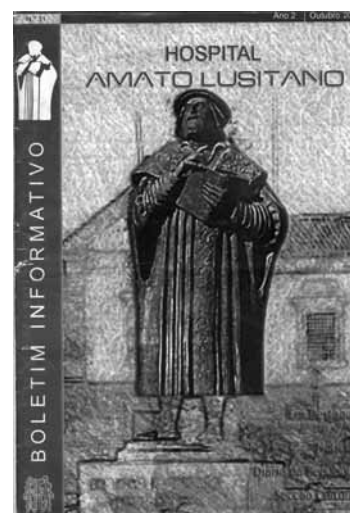
Porta e lápide comemorativa do primeiro consultório do Dr. José Lopes Dias

clínico em 1948, (este estabelecimento de ensino ostenta hoje a designação Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias), do Dispensário de Puericultura Dr. Alfredo da Mota e do edifício do primitivo Hospital da Santa Casa da Misericórdia, instituições por si criadas, geridas e promovidas durante várias décadas. O nome de Lopes Dias enraizava-se, desta feita, à paisagem do seu espaço vivido profissional com a colocação de uma placa em bronze¹⁸ sob a janela do 1º andar do prédio nº 25 da rua João Carlos Abrunhosa, no local onde tinha tido o seu primeiro consultório. Na cerimónia discorreriam sobre a personalidade do homenageado os antigos alunos Francisco Carqueja e Joaquim Parro, entregando-se aos presentes o opúsculo de autoria deste último. Uma vez mais se recordou certos tópicos da identidade amatiana e da sua união historiográfica ao clínico albacastrense: «Não menosprezando os trabalhos de medicina Social em que tanto brilhou, a História da Medicina foi a suprema predilecção do Doutor Lopes Dias, centralizada, no tríplice aspecto de tratadista, actividade clínica e de figura do renascimento em João Rodrigues de Castelo Branco, mais conhecido nos meios científicos do seu tempo, e actualmente, pelo pseudónimo de Amato Lusitano que ele próprio adoptou, já exilado da sua amada Pátria – como se quisesse trazer sempre na memória e no coração. Sim, Lusitano amado, português enamorado da sua terra, português indefectível...». O cirurgião ortopedista, conhecido no país como um grande especialista em medicina desportiva, Branco de Amaral¹⁹ e o malogrado cardiologista Henriques Carvalhão, antigo colaborador de José Lopes Dias e uma personalidade sempre associada às elites médico-culturais citadinas, foram também evocados durante esta Romagem de Saudade, atribuindo-se os seus nomes a arruamentos nas novas zonas de expansão urbana de Castelo Branco.

A cidade tinha já, nestes anos, domesticado, assimilado, aplicado e multiplicado em várias situações e suportes a personalidade e o nome de Amato Lusitano. Hoje, apesar das texturas amatinas se encontrarem não tão viçosas pelo menos na associação ou na tradução deste vulto histórico como um símbolo identitário, esse domínio da vertente erudita das raízes convive com as raízes de face mais tradicional e rural da comunidade, como, por

exemplo, aquando da folclorização albacastrense proporcionada pela fundação da Orquestra Típica Albicastrense em 1957, onde Amato fazia parte da letra. Castelo Branco, cidade, /Onde a própria claridade. / Tem mais fulgor e magia. / Terra de labor insano, / Onde Amato Lusitano, / Viu primeiro a luz do dia”²⁰.

Em inícios da década de setenta, uma original livraria da cidade, impulsionada pelo saudoso livreiro Narciso Melo Brás, assumirá o nome de Amato Lusitano. Aí pela primeira vez vai-se associar, num mural, a iconografia amatiana tradicional com a representação quinhentista do burgo elaborada por Duarte d’Armas nos começos do século XVI. Uma farmácia, uma escola secundária, um rede de clínicas médicas, uma associação de desenvolvimento local, e até um empreendimento imobiliário, apossaram-se do nome Amato, utilizando-o como designação simbólica positiva, formando um conjunto muito polissémico quanto às suas significações e traduções urbanas e sociais. Deste conjunto de apropriações distingue-se o caso do Hospital da cidade, equipamento construído em 1975 e inaugurado em 1977, designado por Hospital Amato Lusitano apenas a partir de 1995. O Conselho de Administração, então presidido pelo médico Castelo



Logótipo e capa do boletim do hospital Amato Lusitano de Castelo Branco



Fragmento do mural amatiano da extinta livraria albacastrense Amato Lusitano, hoje livraria Europa-América, localizada na Avenida 1 de Maio em Castelo Branco.

Branco da Silveira, justificou deste modo a escolha do patrono que haveria de ser despachado em *Diário da República* de 8 de Setembro de 1995, historicando e repetindo algumas das passagens mais célebres da existência da personalidade. «() um dos mais insignes médicos portugueses do século XVI. () perseguido por ser de raça hebraica e suspeito de marrano, saiu de Portugal (). Espírito observador, experimental e eminentemente científico, homem típico do melhor Quinhentos português, o do



Amato Lusitano dá também o seu nome a uma imobiliária da cidade.

progresso e da ciência, Amato Lusitano, apesar de vítima da repressão inquisitorial no seu país de nascimento, é visto para a posteridade como um grande médico português, marcando inclusivamente o seu pseudónimo académico a respectiva origem nacional.»²¹

O logótipo oficial do hospital, que ainda hoje é reproduzido, resultou de um concurso realizado em 1995 ganho pelo enfermeiro Fernando Micaelo. A singela construção imagética depura e simplifica a silhueta iconográfica dominante em quase todas as representações plásticas do médico renascentista: o perfil da sua estátua em bronze.

Como um dia considerou Maurice Halbwachs a memória afirma sempre uma reconstrução social do passado gizada num tempo determinado, enfatizando que são os grupos sociais que estabelecem o que é memorável e, pelo invés, o que será esquecido.²² Foi o que aconteceu com o principal foco urbano amatiano, emitido pela sua estátua. Nos recentes anos, o centro cívico novecentista de Castelo Branco voltou a ser alvo de uma profunda reorganização nas suas matérias e nos circuitos, reorientando-se os sentires emitidos por esta notável parcela da totalidade urbana. Ao abrigo do Programa Polis, a espessura histórica e a presença real na consciência e na grande textualidade identitária da comunidade de Amato, foram reconduzida

e avivada na consciência do colectivo. A estátua foi limpa e relida e com a colocação de uma placa que designa as principais coordenadas da vida do médico renascentista, o discurso irradiado transporta o cidadão-observador a outras paragens até agora ocultas ou invisíveis. O elemento escultórico foi envolvido por novos odores e cromias através da instalação de um herbário histórico que traz para o presente, um conjunto de saberes médico-botânicos, recuados no tempo. Disseminou-se, no renovado centro cívico, uma cativante experiência pedagógica desenvolvida pela Escola Superior de Educação de Castelo Branco: o horto de Amato Lusitano²³. Em revivescência continuada, as plantas confirmam também as palavras do calendário das memórias do sábio médico, anulando o efémero e celebrando, na densidade dos estratos locais, a ciclicidade e a felicidade do renascer.

Nestes anos muitos quiseram fixar, na imobilidade dos retratos definitivos, a realidade fugidia de Amato Lusitano. Cultivou-se, por vezes, uma desmesurada auto-estima fortalecendo a dimensão mítica da personalidade. A diacronia historiográfica consubstanciou-se em narrativas plurais e fragmentadas, muitas vezes de pendor teleológico, animando o uso e o abuso da memória histórica. Hoje é numa geografia localizada que a memória amatiana continua presente e se reproduz. A sua memória provocou o surgimento de elementos simbólicos que tem vindo a afirmar, ao longo dos tempos, atitudes de cariz de gestão política e atitudes de prática cultural. Escreveu Le Goff que «A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.»

Com efeito, as figuras históricas, que ascenderam a mitos por uma exemplaridade que lhes anulou as referências de tempo e de espaço, só podem permanecer vivas quando apropriadas pela consciência e pela memória colectiva. O continuarem a dizer algo, a provocar a interrogação, esse seguimento do perguntar à estátua é função célere, pois, como alvitra José Saramago: «Tudo no mundo está dando respostas, o que demora é o tempo das perguntas.»²⁴ Amato Lusitano ainda preenche e ocupa uma proeminente centralidade na percepção imagética urbana albicastrense contemporânea. É

uma presença cultural que o colectivo domesticou, mas que se quer reforçada, através de um futuro investimento nacional e internacional, na difusão e no estudo da sua espantosa e fantástica bio-bibliografia. Numa vida feita de contrastes, exílios e partidas, esperanças, devaneios e tristezas, chegadas e regressos adiados - o empenho e o respeito pelas diferenças culturais das sociedades e pelos 'outros', o cultivo do entendimento entre credos e religiões, a suprema defesa da Vida, da saúde e do bem estar foram coordenadas do vasto saber de Amato que, com a sua leitura, nos transmitem uma indubitável e inquietante actualidade. Face ao nevoeiro mnemónico que caracteriza algumas geografias das volatilidades da sociedade torna-se urgente reforçar e difundir toda a contemporaneidade da raiz do pensamento amatiano, principalmente aqueles sábios princípios que ajudaram a asseverar no passado um horizonte de convivência e de respeito pelo multiculturalismo, procurando um entendimento ecuménico entre os povos e as religiões. No V centenário do nascimento de Amato Lusitano que ocorrerá em 2011 que comemorações a cidade, a região, o país e o mundo querem, na verdade, iluminar e cumprir?

NOTAS

1 - Ainda que dois anos posteriores à data celebrativa do cinquentenário da atribuição do prémio Nobel a Egas Moniz (1949), a organização das XI Jornadas da História da Medicina na Beira Interior, chamaria a atenção para a recuperação desta componente da memória médica regional. Com a colaboração de alunos da Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco, procedemos a uma apreensão fotográfica pelas geografias beiroas percorridas por Egas Moniz (<http://www.ensino.eu/2000/fev2000/politecnico.html>). Registaram-se, alguns dos ângulos do olhar sobre o espaço vivido nessa fase da sua vida e, principalmente, os austeros interiores públicos, os exteriores do edifício e a capela do primitivo colégio de S. Fiel, imagens que foram cotejadas com pungentes apontamentos autobiográficos. O resultado do trabalho deu origem a uma exposição inaugurada no dia 10 de Novembro de 2000 enquadrada na sessão de abertura das XII Jornadas de Estudo Medicina na Beira Interior. Na ocasião foi lançado um pequeno catálogo *Egas Moniz. Itinerários albacastrenses*, com apresentação do Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco Joaquim Morão, e textos de Maria Adelaide Salvado e de Pedro Miguel Salvado. A 30 de Novembro desse ano, a peça jornalística «Egas Moniz numa rua da cidade» saída no jornal local *Reconquista* anunciava que «Egas Moniz, antigo aluno de Castelo Branco, Nobel da medicina em 1949 irá, em breve, fazer parte do património toponímico da capital do distrito», recolhendo declarações do Presidente da Câmara Joaquim Morão e de Pedro Miguel Salvado. Recorde-se que este projecto expositivo foi alvo de alguma contestação (velada mas que me causou alguns danos de carácter pessoal e científico), tentativa de manipulação e de acções de censura estética desenvolvidas por algumas pessoas (nomeadamente um vereador da Câmara e os chefes de duas instituições, que, estranhamente, revelaram uma incapacidade total em compreenderem os reais e nobres objectivos deste pequeno projecto de recuperação e de afirmação mnemónica regional. A reprodução da memória da presença do Nobel em Castelo Branco foi reforçada com a atribuição

do seu nome à biblioteca da actual Escola Secundária de Nuno Álvares, antigo Liceu Nacional. Este estabelecimento de ensino conserva no seu arquivo os registos das classificações académicas a Egas Moniz. Esta localização documental foi devida ao Sr. Baltasar, antigo e diligente funcionário do velho Liceu, nosso estimado e particular amigo que durante muitos anos foi o responsável pela conservação e gestão de um dos melhores acervos bibliográficos do distrito de Castelo Branco. A delegação de Castelo Branco da Rádio Televisão Portuguesa também então realizou um interessante apontamento filmico onde se apresentam os espaços vividos por Egas Moniz na Beira, principalmente as 'metáforas' das paredes do antigo e hoje ruinoso...colégio de S. Fiel.

2 - Egas Moniz, *A nossa casa*, Lisboa, Edições Paulino Ferreira e Filhos Id^a, 1950, p-24. Sobre esta personalidade tenha-se presente o excelente estudo de Ana Leonor Pereira, João Rui Pita, Rosa Maria Rodrigues, *Retrato de Egas Moniz*, Braga, Círculo de Leitores, 1999. A etapa formativa do colégio de S. Fiel foi omitida no Enquadramento cronológico (1874-1955) da exposição comemorativa do cinquentenário da atribuição do prémio Nobel que teve lugar no Visionarium, Centro de Ciência do Europarque entre Dezembro de 1999 e 29 de Fevereiro de 2000, cf. *Egas Moniz, um encontro*, Visionarium. Centro de Ciência do Europarque, Lisboa, 1999.

3 - Com efeito, nessa área da cidade convergem e solidifica-se uma dimensão material, uma dimensão funcional e uma dimensão simbólica, muito reforçadas, nestes últimos anos, com as intervenções ao abrigo do programa de renovação urbana Pólis.

4 - José- Augusto França, *A arte em Portugal no século XX (1911-1961)*, (2^o edição), Bertrand Editora, Lisboa, 1985, p. 278. A propósito deste escultor e do seu percurso criativo vid.: Manuela Synek e Brás Queiroz, *Escultores Contemporâneos em Portugal*, Lisboa, estar editora, 1992, pp. 146-149.

5 - Sobre esta figura da intelectualidade e da erudição histórica e médica regional vid., entre outros, José Lopes Dias. *Vida e obra (Homenagem da Biblioteca Municipal Dr. José Lopes Dias. Medicina da Beira Interior- II Jornadas de Estudos em C. Branco)*, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1990; Joaquim Parro, *Homenagem ao Doutor José Lopes Dias. Achegas para um «In Memoriam»*, Associação de Antigos Estudantes de Castelo Branco, Castelo Branco, 1999; Dias de Carvalho, "Evocação do Doutor José Lopes Dias". In *Medicina Na Beira Interior – da Pré-História Ao Século XX*, nº3, Castelo Branco, 1991, pp. 5-6; António Salgado, *Escritores nascidos no distrito de Castelo Branco*, Lisboa, Aríon, 2001, pp.511-530

6 - José Lopes Dias, *Miscelânea de Cartas & Documentos Albicastrenses*, Lisboa, Editorial Império, 1966.

7 - *A apoteose de Amato Lusitano na sua terra*. Sep. da Revista portuguesa de Medicina, xx, 1956.

8 - VA, *IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco- Amato Lusitano-*, Estudos de Castelo Branco, Castelo Branco, 1968. Conserva-se na Biblioteca Municipal de Castelo Branco o livro de actas da Comissão Executiva das Comemorações do IV centenário de Amato Lusitano, entregue ao secretário da Autarquia na reunião de 26 de Junho de 1968, pelo vereador José Vasco Mendes de Matos. A situação mereceu algumas críticas e constituiu assunto tratado na imprensa local, destacando-se as proferidas pelo correspondente do 'Jornal do Fundão' em Castelo Branco Oliveira Barata. Também se refere a esta circunstância, tão nociva para a difusão da obra amatiana, Ulisses Vaz Pardal, Cem anos ao serviço da infância. Asilo Distrital de Castelo Branco, Fundão, sd., pp. 118-125.

9 - Raul Rego, «Amato Lusitano ou o portuguesismo dos exilados» in *Horizontes Fechados. Páginas de Política*, Editorial Inquérito, Lisboa, 1974, pp.

10 - Francisco Morais e José Lopes Dias, *Estudantes da Universidade de Coimbra naturais de Castelo Branco*, Tipografia Minerva, Vila Nova de Famalicão, 1955.

11 - «Reunião Semanal do Município» in *Beira Baixa* de 15 de Janeiro 1967, p.6.

12 - *Romagem de Saudade dos Antigos Escolares do Liceu de Castelo Branco*, Comissão Central da Romagem, Coimbra, Coimbra Editora, 1948.

13 - Miguel Torga, *Diário*, Vol. IV, 3^o Edição, Coimbra, 1973, p 166 e p. 174.

14 - *V Romagem de Saudade dos antigos alunos do Liceu de Castelo Branco de 21 e 22 de Maio de 1971*, Estudos de Castelo Branco, Castelo Branco, 1972; Manuel da Silva Castelo Branco, *A cidade de Castelo Branco no ano do seu Bicentenário(1771-1971)*, A inscrição diz: A MANUEL JOAQUIMHENRIQUES DE PAIVA / ESCRITOR MEDICO LUSO BRASILEIRO /PIONEIRO DO ENSINO DA QUIMICA /EM COIMBRA, EM LISBOA E NO BRASIL /

CASTELO BRANCO 1752-BAÍA 1829 V^a ROMAGEM DE SAUDADE 15 - Luís Gonzaga Ribeiro, *A XIV Romagem de Saudade*, Associação dos Antigos Estudantes de Castelo Branco, Castelo Branco, 2002.

16 - O texto diz o seguinte: «NESTA CASA RESIDIU E TEVE O PRIMEIRO CONSULTÓRIO, O SAUDOSO MÉDICO, ESCRITOR, HISTORIADOR DA MEDICINA, NOTÁVEL PEDAGOGO E EMINENTE ACADEMICO DOUTOR JOSÉ LOPES DIAS HOMENAGEM DA XIV ROMAGEM DE SAUDADE DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE CASTELO BRANCO EM 5 DE JUNHO DE 1999.»

17 - «Dr. Branco Amaral» in *Beira Baixa* de 24 de Setembro de 1967, p.6. Este clínico, nessa data, exercia clínica em Lisboa e em Castelo Branco. O consultório situava-se na rua Cardeal da Mota, nº10, 1º andar e a consulta era nos 1ºs e nos terceiros sábados de cada mês.

18 - Considerada a Ex-Líbris da Beira Baixa, a Orquestra Típica Albicastrense (O.T.A.) foi fundada a 16 de Julho de 1956, por Eugénia Lima, conforme acta presente no respectivo Livro do Centro Artístico Albicastrense, associação patrocinadora. Em 12 de Setembro, faz o primeiro ensaio, apresentando-se pela primeira vez em público, a 24 de Fevereiro de 1957. A fundação da Orquestra Típica Albicastrense muito ficou a dever à jornada de confraternização entre as cidades de Castelo Branco e de Santarém ocorrida por ocasião da estátua de Amato Lusitano. Com efeito, nesses dias ocorrerão um conjunto de iniciativas cumprindo os ideários do 30 aniversário da revolução Nacional. A embaixada escalabitana incluía o Orfeão, a banda dos Bombeiros voluntários, o rancho Folclórico dos Campinos da Azinhaga, o rancho folclórico dos Pescadores do Tejo de Benfica do Ribatejo, entre e a Orquestra Típica scalabitana. O presidente da Câmara Augusto Beirão dirá: «Quer o acaso – e designo por acaso a impossibilidade de explicar concreta e positivamente o caso - que hoje mesmo, e dentro de poucas horas, Castelo branco presta

homenagem a um albicastrense notável da época quinhentista de nome João Rodrigues de Castelo Branco, universalmente conhecido por Amato Lusitano. Ele mesmo nos deixou referencia saudosa na sua 1ª centúria de Curas Médicas a um médico ilustre vosso patricio chamado Luís Nunes de Santarém de quem foi condiscípulo na Universidade de Salamanca (...). Que este nobre e significativo exemplo, legado à posteridade por tão notáveis figuras de antanho frutificou generosamente, testemunhamo-lo nós aqui nesta reunião magnífica e neste abraço comovido (...)» in *Reconquista* de 3 de Junho de 1956, p. 3. Amato Lusitano era, para alguns, apenas mais uma parte da vasta construção cultural então em emergência e que se traduziu, entre outras componentes, por um reforço da folclorização da imagem da cidade, reforçando o a sua afirmação como capitalidade de sentido regional e que teve nos bordados de Castelo Branco e na Orquestra Típica Albicastrense alguns dos seus expoentes. Vid: Pedro Miguel Salvado, *Folclorização e identidade urbana. O malpiqueiro albicastrense*, Salamanca, 2007, (polic).

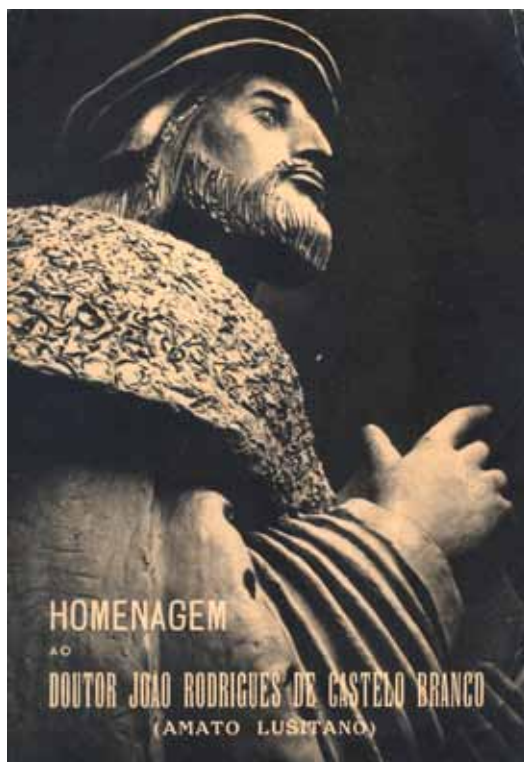
19 - «Hospital Amato Lusitano. 10 anos» in *Boletim Informativo*, Hospital Amato Lusitano, Ano 2, Outubro 2005, pp.2-3.

20- Maria Adelaide Neto Salvado e Maria de Lourdes Pires Cardoso, *O horto de Amato Lusitano. Uma ponte para a Cultura, Educação e Cidadania*, Castelo Branco, 2004.

21 - José Saramago, *Memorial do Convento*, 34ª edição, Caminho, p. 331.

22 - Sobre estas ligações vid. Fernando Catroga, *Memória, História e Historiografia*, Quarteto, Coimbra 2001.

*Licenciado em História (UC); Mestre em Culturas Regionais (UNL); Doutorando em História e Antropologia (USAL); Investigador da Universidade de Salamanca



Livro editado pela Câmara Municipal de Castelo Branco aquando do decerramento da estátua (1956).

EVOCÇÃO/MEMÓRIA DE ALGUNS MÉDICOS NOTÁVEIS DA BEIRA INTERIOR – CONCELHO DO FUNDÃO (VIII):

DRS. EDUARDO FIGUEIRA E JOÃO NABINHO AMARAL - *O gosto pelo património cultural*

Joaquim Candeias da Silva *

Introdução

Confesso que, ao iniciar desta “saga” evocativa de médicos notáveis, estava longe de imaginar que a série se prolongasse por tantos artigos e anos. Sabia que tinha havido no passado muitos médicos em serviço no concelho, e que alguns deles se tinham distinguido por várias formas; mas não tantos que justificassem estas já longas crónicas, que – admito – para alguns dos meus ouvintes/leitores já se terão tornado maçadoras...

Talvez seja, por isso, tempo de as terminar (ao menos sobre o Fundão). Porque – pensarão alguns e eu também – é tempo de dar voz a outras terras e outros concelhos, onde também houve clínicos notáveis, merecedores de serem historiados e evocados. Será também altura de aparecerem novos biógrafos e colaboradores, pois se esta tarefa tem alguns méritos, antevejo-a como longa e não muito fácil de levar a cabo por uma só pessoa.

Pois, desta vez, resolvi trazer mais dois médicos fundanenses que, apesar de diferentes em muitos aspectos dos respectivos percursos profissionais e com intervenções diferenciadas na comunidade fundanense, tiveram em comum uma faceta que eu particularmente muito aprecio: o gosto pelo património cultural.

1. Eduardo d’Almeida Esteves Figueira (1872-1939)

Nasceu em Canas de Sabugosa (Tondela, Vi-seu), a 28 de Junho de 1872, sendo filho de Manuel d’Almeida Esteves Figueira, de Abravezes, e de D. Bernardina de Jesus Figueira, também de Canas de Sabugosa.

É já no curso de medicina que o vamos encontrar, na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, em meados de 1895. Estamos em final de ano lectivo. E, a 29 de Junho, o Conselho Escolar resolve conferir-lhe uma distinção pela aplicação e aproveitamento

que mostrara nas disciplinas do 2.º Ano (Anatomia), o que lhe valeu uma bolsa de estudo de um conto de réis. Mas, chegara entretanto o tempo do serviço militar, a que não podia nem queria eximir-se; pelo que, a 6.12.1896, assentou praça no Regimento de Infantaria n.º 18, chamado do Príncipe Real, ficando incorporado no 1.º Batalhão para servir por 12 anos. Embora efectivo, era porém um alistamento “pró-forma”, porque logo no dia seguinte obteve licença registada para prosseguimento dos estudos médicos.



Eduardo Figueira, acabado de se formar na Escola Médica do Porto (1899).

A Medicina era a sua vocação. E, de facto, foi nos estudos médicos que concentrou então as suas energias. A 3.7.1897 consegue a aprovação na 10.^a cadeira (Anatomia Patológica), com a classificação de Bom (15 valores); a 15.6.1899 leva de vencida a 9.^a cadeira (Clínica Cirúrgica), com o mesmo resultado; a 7.7.1899 completa a 8.^a cadeira (Clínica Médica) ainda com igual qualificação; e, finalmente, a 21 de Julho do mesmo ano, ultrapassava o ACTO GRANDE, com a defesa de uma dissertação que intitulou «*Massotherapie – Breve estudo*», uma matéria ao tempo pouco exercitada mas hoje muito em voga ¹. A certidão, passada pelo lente catedrático e secretário da Escola, Doutor Ricardo d'Almeida Jorge, confirma a aprovação, com a classificação global de 14 valores.



Capa do seu livro «*Massotherapie – Breve estudo*».

De posse do “canudo”, logo solicita a admissão ao concurso militar para cirurgião-ajudante, o que consegue sem dificuldade, pois todas as demais informações eram boas. Era o início de uma carreira, não muito longa nem muito grandiosa (no sentido de excepcionais cometimentos), mas digna e séria, no cumprimento escrupuloso dos seus deveres, sempre com boa cotação nas avaliações anuais (como adiante se verá), podendo por isso ser considerada de sucesso. Adentro do quadro de promoções do seu ramo, lá foi passando, sucessivamente, a Tenente médico (29.8.1899 – início da contagem para efeitos de reforma), Capitão (27.8.1908) e Ma-

jor (1.1.1918). Foi neste posto que se reformou, com data de 16.10.1920, quando a saúde já fraquejava.

A vinda para o Fundão e o domicílio nesta então vila ocorreu na sequência do casamento. Foi a 20.4.1907, com a fundanense D. Maria Emília Maia Aguiar, prendada filha de Fernando Cardoso da Maia Aguiar e de D. Ana Luísa de S. José Aguiar, ele de Malpica (Castelo Branco), ela do Fundão. Por aqui se foi fixando, primeiro nos tempos de licença e depois na reforma. Aqui baptizou e foi também criando os filhos: o primeiro, Manuel, nascido em Lisboa a 12.6.1908 e baptizado na igreja de S. Martinho a 17 de Setembro seguinte; e o segundo, Maria Helena, nascida no Fundão a 1.4.1912. A sua residência era a conhecida “Casa dos Maias” (solar de arquitectura civil tardo-barroca, dos finais do século XVIII, outrora dos Vila Real, ao Terreiro de Cima, na actual Praça do Município), sendo de notar que já havia na família um outro médico, o Dr. Joaquim Maia Aguiar (companheiro de curso de Eduardo Figueira e irmão da mulher deste), a residir no Porto e que foi o padrinho de baptismo do 1.º filho do casal.

A implantação da República não parece ter perturbado o curso normal dos seus dias. Encontrava-se então, por mero acaso, a gozar um mês de férias, pelo Hospital Militar de Vendas Novas: iniciara-o a 11 de Setembro e terminou-o a 10 de Outubro de 1910 [assim sendo, terá sido no Fundão que viveu a revolução]. A 11 foi apresentar-se ao serviço na sua unidade, logo manifestando a sua adesão ao novo regímen, facto que o comandante da sua Divisão Militar (Évora) formalmente comunicou ao Ministro da Guerra, por escrito, três dias depois. Motivos de saúde, já antes manifestados e comprovados por atestado médico [datam de 2.9.1907 queixas de astenia geral e reumatismo articular que lhe dificultavam a locomoção], obrigam-no, entretanto, a pedir uma junta hospitalar de inspecção em Évora, pelo que a 3.1.1911 consegue 60 dias de licença para tratamento no Fundão, o que efectivamente cumpriu.

Retomaria o serviço a 13.3.1911, data em que se apresentou na Escola Prática de Artilharia, em Vendas Novas, e no hospital militar local, que ele dirigia. Dada a extinção da dita Escola, encontra pouco depois colocação no Regimento de Artilharia n.º 7 (Viseu), onde a 27.9.1911 assume a direcção do correspondente hospital militar; mas também por pouco tempo, porque a 21.2.1912 obtém, a seu pedido,

colocação no Colégio Militar. E, para que não subsistissem dúvidas quanto à sua lealdade à República, já numa fase em que começavam a surgir contestações no interior do regime, presta juramento de honra, a 30.9.1912, comprometendo-se «como cidadão e oficial», a «defender a Pátria e as leis da República e servir com zelo e valor, cumprindo as ordens legais dos seus superiores, e fazer-se obedecer e respeitar pelos subordinados», «para o que se tanto for necessário, sacrificarei a própria vida».

Aliás, todas as avaliações superiores que constam do seu processo (confidenciais), apesar da especificidade da sua função, iam num sentido francamente positivo, confirmando a sua integridade moral e profissional. Diz uma avaliação do seu comandante de Vendas Novas, datada de 7.1.1911: «É inteligente, estudioso e dedicado pelo serviço. Tem boas qualidades morais. Creio que desempenha as suas funções profissionais com competência. Merece promoção quando lhe competir.». Outra do comandante de Viseu, a 31.12.1912: «É o médico desta unidade. É inteligente e tem uma instrução geral muito variada (...) parece-me que como profissional se encontra a par dos progressos da ciência médica, procurando desenvolver a sua instrução com a leitura de livros e revistas da especialidade. Vive em boa harmonia com os camaradas, é bom chefe de família e bom cidadão. Merece ser promovido quando lhe pertencer.».

Sobrevém a 1.^a Grande Guerra, primeiro conflito mundial em que o nosso governo entendeu ser obrigação intervir. E o Dr. Eduardo Figueira não se escusou. Em 1918, já na fase terminal da mesma, seguiu para França. Para lá embarcou a 5 de Julho, já graduado em major, integrando o CEP (Corpo Expedicionário Português), como médico militar. Chegou à zona de guerra a 11 de Julho e lá prestou 48 dias de serviço, como chefe dos serviços de saúde do 2.º B.I. do CEP.. Pelos serviços prestados, seria louvado e condecorado, em conjunto com mais 13 oficiais, «pelo notável zelo e distinta inteligência com que durante o seu comando exerceram os cargos que lhes estiveram confiados (Ordem de Serviço n.º 273, de 4.10.1918). Recebeu ainda dois outros prémios: a medalha da Vitória (criada a 30.10.1919) e a medalha de prata comemorativa das Campanhas do Exército Português (com a legenda «França – 1917-1918»), por ordem de 28.6.1920.

Entretanto, a seu pedido, fora colocado no RI-21 (aquartelado na Covilhã), por ser o que ficava mais próximo de sua casa. E o juízo do seu comandante, coronel Henrique Quinhones Portugal da Silveira, datado de 10.1.1920, a respeito do major Dr. Eduardo Figueira, continuava bem positivo: «Faço bom conceito deste oficial médico, que me parece ser muito instruído e severo cumpridor dos seus deveres profissionais. Nada me consta em seu desabono, motivo por que formo dele bom conceito e o julgo digno do posto imediato.».

Talvez porque a idade fosse avançando e a saúde não fosse a melhor, também porque desejava gozar dos seus rendimentos na pacatez do seu Fundão adoptivo e da sua confortável mansão, deve ter desistido da



O Dr. Eduardo fardado de tenente-médico, em Artilharia 1



Em campanha militar (1918)



Em final de carreira (major)

promoção ao posto seguinte, pedindo a passagem à reforma...

Não sabemos com que preparação e influências a dada altura começou a interessar-se pela Arte, pela Arqueologia e pelo Património Cultural em geral. Parece que já seu pai fora um artista, imaginário e autor de belíssimas peças escultóricas; e que na sua aldeia natal, em férias, observava e recolhia carinhosamente, nos seus canhenhos, esboços e fotos de tudo o que o era antigo e belo (o seu vasto espólio, conservado pela neta no Fundão, é disso prova cabal)... O certo é que, de todos esses seus interesses pela cultura material, resultou a pesquisa e a descoberta de algo que nunca tinha sido procurado, pelos arredores do Fundão; e que desse seu paciente labor, não científico mas intuitivo, criterioso e apaixonado, adveio a recolha de um espólio considerável. E daí o ter já sido considerado por uma autoridade na matéria, e com desvelada justeza, «o 1.º arqueólogo do Fundão» (João Mendes Rosa, *História Cronológica do Fundão*, 2005, p. 140).

A colecção recolhida integrava sobretudo material lítico: a 7.6.1965 entraram no Museu local «27 peças arqueológicas de ascendência pré-histórica e romana, entre as quais um paleólito, alguns ma-

chados neolíticos e pontas de lança e de seta», que o filho do médico-arqueólogo, Manuel Maia Aguiar Figueira ofertara na véspera. E nos meses seguintes de Setembro/Outubro, por oferta do mesmo, mais 20 peças líticas (de possível ascendência pré-histórica), um machado de pedra e um fragmento de ola romana. Esses materiais foram recolhidos nos arredores do Fundão, designadamente em S. Marcos e sobretudo na Q.ta do Caranguejo; mas também do castro de S. Martinho (Castelo Branco), este talvez da colaboração com Tavares Proença (cf. José Monteiro, *Pequena história de um Museu*, Lisboa, 1978, pp. 20-21, 37-39, 53 e segs.).

Mas o Dr. Eduardo Figueira também era um «expert» noutras matérias. Em Genealogia e Heráldica, por exemplo, tendo feito e desenhado não só a árvore e o brasão da família, como muitos dos brasões que havia no concelho. Era ainda um profundo apreciador e cultor de Música, de Fotografia, de Numismática, um bibliófilo (reuniu um bom acervo de obras de variadas temáticas, que constituíam uma bem recheada biblioteca, que seu filho infelizmente vendeu para Alcobça), e até um artista (como prova uma cruz de talha, que deixou no oratório da Casa e se conserva). Apesar de não ser pessoa muito expansiva, gozava de muita consideração e tinha muitos amigos, contando-se entre eles escritores como Júlio Dantas e Tomás Ribeiro, ou médicos como D. Fernando de Almeida (pai), Alfredo Gil e João Nabinho Amaral.

Faleceu pelas 19 horas do dia 30 de Agosto de 1939, no Fundão, antevéspera de um dia negro para a Europa: aquele em que a Alemanha invadiu a Polónia. Ia começar a Segunda Guerra Mundial. E o Dr. Eduardo Figueira, sempre atento às realidades do seu tempo, teve uma clara percepção do drama que se avizinhava, pois bem conhecia a situação trágica e desumanizante da Primeira Guerra, num dos seus palcos mais sangrentos. Daí o eco lancinante da premonitória frase com que expirou: «Vem aí a Gueerra!». Menos de 48 horas depois, a 1 de Setembro, uma sexta-feira à tarde, *O Século* titulava em edição especial: «Rebentou a Guerra: A Alemanha iniciou a ofensiva contra a Polónia».

Tinha 67 anos. Deixou geração, os dois filhos já referidos: Manuel, que não deixou sucessão; e Maria Helena, casada, que o presenteou com três netos (José Joaquim, economista já falecido, com ge-

ração em Lisboa; Eduardo, juiz do Supremo Tribunal de Justiça e também com prole; e Maria Emília Maia Aguiar Figueira Costa, a herdeira e actual detentora da Casa que foi de seu avô – “Casa dos Maias” –, da qual modelarmente vem cuidando há muitos anos, e que mui preciosa colaboração prestou para a lavra deste artigo).

Como continuadora do «espírito da Casa», da extraordinária sensibilidade do Avô, não quisemos deixar de registar um testemunho pessoal seu. Ei-lo:

«Não tive a felicidade de conhecer meu avô, a felicidade de lhe trepar para os joelhos, de lhe ouvir contar uma história. Mas sei, pelo que ouvi contar a minha avó, a minha mãe e várias pessoas amigas (algumas ainda vivas), que para além do cultivo da Medicina era um humanista interessado por várias áreas de cultura.

O seu principal hobby era a Arqueologia, fazendo escavações e recolhendo peças, algumas das quais se encontram no Museu José Alves Monteiro. Outra inclinação era para a Música. Quando jovem, sempre que podia e apesar do pouco dinheiro de que dispunha, gostava de ir a S. Carlos à ópera. Ele próprio, assim como seu pai e irmão, tocavam vários instrumentos, fazendo em família pequenos concertos. Tinha também imenso jeito para Desenho, principalmente miniaturas, desenhando os brasões, pois era muito interessado em Heráldica, de todas as casas brasonadas do concelho do Fundão. Era igualmente interessado em fotografia, que tirava e que ele próprio revelava.

Tinha ainda gosto por coisas de família, fazendo as árvores genealógicas tanto sua como de minha avó. Foi também um bibliófilo, colecionando livros raros, juntando uma grande biblioteca, entre livros antigos e livros do seu tempo. Do seu carácter poderei dizer que era uma pessoa muito bondosa, sempre disposta a ajudar, principalmente na sua profissão (Medicina). Muito tímido, quase humilde, chegava a ser capaz de estar a ouvir durante horas coisas erradas sem dizer uma palavra; só depois, se por acaso era interpelado, dizia tudo o que sabia, ficando toda a gente admirada de uma

pessoa tão culta conseguir ouvir tantos disparates e ficar calado [isto é, sem interromper].

Como médico militar, já no posto de major, participou na 1.^a Grande Guerra, na frente, nas trincheiras do norte de França, onde apanhou gases. Devido a isso ficou paráltico, ele que tanto gostava de andar a pé. Procurava lenitivo na sua biblioteca, junto dos seus livros, dos seus desenhos, dos seus achados arqueológicos, aceitando a doença com resignação, nunca se impacientando. Como pessoa de cultura e de bem, ele foi sempre uma referência ao longo da vida, tanto para minha mãe como para mim e meus irmãos. Foi simples, foi culto, foi bom. E é por isso que eu tenho muita pena de não o ter conhecido, de lhe ter trepado para os joelhos e de não lhe ter ouvido contar uma história.»



A sua casa no Fundão (Casa dos Maias), do nome da esposa

2. João da Fonseca Nabinho Amaral (1897-1973)

De acordo com o seu registo de baptismo, nasceu no Fundão, pelas 22 horas do dia 12 de Setembro de 1897, numa casa à entrada da Rua 5 de Outubro, junto ao cruzamento com as ruas da Cale e Teodoro Mesquita, sendo portanto vizinho da Dr.^a Olívia Pessoa Cabral (evocada nas anteriores Jornadas e nesta Revista). Era filho legítimo e único de António dos Santos Amaral, natural da freguesia do Telhado (Fundão), e de D. Virgínia das Dores Dias da Cunha da Fonseca Nabinho, do Fundão, neto paterno de Martinho Amaral e de Teodora dos Santos, e materno de João da Fonseca Nabinho e de D. Delfina d'Ascensão Dias da Cunha ².



Casa onde nasceu João Nabinho Amaral

Fez os primeiros estudos na terra natal e em Aldeia de Joanes, entrando depois no Colégio de S. Fiel (a 9.10.1908), onde fez com aprovação os exames de passagem (1909 e 1910). Com a expulsão dos jesuítas e o fecho de S. Fiel, passou ao Liceu Central de Nun'Álvares (Castelo Branco), onde em Julho de 1916 concluiu o Secundário (7.^a classe de Ciências com Inglês), com boa classificação (14 valores). Seguir-se-ia a Universidade e a Faculdade de Medicina – a de Coimbra era então (ainda) a de maior prestígio – para lá rumando em 1918 (salvo erro...), na peugada de outro fundanense também já trazido a estas *Jornadas*, o Dr. Alfredo Mendes Gil. Os primeiros resultados obtidos são de 3 de Abril de 1919, data em que foi aprovado a Histologia, Fisiologia e Química Biológica, com 15 valores. Outros advieram, positivos, em cadeiras sucessivas, até ao final do ano lectivo de 1921-1922...

Porém, e tal como já acontecera ao referido colega fundanense e a outros, alguns problemas graves devem ter surgido no interior da escola coimbrã (de natureza académica ou política); pelo que, a 12 de Outubro de 1922, requereu também a transferência da Lusa Atenas para a capital. A procuração da mesma, feita em seu nome, traz a assinatura de outro médico fundanense, já por mim trazido a estas Jornadas e respectivos Cadernos, D. Fernando de Almeida (pai), que também atesta as vacinações. Em breve o candidato requeria as provas em falta, os 5.^o, 6.^o e 7.^o exames (especialidades médicas, cirúrgicas, obstétricas, psiquiátricas, etc.), que sem especial dificuldade foi levando de vencida. O ACTO GRANDE teve lugar a 24 de Julho de 1924, saindo aprovado com 17 valores e com a média final de 14.

Fui encontrar a sua tese de final do curso, em Medicina e Cirurgia, nos arquivos da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. É um volume dactilografado, de 77 páginas, tendo por título «*Contribuição para o estudo do Prognóstico da Eclâmpsia*», trabalho que resultou de um levantamento exaustivo, por um período de 25 anos (1899-1923), dos registos de Clínica Obstétrica da Maternidade de Lisboa – Enfermaria de Santa Bárbara. Dos seus professores, vêm citados nomes ilustres como João Alberto de Azevedo Neves (director e relator da tese), Henrique Vilhena, Ricardo Jorge, Francisco Pulido Valente, os irmãos Francisco Gentil (presidente do júri) e José Maria Gentil (o orientador de Ginecologia), Gama Pinto, Sobral Cid, Egas Moniz (mais tarde prémio Nobel) e Pedro Raposo (Secretário).

Depois de enunciar no Prefácio os seus propósitos, que eram simplesmente «tentar o melhor possível a realização de um trabalho consciencioso em que eu tenha posto o máximo do meu esforço e vontade», divide o trabalho em cinco capítulos: I – Eclâmpsia (estudo breve e sumário); II – Prognóstico imediato materno e do feto; III – Eclampsismo; IV – Prognóstico mediato; V – Resultados dos diferentes tratamentos. Encerra o seu estudo com algumas considerações finais – «Conclusões» (pp. 47-48) – e com o anexo da análise das «Observações» (pp. 49-76), com base nos boletins do Arquivo da referida Enfermaria. Bom trabalho? A elevada classificação obtida indicia bem a qualidade que o douto júri nele encontrou.



O Dr. João Nabinho Amaral recém-formado

O Dr. Nabinho Amaral casou em Lisboa com D. Judith Jordão Fernandes Taborda, do Fundão, que era filha do Dr. João Augusto da Costa Fernandes Taborda (também ele médico notável com consultório na capital, ao Chiado, e que chegara a ser médico do rei D. Carlos) e parente (tio materno?) da Dr.^a Maria Olívia Cabral. Do casamento adveio uma filha, D. Maria Luísa da Fonseca Taborda Amaral e Craveiro, que casou com António Carlos Craveiro, industrial de lanifícios da Covilhã, pais de um outro médico actualmente a exercer no Fundão, o Dr. Miguel Taborda Amaral Craveiro. Como curiosidade, assinala-se que é na mesma casa onde o Dr. Nabinho Amaral exercia que o neto vem mantendo a sua Clínica, de Medicina Dentária (na Rua 5 de Outubro, n.º 6), e com um registo de pessoa colectiva a fazer lembrar estas Jornadas: *Medicina Beira Interior*.

Do que foi a actividade profissional do epígrafado, como médico e cidadão fundanense, não detenho, infelizmente, muitas informações concretas, por falta de mais aturada pesquisa. Mas o conceito geral que pude auscultar e que ainda paira no imaginário fundanense é francamente positivo. Não querendo, todavia, ficar-me por generalizações, pareceu-me acertado obter um testemunho objectivo e franco de quem o conheceu como ninguém; e

essa pessoa é a sua filha D. Maria Luísa da Fonseca Amaral, que muito atenciosa e gentilmente não quis deixar de aceder à minha solicitação. Aqui ficam, pois, algumas passagens do seu depoimento:

«Depois de licenciado e já casado, decidiu [meu pai] dar continuidade aos seus estudos, por via de especializações em Estomatologia, Otorrinolaringologia e Oftalmologia, que fez na Sorbonne em Paris, onde esteve três anos. Daí trouxera o gosto por automóveis desportivos, um *Adler*, viatura desportiva elegante à época, também fruto da admiração por um talentoso jovem engenheiro chamado Ferdinand Porsche, que conhecera”³.

Contrariando as suas origens, era republicano. A sua dedicação aos outros era enorme e era conhecido para além das fronteiras da região ou do país. Tinha uma cultura vasta e abrangente (Trigonometria, Astronomia, Agricultura, etc.) e uma capacidade enorme de influenciar os outros, quer pela sua personalidade forte, quer pela maneira de ver a vida, sob o lema “um caminho, um exemplo”. Tinha também um apuradíssimo sentido de estética. Dedicava-se à fotografia, matéria em que foi diversas vezes premiado, com a sua Rolleyflex. Mas, se a sua sensibilidade era enorme, a sua grandeza de alma ainda era maior: punha em tudo o que fazia uma grande determinação, onde se revelava uma extraordinária visão estratégica.

Como médico, era excepcional, e tanto do ponto de vista profissional como humano. Foi director do [antigo] Hospital do Fundão, durante muitos anos, e nunca levantou o ordenado, assim como não cobrava honorários às pessoas que tinham dificuldades. Muitas foram as vezes que meteu dinheiro nos bolsos dos doentes mais desprotegidos, para de imediato poderem comprar os medicamentos de que tanto necessitavam. Nunca se negava a dar apoio a quem precisasse; encarava a Medicina como uma missão, que assumia e onde se revia, podendo dizer-se que encarnava localmente o perfil de João Semana. Era um generalista famoso, tendo pacientes que se deslocavam de muito longe para o consultar.”

Falar dos “nossos” não é fácil, por pudor ou pelo receio de cair em suspeição. Mas a minha informa-

dora, pelo conhecimento pessoal e directo que teve da vida e da obra deste Homem (para seu orgulho e felicidade também seu pai), não tem dúvidas no que afirma. As palavras, os factos e as memórias brotam-lhe da alma e do tempo, porque as viveu intensamente, ou ouviu contar na primeira pessoa. E assim as recorda com muita saudade e alguma emoção. Entre outros aspectos, rememora que o seu progenitor enquanto estudante integrara a Tuna Académica de Coimbra, «onde era conhecido pelo seu famoso bigode, sendo dos poucos estudantes autorizado a usá-lo antes de ser quintanista»; que fez depois serviço militar, na arma de Artilharia, «talvez pela sua compleição física – era alto (1 metro e 83) e forte (atingiu os 90 quilos)», tendo saído no posto de tenente; que apesar do gosto pela Medicina, também se sentira atraído pela Engenharia e pela Agricultura...

«Por vocação seria engenheiro, por profissão médico. No lado da engenharia, envolveu-se num projecto mecânico, que entusiasticamente levou por diante, desde a formulação do produto à concepção das instalações fabris e ao processo de fabrico. Mas por outro lado, e ainda relacionado com isso, teve uma outra paixão: a Agricultura; e nesse domínio também fez algumas obras, talvez megalómanas para o tempo...»

Efectivamente, o Sr. Dr. João Nabinho Amaral inventou, produziu e comercializou um produto dietético revolucionário, para prevenir a ocorrência de perturbações do desenvolvimento infantil. Era o AVITE [marca registada], um composto vitaminado, à base de azeite virgem de baixa acidez, obtido por pressão a frio e enriquecido por vitaminas A e E. Produzido no seu lagar de azeite, herança de família que modernizou totalmente e tornou num dos melhores da Cova da Beira, conseguiu comercializá-lo tanto no mercado nacional como no internacional (especialmente no Brasil), chegando mesmo a ser premiado com medalha de prata num prestigiado certame, o 15.º *Salon International des Inventeurs* (Bruxelas, 1966).

Foi também com algum carácter inovador que fez grandes plantações de pomares, desbravando porções da serra de Alcongosta para o plantio de macieiras e cerejeiras. E, no capítulo da olivicultura,



O Dr. João Nabinho Amaral em idade madura



O Diploma do prémio (1966)

promoveu a criação de uma bateria de testes rápidos para a selecção da azeitona. Tais interesses estariam na origem da Adega Cooperativa do Fundão, de que foi sócio fundador, bem como, indirectamente nos serviços da CP, de que também foi médico por muitos anos. Um dado biográfico relevante foi a visita que lhe fez o antigo presidente do Brasil, Kubitschek de Oliveira (por sinal também médico de formação), o qual fez menção de o conhecer pessoalmente aquando da sua vinda ao Fundão, a 12 de Janeiro de 1963.

Muito interessado por tudo quanto respeitasse ao Fundão, publicaria um livro, *Fundão e arredores – Paisagens, monumentos e costumes*, excelentemente ilustrado com belas fotos de sua autoria,

edição de Lisboa, 1940 (ano dos Centenários), Tip.^a Empresa Nacional de Publicidade, com prefácio do Dr. Alfredo da Cunha e legendagem do Dr. José Alves Monteiro. O prefaciador diria da obra que era «tão desinteressada, pelo que respeita a lucros materiais do realizador, como interessante para a nossa terra comum» e que era «trabalho de arte e revelação de bom gosto». Era-o, sem dúvida. E hoje, quase 70 anos volvidos, mais valor ganharam esses preciosos trechos ou cenários, captados ao vivo, porque na sua quase totalidade... passaram à história. São História, porque irrepetíveis. E se ninguém os tivesse fixado, hoje não seríamos sequer capazes de imaginá-los. Só vendo as imagens, se acredita. É, concretamente, o caso de certas fainas campestres, de romarias e mercados, de velhos usos e costumes, alguns de todo desaparecidos.

«Enfim, era dotado de muitas e boas qualidades: era afável e bem-humorado, gostava do convívio, de se sentir feliz e de fazer felizes todas as pessoas que o rodeavam.» – referiu, a concluir, a nossa entrevistada.

Um capítulo um tanto reservoso e ingrato, tanto para o biografado como para o biógrafo, mas que não podemos deixar de assinalar como significativa, é a actividade política. Embora não exercida de forma relevante nem continuada, ela existiu, como intervenção cívica responsável e corajosa, e num tempo em que isso lhe poderia trazer incómodos e incompreensões. Com efeito, ele era um humanista, um democrata, e como tal um crítico do regime ditatorial vigente, não tendo por isso ficado imune às teias da perscrutação pidesca. Já o tínhamos aludi-



Capa do livro «Fundão e arredores»



Linho às maricas



A malha



Roda mourisca

do a propósito da evocação / memória dedicada ao Dr. Alfredo Gil, seu colega e amigo um pouco mais velho. Em 1967, por exemplo, após ser referenciado como vogal do Conselho Municipal, foi, com o dito Dr. Alfredo Gil, com o Dr. Eugénio Gago Nabinho e muitos outros progressistas, proponente da lista de candidatos à Junta de Freguesia do Fundão opositora à da União Nacional. Eram «todos sobejamente conhecidos pelas suas ideias políticas contrárias ao regime» – segundo um relatório confidencial. Mas não consta que tenha chegado a ser apoquentado.

Até quando trabalhou? Em 1972, de acordo com uma outra informação da PIDE-DGS, já não exercia a profissão... Por fim, acometido de doença, foi internado numa clínica de Lisboa, aí vindo a falecer, na freguesia de Santa Isabel, a 19.7.1973.

E, em jeito de síntese, finalizamos com um outro testemunho autorizado e em muitos aspectos confirmativo do que ficou dito: o que, por ocasião do seu passamento, ficou lavrado no *Jornal do Fundão* (n.º 1384, de 22.7.1973), saído da pena do seu atento Director.



O Dr. João Nabinho Amaral em fim de vida

«Durante muitos anos exerceu clínica no Fundão e a sua grande bondade ficou assinada por uma longa acção em favor dos pobres. Foi médico e director clínico do Hospital da Misericórdia, e também nestes lugares deixou a marca da sua generosidade, pois todos os serviços que prestou durante muitos anos foram inteiramente gratuitos. Interessou-se pela melhoria do fabrico de azeite e chegou a obter vários prémios de qualidade. O seu amor à terra natal levou-o, amador fotográfico distinto que era, a editar um álbum de fotografias do concelho do Fundão, documento etnográfico de merecimento. Em cada fundanense conta-va um amigo (...).».

NOTAS

1 - Foi publicada como edição de autor, pela Typographia Seculo XX, Porto, 1899. O pequeno volume, de 93 páginas, trazia diversas dedicatórias, sendo a 1.ª à memória do lente e antigo director da Escola Medico-Cirúrgica do Porto, Francisco de Assis Sousa Vaz (1797-1870), que instituíra a bolsa para alunos necessitados de que o autor usufruía; a 2.ª a seus pais, a quem diz que devia «tudo» e a quem oferece o trabalho; e depois, sucessivamente, a outros familiares (irmão e irmã, tio e demais parentes), aos discípulos, aos contemporâneos e aos seus amigos e professores. Quanto ao desenvolvimento da matéria, foi esta organizada obedecendo aos seguintes subtítulos: História; Manual operativo; Movimentos activos, ou passivos e comunicados; Fisiologia da massagem; Indicações e contra-indicações.

2 - É de notar a persistência do nome do avô materno, que já vinha do bisavô; aquele falecera a 29.10.1867, no Fundão, onde vivia na Rua dos Casados (hoje 5 de Outubro), com 50 anos, sendo sepultado na capela de S.to António. De notar ainda que, pela avó materna, descendia de uma ilustre família de Bogas de Baixo, a dos capitães-mores Dias de Carvalho, a que me refiro no meu livro *Concelho do Fundão – História e Arte*.

3 - De facto, foi a este famoso construtor de automóveis alemão (1875-1951) que o mundo ficou a dever muitos carros de corrida, na sua maioria feitos para a Daimler-Benz. Mas não só. Foi ele também o criador do popular Volkswagen «carocha»...

* Doutor em Letras (História), professor aposentado, da Academia Portuguesa de História
jcandeias.silva@gmail.com

CONTACTOS E INTERRELAÇÕES NA HISTÓRIA DA MEDICINA DA BEIRA INTERIOR: LEMBRANÇA DO DR. FRANCISCO ANTÓNIO RODRIGUES DE GUSMÃO (1815-1888)

Joaquim Candeias da Silva *

Introdução

O seu nome foi já mencionado algumas vezes nestas Jornadas, como clínico e historiador. Um «médico nos caminhos da modernidade» lhe chamou Maria Adelaide Salvado, num dos seus últimos trabalhos, «Reflexão em torno de algumas curas miraculosas na Beira Interior», *Medicina na BI, Cader-nos de Cultura*, n.º XXI, Nov. 2007, pp. 90-91.

Adveio daí a curiosidade de saber algo mais a seu respeito.

Foi, na verdade, uma figura notável, não só como médico mas também e sobretudo como operoso publicista – um dos maiores do seu tempo – com a particularidade de ter trabalhado nesta nossa região. Foi ainda um dos primeiros reitores do Liceu de Castelo Branco. Todavia, porque não nasceu nem faleceu no concelho do Fundão (a área geográfica a que venho dedicando maior atenção), entendi que lhe devia ser dado um enquadramento autónomo.

É o que estou a fazer em brevíssimo escorço, na convicção de que será justa a sua lembrança neste *forum* e nas páginas da revista que lhe corresponde.

O Dr. Rodrigues de Gusmão - Médico beirão e notável publicista

Nasceu em Carvalhal de Sendeu (Tondela, Vi-seu), a 6 de Janeiro de 1815, da união matrimonial de José António Reino, de Seia, e de Joaquina Rita. Embora de raízes modestas, recebeu uma esmerada educação em Coimbra (para onde seguiu antes dos dois anos), com forte componente religiosa, tendo chegado a receber ordens menores. Tal formação ser-lhe ia da maior utilidade, pois lhe facultaria sólida bagagem humanística, mormente nos domínios da cultura clássica.

O contexto revolucionário dos anos Trinta, liberal, laico e mesmo anticlerical, tê-lo-á desviado da carreira eclesiástica e procurado uma profissão na área da Saúde. Assim, matricula-se na Universidade

de Coimbra em 14.10.1835, na Faculdade de Filosofia e Matemática (então a que dava acesso ao curso médico) e aí, esforçadamente, vem a obter a 30.07.1844 a formatura em Medicina e Cirurgia, com informações reveladoras de muita distinção.



Carta de curso, datada de 31.01.1845, passada pelo reitor Sebastião Correia de Sá

Começou a sua actividade profissional como médico de partido do concelho de Alpedrinha, por nomeação oficial (decreto de 15.05.1845), a que pouco depois juntou a de médico da Misericórdia local. Nessa qualidade percorreu as terras da sua circunscrição e outras vizinhas a que era chamado; travou contactos e estabeleceu relações íntimas não só com as realidades locais, com o povo anónimo das vilas e aldeias, com os seus problemas (muitos) e virtualidades (algumas), mas também com as elites locais e com os poderosos do tempo; fez diagnósticos e estudos, com propostas de providências, mormente sobre as epidemias que iam ocorrendo e em particular a de febre tifóide.

Destas, ficaram bem conhecidos os estudos que dedicou às ocorridas no Alcaide, em S. Vicente da Beira (Casal da Serra, Louriçal), no Castelejo (1848), na Lardosa (1849), e em diversas outras terras desta região, estudos esses que foi publicando em jornais

e revistas da especialidade. Em Março de 1854, tendo sido chamado pelo Governador Civil do distrito a esclarecer uma doença grave que grassava em Valverde, mostrou que se tratava de *ergotismo*, uma intoxicação provocada pela cravagem (fungo parasita) do centeio, resultando desse estudo mais uma publicação. Em Maio de 1855, face ao surto de *colera-morbus* que assolava o Centro do país e que vitimava milhares de pessoas, tomou as medidas profiláticas que considerou mais ajustadas para debelar o flagelo na sua área, ao que também deu divulgação.

Muito agradado do clima e das belezas naturais de Alpedrinha, esforçou-se por publicitar esta vila, divulgando algumas das suas muitas potencialidades, como as águas termais da Touca (no que foi pioneiro), e pugnando até pela instalação na mesma vila do Colégio jesuíta que então se anunciava para o Lourçal do Campo, a pretexto de condições sanitárias. Desta vez as suas recomendações não seriam seguidas pelos responsáveis e o Colégio do Lourçal foi mesmo avante, restando dele a memória que sabemos; mas, relativamente às termas da Touca, o seu alerta foi bem aceite, divulgado em estudos bem conhecidos (p. ex. de Charles Lepierre, Salvado Mota, etc.), e concretizado.

Importantes funções a que foi chamado foram as de Comissário dos Estudos e Reitor do Liceu de Castelo Branco, ocupando assim um lugar cimeiro no sistema de ensino do distrito, muito embora não leccionasse. Nomeado a 6.07.1853, serviu pelo menos até aos finais de 1855, altura em que parece ter tomado outros rumos [todavia, o reitor seguinte – Dr. José Marques Leite – só foi nomeado a 16.02.1862]¹. Nessas funções redigiu e publicou uma espécie de manual com doutrina higiénica, para uso de professores e alunos, que foi aprovado pelo Conselho Superior de Instrução Pública e muito apreciado e divulgado a nível nacional.

Passou, entretanto, a exercer clínica na cidade de Portalegre (1855)², aí se tornando posteriormente delegado de saúde distrital (1869) e presidente da Junta Geral do mesmo distrito, mas persistido sempre no seu empenho de estudioso e divulgador. Aí casou, com D. Maria José Augusta de Campos (1835?-1909), de quem teve filhos (pelo menos cinco e com geração), um dos quais outro Francisco António Rodrigues de Gusmão (que não deve ser

confundido com o progenitor). Em razão do seu prestígio, o nome do ilustre clínico (pai) seria depois tomado como patrono do Sanatório dessa cidade.

Pessoa muito sociável e dada ao relacionamento com instituições culturais-científicas, pertenceu a diversas agremiações, como a Academia das Ciências, a Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa e a Real Associação dos Arqueólogos Portugueses, em todas deixando marcas da sua reconhecida erudição e da sua idoneidade. A listagem dos seus trabalhos atinge mais de meia centena de títulos e versa os mais diversos assuntos [ver abaixo uma súmula dos mesmos]. Era também um reconhecido bibliófilo, com uma biblioteca muito bem recheada e actualizada para a época.

Viria a falecer em Coimbra, septuagenário, a 22 de Fevereiro de 1888, tendo o seu passamento ficado bem assinalado nas memórias e crónicas de então, mormente na sentida evocação redigida pelo Dr. Augusto Rocha «À memória de Francisco António Rodrigues de Gusmão», publicada na *Coimbra Médica* de 1 de Março de 1888, Imprensa da Universidade de Coimbra, de que foi feita separata e de onde transcrevo algumas passagens [Anexo 1].

O seu filho homónimo, também médico, viria mais tarde a acrescentar ao vasto rol de títulos do pai mais alguns interessantes trabalhos de natureza médica, tais como *O registo dos nado-mortos – Estudo demographico e de legislação sanitaria*, Portalegre, 1902; e *A tuberculose no concelho de Portalegre: notas demographicas*, 1901.

Em síntese

Por esta curtíssima e muito parcial deambulação se poderá concluir que passou pela nossa Beira Baixa e distrito de Castelo Branco, pelos meados do século XIX, um Médico (com M grande) de vasta erudição e cultura, um luminar para a História da Medicina, que deixou marcas profundas do seu saber e da sua acção. Esta reflectiu-se não só na prática diária, ao serviço das populações, mas também na publicitação dos seus múltiplos estudos, partindo da área restrita da Medicina para diversas Ciências Humanas.



O Dr. Rodrigues de Gusmão e sua esposa, D. Maria José

ANEXO 1 – Elogio de F.A. Rodrigues de Gusmão, pelo Dr. Augusto Rocha

«Finou-se, pois, um dos homens mais conhecidos e estimados entre os que em terra portugueza frequentam as letras e as sciencias. Rodrigues de Gusmão foi um clínico hábil, estimadíssimo e feliz, nos logares onde exerceu, e onde deixou outros tantos amigos quantos os seus clientes (...). Foi um trabalhador sincero, de todas as horas, versando a bella linguagem portugueza com rara consciencia, amando incondicionalmente a boa leitura e os bons livros, de que possuia uma vasta, rica e curiosissima collecção, interessando-se por nossos fastos e monumentos, que estudava com amor e predilecção de patriota. (...) Apesar de todas as circunstancias desfavoraveis, poucos medicos temos que hajam legado à posteridade tão variadas e multiplices publicações de bom quilate; entre os medicos provinciaes nenhum, nem antigo nem moderno, [se] póde defrontar com Rodrigues de Gusmão.

Foi elle um exemplo, que infelizmente não deixará imitadores. Digam-nos que o medico na provincia pouco mais póde que praticar evangelicamente o seu ministerio; e que, chegando à noite a casa extenuado, após as fadigas incessantes de um dia de trabalho, mal poderá furtar o corpo ao descanso para repetir no dia immediato a mesma tarefa improba, crystallizando pouco a pouco n'uma rotina miseranda; eu lhes opporei victoriosamente o nome de Rodrigues de Gusmão, que soube registrar no mais acceso da sua faina clinica os factos, por qualquer titulo interessantes, de uma observação esclarecida. E afóra os trabalhos d'esta ordem ainda talhou ocios para re-

digir noticias litterarias, criticas, biographicas, bibliographicas e archeologicas, que d'elle fizeram um collaborador inestimavel, prestantissimo, da grande maioria das tentativas generosas, scientificas e litterarias, que durante quasi meio seculo se envidaram entre nós para o levantamento da cultura mental.

Em todos esses innumerados escriptos poz o nosso amigo o cunho de uma individualidade bem characterisada. Como escriptor a sua penna discorria sobriamente, com elegancia e concisão rarissimas, propria e vernacula, com dignidade e austeridade, predicados que o elegeram entre os mais grados escriptores nacionaes do nosso tempo. Como medico foi um seguidor fiel das doutrinas e preceitos hippocraticos, temperados pelos progredimentos modernos, que acompanhava com prudencia, mas ininterrupta e amorosamente, mostrando-nos instructiva harmonia entre as lições da tradição e os reptos do progresso; que foi um clinico consciente, meticoloso observador, sagaz semeiologista, attestam-n'o, para completar as outras prendas, muitas das suas memorias. Como erudito, bibliophilo e archeologo, poucos entre nós lhe levaram as palmas; de uma erudição certa, copiosa, segura, bebendo suas origens no conhecimento das humanidades latinas e gregas, nos textos purissimos dos prosadores e poetas da antiguidade classica (...).

Haverá certamente quem levante em condigna biographia um padrão à memoria d'este eminente escriptor, honra e gloria da nossa classe (...) de um collega, cheio de modestia, de saber, de integridade, character immaculado, – um homem de sciencia e um perfeito homem de bem”.

(«F. A. Rodrigues de Gusmão», *Coimbra Médica*, n.º 5, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1888)

ANEXO 2 – Alguns dos trabalhos publicados:

- «Breves apontamentos para a historia da epidemia de Castellejo (Fundão)», in *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas*, 2.ª série, tomo II, Lisboa, 1848, p. 253.

- «Succinta noticia da epidemia que grassou na Lardosa em Abril e Maio de 1849», *Ibidem*, t. VI, 1850, também pub. na *Gazeta Medica do Porto*, t. VI, 1849, p. 49.

- *Breve memoria sobre as aguas sulphurosas de Alpedrinha*, Typ. Comercial, Porto, 1850.

- *Breve noticia do collegio dos meninos orphãos, que sob a protecção do Martyr S. Fiel vai fundar na aldeia do Lourical, districto de Castelo Branco, o senhor Fr. Agostinho da Annunciação, seguida d'algumas considerações sobre a inconveniencia do local*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1852.

- *Bosquejos biographicos: O abbade Corrêa da Serra e Felix Avellar Brotero*, Typ. da Revista, Porto, 1853.

- *Ensaio estatistico. Expostos no concelho de Alpedrinha*, Lisboa, 1853.

- *Memoria da vida e escriptos do Rev. José Vicente Gomes de Moura*, Typ. de Antonio Pontes, 1854.

- *Summula de preceitos hygienicos ordenada para uso dos professores e alumnos, de ambos os sexos, das escolas de instrucção primaria*, Porto, 1854 (com reedições).

- *Estudos filologicos*, 1854.

- «Relatorio da epidemia de Valle-Verde», *Gazeta Medica de Lisboa*, t. II, Lisboa, 1854.

- «Providencias de policia sanitaria aconselhadas à Câmara de Alpedrinha», *Jornal das Sciencias Medicas de Lisboa*, t. XVII, Lisboa, 1855, p. 250.

- *Memoria da vida e escriptos de Estevam Dias Cabral*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1855. [O biografado, filho de Teodoro Dias e de Maria Cabral de Pina, nasceu em Tinalhas, a 23.2.1734 e faleceu em S. Vicente da Beira a 1.2.1811, sendo sepultado em Tinalhas. Era jesuíta e um grande especialista em Hidráulica, tendo feito estudos/projectos em Itália, no Mondego e no Tejo, e ainda na sua área de origem – Ocreza (Lourical / S.Vicente / C.Branco), esta pub. nas *Memorias Economicas da Academia das Ciências*, tomo IV (c. 1850)].

- *O estudo das linguas grega e latina é necessario...*, Lisboa, 1856.

- *Apontamentos para a historia da epidemia de cholera-morbus, que reinou em Portalegre em 1856*, Typ. de Francisco Xavier de Sousa, Lisboa, 1857.

- *Memorias biographicas dos medicos e cirurgiões portugueses que, no presente seculo, se tem feito conhecidos por seus escriptos*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1858, 208 págs.

- *Considerações higiénicas sobre as carnicerias de Portalegre*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1860.

- *Observações clínicas sobre o uso do cotyledon*

umbilicus na epilepsia, Imprensa Nacional, 1860.

- *A prostituição entre os romanos*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1861.

- *Sumula de preceitos higienicos*, António Maria Pereira, Lisboa, 2.^a ed. 1862.

- «Descoberta da Austrália pelos Portugueses em 1601, in *Nação*, 1863.

- «Literatura medica. Mal de Loanda», in *Gazeta Medica de Lisboa*, 1864.

- «Hydrologia medica portuguesa», in *Gazeta medica de Lisboa*, 1865.

- *Relatorio sobre a epidemia de cholera-morbus, que reinou em Elvas em 1865*, pub. em 1866.

- «O ensino clinico na Universidade de Coimbra», pub. in *Instituto* e in *Gazeta médica de Lisboa*.

- *Memoria dos alcaides-mores de Portalegre*, Coimbra, 1867.

- *Os antigos e modernos literatos portugueses*, 1868.

Para uma visão global da obra do Dr. Rodrigues de Gusmão, terão ainda interesse, além da consulta de artigos seus nos muitos jornais e revistas em que colaborou, mais as publicações seguintes:

- *Noticia documentada dos serviços que à saude publica tem prestado Francisco António Rodrigues de Gusmão (...)*, Imprensa Litteraria, Coimbra, 1881.

- Silva's Leiloeiros, Lda. e Pedro de Azevedo leiloeiro, *Biblioteca de Francisco António Rodrigues de Gusmão e de Mário Tomás da Costa Roque* (Catálogo de leilão), Lisboa, 1998, 160 pp., com o acervo bibliográfico de 2500 espécies, tendo muitos dos livros marcas de posse do Dr. Gusmão.

NOTAS

1 - De acordo com José Lopes Dias e Francisco de Moraes, no seu «Catálogo dos Reitores do Liceu de Castelo Branco», in *Estudantes da Universidade de Coimbra naturais de Castelo Branco*, 1955, p. 291, o Dr. Francisco de Gusmão foi o 3.^o na ordem de antiguidade, sucedendo no cargo ao Pe. José Joaquim Magro (1849-1852) e ao Dr. José António Morão Júnior (1852-1853), este também médico e estranho ao corpo docente.

2 - Deve ter deixado Alpedrinha pelos finais de Agosto de 1855, pois foi na sessão da Câmara local de 8 de Setembro que o seu «partido de Medicina» foi dado como vago. Recebia então, segundo a respectiva acta, 300:000 réis de ordenado «por curar a villa e concelho».

* Doutor em Letras (História), professor aposentado, da Academia Portuguesa de História
jcandeias.silva@gmail.com

NOTAS PARA UM ESTUDO DE MEDIDAS SANITÁRIAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA O CASO DO FUNDÃO

Maria Antonieta Garcia *



Fundão - Paços do Concelho. Edição da Pharmácia Bellarmino Barata, N.º 1 (Cerca de 1900).

I - Um dia D. Carlos disse: *Portugal é uma pio-lheira!* Não o podia ter feito por ser quem era.

Durante o século XIX, Portugal tenta acertar o passo com os países europeus. As lutas entre liberais e absolutistas e os que, sob outros nomes, representavam ideias políticas diversas, às vezes, polarizadas, revelam uma nação dividida, em busca de rumo. A crise marcou o percurso, mas a construção do Caminho-de-Ferro, em tempos da Regeneração, teve efeitos económicos directos pela melhoria das acessibilidades de pessoas e mercadorias, pela intensificação das trocas comerciais.

Portugal sobrevivera como país exportador de matérias-primas exóticas, pela exportação do vinho do Porto. A independência do Brasil (1821) cancela a primeira fonte de rendimento. Depois de 1860, incapaz de competir com as novas tecnologias, sofreu a desvalorização dos produtos agrícolas. Veleiros portugueses são substituídos no mar pelos vapores ingleses. Portugal não era um país industrial.

Na década de oitenta, na província, onde residia 88% da população, os partidos elegiam deputados entre grupos de amigos; tinham um chefe e um lugar onde se reuniam e combinavam as eleições. Na Beira Baixa, Tavares Proença (Júnior) e Manuel Vaz Preto Geraldês eram os senhores da política. Já os pais, Francisco Tavares Proença e João José Vaz Preto Geraldês, pares do reino em 1842, tinham dominado, desempenhando as funções de Presidentes da Câmara, governadores civis, ministros..."¹

Os Vaz Preto eram Regeneradores, os Tavares Proença eram Progressistas. Manuel Vaz Preto, para o fim da vida, viria a afastar-se de Fontes e constituiu um grupo que chamou Amigos de Vaz Preto. Castelo Branco agradecia-lhe as estradas, o telégrafo, pontes e outros melhoramentos que conseguia pela influência que exercia em Lisboa. Tavares Proença era, como dissemos, o nome do Partido Progressista em Castelo Branco². Sempre que acedia ao Governo era consultado sobre a nomeação de fun-

cionários para o Distrito. Os ódios como as orientações da vida política herdavam-se. Às vezes, as divergências resultavam vantajosas; por exemplo, em 1894, o regenerador José Domingos Ruivo Godinho, advogado e Provedor da Misericórdia, sustentava em Castelo Branco uma sopa económica para os indigentes; Tavares Proença, progressista, a favor da pobreza, cria a cozinha económica.

Lamentava Eça de Queirós: “O País perdeu a inteligência e a consciência moral. Os costumes estão dissolvidos e os caracteres corrompidos, a prática da vida tem por única direcção a conveniência. Não há princípio que não seja desmentido, nem instituição que não seja escarnecida. Ninguém se respeita. Não existe nenhuma solidariedade entre os cidadãos. Já se não crê na honestidade dos homens públicos (...). O desprezo pelas ideias aumenta em cada dia. (...) O tédio invadiu as almas.”³

As condições de vida eram más. Em 1885, quase metade dos mancebos presentes à inspecção militar foram dados como incapazes por falta de altura, de peso ou de saúde.

Em 1890 Portugal tinha a maior percentagem de analfabetos dos países da Europa Ocidental.

Nesta data, o Ultimatum inglês, entregue ao Ministro dos Negócios Estrangeiros, pelo Embaixador de Inglaterra, em Lisboa, exigindo que Portugal ordenasse a retirada imediata de uma expedição militar que atacara alguns indígenas protegidos pelos ingleses na África Oriental (actual Malawi) provoca indignação e uma reacção contra a Monarquia e contra a mais velha aliada de Portugal. Era a causa que faltava para seivar o nascimento do ideário republicano apoiado por intelectuais que garantiam a sua influência através dos meios de comunicação, divulgavam o diagnóstico da situação nacional, despertavam confiança e energia.

Em 1900, 61% da população empregava-se na agricultura; para as mulheres a saída dos campos significava a ida para as cidades para servir em casas da classe média. Havia em Lisboa e Porto, fábricas de fição e tecelagem de algodão, fábricas de conservas de peixe em Setúbal e na costa algarvia. Mas o país era pobre, pequeno, analfabeto.

II – Aqui está esta pobre Carta Constitucional que declara com ingenuidade que o país é católico e monárquico. É por isso talvez que ninguém crê na religião e que ninguém crê na realeza.

Eça de Queirós, *Uma Campanha Alegre*, op. cit., p. 15.

As causas dos republicanos, em 1910, podem ser definidas como o desejo de melhorar as condições de vida e restaurar a moralidade e o bom senso na gestão da *res publica*. E se a República não podia garantir um bem-estar imediato, a responsabilização colectiva pelos destinos do país, a participação na construção da nação poria fim ao cepticismo dos “ilustrados”, ao conformismo e à descrença de muitos, velhos miasmas que corroíam o povo. A reforma de costumes, a massificação da instrução, do desporto, da saúde, a libertação das mulheres, o fim das guerras, a saúde, impunha-se com carácter de urgência. O Programa do Partido Republicano Português, de 1891 que vigorava em 1910, *propunha o municipalismo, a secularização da vida pública, o apoio estatal a todos os meios de incorporação do proletariado na sociedade moderna.*⁴

Outro traço identificador da maioria dos republicanos é o anti-clericalismo, o anti jesuitismo. Acreditavam que para criar a República era necessário libertar o povo de antigas sujeições, sobretudo a espiritual. No começo do século XX, a Igreja e a Maçonaria, a Monarquia e a República desafiavam-se, conflituavam... Estamos perante poderes humanos que sustentam princípios, legitimam reivindicações, justificam atitudes. As diferentes vozes garantem a boa fé, a obediência a preceitos éticos. Mas porque não há verdades imutáveis, eternas, nem um fundamento absoluto da ética, na actuação dos poderes esboçam-se formas intermédias de boa fé...

À hierarquia eclesial, a par de múltiplos actos de bondade, de santidade, são apontados outros menos católicos. Instituição constituída por homens, a Igreja muda com os contextos históricos. Sabemo-la perseguida e perseguidora. O exercício do poder eclesial foi/é humano como o poder laico.

“Pois dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus⁵, diz a clareza da distinção entre poder político e poder eclesiástico, nas primeiras comunidades cristãs. Desde que o catolicismo se tornou religião oficial do

Império Romano, a relação entre os poderes referidos foi de cooperação, ou de conflito. O inimigo do mundo cristão, na época, estava definido; Frei João da Expectação temia O Maçonismo, esse profundo caos de impiedade, onde o feio monstro do despotismo se prepara para o extermínio da sociedade...⁶, mesmo sabendo-se que quantos dessa sociedade infernal, a maçonaria, não têm empunhado o símbolo de pastor de fiéis e se têm sentado nas próprias cadeiras dos sucessores dos Apóstolos?”⁷

Na Igreja havia, pois, solistas que desafinavam do coro e, se a população portuguesa se afirmava maioritariamente católica, o anti-clericalismo, a par da rejeição da interferência do clero na vida política são traços culturais claramente perceptíveis.

O poder económico da Igreja enfraquecera com as ideias liberais, mas leis republicanas vão mais longe.

Em 20 de Abril de 1911, a publicação da Lei da separação do Estado da Igreja funcionará como geradora de cisão. A laicização apoia-se, no alvorecer da República, em leis que: aboliam os dias Santos (26/10/1910); promulgavam a Lei do divórcio (Dec. 3/11/ 1910); proibiam o ensino da religião nas escolas públicas (Dec. 28/12/ 1910); legitimavam o casamento civil (25/12/1919); o culto religioso só era permitido no interior dos templos.

Os eclesiásticos perdiam bastiões de poder, os protestos multiplicaram-se. Ainda assim, o Papa Pio IX acusa os bispos portugueses de *tibieza e comodismo*.⁸

D. Manuel Vieira de Matos, no bispado da Guarda

Tem de dirimir muitas lutas: para além da laicização que caracterizava a época, confrontava-se com uma imprensa que divulgava notícias desprestigiantes relativas a membros do clero, a comportamentos da Igreja. Somam-se as de práticas inadequadas de confessores e a opinião pública mobiliza-se, manifesta-se. A carência de uma imprensa diocesana para fazer face aos órgãos de imprensa laica, maioritariamente anti-clerical, tornou-se uma prioridade para o Bispo. Na cidade episcopal, dois órgãos de comunicação desafiavam-se: *A Guarda*, uma revista quinzenal, religiosa sai

a lume. O jornal *Combate* estava no outro lado. O director, José Augusto de Castro, era maçom e republicano convicto. Escrevia a nova publicação da Igreja: *Vê-se pois que a maçonaria e socialistas são associações assassinas*.⁹ No jornal seguinte acrescentará: *Por toda a parte campeia infreme o socialismo revolucionário, aquele mal ingente que odeia de morte Deus, a sociedade e a família*¹⁰.

Heliodoro Salgado responderá: *Ora, deixando em paz esse monstro de virtude... jesuítico-nacionalista, subamos até à Maçonaria essa benemérita instituição cuja missão histórica e social tem sido e continua sendo toda beneficente: quer procurando levar alívio ao infortúnio privado, quer luctando contra as tyrannias, em benefício do progresso político, intellectual e moral da Humanidade*. Observa: esta é a razão por que *contra ella se erguem as iras de todas as alas do despotismo e das trevas. A Companhia de Jesus vê nella o seu principal inimigo, e, correspondendo, della fez o objecto capital do seu ódio*.¹¹

Fraternizar o mundo era discurso comum, os espaços são idênticos, as acusações mútuas radicalizavam-se.

A Igreja não aceitava a intromissão do poder laico e defendia-se actuando como poder temporal. Com luzes divinas? Omnisciente? O valor da sua opinião dependia, sem dúvida, do conhecimento, da capacidade, da honestidade com que abordava as questões, tal como acontece com qualquer leigo. Presume-se que as opiniões políticas de sacerdotes devem retratar princípios da teologia cristã. Mas ser cristão, não tinha um único figurino religioso. Na verdade, *A Guarda*, jornal católico, militava a favor do Partido nacionalista; há, porém, católicos que se distanciam do projecto¹².

A questão era política, não era religiosa e muito menos cristã. A Maçonaria desesperava áreas conservadoras do clero por criar escolas laicas, creches, cantinas... intervinha em sectores que a Igreja dominava. A perda de poder envolvia a competição em postos de trabalho: a oferta eclesial diminuía mas o direito de opção por uma escola laica garantia o projecto republicano de formação de cidadãos.

É o movimento civilista que melhor traduz a reacção do clero à República. A perda de direitos que significava estabelecer em todo o país o Registo Civil obrigatório leva Manuel Vieira de Matos a pedir aos sacerdotes que impeçam a concretização do pro-

jecto, até ao último sacrifício. A igreja quer preservar direitos e regalias; o apelo à desobediência revela que era a hora de reunir esforços. O que estava em causa era a perda de poder efectivo decorrente da posição que detinha na oferta de bens (registos) de que fiéis e não fiéis eram clientes. Nascimentos, casamentos e óbitos figuravam exclusivamente nos Livros de Assentos pertença das paróquias a que todos os “fregueses” recorriam. O controlo estava nas mãos de sacerdotes. Foram estas razões que geraram o movimento anti-civilista, que uniu sacerdotes e teve repercussão significativa no Bispado da Guarda.

Escrevia Alexandre Barbas: “Não, meu amigo, não se pode ser católico e republicano ao mesmo tempo. (...) Ser republicano é estar liberto de todos os preconceitos, é amar a verdade imposta pela Ciência, é ser livre e lutar pela Liberdade. Ser católico é obedecer a Roma, é acatar, a olhos fechados, as determinações da Igreja, é obedecer ao dogma.”¹³

Duas definições identitárias, duas formas de ser antagónicas, segundo o autor. De um lado, uma opção pela verdade da Ciência, amar a Liberdade; do outro, a Obediência e o Dogma como referências.

Na verdade, se não havia um modelo exclusivo de republicano, na Declaração dos Direitos do Homem, Tábuas Sagradas de uma lei nova, radicava o projecto de transformação da Humanidade. Santos Gonçalves escrevia em *O Combate: A minha santa religião é a República*.

Manuel Vieira de Matos não desiste. A pastoral colectiva de 14 de Dezembro de 1910 – *Non Tacébunt* –, publicada pela Casa Veritas, protestando contra as leis da República é proibida. Em Junho, o Paço Episcopal é cercado e, em 20 de Agosto de 1911, o ministro da Justiça, Afonso Costa, delibera que uma parte do seminário seja atribuída à Câmara Municipal; o Bispo protesta mas vê-se obrigado a sair. Manuel Cardoso cede-lhe a Casa do Gaveto, na Rua Sousa Dias,¹⁴ na cidade da Guarda.

Por Decreto de 24 de Novembro de 1911¹⁵, Manuel Vieira de Matos é impedido de residir, durante dois anos, no distrito da Guarda. O episcopado reage à pena, dirigindo colectivamente ao Presidente da República um protesto a favor do prelado. Não resultou. Saiu para o Tortosendo e instala-se no palacete disponibilizado pelo Dr. Gonçalo Xavier de

Almeida Garrett, lente da Universidade de Coimbra. Na localidade há manifestações contra a presença do Bispo. Senhoras da vila querem impedir a saída, mas o governo Civil intervém; acompanhado por uma força militar, Manuel Vieira de Matos deslocar-se-á para o Fundão, acompanhado por força militar; é recebido em casa do Dr. José Pedro Dias Chorão. Permanecerá um mês na localidade “... durante o qual a população da vila não cessou de lhe dar as mais inequívocas provas de respeito e carinho, mantendo-se em atitude tão decidida, que nenhum desacate seria possível sem pronto e exemplar castigo”¹⁶. Segundo Monsenhor J. Augusto Ferreira, nessa altura, no Fundão os hotéis estavam cheios de pessoas que vinham cumprimentar o Bispo. Celebrou missa na igreja paroquial e “Quando retirou da Igreja para a casa do Sr. Dr. Chorão, onde estava hospedado, foi ali acompanhado por mais de duas mil pessoas”.¹⁷

No Fundão publicou uma circular contra as Cultuais, associações a que eram atribuídas a posse e a propriedade dos templos e de confrarias com o propósito de manutenção do culto. Pio IX tinha-as condenado; argumentava o Bispo que se tratava de uma sujeição eclesiástica ao poder civil. Sofre, por isso, nova sanção: não poderá residir, por dois anos, no Distrito de Castelo Branco¹⁸.

É a 28 de Dezembro de 1911, Manuel Vieira de Matos desloca-se para Poiães, a terra natal. O afastamento do Bispo suscita protestos. O desacordo entre poderes eclesiástico e político desencadeia fúrias.

O Seminário, em 28 de Outubro de 1914, deixa a Guarda e instala-se no Fundão, que (...) “chegara a ser épico na defesa do seu Bispo, acolhera-o quando a impiedade o afugentou da cidade.... Sobre o encerramento, Monsenhor dos Santos Carreto comentará: (...) violências inauditas se cometiam sucessivamente contra a Igreja de Cristo (...); o Seminário que funcionava em casa arrendada fora selado. No Fundão, Sob o nome de Internato Académico, (...) conta com 20 alunos no dia 16 de Janeiro de 1915. Os habitantes da vila receberam aquela instituição com muito carinho, contribuindo com esmolas abundantes para a sustentação da casa. No ano lectivo 1915/1916 a frequência subia a 27 alunos, e no ano seguinte a 73...”¹⁹.

Em suma, não surpreende a luta que a Lei da Separação desencadeia por parte da Igreja: a auto-ridade diminuída. Escreve Bourdieu: En primer lugar la imagen manifiesta una institución que se encarga del cuidado de las almas (...) o de un cuerpo que posee el monopolio de la manipulación legítima de los bienes de salvación; y a este título investido de un poder propiamente espiritual (...). Adianta porém que a igreja é também uma empresa de dimensão económica: a instituição vive de ofertas, de pagamentos de serviços religiosos, de rendas dos bens que possui. A realidade mostra que ..el poder temporal de la Iglesia se basa a si mismo en el control de empleos que pueden deber su existencia a la mera logica económica (turismo religioso, empresas de imprensa católica), o a la ayuda del Estado, como los puestos de la enseñanza.²⁰

O combate à Maçonaria e à República radica, em última análise, na perda de poder temporal da Igreja. O Bispado da Guarda não só acompanhou o pulsar do país, como liderou muitos movimentos de resistência a leis republicanas. O Fundão foi lugar de refúgio do Bispo da diocese.

No Fundão

A 6 de Outubro de 1910, decorre uma sessão na Câmara Municipal. Não há uma só referência à implantação da República. Deliberam pouco; entre as decisões figura “o pagamento da importância de 403.206 réis ao Hospital Real de São José pelo tratamento dos doentes pobres do concelho; ameçam sancionar o Dr. Campos se não apresentar razões válidas pela ausência sem licença”.

A Proclamação da República, no Fundão, acontece a 9 de Outubro, pelas 12 horas²¹. Dia 17, toma posse a Comissão Administrativa do concelho; integram-na o Dr. Guilhermino da Cunha Vaz, José da Conceição Delgado Leal, Dr. Theodoro da Fonseca Mesquita, Eduardo d’Almeida Victoria, Dr. Manuel de Paiva Pessoa, Ayres Mendes de Carvalho e Alfredo Caldeira da Rocha.

A Acta é assinada pelos nomeados, pelo secretário e pelos presentes na sessão que desejassem fazê-lo.²²

A 17 de Outubro, a comissão municipal realiza uma sessão extraordinária. Preside a reunião o Dr. Guilhermino da Cunha Vaz. Elegem o vice-presidente; José da Conceição Delgado vence por seis votos contra um em Teodoro da Fonseca Mesquita.

Entre as deliberações consta a de efectuar uma reunião semanal, ao sábado; alteram o nome do Largo Franco Castelo Branco para Praça da República justificando: “(...) sem que a comissão tenha outro intuito que não seja o de comemorar a proclamação da República, visto ser o referido Largo o mais importante da vila e onde estão situados os Paços do Concelho (...)”²³

Deliberaram solicitar ao Secretário da Câmara, para proceder ao exame do estado económico e financeiro do município, informação sobre:

- empregados que serviam a Câmara, mas sem lugares criados;
- zeladores e cantoneiros que deviam estar presentes na reunião seguinte;
- contratos e obrigações da Câmara;
- inventário dos bens móveis do município;
- levantamento das obras a realizar nas diferentes freguesias relativamente a calçadas, fontes e cemitérios e outros melhoramentos;

Resolvem, ainda, que os fornecimentos se farão maioritariamente aos meses, sucessivamente, a começar pelos mais antigos, por todos os estabelecimentos da vila (...); que os serviços dos advogados que a Câmara necessitasse incumbiriam a todos os advogados da comarca a começar pelo mais antigo.

Era o projecto de moralização da vida pública, que os republicanos defendiam.

A 22 de Outubro efectua nova reunião. Entre os ofícios apreciados figuram os do Dr. José Pedro Dias Chorão, facultativo Municipal, participando que, no gozo da licença que lhe fora concedida e que ainda não gozou, se ausenta do concelho no próximo dia 23, por espaço de seis dias.

Do Dr. Pedro Celestino de Campos Paes do Amaral, facultativo Municipal e sub-delegado de saúde deste concelho, saudando a primeira Câmara Republicana do Fundão e fazendo votos para que ela possa realizar na sua esfera de acção as aspirações democráticas do Governo Provisório da República Portuguesa.

Dois casos de varíola, no Castelejo, onde falecera uma rapariga vitimada pela doença, preocupam o médico. Afirma recear uma epidemia grave, pelo facto de muitas pessoas não serem vacinadas. Pede, por isso, que lhe seja fornecida a vacina para ir ao Castelejo, e que se dispensem agentes da autoridade que o acompanhem para forçar à vacinação as pessoas que voluntariamente não queiram aceitá-la.

Solicita que as autoridades locais inquiram, nas diferentes povoações, do estado sanitário relativamente à varíola.

Outra medida sanitária decorreu da necessidade de arranjar o pavimento do edifício do matadouro, porque é mau o seu estado de conservação e nele se estão dando infiltrações sanguíneas que muito podem prejudicar a higiene do edifício.

Merecem atenção também os serviços de limpeza da villa e que para já devem os zeladores avisar os seus habitantes para que não lancem nas ruas e largos públicos coisa que os suje ou torne imundos e que com relação aos despejos de dejectos os devem fazer fora da villa, enquanto não estiver tal serviço montado, devendo os varredores, no que respeita a lixo, recolhel-ho nos carros de porta em porta.

Estas propostas foram efectuadas por Teodoro Mesquita; o Dr. Pessoa sugeriria que em cada um dos carros de limpeza se mande colocar uma campanha para aviso da sua passagem.²⁴ O vice-presidente disponibilizou ao público uma propriedade que possuía próxima do bairro da Senhora da Conceição para nela se poder fazer despejos.

O Dr. Pessoa chamou ainda a atenção para o indecoroso facto de haver pessoas que se ocupam em apanhar o estrume pelas ruas com as mãos, o que além de antihigiénico, é prejudicial para os interesses do município. Decidiram, assim, solicitar aos zeladores que evitem e que se proíba a prática.

O dinheiro era pouco, e na sessão, não autorizam o pagamento (4\$900 réis) das obras efectuadas no largo fronteiro ao edifício dos banhos da Touca, por não estar nas condições do contrato. Despesas de melhoramentos ficaram adiadas.

Outra medida adiada pela Comissão previa a obrigatoriedade de caiar casas e muros dos quintais.

O depauperamento dos recursos do Município e, presumivelmente, a incúria de funcionários determinam a distribuição de uma caderneta a zeladores e cantoneiros para anotarem os dias de trabalho e os serviços prestados. Os registos serão validados pelo regedor e entregues quinzenalmente na Câmara.

Reparar o edifício dos Paços do Concelho e aumentar as suas valências (transferência da Conservatória a funcionar em casa arrendada) foi outra deliberação.

Na sessão de 29 de Outubro, o facultativo municipal, Dr. José Dias Chorão, informa que da licença pedida apenas gozara os dias 24 e 25 de Outubro²⁵.

O desleixo no edifício dos Paços do Concelho é objecto de discussão. Afinal, o carcereiro fez do quarto que lhe era destinado a habitação da família, danificando “bastante uma parte das casas destinadas às cadeias civis; utilizara o corredor para instalar uma cozinha, o soalho apodrecera e a humidade e o lixo passavam para a coberta do tecto da antiga aula de portuguez e de francez que contaminando a madeira e ruindo obstruiu a referida sala”.

Doutro abuso era responsável o arrematante do rendimento da praça municipal, que transformara “o estabelecimento num armazém de mobílias, chegando até a estabelecer ali uma taberna”.

Decidem, então, comunicar ao primeiro que procure casa, dentro de um prazo razoável, e retire o fogão do corredor; o arrematante deve restituir a Praça aos fins a que exclusivamente é destinada.

O Presidente referiu-se ao abusivo e repugnante costume de serem publicamente abatidos os porcos nas ruas da vila, lembrando que deviam utilizar o matadouro público, avisando a Câmara. Deste modo, seria possível examinar as reses, pelo facultativo municipal, “Snr Dom Fernando d’Almeida, evitando-se assim, o abatimento de animais eivados de doenças que poderiam prejudicar a saúde pública”.

Nesta área, Teodoro Mesquita informa que, examinando o estado financeiro do edifício, se apercebera de uma verba que podia evitar-se; refere a despesa efectuada “com o tratamento em Rilhafoles, de António Augusto Fernandes, cuja família tem suficientes meios e a obrigação moral de o alimentar e sustentar, e tanto mais que a lei só autoriza concessões a pessoas pobres”.²⁶ Um ofício dirigido ao Hospital de São José, justificando a medida, retira a responsabilidade à Câmara do pagamento de 109\$500 réis anuais.

A 9 de Fevereiro de 1911, por Decreto de António José d’Almeida, concretiza-se a criação da Direcção Geral de Saúde, distinguindo-a da beneficência Pública, área que integra na Direcção Geral de Administração Política e Civil. O cargo de Director Geral de Saúde é ocupado por Ricardo Jorge, professor da Faculdade de Medicina de Lisboa. O objectivo da criação desta instituição sanitária prende-se com a necessidade de orientar e coordenar a Saúde a nível nacional

Ricardo Jorge traçará um humilhante retrato sanitário do país. Explica que as grandes cidades

tinham lixeiras a céu aberto, e “as águas das enxurradas, misturando e amalgamando lamas e resíduos, frequentemente depositados na via pública, exalavam odores nauseabundos, conspurcando tudo e todos os que viviam nestes antros. As águas de consumo eram facilmente fonte de disseminação de doenças, não só porque raramente eram analisadas, face à parca acção dos poucos laboratórios de análises bacteriológicas do País, como porque os sistemas de canalizações, envelhecidos, fendidos e defeituosos, lado a lado com colectores de esgotos a descoberto, constituíam a triste realidade de muitas cidades e vilas portuguesas desta época”.²⁷

Na verdade, então, o serviço de transportes de lixos, em carroças ambulantes espalhava muitos resíduos, as montureiras localizadas em locais impróprios eram viveiros de moscas e de transmissão de doenças.

Ora, no Fundão, uma das medidas tomadas na sessão de 18 de Março de 1911, tem a ver com o pedido de construção de carros para a remoção de dejectos²⁸. Teodoro Mesquita propõe que “se mande fazer à casa de Ligório Silvestre da Silva, de Lisboa, Rua de Santa Martha, 301, constructora de carros agrícolas e industriais, dois carros para a remoção de dejectos desta villa, ao preço de cento e dez mil réis cada carro, conforme a proposta e respectivos croquis que lhe apresentou e lhe foram enviados pela mesma casa, carros destinados a serem transportados em cada um d’elles cincoenta e duas fossas móveis eguaes a cada uma que lhe será remetida como modelo, tendo cada uma das fossas com a aza a altura de 0,34m, e o diâmetro de 0,23. Os carros deverão ser construídos sob a fiscalização do Snr. Conductor e architecto José Bonifácio Lopes, que foi quem obsequiosamente lhe delineou os carros e contractou com a dita casa as condições em que deviam ser construídos”.

Aceite a proposta, determinam mandar fazer aos funileiros da vila²⁹, os que são tidos por mais hábeis na sua arte “(...), quatrocentas e dezeseis fossas móveis ao preço de seiscentos réis cada uma, conforme o orçamento e uma já feita para modelo pelo funileiro José Henriques Abrantes que é reconhecidamente o mais competente d’elles, fossas que terão 0,21 de diâmetro em baixo, 0,23 em cima no ponte da caixa para a vedação hydraulica, 0,40 de altura ou 0,44 com a aza, as quaes (...) hão-de servir para a remoção dos dejectos, hão-de ser

feitas de ferro zincado, folha nº 24, com o fundo soldado, tampa também cravada e recravada, entrando dentro da fossa 0,06, com as costuras lateraes soldadas e cravadas por dentro e por fora, aro de ferro consistente e com pegadeira de madeira”.

Assim procuravam debelar deficiências, que os recursos económicos e técnicos atrasavam.

O depositário dos soros indicado ao Instituto Bacteriológico Câmara Pestana foi o farmacêutico mais antigo da vila, Feliciano Castilho d’Almeida, cumprindo a prática definida pela Comissão Republicana. Todos tinham direito a benesses e deveres.

No âmbito da educação, na vila, estavam recenseadas 192 crianças do sexo feminino em idade escolar e 239 do sexo masculino; havia apenas duas escolas, pelo que se impunha a criação de novos estabelecimentos de ensino. De resto, quando, em finais de Abril, é apresentado um relatório sobre o estado das escolas do concelho, confirma-se que a maioria apresentava carências de material; lia-se: algumas parecem pocilgas sem luz e sem ar; (...) outras semelhando trapeiras, onde a cadeira carcomida está a par do banco quebrado e imundo; a população disponibiliza-se a auxiliar os esforços do Governo oferecendo-se para quotizando-se, darem a mobília³⁰ necessária. Determinam, assim, mandar fazer carteiras segundo o modelo moderno, por ser o mais cómodo e higiénico.³¹

A sociedade mobilizava-se para ajudar a solucionar problemas mais graves: solidariedade e utopia de mãos dadas entusiasmavam as gentes republicanas.

Por isso, se descreve o *delirante entusiasmo* registado no Fundão, durante a visita do Ministro do Interior, Dr. António José d’Almeida, o *primeiro caudilho da República e grande patriota*.³²

Nos primeiros anos da República, os ideais de defesa dos direitos do homem, sustentaram reformas positivas e humanistas. Mas nem todos estavam do mesmo lado e quando a Guerra de 1914/18 deflagra a divisão acentua-se: muitos apoiavam a participação de Portugal ao lado dos Aliados, outros defendiam a neutralidade. Para os primeiros a intervenção na Guerra significava manter a integridade nacional, salvaguardar o império, que outras potências desejavam; assim, poderia participar na Conferência de Paz ao lado dos vencedores. Mas a guerra desestabilizou a economia, as vidas, aumentou a pobreza. Acresce que o ano de 1918 fica

marcado pelo flagelo da pneumónica, ou gripe espanhola. Terão morrido vítimas da doença cerca de 60 mil pessoas.

A epidemia mais benigna tem início em Agosto; em Setembro o problema agudiza-se, tem uma taxa de mortalidade muito elevada e só termina em Dezembro; a que começa em Fevereiro de 1919 terminará em Maio. As populações entraram em pânico com as mortes, os colapsos provocados pela dificuldade respiratória.

O jornal *A Capital*, de 25 de Setembro de 1918 referia que se estava perante *uma epidemia que zomba da Medicina*.

Então são tomadas diversas medidas, mas de acordo com o jornal que referimos de 20 de Outubro de 1918, *a principal epidemia chama-se miséria*.

A sociedade mobilizou-se no combate à doença, abrem-se subscrições, como a do *Diário de Notícias* e as comunidades locais organizam-se e instalam hospitais.

No Fundão, em Julho de 1918, a propagação do tifo exantemático preocupa as autoridades; é requisitado desinfectante *para a casa do doente do Alcaide, quer para o hospital de isolamento*.³³

No mesmo ano, em Outubro, as autoridades constataam que *a epidemia reinante no país invadiu muitas das povoações do concelho e tende a propagar-se mais e mais*. As freguesias mais *duramente flageladas* eram a Atalaia, Póvoa, Alpedrinha, Telhado, Fatela, Escarigo e Salgueiro.

“Do péssimo estado sanitário de outros povos, descrevem os respectivos regedores um pungente quadro de miséria, que há que atenuar quanto possível com socorros eficazes e com a máxima urgência”.³⁴

Para apoiar o Presidente da Câmara pedia ao Governador Civil a cedência de alguns leitos dos que ainda há, no antigo Colégio de São Fiel e que dera para o Hospital desta vila as camas pertencentes ao quartel de destacamento militar, e bem assim que já está cedido à Câmara o Albergue dos Inválidos para alojamento dos doentes”. A análise do que se passa nas freguesias do concelho, bem como as providências de maior urgência para combate à epidemia, obrigam a elaborar um orçamento suplementar.

A morte estava banalizada, os funerais eram muitos, e as valas comuns nos cemitérios foram a resposta possível. Personalidades da vida pública, como os pintores Amadeu de Sousa Cardoso e Gui-

lherme Santa Rita, o vidente de Fátima Francisco, o maestro David de Sousa, o músico António Fragoso foram vítimas da doença.

Em suma, os primórdios da República motivaram muitos cidadãos a oferecer o seu fazer e saber. O entusiasmo, a entrega à *res publica* garantiu uma actuação com uma dimensão messiânica: a ideia de salvar o país, de o desenvolver igualando-o a outras nações europeias, pontificou.

E se, não havia um modelo exclusivo de ser republicano, muitos se empenharam em reformar as mentalidades, fomentar a educação, o desporto, a saúde...; defenderam a secularização da vida pública.

Pertenceram àquele grupo de gente que acredita que é possível encontrar caminhos de progresso. A visão política, utópica, guiou líderes dinâmicos, gerou enormes expectativas. A inteligência e a sensibilidade direccionavam a arte, as investigações intelectuais, o desenvolvimento das ciências.

Todavia, a conflitualidade entre conservadores e os partidários do novo ideário e regime cresceu. As modalidades do terror soltar-se-iam com a Guerra: a morte, a fome, a doença elaboraram o inventário do irreparável.

Reconhecemos, porém, que no modelo de cultura, no projecto republicano para o país habitava a utopia. Na Declaração dos Direitos do Homem, nas Tábuas Sagradas de uma lei nova, radicavam o projecto de transformação do país e da Humanidade.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- Valentino Viegas, João Frada e José Pereira Miguel, *A Direcção Geral de Saúde, Notas Históricas*.
- Pina Lopes, “Correspondência dos ministros do Reino e a eleição de 1858”.
- Eça de Queirós, *Uma Campanha Alegre*, Porto, Lello & Irmão, 1979.
- Rui Ramos, in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, Sexto volume, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.
- Marcos 12: 13-17.
- Frei João da Expectação, *Gazeta de Lisboa*, nº 47.
- Alexandre Barbas, *Contas do meu rosário*, Lisboa, Sociedade Progresso Industrial, 1957.
- António Pacheco Ayres, *A expulsão do Senhor Patriarca D. António I*, Lisboa, 1912.
- *A Guarda*, nº 10, 1905.
- *A Guarda*, nº 11, Abril de 1905.
- *O Combate de 16/12/ 1905*.
- José Alves MONTEIRO, *Ao redor do Fundão*, Fundão, Ed. Câmara Municipal do Fundão, 1990.
- Pierre Bourdieu, *Razões Práticas*, Barcelona, Anagrama, 1999.
- *Livros de Actas de reuniões da Câmara Municipal do Fundão*.

NOTAS

- 1 - Cf. Pina Lopes, "Correspondência dos ministros do Reino e a eleição de 1858".
- 2 - Contribuía todos os anos com 100 mil réis e 25 assinaturas do Correio da Noite, órgão do partido progressista. Em 1897 ofereceria 500 mil réis para financiar a campanha eleitoral.
- 3 - Eça de Queirós, *Uma Campanha Alegre*, Porto, Lello & Irmão, 1979, pp 11, 12.
- 4 - Rui Ramos, in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, Sexto volume, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 404.
- 5 - Marcos 12: 13-17.
- 6 - Frei João da Expectação, *Gazeta de Lisboa*, nº 47, p. 239, de 24/2/1832.
- 7 - Idem
- 8 - António Pacheco Ayres, *A expulsão do Senhor Patriarca D. António I*, Lisboa, 1912.
- 9 - *A Guarda*, nº 10, 1905.
- 10 - *A Guarda*, nº 11, Abril de 1905.
- 11 - *O Combate* de 16/12/ 1905.
- 12 - Em 25 de Novembro de 1905, afastam-se os padres Francisco dos Prazeres, António Augusto Lopes, Manuel do Nascimento Simão, João Gomes de Carvalho, João da Ressurreição Paiva e António Augusto Vieira. Artur Bívar criticará os dissidentes no Congresso das Agremiações Católicas da Covilhã.
- 13 - Alexandre Barbas, *Contas do Meu Rosário*, Lisboa, Sociedade de Progresso Industrial, 1957, p. 35.
- 14 - A Casa ficará conhecida como o Vaticano. O seminário reabrirá neste edifício, em Janeiro de 1912.
- 15 - *Diário do Governo* de 25/11/1911.
- 16 - Monteiro, José, *Ao Redor do Fundão*, Fundão, Ed. Câmara Municipal do Fundão, 1990, p. 55.
- 17 - Idem.
- 18 - Decreto de 28/12/1911.
- 19 - ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja*, Porto, Civilização Editora, 1968.
- 20 - Pierre Bourdieu, *Razones Praticas*, Barcelona, Anagrama, 1999, p. 199.
- 21 - No dia nove de Outubro de mil novecentos e dez compareceram pelas doze horas da manhã, na Sala dos Paços do Concelho, os vereadores Snrs Sebastião da Cunha Vaz, Belarmino dos Santos Barata, Eduardo Alves Ferreira e António Maria Couto, bem como o Snr. Dr. José Paes do Amaral, administrador deste concelho.

- E logo, reunidos sob a presidência do vice-presidente dito Snr. Sebastião da Cunha Vaz, procederam à aclamação da República a que resolveram aderir. Em seguida, resolveram mandar hastear no edifício dos Paços do Concelho a bandeira republicana e dar conhecimento destes factos, telegraficamente, aos Exmos Ministros do Interior e Governador Civil deste distrito, sendo depois levantada a sessão. E eu José dos Santos Figueira, secretário da Câmara, que a subscrevi e assino. Livro de Actas da Câmara, p. 212 vs.
- 22 - Seguem-se vinte e oito assinaturas.
23 - *Livro de Actas*, op.cit., p. 215.
24 - *Livro de Actas*, op. cit., p.217 vs.
25 - Nesta sessão é analisado o pedido dos seminaristas, residentes no Fundão, Carlos Alberto da Cunha Pessoa, José Pedro Sincer e José Teixeira da Silva Lino, solicitando à Comissão Administrativa se disponibilizasse a subscrever o pedido de seminaristas e ex-seminaristas, instalados em Évora, ao Governo da República, para equipararem o curso dos Seminários a um determinado ano do curso dos Liceus. O assunto foi discutido, e Teodoro Mesquita disse que como elemento da Comissão não podia anuir ao pedido, por estar fora das atribuições da Câmara, mas como particular, estava ao dispor dos interessados. Todos os vogais se pronunciaram de igual modo. Livro de Actas, op. cit., p. 219.
26 - *Livro de Actas da Câmara*, op. cit., p. 221.
27 - In, Valentino Viegas, João Frada e José Pereira Miguel, *A Direcção Geral de Saúde*, Notas Históricas, p. 27.
28 - Em Janeiro de 1911, o Fundão contava com 83 candeeiros de iluminação pública, um tema que ocupa muitas horas de debate, tal como acontece com a falta de água nos chafarizes para consumo público.
29 - São referidos, José Henriques Abrantes, José Gaiolas, Joaquim Henriques Abrantes, Jaime Abrantes, António Veríssimo de Brito e Alfredo Agapito.
30 - *Livro de Actas*, op. cit., p.288vs.
31 - *Livro de Actas*, p. 289.
32 - A vila oferece-lhe uma pasta de peluche verde e vermelho, tendo nos cantos ornatos de prata e ao centro um bilhete no mesmo metal, lia-se a seguinte inscrição: "Pela Pátria – Pela República – O povo do Fundão – 8 – 5 – 911. A pasta continha a mensagem lida na ocasião, em pergaminho. *Livro de Actas da Câmara*, op. cit., p. 291vs.
33 - *Livro de Actas* nº 35, p. 130.
34 - Idem, p. 161.

* Doutorada em Sociologia da Cultura



Paços do Concelho, Fundão

OS MEDOS E A DEFESA DO CORPO NO HOMEM DA GARDUNHA

Albano Mendes de Matos *

O processo de criação do medo acontece no cérebro e é totalmente inconsciente.

Júlia Layton

Introdução

O medo pode ser definido como um sentimento de inquietação, sentido perante o pressentimento de qualquer ocorrência que possa ser desagradável. Sensação que provoca sofrimento.

Na matriz antropológica cristã, a morte é a primordial fonte de medo. Medo de um indivíduo perder o corpo e o espírito e também o medo de perder familiares. Por isso, preservar o corpo e evitar a morte são preocupações do quotidiano.

Na tipologia do ser português, segundo Jorge Dias (1), o medo de cair no ridículo e o medo da opinião alheia são características do perfil lusitano, como tipo ideal para a vitimização do medo. Ao longo das centúrias, mediante determinados factores de insegurança, foi-se desenvolvendo, no povo português, uma cultura do medo, com medos para todos os gostos. Medos herdados do passado, medos do presente e medos do futuro.

O medo, como sensação, associado a situações e a objectos negativos, paralisa o processo de racionalização, com perda da capacidade de agir de forma adequada perante determinadas situações. Em casos de perigo, o medo tende a evitar que tomemos, mentalmente, quaisquer comportamentos conscientes, porque cria situações de impasse que perturbam o processo mental, condicionando as pessoas a fazerem coisas que não deveriam ser feitas. O medo produz um corte com a motivação do indivíduo, por vezes, com depressão traumática

negativa, porque leva a tomar atitudes irreflectidas que destoam do instinto de sobrevivência, próprio em todos os animais.

Na evolução social natural, para enfrentarem



O Grito de Munch

certas dificuldades, os homens uniram-se para formar um colectivo, organizado num todo social: bandos, grupos, fraternias, tribos, comunidades e sociedades. Quando se isolam uns dos outros, perdem o sentido do colectivo ficando vulneráveis, inseguros e com os medos individuais. No entanto, nas sociedades com relações sociais intensas, desenvolve-se um medo, o medo da natureza humana e das suas manifestações. Medo de perder a integridade

física, com oferendas aos entes protectores, com ao São Macário do Alcaide, medo de que falte a comida, como ao Senhor da Pedra e ao Santo António, no Alcaide, com as rezas pelo pão nosso de cada dia, medo das catástrofes naturais, medo dos fenómenos atmosféricos, com os responsos a Santa Bárbara e a São Jerónimo, medo de dizer mal, medo dos entes sobrenaturais e imaginários, medo das doenças, medo de sofrer, medo da noite escura, medo de assaltos, medo de castigos eternos, medo dos ratos, medo das autoridades, medo das guerras, medo de casas assombradas, medos diversos, presentes na vida social, etc..

Associados aos diferentes medos, que podem perturbar os indivíduos, encontram-se as outras emoções, como o pânico, o terror, o temor, a angústia, a ansiedade e a fobia.

O processo da formação do medo desenvolve-se, inconscientemente, no cérebro, por estímulos físicos ou mentais reais desagradáveis, por vezes, também imaginários, de ameaça à vida, com indicadores fisiológicos que provocam a libertação de compostos químicos que provocam aumento da frequência cardíaca, respiração acelerada e, por vezes, rigidez nos músculos, micções espontâneas e tremores. O estímulo pode ser provocado por uma serpente que rasteja para nós, um bater repentino na porta da casa, quando está subjacente um assalto, ou um ruído nocturno, na escuridão da casa, uma associação perante determinado fenómeno, trovoadas, terramoto, andar de avião, assombrações, fantasmas, etc.. Algumas reacções físicas têm a finalidade de ajudar a sobreviver nas situações perigosas.

Além dos perigos reais, são vulgares os medos irracionais, sem causa evidente, que podem surgir de associações mentais que se fazem ao longo da vida perante fenómenos idênticos aos que anteriormente causaram factos desagradáveis, porque o inconsciente não tem passado e os medos condicionados, processos pelos quais um acontecimento (ou uma coisa), que não represente ameaça, é factor de medo por estar associado a algo que tenha sido assustador, como a memória de um relâmpago, que fez estragos, um caixão idêntico ao que levou um familiar ou um amigo ou a vista de uma piscina ou da praia, quando uma criança ou adolescente esteve na iminência de afogamento.

O ser humano tem a capacidade de associar sentimentos e emoções e de simbolizar as coisas, ligando factos, objectos e sentimentos, por variadas formas. Assim, surgem os diferentes medos, reais e imaginários, sempre associados ao instinto de conservação, como processos de precaução face aos meios físicos e sociais em que as pessoas se inserem.

Podemos dizer que o medo é uma força com diversos graus de intensidade, segundo a mentalidade, os preconceitos e a história de vida de cada indivíduo, que tem por objectivo evitar perigos, o que é normal, condicionando-o à tomada de comporta-

mentos imprudentes. Algumas reacções praticadas perante o medo é que não são naturais. A nossa enculturação e a nossa socialização ensinam-nos a ter medo do medo, não a lidar com o medo. Por isso, reagimos mal tomando atitudes não naturais que não estão de acordo com o instinto de conservação. Perante o medo, há reacções instantâneas ou reflexos condicionados que não são naturais. O medo não é mau, mas são algumas reacções que tomamos perante ele, porque não o encaramos da melhor forma. O medo faz parte da natureza e das nossas vivências. É instintivo em todos os animais. Tem por função proteger o corpo e a mente, contribuindo para preservação da saúde do ser humano. Ter medo, não sendo fobia exagerada, fantasia, pavor ou pânico, não é reacção patológica, mas um comportamento protector da vida.

Sentir medo é sentimento universal próprio do ser humano. O medo é uma emoção saudável que faz com que o homem se proteja dos riscos e das ameaças do ambiente. No entanto, perante a morte não há defesas. Mesmo Cristo, no Jardim das Oliveiras, teve medo, como humano, e ficou angustiado. Os poderosos tiveram medo de Cristo. Por isso, O mataram.

Durante a nossa enculturação, na infância, por terras da Gardunha e Ribatejo, especialmente Castelo Novo, Casal da Serra, Fundão e Alcaide, tomámos conhecimento de alguns medos, que nos foram propostos directamente ou que nos contavam de tempos passados, medos que incorporámos no nosso conhecimento, segundo a visão do mundo que íamos entendendo. Mais tarde, atentos aos comportamentos das gentes camponesas, às suas crenças, superstições e mentalidade, através de pesquisa, por vezes informal e sem profundidade, percebemos a razão de ser desses medos reais, imaginados ou condicionados. Medos que visavam sempre a protecção e integridade do corpo, enquanto ser e vida, no mundo terreno, e também a salvação da alma, segundo a transcendente e sobrenatural crença cristã, na vida eterna, depois da morte física.

Diziam, no Alcaide, que um trago de aguardente afasta os medos dos entes sobrenaturais da crença, dos animais e dos homens perigosos.

OS MEDOS - As crianças e os medos

Em tempos não muito recuados, as crianças eram submetidas a uma aprendizagem sob o lema do não e do medo. A palavra que mais ouviam era o não, como forma de negatividade das suas acções ins-tintivas, com imposição de procedimentos com acção positiva do comportamento ensinado.

Nas famílias e nas instituições particulares ou estatais, as crianças eram moldadas pela manipulação infantil do medo individual e social. Os pais ma-nipulavam os filhos através do medo, embora algu-mas manipulações fossem positivas, para que eles se comportassem segundo o que consideravam o social-mente correcto. Amedrontavam as crianças com o *papão*, com o *homem do saco* (figura do pedinte que andava de porta em porta), com doenças, com o inferno, ou com qualquer outro medo. Alguns desses medos prolongavam-se pela vida das pessoas.

Para além do medo instintivo, próprio de todos os animais, continuam a ser indicados medos às crianças, falsos ou reais, que elas interiorizam, impri-mindo-lhes um conhecimento de distinção entre o que é bom e o que é mau, antes de perceberem as dife-renças pelo raciocínio.

Por exemplo, no Casal da Serra:

Um dos primeiros ensinamentos era como lidar com o fogo, o lume. Não se deve chegar ao lume, porque queima. Ou seja, ministrava-se o medo do fogo (Pirofobia). Não se deve pegar no lume, porque provoca micções nocturnas involuntárias

Não ir para longe da casa, porque podiam vir a tropa do João Alves (guerrilheiro liberal), a tropa da Patuleia ou Dom Nuno (Nuno Alvares Pereira, que dizem ter estado na Gardunha) e que levavam as crianças que praticavam maldades. Sobrevivências de medos antigos.

Deviam comer a papa toda, porque se não comessem, metiam-lhes medo com o homem do saco, que vinha para as levar para longe.

A maior parte das vezes, as crianças não são ensinadas a lidar com o medo, mas a temê-lo. São manipuladas, como no caso do homem do saco, do papão ou de qualquer outra figura.

Interessante era o medo do “Quer que é”, no Casal da Serra. Quando as mães ou as avós queriam retirar as crianças das brincadeiras da rua, tinham uma interessante maneira de lhes provocar o medo com “O quer que é”, que vinha lá e podia

levá-las e fazer-lhes mal. As crianças interiorizavam esse medo, o medo de uma figura irreal atribuindo-lhe uma desi-gnação: o *Caraculhé*! Palavra arranjada com a sonori-zação de o quer que é. As próprias crianças gritavam que vinha lá o *Caraculhé*, quando viam qualquer coisa movimentar-se à distância e corriam para casa.

Segundo as crenças, para defesa do corpo, nos primeiros meses de vida, com medo do Mau olhado, do Mal da Lua (Selenofobia), das bruxas (Vica-fobia) ou mesmo dos maus ventos (Ancraofobia), as mulheres saíam à rua com as crianças sempre envolvidas em panos, para não serem vistas e molestadas, e colocavam-lhes medalhas benzidas ao pescoço e certos amuletos.

O medo do escuro

O medo, como mecanismo protector, que tem por finalidade promover a integridade do indivíduo, sempre que este se depare com um perigo ou uma ameaça, desaparece, normalmente, quando deixa de ser funcional. Pode dizer-se que não há, propriamente, o medo do escuro (Ligofobia, Escotofobia ou Nictofobia), mas medo do que poderá existir ou acontecer no escuro. Medo porque é manifesta a su-posição de que alguma coisa há que produz emoção desconfortante.

A cada etapa do desenvolvimento humano estão associados medos típicos, como o medo do es-curo, nas crianças, um medo adaptativo, e das cria-turas imaginárias, como o “*Quer que é*” referido atrás. O medo do escuro tem o seu máximo pelos seis anos, diminuindo, depois, progressivamente, até cerca dos nove anos. Depois desta idade, se o medo do escuro persistir já não é adaptativo, mas desproporcionado, adquirido por modelagem, ao observar outras pesso-as a reagirem por modos medrosos. Em certos casos anormais, o medo do escuro prolonga-se pela idade.

O medo das doenças

O medo das doenças epidémicas, tidas co-mo pestes ou malinas, levou as populações de Al-caide, Fatela e Vale de Prazeres a não receberem, no seu meio, os fugitivos do Catrão, localidade flage-lada por uma doença contagiosa, como medida de protec-ção das suas gentes.

Com o medo de ficarem doentes (Nosofobia), até aos anos sessenta do século passado, mui-

tas pessoas faziam, ao bocejarem, cruces sobre a boca, com o dedo polegar, acompanhada de uma prece ou reza, como rito de protecção ou preservação, para que a doença não entrasse no corpo. Este rito foi praticado durante a pneumónica, pandemia de gripe, que atingiu o país em 1918 e 1919.

Quando a tuberculose fazia muitas vítimas, algumas pessoas, com medo do contágio (Ftisió-fobia), quando alguém entrasse nas suas casas, lim-pavam, com álcool, corrimãos e outros objectos, por-que elas poderiam ter tuberculose. Em casos de des-confiança, ou doença declarada, os objectos, pratos, malgas, etc., usados por essas pessoas, eram des-truídos e os resíduos lançados para longe.

Até meados do século XX, existiu, nos campos, o medo da raiva (Quinofobia), doença propaga-da pela mordedura dos cães raivosos ou pread-os, porta-dores da doença. Diziam que quando um cão se mi-rava num espelho de água estava preado. Todos fu-giam dele.

O medo de ficar só e o medo da velhice

O homem tem medo de ficar só consigo mesmo (Autofobia), preferindo, como ser social, companhias por vezes insignificantes e desagradáveis. Este medo relacional, que surge com mais intensidade nas pessoas idosas, que, por vezes, tira o sentido à vida, funciona como uma impressão de constrangimento, com sintomas terror, difíceis de superar, por vezes, racionalizados com sentimentos de culpa, por não se ter feito isto ou aquilo. Medo atenuado, quando havia descendência, porque, pelas normas morais familiares, os velhos eram inseridos nas casas dos filhos, num sistema chamado de roda, instalados segundo uma ordem por períodos de es-tada iguais.

Este medo acompanha as pessoas, que, por vezes, são tomadas de pavor, por se sentirem velhas de mais. Isto, porque a nossa cultura concede relevo aos atributos da juventude, como vivacidade e vigor físico, qualidades primordiais para um mundo compe-titivo. O medo de ficar velho (Gerascofobia) pode ser atenuado quando uma pessoa teve uma vida pro-dutiva, em quaisquer campos de actividade. Na região da Gardunha, quando as pessoas começavam a sen-tir o peso da idade, por sentimentos de culpa, jul-gavam-se um peso para as famílias e um fardo para a sociedade. O medo da

solidão e o medo de ficar velho são expressões de sentimentos que andam associ-adas.

O medo da morte, da má morte e dos cemitérios

Relacionado com o medo de envelhecer, es-tá o medo da morte (Tanatofobia), um horror que pode dominar conscientemente os indivíduos, condicionando-os a uma ansiedade que se perpetua de dia para dia. A morte representa o primeiro factor dos me-dos. Medo de perder o corpo e medo de perder o es-pírito, de perder um familiar ou um amigo.

A dicotomia existencial mais primária do homem está entre a vida e a morte. O homem tem ten-tado corrigir ou mesmo negar essa dicotomia através de ideologias, como a concepção de imortalidade, promovendo a existência de uma alma imortal, para superar o trágico destino da vida terminar com a mor-te.

Os agentes das religiões serviram-se da manipulação do medo para inculcar na mente das pessoas o respeito e os valores essenciais necessários ao bom cumprimento dos deveres e das regras fundamentais. Com o Cristianismo, a morte foi transformada num símbolo do medo, que se moldou nos espíritos das pessoas ao longo dos tempos.

Todas as pessoas têm medo da morte, mas, com a idade, pensam mais nesse momento em que, como seres vivos, deixam de existir, tendo transmitido ou não vida. Os crentes, com a aproximação da mor-te, rezam mais, dão mais esmolas, fazem mais pro-messas, por terem medo do Inferno (Hadeofobia ou Estigiofobia) e para que tenham uma boa morte. Dei-xam bens em testamento às Igrejas, às Misericórdias e Irmandades. Normalmente, as pessoas, que mais temem a morte, são as que sentem remorsos pelo mal que fizeram ou pelos pecados que cometeram, o medo do pecado (Pecatofobia).

O medo de uma má morte, como a morte dolorosa, com dor continuada, a morte fora da família, está presente em muitas pessoas. Para os mais velhos, uma má morte é também morrer e ser enterrado fora da sua terra, porque a alma pode perder-se e não encontrar as almas dos conterrâneos falecidos, ideia que está associada ao facto de não ser enterrado junto dos amigos e parentes.

Os cemitérios sempre foram factor de medos (Coimetofobia). Algumas pessoas não passam perto dos cemitérios durante a noite, com o medo

de que algum espírito lhes apareça. Os fogos-fátuos, lumi-nosidades saídas dos covais, gases com fósforo, em tempo seco e quente, eram origem de medo. Era corrente, as pessoas dizerem que eram as almas a subirem para os Céu.

O medo das bruxas e dos lobisomens

Algumas pessoas, ficando retidas no desenvolvimento psíquico e cultural, continuam presas a visões do mundo e sistemas primitivos e irracionais que se prolongam e reforçam, num processo de assimilação e socialização arcaico.

Estão neste campo a crença nas bruxas e o medo dos *embruxamentos* (Vico-fobia), que ainda está patente em muitas localidades da serra da Gardunha. As pessoas, quando têm alguma perturbação no cor-po, da qual não conheçam a causa, recorrem às bruxas, mais numerosas do que os bruxos, para que estas retirem o mal, causado por qualquer pessoa ou bruxa, com rituais e rezas que parecem fora dos tempos.

Até há poucos anos, existiu a crença nos lobisomens, a lican-tropia. As gentes temiam encon-trar-se com estas figuras, homens em que a metade superior do corpo se transformava em meio lobo, e que peregrinavam de noite, sofrendo o seu fadário, em correrias e gritos, que atormentavam os medro-sos.

O medo das almas penadas, dos espíritos transviados, dos fantasmas, das casas assombradas e do diabo

Devido às doutrinações do Catolicismo e mercê de uma arreigada religiosidade popular, na Região da Gardunha, como em outras localidades, havia o medo das almas penadas, mais afinado nas mulheres, as almas ou espíritos de pessoas que tive-ram uma vida pecaminosa e morreram sem perdão, ou que se transviaram, por quaisquer circunstâncias dos caminhos do Céu ou do Purgatório, e que anda-vam pelos caminhos, para transtornarem do juízo os caminhantes desprevenidos, que se esquecessem dos deveres catequéticos. O catecismo católico ensi-nava orações contra estes espíritos ou almas errantes.

Era evidente o medo dos espíritos de falecidos, que ficavam ou regressavam à terra, para en-trarem no corpo dos vivos, porque estes não lhe tinham pedido desculpas ou perdão por procedi-

men-tos não correctos, que haviam praticado. As pessoas ficavam possessas desses espíritos que as tortura-vam até serem retirados por qualquer agente, compe-tente para isso, ou por padre exorcista.

Também existia o medo dos espíritos de falecidos ficarem nas casas, fazendo ruídos, de noite, quando esses falecidos deixassem uma promessa por pagar. Paga a promessa, pelos descendentes, o es-pírito desaparecia.

A civilização e a cultura judaico-cristã manipu-laram as pessoas inculcando ou inscrevendo nas mentes o medo do Diabo (Demonofobia) e medo do Inferno (Hade-fobia): um como agente do mal, levando ao pecado, o outro como lugar de castigo eterno.

É preciso cautela com o diabo, que ele está em todo o lado. Diziam, no ensinamento do medo do diabo, que este agente do mal aparecia para fazer diabruras às gentes. Os velhos diziam às crianças que, se não rezassem, o diabo vinha, pela noite, aquecer-se no borralho do lume, para fazer lhes mal. Pela manhã, podiam ver-se as marcas das patas na cinza.

O Diabo metia-se em algumas casas, para atormentar os moradores com gritos e ruídos. Com a casa possuída pelo Diabo, o medo levava as gentes a pernoitarem em casas de familiares ou de vizinhos, até que o diabo fosse rebentado, pelo padre ou pes-soa com dotes de exorcista. O último rebentamento do diabo, de que tivemos conhecimento, ocorreu em Casal da Serra, no ano de 1993.

O Diabo, por vezes, liberta-nos dos medos para justificarmos o que há de mau nos nossos procedimentos, atribuindo-os ao Diabo, que funciona co-mo bode expiatório.

Quase em todas as povoações existiu uma casa assombrada, na qual diziam passar-se fenômenos não explicados naturalmente, como aparecimento de fantasmas, gritos, choros, fortes pancadas e luzes bailando, que eram objecto de medo. Quase sempre casas abandonadas. Muitas pessoas acreditavam ser as almas dos proprietários falecidos, que nelas fica-vam a penar, pelos pecados que praticaram ou pelas promessas que deixaram de cumprir. Os mais medro-sos evitavam passar por perto destas casas, mesmo à luz do dia.

O medo da má hora

Até meados do século passado, corria a crença da má hora, um fantasma, vestido de branco,

que aparecia, de noite, nas encruzilhadas dos cami-nhos, nas bocas das minas ou em sítios ermos, para causar distúrbios corporais e desencaminhar as pes-soas que passassem e que, porventura, a encon-trassem. A má hora aparecia entre a Meia-Noite e uma hora da manhã.

O medo das mouras encantadas e dos reis mouros

Embora o homem, na cultura ocidental, tenha racionalmente entendido e dominado alguns aspectos da Natureza, para chegar ao máximo de felicidade, construindo um mundo material, que supe-rasse sonhos, visões e até utopias, não conseguiu libertar-se totalmente de algumas crenças que povo-am o seu universo mágico, que estão na origem de alguns medos de pendência irracional.

Como em todos os lugares, na Região da Gardunha existiu a crença nas mouras encantadas, facto que levou à criação de medos não só de crianças e jovens, mas também de alguns adultos que, por precaução, especialmente de noite, não passavam pelos sítios das mouras, normalmente, acidentes na-turais, como penhascos, covas, grutas e penedros, como o sítio da Moura, no Alcaide, e o Curral das Éguas dos Mouros, no Casal da Serra. Mouras que saíam pelas noites de luar a encantarem os rapazes, capturando-os para a sua morada.

Também havia lugares onde se encontrava um rei mouro aprisionado, com na Lapa Escura, no sítio de Castelo Velho, termo de Casal da Serra, que, vestido com uma capa vermelha, apanhavam as rapa-rígas que passassem nas imediações, levando-as para a sua gruta, e, por vezes, também alguns rapa-zes, facto que contribuiu para o medo do rei mouro.

O medo dos animais selvagens, Peçonhentos e venenosos

Verifica-se um medo natural e uma aversão instintiva contra alguns animais selvagens, como os lobos, que, famintos, por vezes, comiam as pessoas que conseguiam abocanhar, e de bichos peço-nhen-tos, que provocam medos, ansiedades e angústias, devido a possível inoculação de peçonha, como o *bicho da peçonha*, ou seja, a processionária dos pinheiros, a víbora, e, por associação, qualquer cobra (Ofidiofobia), o lacrau, certas aranhas (Arac-

nofobia), osgas e diversos insectos (Entomofobia), entre outros animais.

Sugerem, também, medos e comportamen-tos instintivos irracionais, as salamandras (Batracno-fo-bia), os lagartos, as borboletas escuras (Motofobia) e as corujas, especialmente de noite, como sinais de morte, e os ratos (Muridofobia), que assustam mais as mulheres e que podem transmitir doenças,

O medo dos fenómenos atmosféricos e das catástrofes naturais

A manipulação do medo foi associado aos fenómenos atmosféricos, trovoadas, raios, auroras boreais, e catástrofes naturais, como tremores de terra, mentalizando as gentes que eram castigos de Deus, como vingança pelos pecados cometidos e pelos maus comportamentos para com os outros e para com a igreja.

Tiveram especial relevância os medos e terrores inculcados nas gentes pela Inquisição, como a queda no Inferno, num castigo eterno, em virtude dos pecados cometidos, e os castigos, em vida, como vinganças de Deus, perante os maus comportamen-tos dos homens, factos já referidos no Velho Testa-mento e no Novo Testamento.

Devido a acontecimentos funestos, muitas pessoas temem as trovoadas e ficam aterrorizadas com os raios, faíscas, relâmpagos ou pestes e trovões (Brontofobia e Ceraunofobia), quando acontecem nas suas proximidades. Rezam orações ou resposos próprios a Santa Bárbara e a São Jeróni-mo. Algumas mulheres, mais amedrontadas, escondem-se sob a cama. Para debaixo da cama, levam a galinha que choca ovos, para os pintainhos não sofrerem mazelas com as trovoadas. Os pastores temiam a queda das pedras de raio, pequenos blocos de quartzo e felds-pato, que encontravam na serra e acreditavam caírem com os relâmpagos. Alguns pastores do Casal da Serra afirmavam terem visto as faíscas fazerem regos na terra, como os arados, e as pedras de raio caírem dos ares.

Numa tarde dos finais do mês de Setembro, do ano de 1938, uma grande parte das gentes cam-ponesas foram tomadas de medo pela visão de uma Aurora Boreal (Astrofobia), fenómeno luminoso de cor avermelhada, que ocorre em função do contacto dos ventos solares com o campo magnético da Terra, que pairou sobre a Serra da Estrela.

Assistimos a esse fenómeno, nos arredores do Fundão, sentados à porta de casa, voltada a norte, com o meu pai a explicar aos vizinhos o que se estava a passar, dizendo-lhes que não tivessem medo.

Muitas pessoas, especialmente mulheres, tomadas de medo, correram para a igreja, onde passaram parte da noite, julgando ser o fim do mundo, pelo fogo, como no Apocalipse bíblico, ou sinal de guerras que estavam para vir. Desenrolava-se a Guerra Civil de Espanha, sobre a qual se contavam horrores.



Aurora Boreal

O medo de lugares e situações

Há certos lugares, ligados a determinados acontecimentos, que causaram ou causam medo (Topofobia) às pessoas, que só passam por eles em circunstâncias urgentes, devido à ansiedade que provocam, como, por exemplo; no Alcaide, o sítio da Cruz das Almas, onde houve morte violenta, a capela de Santo António, onde havia visões de fantasmas, ruídos estranhos e casos de levitação, e o lugar do Palheiro do Medo, onde diziam que esteve um haver guardado pelo diabo ou animal bravo, medos actualmente extintos com construção de habitações no local; no Casal da Serra, a mina das Cortes, onde as bruxas tinham encontros com o diabo, para irem fazer maldades às pessoas, e o lugar da Cruz, onde a má hora, os lobisomens, as almas penadas e os espíritos errantes, atormentavam as pessoas; a Calçada do Diabo, em São Vicente da Beira; o lugar de Luzio, na estrada que liga a Estrada Nacional 18 ao Colégio de São Fiel, lugar de assaltos de quadrilhas de gatunos, e de aparições ou visões de santos, do céu e do inferno.

Presenciámos, em 1947, no Luzio, uma pessoa, de joelhos em terra, tomada por visões, do céu e do inferno, pessoa que nunca mais passou sozinha no lugar. O medo do Luzio foi transmitido a várias pessoas, especialmente a jovens, até se esvanecer.

O medo social

Ao longo do percurso histórico nacional, as pessoas foram marcadas por diversos medos, consoante os regimes do poder, associados aos mentores do pensamento cristão, devido a opressões e coerções, ao nível das manifestações políticas, artísticas, culturais e religiosas, produzindo, mesmo que difuso, um medo social. Este medo, emanando de diversas fontes, impedindo uma forma de relacionamento com todos os outros, de modo aberto, leva ao sentimento de que os desconhecidos são potenciais inimigos, logo, agentes a temer. Instituições políticas e igrejas manipularam as gentes inculcando-lhes medos sociais terrenos e medos transcendentais, para além da vida corporal, condicionando-as ao medo de serem *outras*.

Pode afirmar-se que a História Portuguesa está repleta de medos: medos da Inquisição, medos dos castelhanos, medos espanhóis, medos do Absolutismo, medos dos franceses, medos do Liberalismo, medos dos republicanos, medos da polícia política, medos dos informadores, os designados *bufos*, medo dos delatores, a nível local, os medos das tropas do João Alves e os medos das quadrilhas de assaltantes, nos trilhos da Gardunha. Então, a sociedade portuguesa esteve sempre impregnada de medos sociais.

Podemos referir os medos no Estado Novo, regime político, que se desenvolveu por cerca de meio século, com opressões e coerções, provocando traumas nas pessoas e constrangimentos nos diversos aspectos da vida e na expressividade política, cultural e artística, condicionando ao medo uma parte da população, não admitindo quaisquer oposições. O medo inculcado pelo Estado Novo tinha a função de manipular as pessoas. Medo da exclusão social, laboral ou cultural. Medo de cantar, medo de escrever, medo de falar, medo de ser apanhado com livros e jornais proibidos. Medo de pendência religiosa, ser apontado como comunista, maçónico ou protestante, com censuras, prisões e até eliminações físicas de quem não alinhasse com as ideias do poder. O medo encontrava-se nas ruas, nas tabernas, nos cafés, ao virar das esquinas, nas veredas da Gardunha, nas escolas, nos quartéis, nas repartições públicas, nas igrejas. Medo dos agentes vigilantes das mentes, medo dos delatores, medo

dos informadores, com-prados por umas centenas de escudos, medo dos censores, vigilantes da escrita indecente nos livros e nos jornais, o Jornal do Fundão o comprova, do teatro atrevido, do cinema amoral e rebelde.

Especialmente nos meios rurais, havia o medo da justiça, o medo de levar assuntos a tribunal, que a justiça era coisa de ricos, que dominavam os pobres. Mais valia ficar-se prejudicado, algumas vezes, com danos pecuniários e consequentes danos psíquicos, que o medo a isso condicionava.

Pairava no íntimo de muitas pessoas um medo social, um medo político e um medo policial, medos castradores das mentes e das vontades, consideradas rebeldes. Medos, manipulados pelos agentes do poder, para amesquinhar as gentes e para lhes provocar insegurança e reduzir a auto-estima. Medo dos desconhecidos, medo do outro, que podia ser factor do mal. Medos reais que levavam muitos indivíduos a aceitarem não serem como eram, mas a aceitarem a como os outros quisessem que eles fossem, submetendo-se ao poder do Estado trocando a liberdade pela segurança. Medo social que condicionava emoções desagradáveis e afectava a normal corrente da consciência.

O medo da guerra

Ao longo dos séculos, as populações portuguesas sofreram os traumas, os horrores e os medos das guerras. Medos nos combatentes, que sofriam nos teatros de guerra, e medos nos familiares e amigos, que ficavam angustiados à espera de notícias, muitas vezes funestas.

Nos inícios do ano de 1961, o medo assolou a sociedade portuguesa, com o início da Guerra Colonial. Muitos jovens da Gardunha partiram para as antigas colónias. Levavam o medo ferrado no corpo, como os familiares, mães, irmãos, filhos e esposas ficavam envolvidos por fortes emoções de medo, que lhes perturbava o dia a dia, e medo nos jovens, que mais tarde iriam ser arregimentados para a guerra, quando chegasse a idade. O Estado Novo preocupava-se em atenuar o medo omitindo as realidades, censurando as notícias, transmitindo apenas o que parecia conveniente.

Os medos levaram as famílias a pedir a Deus, à Nossa Senhora e aos Santos que tivessem piedade dos combatentes, um pedido de ajuda, em verdadei-

ro patrocínio divino, com orações, penitências dolorosas, oferendas. O medo arrastando-se pelas igrejas, capelas e santuários, especialmente em Fátima.

O medo foi temática para poetas. Por exemplo, vejamos o medo na poética de Carlos Drumond de Andrade:

O MEDO

Em verdade temos medo.
Nascemos no escuro.
As existências são poucas;
Carteiro, ditador, soldado.
Nosso destino, incompleto.
E fomos educados para o medo.
Cheiramos flores de medo.
Vestimos panos de medo.
De medo, vermelhos rios
Vadeamos.

.....
Os mais velhos compreendem.
O medo cristalizou-os.
Estátuas sábias, adeus.
Adeus: vamos para a frente,
Recuando de olhos acesos.
Nossos filhos tão felizes...
Fiéis herdeiros do medo,
Eles povoam a cidade.
Depois da cidade, o mundo.
Depois do mundo, as estrelas,
Dançando o baile do medo.

BIBLIOGRAFIA

- DIAS, Fernando Nogueira, *O Medo Social e os Vigilantes da Ordem Emocional*, Instituto PIAGET, Lisboa, 2007.
- DIAS, Jorge, *Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, Editora Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1960.
- GIL, José, *Portugal, Hoje O Medo de Existir, Relógio D'Água* Editores, Lisboa, 2005
- RUSSEL, Bertrand, *Porque não sou Cristão*, Brasília Editora, Porto.

NOTA

- 1 - DIAS, Jorge - *O Essencial Sobre os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

* Investigador de temas antropológicos.

PÍNDARO, A III ODE PÍTICA A PRIMEIRA MANOBRAS DE RESSUSCITAÇÃO CARDIO-RESPIRATÓRIA DESCRITA NA ANTIGUIDADE?

Maria do Sameiro Barroso *

A III Ode Pítica de Píndaro (vv. 39-46), já citada por mim, a propósito do nascimento de Asclépio por cesariana praticada na sua mãe, já fulminada pelo raio do Deus¹, fornece ainda outros elementos de grande interesse para a História da Medicina².

Cerca de 500 a. C., o médico e filósofo da Itália meridional, Alcmeón de Crotona, tinha enunciado, cerca de 500 a. C., a primeira definição conhecida de doença natural, imediatamente desembaraçada de qualquer interpretação mágico-religiosa. De acordo com a doxografia de Écio (Aetuis, *Placita*, V, 30, 1; segundo Stobée, *Eclogae*, IV, cujo excerto passamos a traduzir):

«Alcmeón diz que a saúde se mantém pelos direitos iguais [*isonomia*], as qualidades, húmido, seco, quente, amargo, doce e outro, enquanto que o reino exclusivo [*monarquia*], entre eles, produz a doença. As doenças aparecem, no que respeita ao agente, por causa do excesso do calor ou da secura, no que diz respeito à origem, à causa ou do excesso ou da falta de nutrição; no que diz respeito ao lugar, o sangue, a medula e o cérebro. Diz que estes nascem, por vezes, tanto de causas externas, tais como as águas, o lugar, as fadigas, a angústia ou as coisas análogas. A saúde constituía a [boa] mistura.»

Este texto, de importância crucial para a história das ideias médicas é conhecido sobretudo na versão dada por Diels e W. Kranz, na sua edição sobre os pré-socráticos³.

Alcmeón serve-se de uma metáfora política cujo significado é claro. A «monarquia» designa o domínio de uma certa qualidade sobre todas as

outras; a «isonomia» que caracteriza a saúde é um equilíbrio no qual participam igualmente todos os elementos do corpo humano.

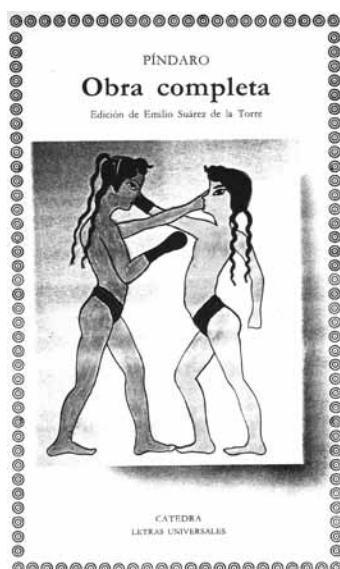
A terminologia de Alcmeón não teve eco na literatura médica posterior. Os médicos hipocráticos deram à perturbação fundamental que constitui a doença o nome de *nosos* ou *nosema* e o nome de *dyscrasia* (e não de *monarquia*) e ao equilíbrio saudável os nomes de *eukrasia* e de *symmetria* (e não de *isonomia*).

Estes consideravam a doença como um estado de sofrimento do corpo, caracterizado por uma «mistura perturbada» dos humores fundamentais e provocada pela perda da «Proporção justa» nas relações entre o frio e o quente ou o seco e o húmido. No século II, Galeno escreverá: «Quase todos os meus antecessores definiram a saúde pela boa mistura [*eukrasia*] e pela proporção [*symmetria*] dos elementos.»

A noção de «justa medida» mantém-se dominante durante toda a Antiguidade⁴.

A patologia humoral clássica apresentada tradicionalmente como o mais autêntico pensamento hipocrático, foi formulado, pela primeira vez, de forma explícita, no tratado de seu genro Políbio, *A Natureza do Homem*, escrito em Cós, cerca de 410 a. C.:

«O corpo do homem contém sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra: eis o que causa a saúde e a doença. Nestas condições, há saúde perfeita quando estes humores se encontram na sua justa proporção [*metriôs*] entre si, tanto do ponto de vista da qualidade como da quantidade e quando a sua mistura é perfeita. Existe doença quando um destes



humores, em quantidade muito pequena ou muito grande, se isola do corpo, em vez de se manter misturado com os outros. Porque, necessariamente, quando um destes humores se isola e se mantém à parte, não só o local que deixou adoecer, mas também o local onde se vai fixar e acumular, por consequência de uma saturação excessiva, provoca sofrimento e dor.».

Após este texto, e durante mais de dois milénios, a grande maioria dos médicos ocidentais estava firmemente convencida de que, com excepção dos traumatismos, a doença era uma perturbação geral ou local, provocada pelas relações entre os quatro humores.

Os médicos hipocráticos distinguem já, de forma mais ou menos implícita, a etiologia da doença, a patogénese. A perturbação humoral, juntamente com as manifestações clínicas, constitui a essência da doença⁵.

Estavam estabelecidas as bases racionais da medicina grega, científico-especulativa. Aos poucos, as explicações sobrenaturais das doenças foram substituídas por explicações naturais⁶.

Nas suas exposições didácticas, os autores médicos fizeram tentativas de classificar as doenças. Os seus esforços de tentar agrupar as entidades nosológicas em grandes conjuntos foram, por vezes, bastante satisfatórios na prática mas mantiveram-se arbitrários e incoerentes, sob o ponto de vista teórico, dada a deficiência dos seus conhecimentos de anatomia, fisiologia e patofisiologia.

A classificação mais antiga da qual possuímos um testemunho literário é um poema de Píndaro, que considera as doenças que nascem espontaneamente no corpo, os traumatismos e as doenças devidas às influências externas das estações⁷.

Trata-se de outro excerto da III Ode Pítica, na qual o Poeta se refere à prática da medicina de então:



«[Estr. 3]

Vinham até ele os aflitos por males congénitos
ou os que
tinham os membros feridos pelo bronze,
cinzento ou por
uma pedra lançada à distância ou, ainda, com
os seus corpos

esgotados pelo calor do Verão ou pelo frio do Inverno.

Asclépio libertava-os. Expulsava toda a espécie de mal de quem quer que fosse, cuidando de uns com litanias ternas, de outros com poções calmantes, ou então aplicava-lhes remédios em redor dos membros. A outros endireitava-os com a cirurgia apropriada» (vv. 48-56) .



[Ant. 3]

Mas também a perícia está refém do lucro.
O ouro a brilhar nas mãos como recompensa sumptuosa
persuadiu-o a ir resgatar um homem à morte.
O filho
de Cronos massajou-lhe, então o peito com as mãos,
recuperando-lhe a respiração por breves instantes. Um raio
incandescente cravou a morte de ambos. É preciso procurar
junto das divindades o que é apropriado ao coração dos
mortais, sabendo o que está perto de nós e que destino
é o nosso.» vv. 48-62 .



É de notar que, em relação à medicina mágica antiga, esta medicina, baseada na observação e numa abordagem racional da fisiologia e da patologia humana, deve ter trazido avanços consideráveis, em termos de uma maior eficácia terapêutica.

Os avanços da medicina de então colocam o problema dos limites da intervenção médica. No poema, pela ousadia da transgressão, ambos, médico e doente, são fulminados com um raio, tendo Asclépio ascendido aos céus, tornado deus.

Nos versos 56-57, por nós assinalados, a negrito, temos, penso, a primeira descrição de uma tentativa de ressuscitação, por massagem cardíaca, realizada com sucesso, embora por alguns instantes¹⁰.

O estudo do conteúdo desta estrofe pareceu-me merecer uma maior atenção. Resolvi comparar traduções. Não sabendo grego¹¹, confrontei a tradução da Antístrofe 3 com a versão inglesa da Loeb:



«But even wisdom is enthralled to gain.
Gold appearing in his hands
with its lordly wage
prompted even him to bring back from death
a man
already carried off. But then, with a cast from
his hands,
Kronos son took breath from the men's breasts
in an instant; the flash of lightning hurled down
doom.
It is necessary to seek what is proper from the
gods
with our mortal minds.
by knowing what lies at our feet and what kind
of destiny
is ours.» .



A versão castelhana é semelhante:



«Pêro aun la ciência misma se ve presa dellu-
cro!
Tambien a él — Asclepio — el oro, para mag-
nifico pago
mostrado en las manos, le movió
a sacar de la muerte a un varón
que estaba cogido por ella. Y así con sus
manos el hijo de Crono
haciendo un disparo através de los dos,
les quitó de sus pechos el hálito
subitamente, y el rayo abrasante descolgó
sobre ellos la muerte.
Necessario es recabar de los dioses
lo que cumple al mortal, al humano sentir,
conociendo lo que está ante tu pié: de que
destino somos.» .



Em ambos os casos, há uma intervenção de Asclépio que conseguiu trazer à vida um doente, pelo uso hábil, muito rápido e enérgico das mãos.

Consultado o Senhor Professor António de Castro Caero, especialista da poesia e Píndaro e tradutor das *Odes Píticas* para português¹⁴, este cedeu-me, gentilmente, a seguinte versão literal, ilustrada pelas notas 1 e 2:



«Mas também do ganho está a perícia presa.
E assim aquele [Asclépio] trouxe como magní-
fica recompensa ouro,
ouro que mostrava nas suas mãos por ter ido
buscar à morte um homem
que já se encontrava [dela] preso: o filho de
Chronos lançando
rapidamente para ele ambas as mãos, com
elas foi arrancar-lhe
a respiração ao fundo do peito e como um re-
lâmpago incandescente
trespassou o cadáver »



Nota 1: o verbo *enskimptô* (no aoristo: *enskimpsen*, que traduzi por *trespassou*) quer dizer: cair sobre, precipitar. Na passagem, dá a ideia de um relâmpago que, ao perpassar o cadáver (sc. móron) “energiza-o”, dá-lhe uma energia vital que o “acende”, “traz (e restitui) à luz”.

Nota 2: efectivamente, não se fala de coração. Píndaro, como os gregos, achava que o centro vital do humano era o diafragma com os pulmões, coração incluído (Cf. Onians, *the Origins of European Thought*). Nesse sentido, o peito (no original, está o plural: *sternôn*) é o centro da vida, onde está a respiração, onde o prazo “expira”, onde se recebe “inspiração”.

Não lidando, naturalmente, com a medicina, a minha leitura parece-lhe plausível:

«A passagem tem esse sentido literal. Em inúmeros passos, Píndaro, na lírica (mas também Platão e Aristóteles, na filosofia) toma a perícia (*technê*) médica como a forma mais próxima de tentar resolver “o” problema do humano: a ausência de recursos (*amachania*, *amêchania*) para obviar a morte. O sentido figurado da passagem é a possibilidade de intervenção cirúrgica no momento oportuno (*kairos*), depois da autópsia (“olhar para si”) e do diagnóstico. Esta qualidade de olhar do médico e a sua capacidade de “obrar com as mãos”, intervir no mundo, alterando assim o curso dos acontecimentos, é uma possibilidade concreta do que o ocidente filosófico procurou: intervenção efectiva através de uma

forma de compreensão que possa mudar radicalmente a vida, por forma a dar-lhe a sua potência e possibilidade mais radical.»

Não me parece haver dúvidas de que Píndaro descreve uma situação crítica, na qual um doente entra em paragem cardio-respiratória e Asclépio, mediante uma intervenção de grande velocidade e perícia, com as suas mãos, fez algo semelhante à massagem cardíaca, algo semelhante às manobras actuais de ressuscitação cardio-respiratória. A manobra foi realizada com sucesso, embora por breves instantes. Evidentemente que faltavam todos os meios de suporte de vida básico, actualmente utilizados.

Píndaro parece, efectivamente, familiarizado com a prática médica do seu tempo. A descrição da cesariana de Asclépio corresponde à prática de cesariana, praticada nas mulheres mortas, a fim de salvar a criança ainda viva do seio materno.

Como vimos, a [Estr. 3] (vv. 48-56) também já foi objecto de estudo dentro da historiografia médica, por Mirko G. Gremek.

A outra tradutora e especialista da poesia de Píndaro, a Senhora Professora Mafalda Viana, também se lhe afigurou correcta a leitura médica do texto.

Os conhecimentos anatómicos dos médicos hipocráticos eram deficientes, pois não praticavam a dissecação nos cadáveres humanos e tinham que reconstituir as estruturas do corpo, a partir do que viam ou palpavam, a partir de um exame de superfície ou a partir das observações que faziam em disseções de animais.

Não é de estranhar que os seus conhecimentos sobre o mundo interior fossem bastante obscuros, parciais, erróneos ou mesmo fantasistas. Contudo, os médicos hipocráticos conheciam já os principais órgãos, tais como o cérebro, o coração, os pulmões, o fígado, os rins, o baço, a bexiga, que se alojavam em duas cavidades, separadas pelo diafragma, uma cavidade superior (torácica) e uma inferior (abdominal)¹⁵.

A descrição a manobra executada, que terá semelhanças com as manobras actuais de ressuscitação cardio-respiratória, reporta-se, possivelmente, a um acto clínico isolado que foi condenado, em primeiro lugar pela motivação que o moveu, o dinheiro e, em segundo lugar por desafiar as leis da Natureza:

«É preciso procurar
junto das divindades o que é apropriado
ao coração dos
mortais (...)» (vv.60-61).

Embora, na prática, os métodos de tratamento mencionados no *Corpus Hippocraticum* fossem limitados, estes constituíam, sem dúvida, avanços em relação às práticas médicas anteriores. Os procedimentos mais importantes pertenciam ao âmbito da cirurgia, especialmente, tratamento de fracturas e luxações, utilizando a faca, a trepanação (nas fracturas cranianas) e o cautério, na prática de sangrias, e na administração de purgantes, eméticos, na administração de supositórios, na aplicação de unguentos e pomadas, em banho e, particularmente no controlo de regimes de dietas e de exercício físico.

No que respeita à cirurgia, sobretudo no que dizia respeito a fracturas e luxações, o tratamento era bastante satisfatório. Nas doenças agudas, especialmente infecciosas, os médicos hipocráticos pouco mais podiam fazer do que deixar a Natureza agir por si própria, mantendo o doente com conforto e evitando, o mais possível, agravar a sua situação, com pouca esperança de que a dieta ou as drogas prescritas operassem a cura¹⁶.

No entanto, segundo se depreende dos textos, aos médicos hipocráticos, era exigida uma atitude bastante interventiva.

Os pressupostos da ciência estavam efectivamente lançados. No tratado *Tradição na Medicina* é dada uma explicação da base empírica da medicina, praticada no final do século V. A. C.¹⁷.

No § 8 de *A Ciência da Medicina*, é dito que alguns condenam a ciência da medicina porque os médicos não são capazes de resolver doenças incuráveis. Mas, quem pensar que a ciência pode actuar no que está fora do seu alcance, ou que a Natureza pode realizar coisas que não são naturais, é mais facilmente acusado de ignorância ou estará mais propenso à loucura do que à falta de conhecimento¹⁸.

No tratado *Prognóstico*, há dados de observação clínica de tal forma precisos que ficaram na História da Medicina, tais como a descrição do fácies hipocrático (do doente cuja morte se aproxima com rapidez) ou o hipocratismo digital (deformação

dos dedos, em baqueta de tambor, observado em doenças crónicas).

Houve também métodos de observação, extremamente precisos que se perderam.

Na *Colecção Hipocrática*, os médicos auscultavam os doentes que sofriam de pneumopatias, colocando o ouvido directamente sobre o peito destes, escutando e registando os sons que ouviam no seu interior, tais como os atritos pleurais, comparados à fricção do couro e a «sucussão hipocrática», evidenciando um derrama pleural, que continuam a fazer parte da semiologia actual¹⁹.

Só no início do século XIX, é que Laennec, que descobriu o estetoscópio, retomou este tipo de observação e leu, com espanto, as descrições hipocráticas²⁰.

Foi preciso esperar pelo final do século para que XVIII para que se voltasse a tentar manobras de ressuscitação nos afogados²¹ e pelo século XX para que estas manobras passassem a constituir a medida mais importante nos procedimentos da medicina de urgência.

NOTAS

1 - Maria do Sameiro Barroso, *A Cesariana, dos Primórdios ao século XIX*, Cadernos de Cultura da Pré-História ao Século XIX, Nº21, Novembro, Castelo Branco, 2008, p. (no prelo).

2 - Sobre este assunto, ver o meu ensaio *Ciência e Humanismo, dos Primórdios à Grécia clássica*,

3 - Mirko D. Grmek, *Le concept de maladie*, in Org. Mirko Grmek, *Histoire de la pensée médicale en Occident*, Seuil, 1995 (Ed. or. Storia del pensiero medico occidentale I Antiquità e Medioevo, Laterza, 1993), pp. 215-216.

4 - Mirko D. Grmek, *Le concept de maladie*, ibidem, p. 217.

5 - Mirko D. Grmek, *Le concept de maladie*, ibidem, p. 222.

6 - Miguel Ángel Sánchez González, *História, Teoría y Método de la Medicina: Introducción al Pensamiento Médico*, Masson, Barcelona, 1998, reimpresão, 2003, p. 110-111.

7 - Mirko D. Grmek, *Le concept de maladie*, ibidem, p. 223.

8 - Píndaro, *Odes Píticas para os Vencedores*, Tradução de António de Castro Caeiro, Primebooks, Lisboa, 2006, p. 53

9 - Píndaro, ibidem.

10 - Excerto do meu ensaio *Ciência e Humanismo, dos Primórdios à Grécia Clássica*, pp. 42-43.

11 - Ver texto grego em William H. Race, edição e tradução, *Pindar Olympian Odes Phythian Odes*, Harvard University Press, Londres, 1997, p.

12 - William H. Race, ibidem, p. 251.

13 - Píndaro, *Odas y Fragmentos*, Introdução, tradução e notas de Alfonso Ortega, Editorial Gredos, Madrid, 1984, p. 157.

14 - Tendo-me informado de que «As traduções que melhor respeitam o original de Píndaro, são as alemãs, designadamente de Dieter Bremer (Ed. e trad.): *Siegeslieder. Griechisch-Deutsch* (Slg. Tusculum), Artemis & Winkler, Düsseldorf 2003 (de que não possuo nenhum exemplar).

15 - Jacques Jouanna, *La naissance de l'art médical occidental*, in Org. Mirko Grmek, *Histoire de la pensée médicale en Occident*, p. 54.

16 - G. E. R. Lloyd, *Introduction*, in *Hippocratic Writings*, org. de G. E. R. Lloyd, translated by J. Chawick and W. N. Mann, I. M. Lonie, E. T. Wittington, Penguin Books, London, 1983, pp. 35-37.

17 - *Hippocratic Writings*, org. de G. E. R. Lloyd, p. 70.

18 - Ibidem, p. 143.

19 - A. Tavares de Sousa, *Curso de História da Medicina, Das Origens ao Século XVI*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1996, p. 62.

20 - Jacques Jouanna, in Org. Mirko Grmek, *Histoire de la pensée médicale en Occident*, pp. 52-53.

21 - William Cullen, *A letter to lord Cathcart concerning the recovery of persons drowned, and scemingly dead To wich is added an excratct from Journals of the Board Police, containingg a paper presented by lord Cathcart, to that honorable board on the same subject*, S.I., s. n. , 17--.

* Médica, escritora, investigadora



Guerreiro grego — detalhe de um recipiente de azeite (sec. V, a.c.)

OS ASSOMOS DA FORMAÇÃO MÉDICA NA OBRA DE JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

Maria José Leal *

Foi por altura do solstício de Inverno de 1986 que conheci Endovélico. Quem mo apresentou foi João Aguiar no seu esplêndido livro “A Voz dos Deuses”. Fiquei de tal modo interessada na personagem que parti no seu encalço e empreendi uma busca aturada para o procurar. Esgravatei Arquivos, embrenhei-me nas Bibliotecas, consultei Especialistas, revisei a Lusitânia e a Cultura Clássica, dei uma volta pela Hermenêutica e pela Simbólica; recuei 22 séculos e encontrei-me contemporânea de Viriato, no Alandroal, em S. Miguel da Mota ou no local da Rocha da Mina na ribeira de Lucifécit, antes do saque romano.

Foi por ali e por estas deambulações que fui convivendo com o JOSÉ, pelos seus ensinamentos ia encontrando algumas respostas mas sobretudo muitas novas inquietações; eu fazia o trabalho de *khyros* e tentava abranger o conceito da saúde e

da doença no percurso da vida dos humanos, ele o estudioso de muitas ciências, sem esquecer a sua qualidade de *iatros*, tinha largado a prisão da cabeça dos doentes para se tornar o investigador e o aglutinador de uma infinidade de conhecimentos que parecendo díspares se congregaram numa obra polimórfica, como que um *corpus* do povo português, que melhor nos trouxe ao conhecimento as diversas facetas da nossa história e da nossa identidade.

A vastíssima obra de José Leite de Vasconcelos (JLV) é constituída por muitos e diversificados temas que se estendem por um largo leque abrangendo desde os estritamente científicos aos de género literário: Etnologia/Etnografia, Arqueologia, Filologia, Numismática, Biografia, Ensaio, Crítica Bibliográfica, Poesia, etc. No livro de homenagem pu-

blicado por ocasião do seu centenário (1858-1958) estão registadas 1234 referências bibliográficas organizadas por Isabel Vilares Cepeda. (1)

Em todos os seus escritos está patente uma análise sociológica muito marcada e no dizer de Orlando Ribeiro, seu discípulo, biógrafo e juntamente com Manuel Heleno seu executor testamentário, “as suas obras serão, no domínio das ciências que cultivou, uma espécie de marco miliário: ou melhor, um cruzeiro de encontro de caminhos”...

“... formam uma espécie de *Monumenta Ethnica* de Portugal desde o Paleolítico até à actualidade”. (2)

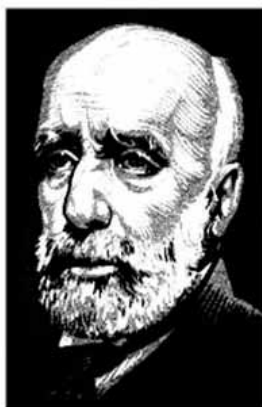
Além destas características marcantes, um outro parâmetro – a metodologia do pensamento clínico – está repetidamente patente a denunciar e a atestar a formação científica médica do autor; parâmetro este que não

passou despercebido ao olhar atento do jornalista João da Silva Correia que em notas biográficas refere que “o Mestre, que pôs de lado a Medicina, nunca deixou de utilizar o saber médico nas suas obras” (3)

Embora não tendo feito uma leitura exaustiva de toda a obra de JLV, a análise de alguma da sua bibliografia seleccionada evidencia as marcas ou os *assomos* que a sua formação médica deixou indeléveis em grande parte dos seus trabalhos; esta é uma vertente de estudo que julgo inédita e que, agora em 2008, pretendo associar às homenagens no âmbito das comemorações dos 150 anos do nascimento do JOSÉ, médico natural da Beira Interior, com quem convivi nas sendas de Endovélico(4) e de quem colhi tantos ensinamentos.



Cabeça do deus Endovélico (sec. I d.c.)



JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

150 ANIVERSÁRIO

2008

Essa Beira Interior que o viu nascer, aonde ele se iniciou na curiosidade pelas marcas deixadas de antanho e aonde voltou repetidas vezes para perscrutar, inventariar e registar memória. Em Castelo Branco e suas redondezas estão noticiadas pelos jornais duas estadias respectivamente em 1914 e em 1916.



José Leite de Vasconcelos Cardoso Pereira de Melo nasceu em Ucanha concelho de Mondim da Beira, hoje concelho de Tarouca, a 7 de Julho de 1858, casas meias com a Torre fortificada à contígua ponte sobre o Rio Barosa que cobrava portagem à entrada da coutada que fora propriedade dos monges de Cister desde o século XII e que se estendia aos Mosteiros de Salzedas e de S. João de

Tarouca senhorios dos mesmos Beneditinos. Ruínas que o viram crescer a tomar notas em caderninhos a propósito de cada pedra. Filho único de primos co-irmãos descendia de uma família da aristocracia rural, seu avô paterno Rodrigo Cardoso Pinto tinha sido prestigiado médico do exército e do Convento de Salzedas, delegado físico-mór do reino; seu avô materno Tomás Leite de Vasconcelos Pereira de Melo fora juiz de fora e corregedor de Tomar; seu bisavô materno Luís Cândido Furtado marechal de campo que tivera nomeada como cartógrafo.

Aprendeu latim com o Pe. Manuel Pinto do Souto de Granja Nova e francês com o primo Pe. Adriano Pereira de Melo de Vila Cova, assim como era assíduo leitor na biblioteca do tio poeta António Leite Cardoso Pereira de Melo.

As condições económicas familiares tinham atingido a rotura, o seu jovial e folgazão pai José Leite Cardoso Pereira de Melo, protagonista de aventuras políticas e procurador régio ficou no desemprego, extinto que foi o julgado de Mondim da Beira em 1873; Em 1875 o jovem José com 17 anos, estava empregado na Administração de Mondim e do seu ordenado subsistia toda a família pai, mãe D. Maria Henriqueta Leite de Vasconcelos Pereira de Melo e a tia paterna D. Antónia Guilhermina; nessa altura o seu tio poeta António, à data funcionário das obras públicas e mestre-escola no Porto, tomou todo o empenho no prosseguimento dos estudos do seu dotado sobrinho para quem conseguiu um emprego com alojamento no Colégio de Santa Catarina no Porto e ainda um outro emprego no Liceu S. Carlos aonde poderia prosseguir os estudos sem encargos financeiros. A descrição da carga horária dividida por dois empregos e pelo estudo (5) atesta da vida duríssima de trabalhador estudante, da disciplina a que se obrigava assim como da sua enorme capacidade de trabalho.

Fez o curso do liceu de 1876 a 1879 no Colégio de S. Carlos e o de Ciências Naturais na Academia Politécnica do Porto de 1879 a 1881, período em que estudou alemão. Em 1878 publica o seu 1º trabalho de Etnografia realizado durante as férias do Entrudo no Minho em Vila Cova (6) dedicado ao primo Pe. Adriano Leite Cardoso Pereira de Melo.

Com a valiosa ajuda económica de outro primo Manuel Leite Negrão formou-se em Medicina na Escola Médico Cirúrgica do Porto em 1886 tendo feito

a dissertação aprovada com louvor “A Evolução da Linguagem” e sido galardoado com o Prémio Macedo Pinto para o melhor aluno finalista. Apesar de tão inequívocas distinções sabemos da sua inquietude quanto ao futuro como médico (à data em final do 3º Ano do curso) bem expressas na carta resposta do filólogo Prof. do Curso Superior de Letras de Lisboa Aniceto Reis Gonçalves Viana de 22.07.1883 que o trata por Caro Amigo e o aconselha “...a não desistir do Curso de Medicina... o curso superior de Letras só por si que futuro lhe dá?”

Depois de uma breve estada com consultório no Porto, em Junho de 1887 foi para o Cadaval como Delegado de Saúde onde ressoam os seus amargos queixumes sobre as inadiáveis e assoberbantes tarefas que não lhe deixam nem tempo nem disponibilidade para outras actividades que até à data tinha conseguido conciliar... “já há muito tempo que não abro um livro que não seja de medicina... sou para aqui um atormentado às ordens de todos os que adoecem... que me importa a mim o dinheiro que eu ganho, se actualmente não tenho outro horizonte senão as cabeceiras dos enfermos?” (5)



Aí permaneceu cerca de seis meses e apesar dos seus lamentos ainda encontrou réstias de tempo para a exploração do vizinho Castro de Pragança.

Era um médico interessadíssimo pela Ciência Médica mas que não gostava de tratar doentes, a sua craveira científica noutros âmbitos era por demais conhecida e foi chave para outras portas. Tomou a opção de se libertar da prisão da cabeceira dos doentes que lhe era tão penosa e que lhe coarctava os largos horizontes de trabalho a que se propunha.

Em Fevereiro de 1888 pede a demissão do cargo para tomar posse como Conservador da Biblioteca Nacional em Lisboa para onde tinha sido nomeado em finais de 1887. Aí é professor de Numismática, funções que acumula com professor do Liceu do Carmo assim como de Colégios particulares. Em 1887 funda a *Revista Lusitana*, estudos Filológicos e Etnológicos, “dos mais ricos acervos

da boa erudição portuguesa” (5) cujo primeiro número é publicado em 1889 com textos de Carolina Michâelis, Adolfo Coelho, Teófilo Braga, Martins Sarmiento, Leite de Vasconcelos, entre outros autores de reconhecida erudição, e que perdurou até 1943; o derradeiro 38º volume ainda por ele elaborado teve edição póstuma.

Em 1893 JLV consegue, pelo interesse cultural do Ministro Bernardino Machado, a fundação do Museu de Etnologia aonde é preservado o espólio de Estácio da Veiga (1828-1891), assim como peças da pré-história lusitana e proto-história romana por ele próprio recolhidas; dois anos depois, como órgão do Museu, edita a Revista “O Arqueólogo Português”, que até hoje se mantém como publicação do subsequente e actual Museu Nacional de Arqueologia (MNA), tendo sido editado em 2008 o Volume

26 da IV série, número especial de homenagem ao seu Director fundador.

No âmbito das comemorações (7) esteve patente no Museu Nacional de Arqueologia, em Maio, e depois na Torre de Ucanha, em Setembro, uma Exposição de Desenhos “José Leite de Vasconcelos: Memória,

Legado e Património” da Escola Secundária do Monte de Caparica sob a orientação das professoras Isabel Mendes e Luzia Lourenço. Entre algumas dezenas de trabalhos pictóricos realizado pelos alunos, um deles repetindo sob diversas versões o perfil do homenageado é um emblemático visual dos seus múltiplos interesses.

Um dos interesses permanentes e primordiais que atesta os *assomos* da formação médica de JLV foi a LINGUAGEM – *no princípio era o Verbo* – que estudou sob diversos aspectos: Filologia, Glotologia, Fonética, Linguagem Gestual, Linguagem Infantil, Patologia da Linguagem, etc. Em todos estes estudos está patente a componente anatómica, fisiológica, neurológica, psicológica, sociológica que presidem e que interferem com a mesma e entre si, e que constituem um paradigma do saber médico numa forma integrada que nos conceitos actuais as neurociências tanto têm desenvolvido. Poder-se-á

dizer que JLV tinha mesmo uma “fixação glótica”, ele que não era um orador nato... e que por coincidência ou não, frequentou no Porto o Hospital Goe-las de Pau...

Além das anotações primevas da sua juventude sobre ditos e expressões, o seu assumido enveredar científico pela Linguagem ocorreu quando tomou conhecimento do dialecto mirandês em 1882 (cursava o 2º ano de Medicina) através do seu *Espírito Santo mirandês* Manuel António Branco de Castro natural de Miranda do Douro e estudante da Academia Politécnica, cujo encontro narra: “Nunca me esquecerá tal Domingo! ...o dia em que pela primeira vez na minha vida ouvi falar seguidamente mirandês, e em que esbocei as primeiras linhas da sua gramática...” (2), (8). Este trabalho sobre “O Dialecto Mirandês” valeu-lhe o prémio da Societé des Langues Romanes – Montpellier França 1883.

“A Evolução da Linguagem” é o tema da tese de Licenciatura em Medicina (9), no dizer de Hernâni Cidade “... o surto filológico ergue-se já alto, mas de sólida base de estudos médicos. Além do estudo do aparelho fonador e das próprias condições e determinantes fisio-psicológicas há curiosas observações das relações entre a extensão da frase e o tempo do movimento respiratório e há a compendiação de todas as formas de patologia da linguagem, com algumas das quais procura penetrar no mistério da origem deste instrumento de comunicação” (10).

Ainda sobre a Linguagem há a referir a sua tese de Doutoramento em Filologia Românica na Universidade de Paris “Esquisse d'une Dialectologie Portugaise” – (Thèse pour le Doctorat de l'Université de Paris Faculté des Lettres Paris – Lisboa, Aillaud et Cie, 1901 (1) que será a sua chave de entrada para a Faculdade e Letras aquando da criação da mesma em 1911 em substituição do Curso Superior de Letras de Lisboa, como professor de Filologia Portuguesa.

Inúmeros são os seus estudos e contribuições no domínio da linguagem, nomeadamente a gestual, de salientar os artigos publicados no *Jornal O Dia*: “Instituto de surdos-mudos de Lisboa” e “Ensino de surdos-mudos” respectivamente em 06 de Setembro de 1889 e 13 de Outubro de 1890.

Inúmeras e diversas foram as suas Críticas Bibliográficas mas no que concerne a temas médicos são de destacar as referentes às seguintes obras (1):

“Manual de Doenças Mentais” da autoria de Júlio de Mattos Porto 1884, no *Jornal Discussão* de 12 de Agosto de 1884;

“Notas Physio-Psycologicas sobre a Linguagem” da autoria de Adolpho Coelho *Rev Neur Psy* 1888 nº1, na *Revista Lusitana* Vol I 1887-1889

A sua grande obra, no dizer dos seus biógrafos, *RELIGIÕES da LUSITÂNIA* veio à estampa em três volumes – Imprensa Nacional, Lisboa – em 1897, 1903 e 1913, este último mais de vinte anos depois do seu primeiro ensaio sobre o tema em 1890 (11), atestando o cuidado e a maturação da sua serenidade científica. No Prólogo, Vol I pp XXV-VI, volta ao tema Linguagem que utiliza para justificar as razões que o opõem a Alexandre Herculano acerca das origens da nacionalidade entrosada nos Lusitanos facto que o historiador não admitia pela não coincidência territorial. Orlando Ribeiro resume o pensamento de JLV “...é no estudo da Língua, diferenciada e unificada antes do Estado...que se pode procurar o nexu de Lusitanos e Portugueses” (2)

Endovélico deus tutelar da Medicina com o seu templo na Rocha da Mina junto à Ribeira de Lucifécit em Terena no Alandroal, transferido após o saque romano para outro local ... mais uma vez destruído e cristianizado depois em São Miguel da Mota (com devoção ao orago Miguel/Michael, o que está vez de Deus, e que desempenhou nos primeiros tempos da nova fé os atributos tutelares da Medicina) é o baluarte desencadeante deste seu monumental trabalho. Perante este e outros santuários perdidos JLV penetra no passado remotíssimo dos nossos ancestrs numa prosa poética que o autor não descura como estilo literário “...aí a minha imaginação evocou as sombras dos mortos de há milhares de anos, e com elas falei acerca dos tempos passados e das coisas de além túmulo” (12); outras vezes esta incursão é feita pela via da Poesia (1) (13), mas sempre presente e a falar bem alto qualquer que seja o estilo, estão os *assomos* da sua formação médica. Temas como a trepanação, as práticas de cura, os ex-votos, etc. são abordados pela vertente da Etnologia, da Arqueologia em que JLV era douto, mas a abordagem e as descrições têm a marca indelével do cientista que estudou Medicina.

Em 26 de Junho de 1925 proferiu uma Conferência na Faculdade de Medicina do Porto A FIGA ESTUDO DE ETNOGRAFIA COMPARATIVA – Prece-

dido de Algumas Palavras a respeito do “Sobrenatural” na Medicina Popular Portuguesa – por ocasião do I Centenário da Régia Escola de Cirurgia do Porto, em que com todo o seu engenho amadurecido e polimórfico aborda o tema descrevendo a *fascinação*, contra a qual a figa e outros amuletos são usados, como uma doença típica segundo e seguindo a descrição de todas as etapas de uma história clínica – sintomas, diagnóstico, tratamento (14).

Em 12 de Dezembro do mesmo ano é a vez da Faculdade de Medicina de Lisboa festejar o Centenário da fundação da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa, JLV aproveita o ensejo para prestar homenagem “À memória do meu avô paterno Rodrigo Cardoso Pinto da vila de Ucanha, Bacharel em Filosofia, e formado em Medicina, pela Universidade de Coimbra, † 1819” com a apresentação do seu trabalho *MEDICINA DOS LUSITANOS* (15). Voltando à definição da relação histórico cultural entre Lusitanos e Portugueses são analisados numa inconfundível linguagem médica desde os amuletos, a trepanação, a cirurgia e os seu instrumental, a sangria, a tatuagem, até às terapêuticas fontes termais e ao arsenal herbário em uso.

JLV foi um recolector mais descritivo do que interpretativo no dizer de Orlando Ribeiro (2). A sua monumental obra é o resultado de um labor constante que cedo se iniciou e que perdurou com um entusiasmo e com um empenhamento bem expressos na senha que tomou por divisa: *no estudo consiste o prazer* e que, apesar da diabetes que o vitimou, se mantiveram acesos praticamente até ao seu falecimento em Lisboa a 17 de Maio de 1941.

A vida do homem José foi uma amálgama de factos e circunstâncias que ele soube gerir em função dos seus objectivos de investigação dos antepassados do povo português que ele tão bem conheceu e analisou através da linguagem, dos costumes, dos artefactos; dela nos dá notícia de forma sintetizada mas muito explícita a Fotobiografia publicada no âmbito das comemorações do 150º aniversário do seu nascimento (16), reproduzindo uma plêiade de documentos que marcam as diversas etapas da sua trajectória científica e pessoal.

E, como remate, um obrigado ao Prof. de Filologia do Curso Superior de Letras de Lisboa Aniceito Reis Gonçalves que em carta de 22 de Julho de 1823, aconselha o jovem José, estudante do 3º ano do curso de Medicina da Escola Médico Cirúrgica do Porto a não desistir do curso de Medicina. O José que tinha dúvidas quanto à sua vocação como clínico e que pressentia não gostar da cabeceira dos doentes. Um conselho avisado, caso contrário a monumental obra que JLV nos legou, essa *Monumenta Ethnica* de Portugal, sem o enriquecimento subtil ou evidente dos *assomos* da sua formação médica, não seria tão monumental.



BIBLIOGRAFIA:

- Cepeda IsV Bibliografia de José Leite de Vasconcelos” in José Leite de Vasconcelos *Livro do Centenário* (1858-1958) pp139-269; Imprensa Nacional; Lisboa 1960.
- Ribeiro O Vida e Obras de José Leite de Vasconcelos in *Centenário* op ct 93,87,69,88.
- Correia JS Algumas notas biográficas sobre José Leite de Vasconcelos in *Centenário* op ct 7.
- Leal MJ *A Casa de Endovéllico* Minerva; Lisboa 2002.
- Guerreiro MV “Notas para uma Biografia do Doutor José Leite de Vasconcelos in *Centenário* op cit 110-37.
- Leite de Vasconcelos O Presbitério de Vila Cova in *O Académico* nº 3,4,5,6; Porto 1878.
- Raposo L “Programa comemorativo do 150º aniversário de nascimento de José Leite de Vasconcelos (actividades promovidas ou apoiadas pelo Museu Nacional de Arqueologia)” in *O Arqueólogo Português* Volume 26 série IV 45-54; Museu Nacional de Arqueologia; Lisboa 2008.
- Leite de Vasconcelos *Estudos de Philologia Mirandesa Tomo I* 3-5; Imprensa Nacional; Lisboa 1900.
- Leite de Vasconcelos A Evolução da Linguagem reed. *Opúsculos I* nº 702; Imprensa da Universidade de Coimbra; Coimbra 1928.
- Hernâni Cidade Leite de Vasconcelos in *Centenário* op ct 37.
- Leite de Vasconcelos O Deus Lusitano Endovellico” in *O Dia*; 25 de Maio 1890; reed Opúsculos V 197-206.
- Leite de Vasconcelos *Religiões da Lusitânia* Tomo I XXXVI; 3ª ed. Imprensa Nacional; Lisboa 1988.
- Barroso MS “A lira, a pedra, a formosa fonte. Tópicos para uma leitura da poesia de José Leite de Vasconcelos” in *O Arqueólogo* op cit 433-50.
- Leite de Vasconcelos *A Figa... Araújo e Sobrinho* Ed. Porto 1925.
- Reed. Signum Salomonis, *A Figa, A Barba em Portugal* Publicações Dom Quixote; Lisboa 1996.
- Leite de Vasconcelos *Medicina dos Lusitanos*, Ed Faculdade de Medicina de Lisboa; Lisboa 1925.
- Reed. Aumentada com Introdução de Maria do Sameiro Barroso CELOM (Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos); Lisboa 2008.
- Coito LC e al “José Leite de Vasconcelos – fotobiografia, *Verbo* ed Lisboa, 2008.

* Médica, Sociedade Portuguesa de Escritores e Artistas Médicos

DAS INCISÕES CIRÚRGICAS E DA 5ª CHAGA DE CRISTO A PROPÓSITO DE UMA VISITA AO MUSEU DO PRADO

Daniel Cartucho, Gabriela Valadas *

A relação entre medicina e arte está estabelecida desde há muito. Esta relação tem múltiplas abordagens possíveis, mas ainda comporta aquela que foi a nossa surpresa recentemente. Um olhar nesta relação Arte/Medicina que vem daquela que é a nossa colocação na medicina, daquela que é a nossa Especialidade e que nos dá o ângulo de visão que é nosso, no nosso caso a Cirurgia. Esta, no seu progressivo instalar e sedimentar que advêm dos anos da sua prática, faz com que se tornem presentes elementos que antes, apesar de ali na nossa frente, não nos tinham despertado a atenção.

Pelo menos foi este o sentimento que experimentamos quando voltámos a entrar no Museu do Prado e, pela primeira vez, reparava-mos num pormenor de um quadro – numa das Chagas de Cristo – que do nosso ponto de vista não é mais do que uma possível incisão cirúrgica. Incisão que é a abertura que nos dá acesso ao órgão ou região anatómica que vai ser motivo da nossa intervenção.

Estávamos perante o quadro a *Incredulidade de Santo Tomás* (1640), de Matthias Stomer, figura 1.

Este Santo fazendo jus à sua fama de “ver para crer” tomava uma atitude muito à cirurgião, da imposição da mão para ter um completo afeiramento da realidade da ferida correspondente à quinta das Chagas de Cristo. À quinta Chaga, já que de acordo com os relatos, depois de mãos e pés pregados na cruz formando as Chagas iniciais, o soldado romano, para aferir da eventual morte de Cristo, com a lança provoca uma lesões na parede toraco-abdominal.



Incredulidade de Santo Tomás (1640), de Matthias Stomer

No quadro víamos uma incisão abdominal transversal, de localização subcostal direita, com cerca de 5 cm. Esta incisão cutânea que ali estava representada tão explicitamente, correspondia aquela que nós fizéramos para a colecistectomia por mini laparotomia, nos anos 90 do século pas-

sado, naqueles tempos de transição para o estabelecimento da cirurgia laparoscópica. Corresponde ainda hoje à incisão para a cirurgia de correcção da estenose hipertrófica do piloro, praticada no recém-nascido.

Nunca antes notáramos esse facto: a representação da 5ª chaga de Cristo que figurava naquele quadro tinha correspondência a uma incisão real praticada em nossos dias. E isto numa pintura onde é bem patente igualmente uma patologia que diz respeito ao cirurgião: a existência de uma hérnia umbilical.

Reparo em seguida na pintura *Cristo Crucificado* (1632) de Diego Velázquez. Uma serena representação de Cristo depois da Sua morte, onde está patente um sentimento de solidão, mais de repouso do que tormento da Paixão. Soube que pela influencia da escultura Greco-Romana presente na anatomia se torna patente a influencia de visita a Itália pelo seu autor (1). Igualmente nas informações que dão suporte à pintura, se refere como suas características, a presença de um halo místico, de um rosto idealizado, da presença normal de um pano de pureza a cobrir os genitais, do ligeiro contraponto dos joelhos, dos quatro cravos e do fundo escuro, Figura 2.

E da 5ª Chaga...nada. Aparentemente não é detalhe que mereça atenção. Mas para um cirurgião é. Esta incisão tem uma localização torácica,

paralela aos arcos costais de cima para baixo da direita para a esquerda, com cerca de 6 cm de comprimento, a nível do 5º espaço intercostal direito, na projecção da linha mamilar. Tem sangue venoso em queda pelo bordo inferior em pouca quantidade.

Claro que o resto desta minha visita ao Museu do Prado teve como *primum movens* a procura de outras imagens onde esta Chaga estivesse presente procurando os detalhes da sua anatomia.

Uma outra pintura *A Crucificação* (cerca de 1519), de Juan de Flandes, tem a nível da Chaga em análise uma característica que não é sistemática: para além do sangue venoso que sai, tem igualmente um jacto de sangue que, por essa característica, será sangue arterial. No entanto na coloração não há diferença. Estávamos no Renascimento, Harvey em 1616 haveria de expor o seu entendimento da circulação sanguínea que publicaria posteriormente em *Exercitatio Anatomica de Motu Cordis et Sanguinis in Animalibus*, no entanto a pintura já consagra esta diferença de um sangue venoso e de um arterial, com jorro por pressão hidrostática.

De El Greco vemos uma pintura de grandes dimensões, *Crucifixion* (1608) onde a ferida é torácica, com cerca de 3 cm, paralela ao rebordo costal de cima para baixo da esquerda para a direita e localizada a nível do 9º espaço intercostal, na projecção da linha mamilar. É patente um fluxo arterial de grande débito.

Este mesmo autor, El Greco, tem uma outra pintura *Trindade* (1577/80), onde as características anatómicas da ferida não se mudam muito. No entanto só sangue e venoso em pequena quantidade, está presente nesta pintura que representa o momento em que Deus Pai acolhe o Seu Filho morto, cena carregada de tensão. Este momento indica ao católico que a morte de Cristo cumpriu o seu objectivo: redimir a Humanidade (2).

Quando abandonamos o Maneirismo e entramos no Barroco sabemos que este abandona a serenidade clássica para expressar um mundo em movimento e agitação dos sentidos, com uma tendência ao exagero e à ostentação.

Na *Santíssima Trindade* (1632/1636), de José de Ribera verificamos uma ferida de maiores dimensões, com cerca de 10 cm. Há um aspecto mais cruento nesta pintura, esta 5ª Chaga é uma ferida

grande onde se antevê os elementos anatómicos da grelha costal e desperta mesmo um arrepio de lesão extensa e, certamente, dolorosa. O sangue, venoso, está bem presente.

Uma outra pintura deste período *Cristo abraçado a S. Bernardo* (1625-27) de Francisco Ribalta mostra-nos igualmente uma localização da 5ª Chaga abaixo do rebordo costal direito mas com continuação torácica. O quadro mostra um milagre da vida de S. Bernardo que é o momento em que a figura de Cristo, à qual o santo rezava, como que sai da cruz para o acolher. Com figuras de anatomia realista, nesta pintura a 5ª Chaga de Cristo apesar de bem aparente não tem o anterior carácter agressivo ou cruento.

Muitos outros quadros estão presentes no Museu onde se podem ver as características com que o pintor caracterizou esta lesão. Se procurar-mos uma mediana da ferida correspondente à 5ª Chaga de Cristo, encontramos neste Museu, uma ferida torácica com 4 cm, ligeiramente de cima para baixo, da direita para a esquerda, acompanhando a grelha costal, situada no 6º espaço intercostal e de onde vemos, predomi-

nantemente, a saída de sangue venoso.

Ver estas múltiplas abordagens desta Chaga de Cristo, quando aparentemente não é detalhe que mereça atenção da abordagem histórica, não deixa de ser intrigante para um cirurgião. Ainda por cima quando podemos comparar esta evolução que verificamos nos vários estilos da pintura, com a nossa geração onde de uma grande incisão paramediana direita, se passou para uma sub costal. Depois ainda menor com a mini-laparotomia, até que chegamos à laparoscopia com os orifício. Já sem falar da emergente cirurgia pelos orifícios naturais que não deixam cicatriz.

Na pintura em arte sacra assistimos a uma posterior evolução para a ausência da representação desta incisão. Culmina uma fase posterior da representação da 5ª Chaga à esquerda e que merecerão uma reflexão posterior.

BIBLIOGRAFIA:

- Museo del Prado – Online galler y <http://www.museudelprado.es/en/the-collection/Online-gallery/On-line-gallery/obra/christ-crucified/>
- Sanfrancisco C. Espana: Maneirismo. El Greco. www.iesabastos.org/webfm_send/261.

* Médico Cirurgião do Hospital do Barlavento Algarvio

EVOCAÇÃO DE UM MÉDICO ESQUECIDO, O DR. LUÍS CEBOLA PIONEIRO DA OCUPAÇÃO ERGOTERÁPICA NA CASA DE SAÚDE DO TELHAL, DA ORDEM HOSPITALAIREIRA DE S. JOÃO DE DEUS *

Aires GAMEIRO **

Como eu conheci o Dr. Luís Cebola

Começo¹ por recordar o Telhal de 1942 a 1948 onde conheci o Dr. Luís Cebola quando frequentava o colégio da Ordem Hospitalareira de S. João de Deus.

Em 1943 a Casa de Saúde do Telhal comemorava os 50 anos de existência e o Dr. Luís Cebola foi solicitado, pelo Pe. João Gameiro, para colaborar, com um capítulo, num livro² que se estava a escrever: “*Evolução Terapêutica na Casa de Saúde do Telhal*”.

Em 1947 e 1948, sendo eu noviço e ajudante de enfermaria, tive ocasião de observar alguns dos tratamentos que utilizava. Um paciente, de entre tantos, com síndrome de Korsakof de base alcoólica, desorientados no tempo e no espaço, alucinado e delirante, foi isolado no quarto. Após uma dose de 20 ou 30 gramas de sulfato de sódio, levava-lhe cafeteiras de café com leite ao quarto onde, preso à cama, me impressionou, com a sua gritaria, que tirasse aquelas cobras que se passeavam por ali nas paredes. Outro chamava a atenção para as manadas de cavalos que as suas alucinações o faziam ver no monte em frente da janela.

Era também o tempo de muitos ECs semanais, os quais, associados à ergoterapia concorreram para centenas de altas de doentes agudos há longos anos internados.

O *Museu Ergoterápico*, o primeiro do género em Portugal, criado, no pavilhão de S. José, nos anos vinte pelo Dr. Luís Cebola, impressionaram a minha imaginação de jovem pelas produções manuais e artísticas, desenhos e esculturas, entre as quais um busto do Cebola e um retrato dele dentro de uma cebola.

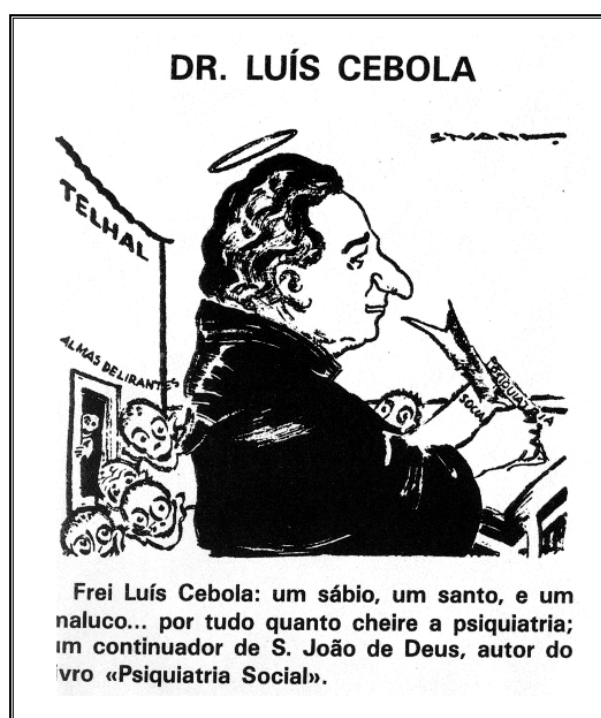
A fase final da direcção clínica do Dr. Luís Cebola no Telhal coincidiu com a introdução da insulino-terapia, electrochoque, e demais terapias convulsivantes, assim como com as dezenas de leucotomias do Prof. Egas Moniz. Assisti, na sala de operações, em Novembro de 1947, a quatro delas³, e pres- tei, como ajudante, cuidados do pós-operatório aos mesmos pacientes.

Foi contudo o Dr. Diogo

Furtado, médico militar, que seleccionava os enfermos, quase todos militares.

Desde 1931, trabalhava também na Casa de Saúde o Dr. António Meira de Carvalho como clínico geral, o qual se referiu ao Dr. Luís Cebola como “acérrimo democrata, bom psicólogo, mas um ignorante em clínica geral”⁴.

A história desta Instituição, e por arrastamento a obra do Dr. Luís Cebola, ou vice-versa, tem sido parcialmente ignorada e quase ostracizada pelos historiadores da psiquiatria portuguesa.



STUART, in *Stuart e o Modernismo em Portugal*, José Pacheco

Quem era o Dr. Luís Cebola

José Luís Rodrigues Cebola⁵, nasceu em Alcochete em 1876, formando-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 1906⁶, tendo-se orientado para a especialidade das doenças nervosas. Neste ano participou no *XV Congrès International de Médecine* em Lisboa, 19 a 26 de Abril⁷. Diz da vocação para a psiquiatria: “Quando entrei no quinto ano e para o internato dos hospitais civis, ainda não sentia o imperativo de uma decisão na escolha da especialidade”⁸. E reconhece como Dubois, o seu “tratamento e assistência moral” e S. João de Deus, e a sua “dedicação inexecutável”, o despertaram o tratamento dos perturbados psíquicos. No seu livro *Psiquiatria Forense* volta a dizer que “no século XVI S. João de Deus, natural de Montemor-o-Novo, foi modelo de sacrifício e dedicação”⁹. «Ao ler os primeiros capítulos (do livro de Dubois) deveras atraentes pelo conteúdo sugestivo e pela forma simples, mas elegante do estilo, a eles se prendia cada vez mais a minha atenção. Chegando à última página, perguntei a mim mesmo: será possível curar perturbações acabrunhantes, penosas, como Dubois nos apresenta, sem intervenção de remédios de farmácia?!

Da vida de S. João de Deus fala nestes termos: “Decorrido pouco tempo, um outro amigo me emprestava o livro, *Vida de S. João de Deus*, onde se põe em relevo a dedicação inexecutável do Santo português. Enfim, as duas obras excelentes deixaram-me entrever o preciosíssimo valor da assistência moral aos psicopatas e despertaram, no meu espírito, a vocação para seguir com entusiasmo o caminho da Psiquiatria”.

O tema e a defesa da sua tese de doutoramento foram motivadas por este interesse, orientando-a para a análise dos trabalhos artísticos e literários dos pacientes.

Tudo isso o levou a criar e organizar um Museu Ergoterápico a que se refere no *Almas Delirantes*¹⁰, em que dá um documentário vivo sobre o Telhal anterior a 1925. Valoriza as ocupações e competências positivas e construtivas dos pacientes como leitmotiv de tratamento e reabilitação, em detrimento da focagem nos sintomas negativos, na linha da reabilitação psicossocial avant la lettre, como se exprime na tese de doutoramento:

“Resolvi-me, pois, a defender a minha

tese de doutorado¹¹ sobre um assunto pertencente a esse ramo da ciência médica, que eu intitulei “A Mentalidade dos Epilépticos”, analisando, de preferência, os seus míseros produtos artísticos e literários” (l.c.).

O Dr. Cebola trabalhou e investigou no Hospital Rilhafoles e em 1911, e foi nesse ano nomeado, para Director Clínico do Manicómio do Telhal, cargo que assumiu em 2 de Janeiro de 1911, assumiu o cargo de Director Clínico da Casa de Saúde do Telhal¹². Fez visitas de estudo ao estrangeiro, escreveu e publicou livros técnicos, livros didáticos e ensaios literários até 1948, ano em que se reformou, vindo a falecer em 1967.

Vigilante de Afonso Costa na Casa de Saúde do Telhal?

O Governo Provisório publicou em 13 de Maio de 1911, a lei para regular a assistência dos psicopatas, que o Dr. Luís Cebola insere quase na íntegra no seu livro *Enfermagem Especial de Psicopatas*¹³, lei que distingue quatro categorias de manicómios: manicómios de ensino, manicómios regionais, manicómios criminais e manicómios asilos (art. 1.º), em cuja categoria se integrava o Telhal.

A sua nomeação para Director Clínico do Telhal surge no contexto de revolução republicana de expulsão das Ordens Religiosas do país. No dia 15 de Outubro, o Ministro Afonso Costa, visita as Casas de Saúde do Telhal e da Idanha, e com certa surpresa não expulsou os Irmãos de S. João de Deus e nem as Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, como desejava. Teria o Dr. Luís Cebola o papel de vigilante de confiança do governo naquele manicómio, não ousasse alguém pôr entaves à revolução republicana?¹⁴.

Talvez possamos hoje considerar um trunfo, para a Casa de Saúde e para os Irmãos, a sua presença na Casa de Saúde do Telhal. Por 1917 deu-se o inesperado. O Ministério da Guerra recorreu à Casa de Saúde do Telhal para tratar e assistir os militares extenuados de guerra, regressados das frentes de batalha da Grande Guerra. Além de ser um marco de reconhecimento do nível e qualidade da sua assistência, permitiu que os Irmãos em vez de cumprir o serviço militar obrigatório nos Quartéis e no Hospital Principal Militar da Estrela, agora o podiam cumprir na assistência dos militares internados¹⁵.

O Dr. Cebola data de 31 de Março de 1911, assinou com o n.º 304 o boletim do enfermo J.A.R., de 37 anos, professor de ginástica, admitido na enfermaria Imaculada Conceição em 2.ª classe. Melhorado e teve alta a 31 de Janeiro de 1912 a pedido de um familiar, tendo sido internado de novo a 31 de Dezembro de 1912 e vindo a falecer a 7 de Maio de 1913 devido a “ictus epileptiforme”¹⁶.

Iniciador das colónias ergoterápicas em Portugal

Assim se exprimiu o Dr. Luis Cebola: “readaptar o doente à vida social, pelo trabalho dirigido, foi uma das minhas antigas aspirações de psiquiatria. Eu tinha verificado lá fora os resultados salutareos da laborterapia, tão conveniente à dinâmica fisiológica”. Foi essa a orientação que, segundo as suas palavras, propôs aos Irmãos, os quais há séculos vinham a ser pioneiros nesses métodos, de modo que, como ele diz, não teve dificuldade em ser ouvido, pois era isso o que já se fazia no Telhal.

O Pe. Bento Menni, hoje S. Bento Menni comprou a Quinta do Telhal em 1893, por achar que se prestava para uma assistência moderna de doentes mentais. O Dr. Luís Cebola confirmou isso mesmo e ligou o seu plano de competente alienista a uma Casa que já funcionava há 18 anos e assistia cerca de 100 enfermos nessa data. Transformá-la sempre mais num estabelecimento psiquiátrico moderno era o plano de todos. O relato bucólico da Quinta, põe em relevo as potencialidades da Casa para a reabilitação de enfermos mentais:

“A região era calma, longe do bulício dos grandes centros populacionais, uma quinta fértil com água potável magnífica, pinheirais à volta, panoramas variados, multicores, perto de um apeadeiro de caminho de ferro e, a coar as características desse meio campestre, um pessoal disciplinado e devotado à causa dos infelizes doentes mentais”. Refere que era isso que se esperava, “os Irmãos Hospitaleiros ouviram a minha exposição, concordaram e meteram ombros à empresa, comprando mais terreno nas circunvizinhanças, dilataram os limites da propriedade”.

As colónias agrícolas para doentes mentais, segundo ele, tinham por objectivo: “readaptar o doente à vida social, pelo trabalho dirigido[...]como

tinha verificado lá fora os resultados salutareos da laborterapia” (l.c.)¹⁷.

Na obra Elogio da Laborterapia, de 1944¹⁸, o clínico propõe a ocupação que “sem dúvida, é excelente método nos seus resultados e na relativa facilidade em ser usado; mas tem, como qualquer outro, de obedecer a regras, concernentes à idade, ao estado psico-físico, à educação, ao mister e ao ambiente colectivo em que o doente viveu”. Das suas visitas em 1926, a importantes estabelecimentos em países estrangeiros, diz que “não podia, pois, a Casa de Saúde do Telhal, de que sou director-clínico, há 33 anos, deixar de empregar o aludido método. Quer no interior dos pavilhões, auxiliando os enfermeiros, recortando cartões e madeira, tecendo objectos de palha, e fazendo cópias, traduções, desenhos e pinturas, com que fui enriquecendo o nosso Museu de Loucura, o primeiro criado em Portugal; quer no exterior, dedicando-se, na granja anexa aos serviços agrícolas, surribar, – cavar, semear, mondar, colher os frutos, cuidar dos animais, etc. – e à carpintaria e serralharia, os seus internados, previamente escolhidos, vêm obtendo êxitos, por vezes imprevistos!”.

O sistema de edifícios hospitalares separados em campo aberto

Deste sistema de modernos edifícios do Telhal, refere que “se iam erguendo em torno do núcleo primitivo novos pavilhões separados, com os seus quartos alegres, higiénicos e várias salas com instalação adequada à sua finalidade (enfermarias, refeitórios, estância, operações cirúrgicas, raios X, etc.). Basta lembrar que em 1920, se construiu o Pavilhão de S. José, considerado por muitos o melhor da época; em 1931, o de S. João de Deus, com a Secção de St.º António e a Enfermaria de S. João de Deus, que o Dr. Luís Cebola descreve como “tendo sala de operações cirúrgicas, raios X, diatermia, tendo também dentista”. Em 1935 o de S. Rafael, mais pequeno, com todos os requisitos para isolar e tratar os enfermos afectados pela tuberculose; e em 1938, o grande Pavilhão do Beato, com duas secções em três pisos para os gatistas e os agitados, segundo a terminologia da época.

Como clínico desejava o hospital de vanguarda na quinta agrícola, nas instalações, na assistência e nos tratamentos. O seu objectivo era uma Casa

como as melhores que conhecera no estrangeiro. Não dispensava os equipamentos de hidroterapia, de diatermia, nem os tratamentos de organoterapia, a seroterapia, etc. No Telhal, utilizava-se a malárioterapia, que teve aplicações¹⁹, nos paralíticos gerais na linha de Wagner von Jauregg.

Alguns dados estatísticos de tratamentos de malarioterapia no Telhal que, de 1936 a 1939 atingiram 150 casos, dão razão ao Dr. Luís Cebola. Na *Hospitalidade* os números 1, 2, 3 e 4, de 1936; n.º 5, 6, 7 e 8, de 1937, e número 9, de 1938, nos locais referidos ao Telhal e a tratamentos, são registados 127 tratamentos com malária, atingindo o 2.º trimestre de 1937 um total de 46. No n.º 13 de 1939 já só são registados 6 tratamentos e no n.º 12 são referidos 17 tratamentos. A partir de 1937 começam a ser registadas outras terapêuticas:

Dr. Luís Cebola no seu artigo do cinquentenário refere-se aos métodos convulsionantes, ou de choque, sem dizer se os utilizava²⁰. “Outrossim, se utiliza na Casa de Saúde do Telhal o novo tratamento de choque. Se já no século XVIII e principalmente no fim do século XIX Rumpf, Hallopean, Roger e Krausse o experimentaram, é justo confessar que só depois dos tratamentos memoráveis de Richet e Portier sobre o choque anafilático e de Widál acerca de hemoclasia, ele atingiu a maior importância, determinando a criação da insulino-terapia por Sakel em 1935 e a da cardioloterapia por Meduna em 1937”.

E aponta o início do tratamento convulsivante eléctrico: “Actualmente está sendo ensaiado o electro-choque convulsivante» e atesta igualmente as inovações terapêuticas em clínica geral ao afirmar que “no sector da clínica geral também se tem assinalado o progresso terapêutico do estabelecimento, empregando-se os mais modernos aparelhos que nos auxiliam a precisar o diagnóstico ou atentar a cura de moléstias intercorrentes”. O Clínico está a referir-se à existência, desde 1933-35, de um bloco cirúrgico no Telhal, um Raio X, Gabinete de Dentista, etc. Mas não refere as leucotomias segundo o método do Prof. Egas Moniz que se iniciaram no Telhal em 1936.

O médico Luís Cebola ainda referia no seu livro *Psiquiatria Social*, publicado em 1931, quando Director da Casa de Saúde do Telhal, que «em Portugal, todos o sabem, porque todos podem

constatá-lo, não há nada, absolutamente nada que possa classificar-se de realização séria, de prática proveitosa em benefício dos pobres doidos que por aí abundam”²¹.

Como ajudante de enfermaria, assisti a quatro leucotomias, em Novembro de 1947 e recordo os quatro pacientes operados (Cae, F. C., R. C. e Tenente A. S.?). Também o Dr. Meira de Carvalho, em *Memórias da Minha Vida*²², refere os seus prolongados contactos como Prof. Egas Moniz e o Prof. Almeida Lima por ocasião do seu apoio nas operações de leucotomia. A *Revista Hospitalidade*, já no número do primeiro trimestre, Jan-Mar de 1938, p. 26, ao descrever a sala operatória diz o seguinte (negrito nosso): “É pela primeira vez que brilha na nossa pequena e modesta Revista, intitulada *Hospitalidade*, uma foto da Sala Operatória, na qual nos honram com a sua presença, procedendo a uma apendicectomia, os Ex.mos médicos: Dr. Silva Araújo, cirurgião; Dr. Diogo Furtado, psiquiatra; Dr. Meira de Carvalho, clínico geral e seus ajudantes: Irmão José (Joaquim) Fernandes, Ir. Luís Gonzaga e Ir. Braga. Não só esta mas também todas as outras intervenções que se têm feito nesta Casa que são, aproximadamente 24 (sic) leucotomias, 12 kelotomias, 1 laparotomia, 1 tricotomia, 1 gastrotomia, 1 osteo-síntese e 3 apendicectomias. Todas elas correram admiravelmente sem que tivesse havido complicações de espécie alguma».

O Irmão José Joaquim Fernandes, que era, em 1938, o Enfermeiro-Chefe da Enfermaria de S. João de Deus do Telhal, diz textualmente (negrito nosso) “Desta vez anotarei apenas os nomes destes tratamentos(...): choque convulsivante pela cânfora, choque hipoglicémico, pireto-terapia, opoterapia, malarioterapia, leucotomia, hidroterapia e insulino-terapia”²³.

Pacientes militares gaseados da I G. Guerra na Casa de Saúde do Telhal

O Ministério da Guerra recorreu à Casa de Saúde do Telhal para assistir os pacientes gaseados da Grande Guerra²⁴ a partir de 1917 os quais até 1933 foram tratados pelo Dr. Luís Cebola, e posteriormente pelo Dr. Diogo Furtado.

Também foi nesta fase, dos anos trinta e quarenta, que a experiência de novos tratamentos sofreu maior incremento até à introdução dos primei-

ros psicofármacos, mantendo-se o Dr. Luís Cebola, nas várias frentes, sem abandonar o seu método preferido dos tratamentos pelas ocupações úteis e artísticas. Não se terá provavelmente entusiasmado muito com as leucotomias, nem terá posto entraves.

Foi seu sucessor o Prof. Pedro Carlos Amaral Polónio, que confirmou os avanços terapêuticos da Casa de Saúde do Telhal nos tempos anteriores à sua tomada de posse²⁵. Na data da saída do Dr. Luís Cebola (1948) os doentes atingiam os 530 e dois anos depois eram cerca de 550, a maior parte com sequelas alcoólicas, seguidos de esquizofrénicos, oligofrénicos, maniáco-depressivos e paráliticos gerais.

Um Museu, único no país

Uma das glórias inovadoras do Dr. Luís Cebola é o Museu da Loucura. O único existente no país e um dos primeiros que se fundaram na Europa²⁶. Eis como fala dele: “Durante a minha assistência clínica tenho vindo a coligir os elementos que compõem o seu museu. Além de fornecerem aos profanos objecto de distracção, contem matéria interessantíssima para os cultores da psiquiatria” (Almas Delirantes²⁷).

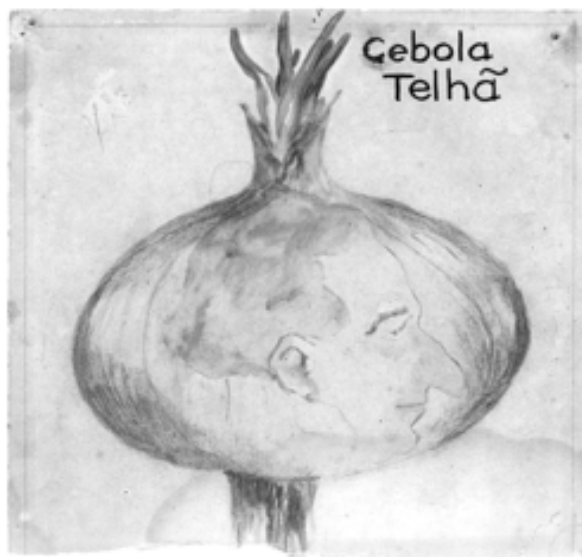
A análise das suas produções mostra que “a loucura não destrói sempre o sentimento estético e, em muitos casos, pelo contrário, os desperta ou o intensifica”. Os psicopatas tendem a ser poetas com muitas “associações de assonância”. O seu livro contém rica documentação, poesia e prosa, séria e de humor. Nas suas produções «sobressaem alguns de provadas aptidões artísticas» embora, noutros, a arte se assemelhe à das crianças e povos primitivos devido às limitações psico-sensoriais”. O “estudo dos escritos e desenhos dos alienados têm alta importância como «especulação científica» ... «como subsídio clínico», «como esclarecimento precioso» ... «e até como base da crítica da arte»”. Em

1944²⁸, ano em que eu o visitava com frequência, ainda ele se referia ao Museu como uma das glórias da Casa de Saúde, “o nosso Museu de Loucura, o primeiro criado em Portugal”.

Casa de Saúde do Telhal e formação de enfermagem

O Dr. Luís Cebola refere que sugeriu, em 1925, à Direcção da Casa de Saúde do Telhal, a criação da Escola de Enfermagem para melhorar os serviços de assistência: “fornecendo aos Irmãos Hospitaleiros noções de anatomia, fisiologia, pequena cirurgia, farmacologia, higiene e psicopatologia” e ilustrando a técnica da assistência, “fundamentada

nos princípios científicos”. Para o curso escreveu o livro *Enfermagem de Alienados*, 1932. “Desta arte, se conjugam a teoria e a prática em benefício de todos os doentes, sem distinção de classes”, como também diziam as Constituições da Ordem. Reconhece as experiências recebeu neste estabelecimento de assistência, para elaborar uma das suas obras principais em que foi mesmo pioneiro, *Psiquiatria clínica e forense*²⁹.



Caricatura do Dr. Luís Cebola, *Stuart de Carvalhais*, cerca 1928

Escreveu ainda para esta Escola de Enfermagem, que dirigiu e onde foi professor, o livro *Enfermagem Especial de Psicopatas*, 1938 com elementos de psicologia, psicopatologia e orientações práticas e pormenorizadas, para assistir todas as categorias de doentes psíquicos. É um tratado sobre psicopatas, no sentido mais comum do termo.

Publicista notável

O Dr. Luís Cebola, além de grande clínico, associou a faceta de investigador e escritor de ensaios e obras didácticas desde o seu tempo de estudante escrevendo em jornais, fazendo discursos e conferências. Ainda estudante fundou e dirigiu um jornal académico intitulado *O Planeta* e na Escola Politécnica uma Revista literária e social denominada *Alvo-*

rada (1897) e publicou, em 1905, *Canções da Vida*. Parte dos temas do seu livro *Psiquiatria Social* (1931) foram escritos numa notável secção do *Diário de Notícias*. Também escreveu o seu livro *Democracia Integral* (1951), com os artigos publicados no jornal *A República*. Em 1925, publicou *Almas Delirantes* e logo em 1926 *História de um Louco: Analisada sob o Aspecto Psico-Clinico*.

A lista da sua bibliografia, existente na Biblioteca Nacional, conta com cerca de 25 títulos, o último dos quais saído três anos antes do seu falecimento.

De entre os ensaios contam-se: *Os novos Messias: análise psicopatológica de Hitler e Mussolini*, em 1945; *Democracia integral: origem e evolução*, 1951; *Pantografia de Antero de Quental*, 1955; *Estado Novo e República*, 1955; *Memórias de este e do outro mundo*, 1957, com segunda edição em 1958. Nem faltou um ensaio intitulado *Clero, Nobreza e Povo*, de 1959, e *O homem livre na terra livre*, em 1964.

E contudo ...um ignorado

Não deixa de ser estranho que o nome do Dr. Luís Cebola está ausente mesmo onde seria de esperar encontrá-lo, na Psiquiatria. E com ele, igualmente ausente das obras de história da Psiquiatria está a Casa de Saúde do Telhal. Será intencional? Porquê?

É certo que o Dr. Luís Cebola não era um professor universitário, mas também não era um clínico de aldeia. Até aos anos quarenta utilizava os meios mais indicados, como ele teve ocasião de observar na Europa. Na sua *Psiquiatria Forense*, com duas edições, o próprio Dr. Cebola mostra-se bem mais magnânimo com os colegas, ao reconhecer o lugar de um Júlio de Matos, de um Miguel Bombarda, de um Magalhães Lemos, no panorama nacional.

O ostracismo a que foi votado estendeu-se, segundo tudo leva a crer, à própria Casa de Saúde do Telhal, que nem sequer com as inovadoras leucotomias de Egas Moniz foi alguma vez referenciada, como se muitas destas intervenções tivessem sido levadas a cabo nalguma instituição fantasma. E até numa história da psiquiatria portuguesa (*Um Século de Psiquiatria e A Psiquiatria em Portugal* (1984) de P. Pichot e Barahona Fernandes, este segundo médico só conseguiu reservar uma nota de sete linhas³⁰ para todas as instituições de psiquiatria das Ordens Hospitaleiras, que já nessa altura detinham 50% das

camas de psiquiatria do país. E do Dr. Luís Cebola apenas refere o nome entre parênteses, sem um comentário! Por outro lado, no mesmo livro, o Prof. Barahona Fernandes refere largamente o Professor Egas Moniz e o seu método de leucotomia.

O *establishment* académico não lhe terá perdoado a ousadia de ser autodidacta, nem o facto de estar à frente de uma instituição psiquiátrica “fradesca”, com prestígio técnico-científico nacional e internacional, sendo mais visitada por estudiosos estrangeiros³¹ que as oficiais, e de cuja colaboração técnico-científica o Ministério da Guerra se valeu.

Pensão da Casa de Saúde do Telhal até 1967

O Dr. Luís Cebola esteve ao serviço da Casa de Saúde até 1948, ano em que perfazia 72 anos de idade. Aproximavam-se as comemorações do *IV Centenário da Morte de S. João de Deus*, que iriam ser protagonizadas como festas nacionais, em colaboração com Espanha. Os pontos altos seriam a publicação de uma obra monumental de investigação, feita por uma plêiade de especialistas de primeiro plano, a visita das relíquias do Santo, vindas de Granada. Numa visita ao Telhal o Presidente da República, Marechal Óscar Carmona, iria conceder a Comenda da Ordem da Benemerência à Província Portuguesa, na pessoa do Irmão Provincial Júlio (José) dos Santos, e a Grã-Cruz, da mesma Ordem, à Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, na pessoa do Superior Geral, (04 de Outubro de 1950). A Ordem entendeu, por isso, ser conveniente admitir um Clínico da nova geração na pessoa do Prof. Pedro Polónio e propor ao Dr. Luís Cebola a reforma e pensão pelos seus 37 anos de serviço dedicado à Casa.

Concluindo

Já em 1943 o Dr. Luís Cebola manifestava o seu contentamento pelo dever cumprido: “Durante 32 anos, hei diligenciado cumprir o meu dever, não me esquecendo nunca dos tempos longínquos da minha iniciação clínica, quando as lições do professor Dubois e os exemplos piedosos de S. João de Deus me ensinaram a compreender o verdadeiro significado da terapêutica psíquica e da assistência carinhosa, prestadas aos infelizes doentes do espírito” (l.c.).

Podemos aceitar a afirmação e brio do Dr. Luís Cebola, quando escreve: “É, portanto, consolador,

na hora alta da comemoração, (50 anos da Casa) lançar um olhar retrospectivo para a época em que a Casa de Saúde do Telhal dava os primeiros passos na assistência aos enfermos mentais”.

No final do seu ensaio *As Grandes Crises do Homem, ensaio de psicopatologia individual e colectiva*, 1945, insere alguns comentários de apreço às suas obras: a propósito do livro *Almas Delirantes* os encómios de “psiquiatra distinto”³², “rigor de análise” e “alto critério científico” do autor³³, “alienista experimentado”³⁴, “eminente e estudioso médico”³⁵. Àcerca de *História de um Louco, O Comércio do Porto* refere-o como “distinto clínico-director do M. do Telhal” com “extraordinária cultura médica e o pujante talento”³⁶. Pela sua *Psiquiatria Social* é considerado “um dos que mais se têm dedicado à sua especialidade científica”³⁷. Mas foi o livro *Psiquiatria Clínica e Forense*, 1.^a e 2.^a ed., que lhe valeu mais observações favoráveis nos *DN*³⁸, *D. de L.*³⁹, em que o crítico Sanz Vieira escreve: “este monumental trabalho (...) representa o fervor científico, a afincada e diária observação manicomial, *abundantia cordis* de filantropo desvelado que o Dr. Luís Cebola vem provando, há 30 anos, na Direcção Clínica da Casa de Saúde do Telhal”. A *República*⁴⁰ e o *Diário de Notícias*⁴¹ associam-se a estas apreciações.

Podemos concluir que o Dr. Luís Cebola, apaixonado pela prática, estudo e ensino da psiquiatria; e *tocado*, no dizer dele, pelo carisma de S. João de Deus, se dedicou aos doentes da Casa de Saúde do Telhal, merecendo por isso, com toda a justiça, um lugar na memória da sociedade portuguesa e na da mesma Casa de Saúde.

Bibliografia do Dr. Luís Cebola: títulos existente na Biblioteca S. João de Deus, com respectiva ficha

Apresentamos a bibliográfica de toda a obra conhecida do Dr. Luis Cebola, exceptuando os da imprensa periódica através do levantamento realizado na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) e na biblioteca da Ordem Hospitaleira (OHSJD). (BNP; L 33172//18P) *Alvorada: Revista Social e Litteraria*, 18--]. (BNP; J 974//2P) *Alvorada: Revista Social e Litteraria*, 1897. (BNP; L 45763 P) *Canções da vida*, 1905. (BNP; SA 5812 V) *Almas delirantes*, 1925. (BNP; SA 21516 P) *História dum louco*, 1926. (BNP; SC 11554 V) *Psiquiatria social*, 1931. (BNP; SA 20377 P) *Enfermagem de alienados*, 1932. (BNP; L 24173 P) *Sonetos e sonetinhos*, 1932.

(OHSJD; Reservas 1300) *Enfermagem Especial de Psicopatas* 1938, Policopiado
(BNP; SC 12117 V) *Psiquiatria clínica e forense*, 1940.
(BNP; SA 13692 V) *Psiquiatria clínica e forense*, 1941.
(BNP; SA 14316 V) *As grandes crises do homem*, 1945.
(BNP; HG 27313 P) *Os novos messias: análise psicopatológica de Hitler e Mussolini*, 1945.
(BNP; L 39516 P) *Ronda sentimental*, 1948.
(BNP; L 39952 P) *Musa feiticeira*, 1951.
(BNP; SC 16082 P) *Democracia integral: origem e evolução*, 1951.
(BNP; L 42792//2P) *Últimos sonetos*, 1953.
(BNP; L 42934 P) *Cartas a um advogado provinciano*, 1954.
(BNP; L 43612 P) *Patografia de Antero de Quental*, 1955.
(BNP; SC 16973 P) *Estado Novo e República*, 1955.
(BNP; L 44605 P) *Quando descí ao inferno: contos psicopatológicos*, 1956.
(BNP; L 45853 P) *Atrás do sol*, 1957.
(BNP; L 47607 P) *Memórias de este e do outro mundo*, 1957.
(BNP; HG 29921 P) *Memórias de este e do outro mundo*, 2.^a ed., 1958.
(BNP; HG 30697 P) *Clero, nobreza e povo*, 1959.
(BNP; L 49837 P) *Diálogo com uma desconhecida*, 1959.
(BNP; HG 30720 P) *Por terras de Espanha e França*, 1959.
(BNP; SA 29969 P) *O homem livre na terra livre*, 1964.

BIBLIOGRAFIA

Nota: Sugerimos uma consulta geral e uma leitura circunstanciada de alguns artigos das duas obras gerais: “75 anos da Restauração da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus 1928/2003”; e principalmente a obra monumental “BROCHADO, Idalino da Costa (coord.) – S. João de Deus. Homenagem de Portugal ao seu glorioso Filho, 1550-1950. Lisboa: Bertrand, 1950, ou à sua edição fac-similada da mesma, de 2006, com actualização bibliográfica por Pinharanda GOMES e por nós próprios.

- Arquivo Histórico da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, *Casa de Saúde do Telhal*.
- BROCHADO, Idalino da Costa (coord.) – S. João de Deus. *Homenagem de Portugal ao seu glorioso Filho, 1550-1950*. Lisboa: Bertrand, 1950.
- BORGES, Augusto Moutinho – *Estudar, Preservar, Conservar e Animar a Memória da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus em Portugal*. In: *75 anos da restauração da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, 1928-2003*. Lisboa: Alcalá, 2006, pp. 137-144.
- CARRETO, Pe. Augusto – *A nossa Casa do Telhal durante os primeiros 50 anos de existência (1893-1943)*. Telhal: *Revista Hospitalidade*, 1943, pp. 31-37.
- CEBOLA, Luís – *Evolução Terapêutica na Casa de Saúde do Telhal*. In: *Os Irmãos de S João de em Portugal 1606-1834 – 1893-1943*. Lisboa: Telhal, 1943.
- DORQUETE, Pe. José Nunes – *Estado Actual da Província de S. João de Deus*. Telhal: OHSJD, 1997.
- FERNANDES, Barahona – *As Primícias da Obra de Pedro Polónio*. In: *Psiquiatria Clínica*. Coimbra: vol. 8, n.º 1, Jan./Mar, 1987.
- FILIPE, Pe. Nuno, *Irmãos de S. João de Deus 50.º Aniversário da Restauração de Províncias Portuguesas da Ordem Hospitaleira, 1928-1978*, Telhal, 1980.
- *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Rio de Janeiro:

GEPB, vol. 6, p. 376.

— GAMEIRO, Pe. Aires (coord.) – *Casa de Saúde do Telhal. 1.º Centenário 1893-1993. Documentos históricos e clínicos*. In: *Revista Hospitalidade*. Lisboa: Hospitalidade, n.º 224-225, 1993.

— GAMEIRO, Pe João – *Os Irmãos Hospitais de S. João de Deus em Portugal. Memória escrita por ocasião do cinquentenário da Fundação da Casa de Saúde do Telhal, 1606-1834 e 1893-1943*. Telhal: OHSJD, 1943.

— LAVAJO, Joaquim Chorão – *Ordem Hospitaleira de S. João de Deus em Portugal, 1893-2002*. Lisboa: Hospitalidade, 2003.

Sep. de *A Medicina Contemporânea*, ano 68, n.º 12., *Psiquiatria / Terapêutica / Psicoterapia*.

— Sep. de *A Medicina Contemporânea, Leucotomia cerebral técnica operatória*.- [S.l.: s.n.], 1950, 14 p.

— PICHOT, P. e BARAHONA FERNANDES – *Um século de Psiquiatria e a Psiquiatria em Portugal*. In: *pt.wikipedia.org/wiki/António_Egas_Moniz*, 1983, p.166.

— *Revista Hospitalidade*, 1936, n.º 1, 2, 3, 4; 1937, n.º 5, 6,7, 8; 1939, n.º 9 e 13.

NOTAS

1 - Referências do autor Pe. Aires Gameiro que conviveu com o Dr. Luís Cebola.

2 - *Os Irmãos de S. João de Deus em Portugal, 1606-1834 – 1893-1943*.

3 - Leucotomias essas que vêm referidas pelo Ir. Diamantino, in *Hospitalidade*, n.º 53, 1949, p. 222.

4 - CARVALHO, 1978, p. 29.

5 - GEPB, 6.º vol, p. 376.

6 - A GEPB refere que o Dr. Luís Cebola «colaborou nas festas de homenagem a João de Deus [o poeta] e a Eça de Queiroz, dos Centenários da Índia e de Almeida Garrett, proferindo discursos em vários teatros de Lisboa, na Sociedade de Geografia de Lisboa, no Ateneu Comercial e Associação dos Lojistas».

7 - No “*Volume general*” do Congresso “*Liste des Congressistes*” é dada a sua morada como segue: Cebola (Luís) - Campo de Sant’Anna, 133, 2.º G, Lisbonne, p. 268.

8 - GAMEIRO, 1943. É deste texto autobiográfico que faço as citações em itálico.

9 - CEBOLA, 1940, p. 13, 1.ª ed.

10 - CEBOLA, 1925.

11 - No dia 22.07.1906.

12 - Maria Luísa Vilarinho, a quem agradeço, forneceu-me a informação de que o Dr. Luís Cebola Júnior era sócio da Associação dos Médicos Portugueses em 1910, com o número 722, associação fundada em 1898; formou-se em 1905 e defendeu a Tese no dia 22.07.1906.

13 - CEBOLA, 1938, pp. 123-130.

14 - Cf. GAMEIRO, 1943; FILIPE, 1976; LAVAJO, 2003, pp. 96-114.

15 - GOMEZ, 1968, pp. 427-428; ver também LAVAJO.

16 - A Folha clínica, encabeçada pelo título, tem escrito: Manicómio do Telhal, servido e administrado pelos Enfermeiros de S. João de Deus, e assinado O Director Clínico, Luís Cebola.

17 - Vide *Psiquiatria Social*, ob cit.

18 - *Revista Hospitalidade*, n.º 224/225, 3.º/4.º trimestre de 1943, pp. 216-217.

19 - Vide *Hospitalidade*, de 1936 a 1939.

20 - Há documentação notável nos vários números de *Hospitalidade*, principalmente a partir de 1939. O Dr. Diogo Guilherme da Silva Alves Furtado, especialista dos pacientes militares, a partir de 1933, descreve as suas primeiras experiências no mesmo capítulo do livro do Pe. João Gameiro, já referido, especialmente com o cardiazol, mas também com a insulina.

21 - In *pt.wikipedia.org/wiki/António_Egas_Moniz*.

22 - pp. 43-46.

23 - *Hospitalidade*, Jan-Mar, 1938, p.34.

24 - Ver também CASTELÃO, 2006, pp. 687-693.

25 - BROCHADO, p. 195. Existe uma edição fac-similada, 2006, com bibliografia actualizada.

26 - GEPB I.c.

27 - 1925, pp. 113-114.

28 - *Hospitalidade*, n.º 224/225, 3.º/4.º trimestre de 1993, pp. 216-217.

29 - “*Uma grande parte da vida e funda amizade tenho-as ligado ao referido estabelecimento onde, mercê de observações e experiências demoradas, fui colhendo os elementos básicos do meu livro Psiquiatria clínica e forense*”.

30 - ob. cit., p. 328.

31 - Como um de nós (AG) ouviu repetidas vezes ao Monitor (director) da Escola de Enfermagem do Telhal, o Ir. Cândido (Aires) da Costa quando a pedido do Professor Pedro Polónio, ali se deslocavam esses visitantes.

32 - *Diário de Notícias*, 22-07-1925.

33 - *O Mundo*, 20-07-1925.

34 - *Diário de Lisboa*, 19-07-1925.

35 - *O Radical*, 20-07-1925.

36 - *Comércio do Porto*, 17-07-1927.

37 - *República*, 14-05-1931.

38 - *Diário de Notícias*, 12-07-1940.

39 - *Diário de Lisboa*, 24-12-1940.

40 - *República*, 30-07-1940.

41 - *Diário de Notícias*, 12-08-1941.

*Esta evocação, apresentada nas XX Jornadas de Medicina na Beira Interior Da Pré-História ao Século XXI Castelo Branco, Nov. 2008, resume uma comunicação mais longa apresentada primeiro na Sociedade de Geografia, e noutra versão com a colaboração de Augusto Moutinho Borges, Ana Mateus Cardoso e Fernando d’Oliveira publicada pelo CEIS20 Universidade de Coimbra com o título: Dr. Luís Cebola e a Casa de Saúde do Telhal(Ordem Hospitaleira São João de Deus). Um republicano no convento, 2009.

** Pe. Doutor Aires Gameiro, O.H.

DR. ANTÓNIO MENDES LAGES

PRIMEIRO DIRECTOR CLÍNICO DA CASA DE SAÚDE DO TELHAL E DA IDANHA

Augusto Moutinho Borges *

A vida do Dr. António Mendes Lages mereceu-nos a nossa atenção, não só porque é cheia de peripécias sociais e políticas, mas também porque resultou como um exemplo de abnegação caritativa para com os desfavorecidos da sociedade no final do séc. XIX e inícios do séc. XX.

Nascido em Loriga em 1838, no concelho de Ceia, a sua tenacidade e temperamento guindou-o ao respeito pelos que com ele privavam, quer amigos ou inimigos, quer pelos adversários políticos e opositores dos seus ideais profunda e arreigadamente católicos.

Foi um médico convicto nos seus ideais, manifestação que sempre cultivou desde criança, tanto em casa e núcleo familiar, na Universidade de Coimbra e durante a sua actividade profissional.

A crise ascética que teve no Porto, orientou-o para uma filosofia de vida que o ajudou a compreender o mundo e o meio social, em que o país se encontrava mergulhado. Viu e apercebeu-se das disparidades em que a população portuguesa vivia, mergulhada em incertezas económicas, onde a culpa era atribuída ao mau governo real e à igreja, a qual mais tarde abraçou como consagrado na Companhia de Jesus.

Foi maçom (ou partilharia dos seus princípios), fundou um dos principais Partidos Políticos, o Partido Nacionalista, no dealbar da transição da cultura mental e social dos inícios do séc. XX, conviveu com a elite social de Portugal, tanto por parte da aristocracia como da igreja, foi um difusor de ideais políticos e renovação social através de inúmeros jornais que fundou, e onde escrevia, foi um brilhante mes-

tre nas ciências exactas e com um dom de oratória invejável, foi um verdadeiro defensor dos pobres e desfavorecidos, casou, enviuvou e celebrou missa nova aos 73 anos de idade. Morreu no exílio, depois de ter sido humilhado aquando da expulsão dos Jesuítas de Portugal em 1910.

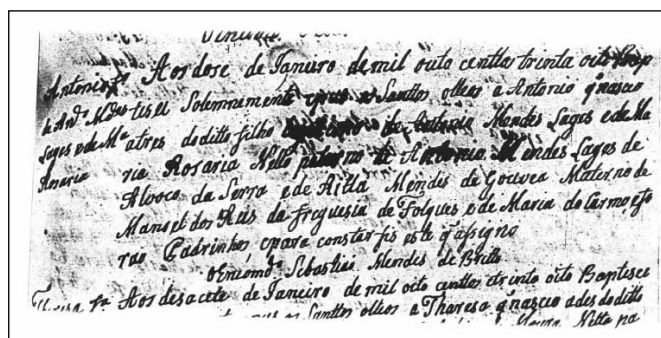
Agradeço as informações e documentação fornecidas pela Exm.^a Sr.^a Maria Luísa Vilarinho Pereira e Pe. Aires Gameiro, *OH*, assim como da oferta do livro sobre o Dr. Mendes Lages ao Pe. Vasconcelos, *CJ*.

Na altura da sua morte a imprensa teceu-lhe os maiores elogios, pretendendo nós, neste simples artigo, reavivar um dos médicos da Beira que mais se notabilizou no seu tempo, mas que por razões da sua força e carácter, alicerçada

em ideias opostas à conjuntura política da sua época, o relegaram para o desprezo dos que mais tarde assumiram o poder em Portugal.

Estamos convictos que se este médico, tivesse abraçado a causa republicana, tal como muitos dos seus amigos de Coimbra o fizeram, como Manoel d'Arriga ou Antero de Quental, teria assumido funções relevantes no Partido Republicano, como muitos dos seus contemporâneos.

Um dos seus discípulos, o Dr. Tomás de Mello Breyner, que foi seu explicando e mais tarde seu assistente no Hospital de S. José, refere, que se deve ao Dr. Mendes Lages, a sua vocação de médico, propondo, no 2.º Congresso dos Médicos Católicos, um voto de louvor ao eminente profissional que serviu as suas causas com fervor, simpatia e respeito deontológico para com todos os que o procuravam.



Assento de nascimento do Dr. António Mendes Lages

Cronologia

1838 – (12 de Janeiro) António Mendes Lages nasceu em Loriga, Concelho de Seia. Era filho de António Mendes Lages e de Maria Rosário.

1854 – Preparou-se para entrar na Universidade de Coimbra.

1859 – Entra na Universidade de Coimbra.

1860 – Matriculou-se em Matemática e Filosofia. Durante o período em que estudava dava também explicações de matemática.

1861 – Optou por cursar Medicina e deixou a vida militar. Era amigo de Manoel d'Arriaga, Antero de Quental, Eça de Queirós, entre outros. Estava ligado ao teatro académico. Integra a "Sociedade do Raio", que tinha por objectivo destituir o Reitor. Era uma espécie de Carbonária. Após a demissão do Reitor a "Sociedade do Raio" foi ocupada pela maçonaria.

1863 – A nova Loja maçónica foi baptizada de "Reforma".

António Mendes Lages era o Ir. Terr (Terrível) e tinha o nome maçónico de Ir. Napier.

1864 – Propôs a extinção da Loja maçónica.

1867 – Termina Medicina e vai exercer para o Sabugal.

1870 – Pede exoneração das funções que exercia no Sabugal e vai para o Porto onde exerceu clínica no Hospital de St.º António até 1874.

– Por esta altura ainda exerce funções na Golegã.

1874 – Nesta data vai para Lisboa, onde casou com D. Adelaide Soriano. Monta residência e consultório na Calçada Marquês de Abrantes.

1875 – Começa em Lisboa o Movimento Socialista.

António Mendes Lages fundou uma associação operária católica.

Fundou o Conselho Central do Apostolado da Oração.

Fundou o Jornal "A Cruz do operário".

1880 – 1.º comício anti-jesuítico em Lisboa.

Da Covilhã, Setúbal, Porto e Fundão solicitam a Mendes Lages para fundar associações como a "A Cruz do operário", da qual tinha sido um dos principais fundadores.

1883 – Os socialistas organizam um comício para eleger para deputado Antero de Quental. Mendes Lages fala no comício, no qual se deu grande confusão. Na semana seguinte caiu o governo.

1883 – Tomada de posição relativamente à cura de uma doente por causa de ter bebido água de Lurdes. Passa a ser conhecido no reino como o médico polemista no campo católico, tornando-o um dos médicos mais solicitados em Lisboa, pela elite e operários católicos, por religiosos e pelo corpo diplomático.

Cuidava gratuitamente os pobres que o procuravam e o operariado das redondezas da capital.

Dava explicações de matemática. Um dos seus alunos foi o Dr. Tomás de Mello Breyner, que foi mais tarde seu assistente na Enfermaria St.ª Isabel no Hospital de S. José, de que era seu Director.

1885 – (1 de Junho) É sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa, com o n.º 1111.

1891 – Não chegou a ocupar o lugar de Director do Rolhafoles porque este foi ocupado pelo maçónico Dr. Miguel Bombarda.

1892 – Era médico, gratuitamente, da Casa das Irmãs Hospitaleiras Portuguesas, no Convento das Trinas.

Ai funcionava um colégio feminino. Certo dia uma Irmã trocou um medicamento numa aluna e esta faleceu. A Irmã Colleta foi presa e o Dr. Mendes Lages defendeu-a, sendo posteriormente libertada.

O caso correu pela imprensa da época, sendo considerado um caso que impulsionou o ódio contra as Ordens Religiosas no fim da monarquia.

1893 – Foi eleito Presidente da Congregação Mariana da igreja do Quelhas.

– Foi convidado para médico do Colégio de Campolide (Colégio Jesuíta).

Desde esta altura até 1900, foi convidado para colaborar com inúmeras instituições religiosas em Portugal, entre as quais a Ordem Hospitaleira de S. João de Deus e das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus. Nestas duas Instituições foi substituído em 1900 pelo Dr. Adriano Burguete.



Manicómio do Telhal, c. 1889.



Casa de Saúde da Idanha, c. 1990.

1901 – Foi fundador do Partido Nacionalista, de que foi membro bastante activo. Fundou, pelo país, inúmeras filiais do Partido.

– Diversas vezes recusou ser nomeado para Deputado, assim como para Par do Reino.

1903 – (3 de Junho) No Congresso do Partido Nacionalista em Viana do Castelo, onde se vota o programa. Na comissão central do novo agrupamento figuravam, o conde de Samodães, o conde de Bertiandos, par do reino desde 1842, Jacinto Cândido da Silva, general Hugo de Lacerda, Dr. António Mendes Lages e José Pulido Garcia.

1908 – O Partido Nacionalista aliou-se ao Partido

Franquista (de João Franco, então 1.º Ministro) para concorrer às eleições. António Mendes Lages era um dos seis Deputados que seriam eleitos.

– (1 de Fevereiro) Regicídio, queda do Governo que levou a desfazerem-se as coligações políticas.

– É convidado para Director do único jornal diário católico “A opinião”, que depois passa a “Portugal”.

– Aos 70 anos faleceu a mulher, de quem teve dois filhos: António e Mário Soriano Mendes Lages.

1908 – (12 de Novembro) Começa o Noviciado no Barro, em Torres Vedras.

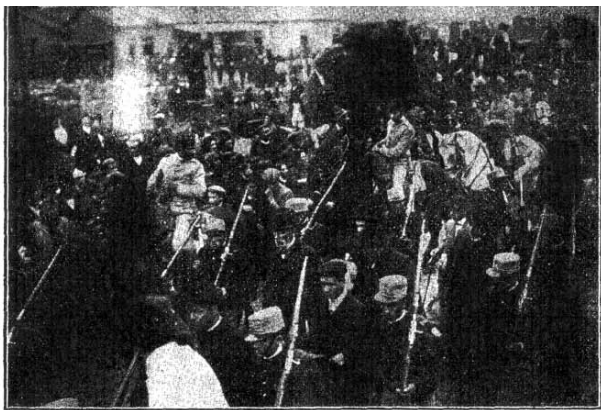
1909 – Em Noviço começa a dar catequese na Serra da Vila.

– Como médico continua a dar o seu apoio aos inúmeros religiosos que lhe pedem apoio.

– (18 de Julho) O seu sobrinho António Mendes Cabral Lages foi ordenado sacerdote.

1910 – (5 de Outubro) Proclamação da República.

– (6 de Outubro) O colégio do Barro foi cercado e os Jesuítas foram levados presos para Lisboa.

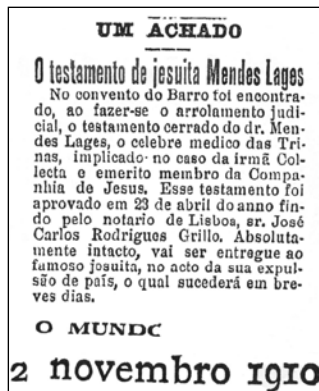


Partindo do Caes do Sodré.—Divisa-se no meio o dr. Lages

– (10 de Outubro) Expulsão dos Jesuítas. Afonso Costa tentou demover o Dr. Mendes Lages para sair da Companhia de Jesus, ao que não cedeu e foi exilado em Haia, na Holanda.

1911 – (8 de Maio) Celebrou missa nova, tinha 73 anos de idade quando se ordenou.

– A família real, exilada em Inglaterra, mandou-lhe as felicitações pela sua ordenação.



Mendes Lages escreve a D. Manuel para consagrar Portugal ao Sagrado Coração de Jesus, facto que nunca aconteceu.

1916 – Após ter saído da Bélgica, durante a Primeira Guerra Mundial foi para a região de Pontevedra, em Espanha.

– (11 de Janeiro) O Dr. António Mendes Lages faleceu em Múrcia, em Espanha.

– Os jornais e as revis-

tas *A Nação*, *A Ordem*, *A Liberdade* e *A Revista Catholica*, entre muitos outros, publicaram necrologias com notícias sobre a sua vida e obra caritativa.

– (25 de Março) O Presidente da Associação dos Médicos Católicos, Dr. Tomás de Mello Breyner, aprovou, no 2.º Congresso da Associação, um voto de sentimento ao Dr. António Mendes Lages.

1920 – O jesuíta Pe. Alexandre Coutinho Castello escreveu a biografia: “*O Doutor António Mendes Lages, 1838-1916*”, com 180 páginas, a qual teve 4 edições.



BIBLIOGRAFIA

Arquivo Distrital da Guarda – *Assentos de baptismo, ano 1838*, freguesia de Loriga, Concelho de Seia, rolo 868, fl. 74.

Jornal “O Mundo” – “*Um achado – O testamento do Jesuíta Mendes Lages*”. Lisboa: 2 de Novembro, 1910.

Revista Ilustração Portuguesa. Lisboa: O Século, n.º 245, 1910.

CASTELLO, Alexandre Coutinho – *O Doutor António Mendes Lages, 1838-1916*. Porto: Apostolado da Imprensa, s/d (cerca 1920).

GAMEIRO, Aires – *Dr. Luís Cebola e a Casa de Saúde do Telhal (Ordem Hospitaleira São João de Deus) Um republicano no convento*. Colaboração de Augusto Moutinho Borges, Ana Mateus Cardoso, Fernando d’Oliveira e Valter Correia. Lição proferida na Sociedade de Geografia de Lisboa – Secção história da Medicina, em 14.12.06 (Prelo no Boletim da SGL).

GAMEIRO, Aires (coord.) – *Casa de Saúde do Telhal 1.º Centenário, 1893-1993. Documentos históricos e clínicos*. Telhal: Hospitalidade, 1993.

GAMEIRO, Aires e OLIVEIRA, J. F. Reis de – *Notas sobre o Telhal e a Idanha no panorama da psiquiatria no dobrar do século XIX-X*. In: *VI Congresso Internacional de Psiquiatria S. João de Deus, Desafios actuais da Psiquiatria e Saúde Mental*. Lisboa: 1996, pp. 130-138.

LAVAJO, Joaquim Chorão – *Ordem Hospitaleira de S. João de Deus em Portugal, 1892-2002*. Lisboa: Hospitalidade, 2003 (específica p. 180).

SILVA, Amaro da – *O Partido Nacionalista no Contexto do Nacionalismo Católico: Subsídios para a história contemporânea portuguesa (1901-1910)*. Lisboa: Colibri, 1996.

* Museu S. João de Deus.
Doutor em História das Ciências da Saúde,
investigador Centro de Estudos Interdisciplinares
do Século XX, da Universidade de Coimbra.

FRANCISCO TAVARES: UM MARCO NA MEMÓRIA E NO IMAGINÁRIO DA MEDICINA E FARMÁCIA PORTUGUESAS

João Rui Pita *

Introdução

No ano 2000, passaram 200 anos sobre o nascimento do médico, cientista e professor da Universidade de Coimbra, Francisco Tavares, uma das figuras mais notáveis da vida científica médica e farmacêutica portuguesa da transição do século XVIII para o século XIX. Foi professor da Universidade de Coimbra, autor da primeira farmacopeia oficial portuguesa, autor de diversos trabalhos marcantes na ciência portuguesa de finais do século XVIII e início do século XIX, nomeadamente no âmbito da matéria médica e farmácia e hidrologia médica. É um dos autores mais produtivos desse período.



Boião (sec. XVI)

Breves traços biográficos

Francisco Tavares nasceu em Coimbra em 1750 e faleceu em Lisboa a 20 de Maio de 1812. Foi baptizado, em Coimbra, na freguesia de S. Cristóvão, a 1 de Fevereiro de 1750 sendo filho de Manuel António Tavares, um dos mais importantes boticários da cidade de Coimbra, e de Maria Francisca. Era neto paterno de António Tavares e de Maria Rodrigues e neto materno de João Rodrigues do Vale e de Maria Francisca Quaresma. A família de seu Pai era originária da região de Lamego enquanto que o lado materno tinha como origem a região de Coimbra. Foram padrinhos de baptismo o Dr. Francisco Lopes Teixeira, médico, e a Sr^aD. Rosa Albertina. Faleceu em 20 de Maio de 1812.

Formação académica e carreira universitária

Realizou os estudos médicos em Coimbra, na Faculdade de Medicina. Frequentou esta Faculdade entre 1765 e 1770. Em 1765 obteve o grau de bacharel em Filosofia, condição que lhe dava ingresso no curso médico e em 1770 obtém o bacharelato em medicina e a licenciatura em 1771. Isto é: obte-

ve todos estes graus em tempo anterior à reforma pombalina da Universidade de Coimbra. Foi o primeiro aluno de medicina a apresentar-se a doutoramento (1778) após a reforma pombalina da Universidade. Depois de doutorado e após uma passagem como lente opositor, iniciou a 12 de Abril de 1779 as funções de demonstrador da cadeira de Matéria Médica e Farmácia. Foi o primeiro demonstrador da cátedra de Matéria Médica com formação universitária, doutorado e com interesse pela actividade científica dentro deste domínio. Em 1783 foi nomeado lente proprietário daquela mesma cadeira. Neste ano Joaquim Freire, boticário

da cidade de Coimbra regressou à demonstração da cadeira de Matéria Médica, detendo o grau pela segunda vez. Entre 1783 e 1787 Francisco Tavares manteve-se no exercício da cátedra de Matéria Médica. Em 1787, foi nomeado lente proprietário da cadeira de Instituições Médico-Cirúrgicas, disciplina mais importante na hierarquia das cadeiras de então. Em 1791 foi promovido a primeiro lente com exercício na Segunda Cadeira de Prática, tendo sido jubilado por Carta Régia de 4 de Abril de 1795. Daqui se conclui que Tavares, repartido por três disciplinas distintas, consumiu mais de metade do seu tempo, precisamente a trabalhar na área da matéria médica e farmácia e também hidrologia médica.

Para além das funções docentes, Tavares ocupou na Universidade, na Faculdade de Medicina ou no Hospital, cargos administrativos. Além de Deputado da Junta da Fazenda da Universidade cargo para o qual foi nomeado em 1787, foi em 1779, ajudante do director do Hospital Escolar, isto é, no ano em que o Hospital se mudava das instalações provisórias na Praça de S. Bartolomeu, na zona baixa da cidade de Coimbra, para o local que lhe fora

destinado na Couraça dos Apóstolos, nos antigos edifícios do Colégio dos Jesuítas. Em Congregação de 25 de Maio de 1787 foi nomeado, conjuntamente com Teotónio José de Figueiredo, para fazer um inventário das preparações químicas utilizadas no Dispensatório Farmacêutico ficando eles com a obrigação de mostrar as utilidades que o Laboratório Químico trabalhando pode ter no Dispensatório Farmacêutico e a utilidade deste às Artes e às Manufacturas. Entre 1791 e 1792 ocupou por várias vezes o cargo de director do Hospital Escolar e entre 1791 e 1795 ocupou o cargo de director da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

Deve sublinhar-se que Francisco Tavares foi lente da Universidade de Coimbra após a reforma pombalina dos estudos universitários e que, como sabemos, pretendeu instituir o ensino experimental na Universidade. Deve lembrar-se que para isso foram construídos diversos estabelecimentos como, por exemplo, o Hospital Escolar, o Teatro Anatómico e o Dispensatório Farmacêutico, directamente destinados ao ensino e investigação médicas e ao serviço à comunidade, e outros como o Laboratório Químico, o Gabinete de Física, o Gabinete de História Natural, o Observatório Astronómico. A sua experiência universitária deu-se, portanto, num período capital da vida da instituição.

Francisco Tavares viveu num período muito rico e complexo da história das ciências da saúde: o final da vigência galénica, a emergência das terapêuticas preventivas em função dos trabalhos sobre a vacinação de Edward Jenner, o início da higiene pública, o despertar para o isolamento dos princípios activos dos vegetais, etc. Francisco Tavares foi contemporâneo da revolução química de Lavoisier. Teve como figuras contemporâneas cientistas e médicos portugueses igualmente conceituados como, por exemplo, José Francisco Leal, Manuel Joaquim Henriques de Paiva, Avelar Brotero, entre outros, e o famoso Ribeiro Sanches, discípulo de Boerhaave, que influenciou de modo marcante a reforma pombalina da Universidade de Coimbra.

Fora da Universidade de Coimbra

Francisco Tavares, em 1792, iniciou trabalhos em Lisboa. Foi Físico-Mor do Reino. Foi, também, médico do Conselho do Príncipe Regente, Primeiro Médico da Real Câmara, Cavaleiro Professo da

Ordem de Cristo, Deputado da Junta do Proto-Medicato e da Real Mesa da Comissão Geral sobre o exame e censura dos livros, Sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa e da Academia Prática de Barcelona, membro da Comissão de Indústria Nacional.

A chamada, por Aviso Régio, de Francisco Tavares a Lisboa, à Côrte, foi determinante na sua carreira como cientista e como professor universitário. A sua articulação com o poder central e a sua eventual presença junto de personalidades que dominavam certo tipo de poderes, nomeadamente o poder político, pode ter modificado a sua carreira. Julgamos que ele foi chamado para a Côrte onde foi primeiro médico da Câmara do Príncipe Regente pelos seus dotes enquanto clínico e enquanto cientista. Contudo, as contrapartidas deste novo relacionamento podem ter-lhe fornecido uma projecção que mais dificilmente conseguiria se se mantivesse única e exclusivamente como lente da Universidade de Coimbra. É curiosamente na sequência desta sua passagem para Lisboa, onde se encontrava longe da Universidade que o projectara cientificamente, que Francisco Tavares começa a produzir a maior quantidade das suas obras. Após a sua jubilação, que como dissêmos foi atingida em 1795, e depois da partida da família real para o Brasil, que Tavares não acompanhou, este professor universitário afastado da Faculdade de Medicina de Coimbra, consegue publicar como nenhum colega de Faculdade o fez.

A produção científica e o caso particular da publicação da primeira farmacopeia oficial portuguesa

Francisco Tavares foi incumbido, juntamente com o lente de medicina Joaquim de Azevedo, de redigir a primeira farmacopeia oficial portuguesa. Era obrigação da Faculdade de Medicina fazê-lo, isto pelos Estatutos da Universidade de 1772. Embora tenha sido designado conjuntamente com Azevedo, acabou por fazer isoladamente esse trabalho fundamental para a medicina e farmácia portuguesas. Adaptou para essa finalidade as suas obras *De pharmacologia libellus* (1786) e *Medicamentorum sylloge* (1787), dois tratados destinados ao ensino da medicina; fez selecções criteriosas de matérias, não sendo por isso uma simples junção das duas

obras. As suas obras paracem ter sido merecedoras de meritórios elogios por parte da imprensa alemã e da imprensa francesa. Por Aviso Régio de 29 de Dezembro de 1787 foi-lhe atribuído além do vencimento um subsídio anual de 100\$000 réis por ano, como prémio por haver feito o compêndio. Provavelmente satisfeitos pelo trabalho de Francisco Tavares, a Faculdade de Medicina, em Congregação de 30 de Julho de 1789, incumbiu-o de fazer as anotações necessárias nos compêndios de Fisiologia de Haller e de Patologia de Boerhaave. Não temos conhecimento da execução e da publicação destes textos.

A primeira farmacopeia oficial portuguesa, a *Pharmacopeia Geral*, foi publicada em 1794. Esta determinação, a publicação de uma farmacopeia oficial, revela-se como uma das medidas mais importantes na história da medicina e da farmácia portuguesas de finais do século XVIII. Desde logo, porque a existência de uma obra oficial daquele tipo reflecte uma preocupação por parte das autoridades sanitárias de então. Por outro lado, traduz o sentido da normalização de um ramo do conhecimento das ciências da saúde - o conhecimento das matérias primas medicamentosas e a produção dos medicamentos. A atenção dispensada pelas autoridades sanitárias à farmácia, passava pela execução de uma obra desta natureza que os Estatutos da Universidade de 1772 haviam preconizado. A *Pharmacopeia Geral* vigorou desactualizada até 1835 data em que foi substituída pela segunda farmacopeia oficial portuguesa. O autor estava consciente desta desactualização porque havia sido muito morosa a sua publicação, ainda mais num período de profundas modificações científicas neste campo. Nem mesmo as edições posteriores da obra de 1794 actualizaram a farmacopeia oficial.

Francisco Tavares levou a bom termo investigações científicas diversas sobretudo nos domínios da hidrologia médica e da matéria médica e farmácia. É autor de diversos trabalhos científicos, sobretudo nestes dois grandes domínios.

As *Advertências sobre os abusos, e legitimo uso das águas minerais das Caldas da Rainha* (1791), resultam de uma memória apresentada à Academia Real das Ciências no ano de 1791, mais precisamente na sessão de 10 de Junho, tendo os sócios julgado que seria muito útil e altamente benéfico para a comunidade a edição daquele traba-

lho, a expensas da própria academia. A obra com um total de 37 páginas divide-se em cinco grandes capítulos: Do preparo; Do tempo; Da quantidade; Do modo (uso interno e uso externo); Da dieta (ar; comida e bebida; movimento e quietação; sono e vigília; retenção e excreção; afectos de ânimo; adição). Os objectivos da sua publicação não foram propriamente analíticos, isto é, não se objectivava propriamente uma análise das águas, mas são lançadas antes as vertentes orientadoras para o estabelecimento de uma boa utilização das águas mineiras em geral e das águas das Caldas da Rainha em particular. Nesta obra Tavares valoriza fundamentalmente a posição do doente e dá sugestões para a melhor utilização das águas termais.

Em *Descrição de hum feto humano monstruoso nascido em Coimbra no dia 28 de Novembro de 1791* (1799), o autor diverge do grande pano de fundo científico que caracterizou a sua obra. Deve salientar-se que quando Tavares publica este trabalho exercia as suas funções como professor universitário na Segunda Cadeira de Prática e aquele trabalho incide precisamente sobre estudos anatómo-patológicos realizados na companhia dos lentes da Faculdade de Medicina João de Campos Navarro (lente de Anatomia), João Joaquim Gramacho da Fonseca e de Joaquim Navarro de Andrade.

Em 1799 publicou *Resultado das observações feitas no hospital real da inoculação das bexigas nos anos de 1796, 1797 e 1798* obra que revela mais uma vez a plena actualidade da sua condição científica embora numa perspectiva pré-jenneriana.

Em 1802 fez publicar as *Observações e reflexões sobre o uso proveitoso e saudavel da quina na gôta* (1802). Francisco Tavares era gotoso. E foi precisamente sobre a gota e seu tratamento que Francisco Tavares publicou alguns dos seus trabalhos mais relevantes. A obra, escrita em latim e em português ao tempo em que Francisco Tavares detinha o cargo de físico-mor do reino, foi dedicada "aos Professores de Medicina e aos enfermos gotosos, seus colegas". Nas páginas iniciais Tavares traça as grandes linhas orientadoras que presidiram a tão aturada e importante investigação. Fala das suas hesitações em utilizar a quina no tratamento da gôta pensando que, dada a natureza da matéria-prima, seria inútil a sua utilização. Contudo, o estímulo fornecido pelo seu amigo e professor da Faculdade

de Medicina Bento Joaquim de Lemos terá sido , segundo ele, determinante para avançar com uma série de experiências que visavam, precisamente, observar os efeitos que a quina teria no tratamento da gôta. O acolhimento desta obra por parte da comunidade científica internacional foi relevante.

Em 1809 Francisco Tavares publicou a primeira edição da sua obra *Pharmacologia*. Esta obra embora não o indique explicitamente, corresponde a uma segunda edição das duas obras que em 1786 e 1787 havia publicado fundamentalmente para os seus alunos e que correspondem, embora adaptadas, aos grandes capítulos da *Pharmacopeia Geral* editada em 1794. No que concerne à matéria médica e farmácia, a face visível, a oficial, a correspondente à produção da instituição científica portuguesa - a Universidade - encontrava-se demonstrada através da *Pharmacopeia Geral* , obra publicada em 1794 e que em 1809 se revelava carente de alterações inerentes a um ritmo de produção científica em que o início do século XIX se veio a demonstrar pródigo. No que respeita à química a ruptura instituída com o poder científico vigente foi por demais evidente, e as consequências daí provenientes para a farmácia foram altamente significativas. Francisco Tavares foi estimulado pelos seus companheiros científicos em reestruturar e adaptar algumas das suas obras às modernas tendências científicas que revolucionaram os domínios da medicina, da química e da farmácia do trânsito do século XVIII para o século XIX. A edição da *Pharmacologia*, em 1809, escrita em latim, obedece a estes propósitos. A obra teve uma edição póstuma em 1829.

As Instruções e cautelas práticas sobre a natureza, diferentes especies, virtudes em geral e uso legitimo das aguas minerais, principalmente de Caldas (1810) constituem um prolongamento actualizado da obra que havia publicado em 1791. Naquela publicação temos a insistência do autor na problemática das águas e na questão hidrológica enquanto elemento imprescindível no saber médico; por outro uma abordagem, diríamos, científica e perfeitamente articulada com as mais modernas tendências científicas de então. Se, por um lado, Francisco Tavares não discute a imprescindibilidade da análise química da águas no estudo criterioso dessas mesmas águas, por outro lado salienta que esse estudo é deveras importante para o conhecimento da água mas que os efeitos que a água pode

ter no organismo só se conseguem depois de estudados os efeitos que a água pode ter no organismo humano. Tavares fez a distinção entre o estudo da água e, em função disso, daquilo que se pode esperar dessa mesma água, e os efeitos que a água pode ter no organismo humano.

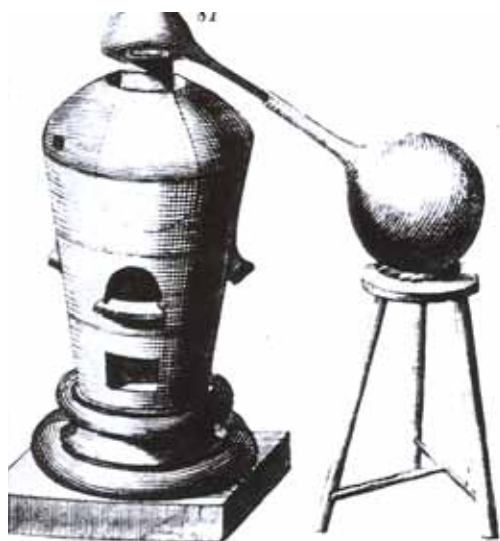
No *Manual dos gotosos e de rheumaticos para uso dos proprios enfermos* (1810), Francisco Tavares faz uma nova abordagem do tema que havia motivado a publicação em 1802 das *Observações e reflexões sobre o uso proveitoso e saudável da quina na gôta* e que tão grande e positivo impacto havia tido na comunidade científica internacional. Possivelmente animado pela recepção da obra, Tavares envolve-se novamente com a temática da gôta e do seu tratamento. A obra, com um total de 205 páginas, não se limita a ser um relato das observações feitas em doentes sobre o resultado da utilização da quina no tratamento da gôta. Francisco Tavares desta feita faz uma obra bastante mais envolvente, abordando parâmetros e aspectos relacionados com a doença e sua terapêutica, tratando o tema de uma forma menos empírica e mais científica. Francisco Tavares que oito anos antes havia escrito a sua obra e feito as suas observações, fundamentalmente baseado na aplicação da quina para o tratamento de afecções gotosas, descreve e sugere tratamentos baseados na aplicação de diversas substâncias utilizando já uma terminologia que podemos considerar nova quando relacionada com a inscrita na farmacopeia de 1794 e que continuava a ser obra oficial e em vigor.

Alguns destes trabalhos foram objecto de críticas, enquanto outros foram distinguidos pela sua qualidade. Francisco Tavares foi traduzido em língua inglesa, em 1804, no *Jornal Médico e Físico de Londres* e nos *Anais de Medicina de Edimburgo*. O mesmo se deu com a obra de Alphonse de le Roy *Manuel des goutteux et des rhumatisans*. Foi citado em diversos dicionários estrangeiros pela obra publicada em 1802 *Observações e reflexões sobre o uso proveitoso e saudavel da quina na gôta*, texto que é em substância um autêntico tratado de terapêutica.

Considerações finais

Francisco Tavares não se limitou a ser um produtor de saber feito. Em várias obras descreve observações originais realizadas por si próprio. In-

terpreta os estudos e publica os resultados. A sua produção científica e o seu interesse pelas novas descobertas e a sua adesão às novas correntes médicas e químico-farmacêuticas conferem-lhe posição de destaque. Francisco Tavares foi um distinto professor de medicina da sua geração e clínico de mérito. As diversas posições ocupadas ao longo da vida conferem-lhe lugar na galeria de cientistas portugueses a suscitar estudos mais aprofundados.



Alambique e retorta concebida pelo abade Nollet (sec. VII)

FONTES E BIBLIOGRAFIA:

FONTES MANUSCRITAS:

- AUC - Actas avulsas da Congregação de Medicina, 1773-1785. IV-1ºD -3 - 1 - 94.
- AUC - Livro de exames, actos e graus de Medicina, 1773 - 1787. IV - 1ºD - 4 - 4 - 45.
- AUC - Livro do resumo dos Actos Grandes da Reforma de 1772. IV- 1ºD- 3 - 1- 48.
- AUC - TAVARES, Doutor Francisco. Processo de professor. IV - 1ºD- 9 - 2.
- AUC - Freguesia de S. Cristóvão, 1745-1789. III - 2ºD- 2 - 3 - 100.

FONTES IMPRESSAS:

- TAVARES, Francisco -*Theses ex universa medicina*, Conimbricae, Typographia Academico Regia, 1778.
- TAVARES, Francisco - *De pharmacologia libellus academicis praelectionibus accomodatus*, Conimbricae, Typographia Academico Regia, 1786.
- TAVARES, Francisco - *Medicamentorum sylloge propriae pharmacologicae exempla sistens in usum academicarum praelectionum*, Conimbricae, Typographia Academico Regia, 1787.
- TAVARES, Francisco - *Advertências sobre os abusos, e legitimo uso das águas minerais das Caldas da Rainha, para servir de regulamento aos enfermos que delas têm precisão real*, Lisboa, Officina da Academia Real das

Sciencias, 1791.

—TAVARES, Francisco - “Descripção de hum feto humano monstruoso nascido em Coimbra no dia 28 de Novembro de 1791”, *Memorias de Mathematica e Physica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 2, 1799, pp. 296-305.

—TAVARES, Francisco - *Resultado das observações feitas no hospital real da inoculação das bexigas nos anos de 1796, 1797 e 1798*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1799.

—TAVARES, Francisco - *Observações e reflexões sobre o uso proveitoso e saudavel da quina na gôta*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1802.

—TAVARES, Francisco - *Pharmacologia novis recognita curis, aucta, emendata, et hodierno saeculo accommodata*, Conimbricae, Typis Academicis, 1809.

—TAVARES, Francisco - *Instruções e cautelas práticas sobre a natureza, diferentes especies, virtudes em geral e uso legitimo das aguas minerais, principalmente de Caldas; com a noticia daquellas, que são conhecidas em cada uma das provincias do reino de Portugal e o methodo de preparar as aguas artificiaes*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1810.

—TAVARES, Francisco - *Manual dos gotosos e de rheumaticos para uso dos proprios enfermos*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1810.

—TAVARES, Francisco - *Pharmacologia novis recognita curis, aucta, emendata, et hodierno saeculo accommodata*, Conimbricae, Typographia Academico Regia, 1829.

BIBLIOGRAFIA / SUGESTÕES DE LEITURA

—PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui — “Liturgia higienista no século XIX — pistas para um estudo”, *Revista de História das Ideias*, Coimbra, 15, 1993, pp. 437-559.

—PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui — “Francisco Tavares”, *In Vivo. Revista Mensal de Saúde*. 1(2) 2000, pp. 42-43.

—PITA, João Rui — *Farmácia, medicina e saúde pública em Portugal (1772-1836)*, Coimbra, Livraria Minerva, 1996.

—PITA, João Rui — “La Pharmacie au Portugal (1772-1836)”, *Revue d’Histoire de la Pharmacie*, Paris, 45 (317) 1998, pp. 51-58

—PITA, João Rui — “Um livro com 200 anos: a farmacopeia portuguesa (Edição oficial). A publicação da primeira farmacopeia oficial: *Pharmacopeia Geral* (1794)”, *Revista de História das Ideias*, 20, 1999, pp. 47-100.

—PITA, João Rui — *História da farmácia*, 3ª ed. revista, Coimbra, MinervaCoimbra, 2007.

NOTA : em 2000, João Rui Pita e Ana Leonor Pereira apresentaram a omunicação “Francisco Tavares, 250 anos: um marco na memória e no imaginário da medicina e farmácia portuguesas”, apresentada nas “XII Jornadas de Estudo 2000 — ‘Medicina na Beira Interior da Pré História ao Séc. XXI’”, realizadas em Castelo Branco nos dias 10 e 11 de Novembro de 2000 no Auditório do Cine-Teatro Avenida. Este estudo integra-se no âmbito dos trabalhos científicos do Grupo de História e Sociologia da Ciência do CEIS20 da Universidade de Coimbra, financiado pela FCT, retoma essa comunicação e reúne outros elementos resultantes da pesquisa realizada sobre esse cientista.

*Professor da Faculdade de Farmácia;
Investigador do CEIS20, Universidade de Coimbra.
E-mail: jr_pita@ci.uc.pt

CRIAÇÃO DO ENSINO MÉDICO NO BRASIL EM 1808

Marta Gama Mendes e Alfredo Rasteiro *

O princípio enunciado por Bernardino Machado (1851-1944) «... Quando um povo quer cimentar a integridade da pátria, faz o que nós fizemos, implanta nella uma Universidade» («Oração de Sapiência», 1904) ajuda a compreender a criação da Universidade da Beira Interior (30 de Abril de 1986) e explica as dificuldades criadas em 1962 ao Governador de Angola Venâncio Augusto Deslandes (1909-1985), patrocinador de uns Estudos Gerais travados por Adriano Moreira, ministro de Salazar (1889-1970), que os colocou sob a alçada de Lisboa (Decreto-lei 44530 de 21 de Agosto de 1962), à semelhança do que sucedeu no Brasil, em 1801 e 1808.

Em 1801 o Príncipe regente assinou o Decreto que criou os Estudos médicos de Vila Rica, centro de riqueza e polo separatista que será esquecido em 1808 logo que, mal chegado ao Brasil, D. João apoiou a criação da Escola Médica da Baía. Em 17 de Junho de 1801, em Queluz, o Príncipe D. João (1767-1826) saudou o Governador de Minas Gerais e,

«atendendo à grande falta de Cirurgiões hábeis e inteligentes nessa Capitania, por nela não haver Aulas públicas em que se expliquem as doutrinas respectivas a esta Faculdade», em conformidade com os pedidos dos últimos Capitães-mores, desde 1897, autorizou a criação de uma «Cadeira de Cirurgia, Anatomia e Arte Obstétrica» no Hospital Real de Vila Rica e nomeou professor António José Vieira de Carvalho, Cirurgião do Regimento de Cavalaria de Minas Gerais (Alcino Lázaro da Silva: Primeiro Curso Médico no Brasil, *Jornal Bras. Hist. Med.*, vol. 6, nº 1, p. 5, 2003).

Em 1808 as decisões são tomadas no Brasil, enquanto decorria a invasão francesa de 1807. A

parte portuguesa embarcou a 24 de Novembro de 1807 e zarpuo a 29, logo que as condições do vento, e o estado do mar, o permitiram. Madrugaram e levaram o que puderam, à mesma hora a que Jean-Andoche Junot (1771-1813), e o seu exército chegavam a Sacavém, «a duas léguas de Lisboa».

A Memória das Gentes da Beira Interior, do Rosmaninhal a Abrantes, não esquece os dias 19,



Joze Correa Picanço (Severo Portela Junior, 1956)

20, 21, 22, 23, 24 e 25 de Novembro de 1807 em que sofreram a passagem de vinte e seis mil e quinhentos franceses e alguns espanhóis com os equipamentos gastos, fustigados pela chuva e pelo frio do inverno, doentes, fatigados, esfomeados, querendo chegar a Lisboa a tempo de prender o Príncipe do Brasil, cumprindo ordens de Napoleone Buonaparte (Jean-Andoche Junot: *Diário da I invasão francesa*, Livros Horizonte, 2008, pp. 93-105).

No dia 18 de Fevereiro de 1808, à vista da Baía, o «Príncipe do Brazil» assumiu a proposta do Dr. Jozé Correa Picanço,

Cirurgião-mor do Reino, e do seu Conselho, sobre a necessidade de uma Escola de Cirurgia, no Hospital Real da Baía, para instrução dos que se destinassem ao exercício da Cirurgia e encarregou o seu Cirurgião-mor de escolher professores, «que não só ensinem a Cirurgia propriamente dita, mas a Anatomia como base essencial dela e a Arte Obstétrica, tão útil como necessária» (www.sbhm.org.br). Picanço indicou o português José Soares de Castro (1772-1840) e o baiano Manuel José Estrella (1760-1840), formados no Hospital de São José, em Lisboa.

Em 2 de Abril de 1808 surgiu a Escola de Cirurgia do Rio de Janeiro e o ensino da Anatomia foi

entregue ao português Joaquim da Rocha Mazarrém (1775-1849) que regressará a Lisboa com D. João VI. Sucedeu-lhe Joaquim José Marques (1765-1841). A Escola do Rio utilizou instalações do antigo Convento dos Jesuítas, fundado em 1567, transformado em Hospital Real em 1760, onde já existia ensino médico.



José Correa Picanço (Carlos Pereira da Conceição, 1956).

José Corrêa Picanço, filho do Cirurgião barbeiro Francisco Corrêa Picanço, nasceu em Goiana, Brasil, em 2 de Abril de 1745 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 20 de Outubro de 1824.

O Jovem Picanço chegou a Lisboa em 1766, estudou com Manuel Constantino Alves, Manuel Constantino (1725-1817) e seguiu para Paris, onde foi aluno de Desault, Morand e Sebastier Brochot, pai de Catarina Brochot, que lhe deu dois filhos: Filipe, nascido em Paris e Manuel, nascido em Lisboa.

De regresso a Portugal, colaborou na implantação da Reforma Pombalina da Universidade e em 3 de Outubro de 1772 foi nomeado demonstrador de Anatomia, Operações Cirurgicas e Arte Obstetricia. Proprietário graduado em Doutor em 16 de Fevereiro de 1779, atingiu a Jubilação em 28 de Junho de 1790 (Carta régia de D. Maria II, in M. Lopes Almeida: Doc. Ref. Pombalina, II, 1979, p. 301). Sucedeu-lhe João de Campos Navarro. Picanço, então com 45 anos de idade, dezoito como professor, deixou de figurar no Quadro da Faculdade de Medicina de Coimbra:

«1º Lente . Doutor Francisco Tavares . Segunda Cadeira de Prática

2º Lente . Doutor Joze Pinto da Silva . Primeira Cadeira de Prática

3º Lente . Doutor Caetano Joze Pinto d'Almeida . Terapeutica Cirurgica

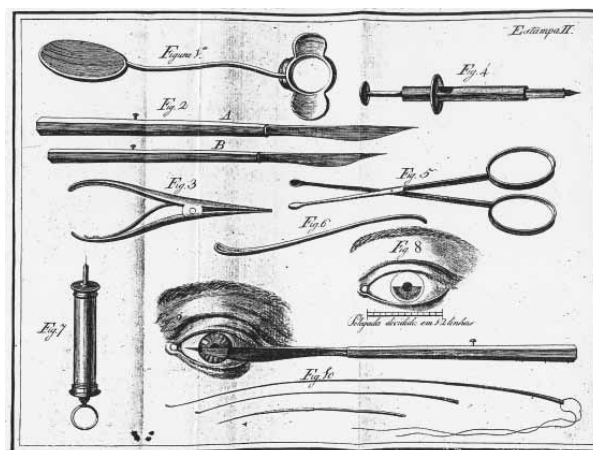
4º Lente . Doutor Joaquim de Azevedo . Materia Medica

5º Lente . Doutor João Joaquim Gramacho da Fonseca . Aforismos

6º Lente . Doutor João de Campos Navarro . Anatomia, Operações Cirurgicas e Arte Obstetricia

7º Lente . Doutor Joaquim Navarro de Andrade . Instituições medico cirurgicas

Lentes substitutos: Bento Joaquim de Lemos e Ricardo Teixeira Maconelle» (Carta Régia de 6 de Fevereiro de 1791 in M. Lopes Almeida, Obra citada)



Instrumentos do Sr. Santa Anna (1793)

Um Aviso Régio datado de 9 de Março de 1790 autorizou o Doutor Picanço a ir operar, a Lisboa, o peticionário ilustre que o tinha solicitado à Rainha, Francisco Pedro da Câmara Sotto Mayor, Fidalgo da Casa Real, «Thezoureiro da Caza da India», «por cauza de molestia em hum olho», «por ser hum dos mais habeis Professores do curativo de semelhantes molestias» (M. Lopes Almeida: Doc. Ref. Pombalina, II, 1979, p. 288).

Em 1790 o Senhor Joaquim José de Santa Anna, Lente oculista do Hospital de São José desde 15 de Fevereiro de 1783, autor de uns «Elementos de Cirurgia Ocular», 1793, 279 páginas e 3 gravuras, não seria suficientemente conhecido e o Senhor António de Almeida (1761-1822) autor do «Tratado Completo de Medicina Operatória», 1800 com 163 páginas dedicadas à Oftalmologia partirá para Londres, como bolsheiro, apenas em 1791.

Não sabemos de que moléstia sofria o Tesoureiro da Casa da India.

A perda de visão por catarata, não complicada, beneficiava com tratamento cirúrgico bem conduzido.

Sem tratamento, e de mau prognóstico, havia então o «rótulo» «gota serena» que era aplicado, in-

Autógrafo de Jozé Correa Picanço, 1790

distintamente, a glaucoma de ângulo aberto, atrofia óptica, degenerescência macular senil, descolamento da retina, e tumores da retina.

Na Cirurgia da catarata, antes de Daviel, o tempo de reclinção, ou abaixamento do Cristalino, demorava a recitação dos quatro «Padre nossos» recomendados pelo Judeu Benevenuto Grassus no século XI, quando os actos médicos eram realizados «In nomine Dei». Depois de 1753, depois de Daviel, a cirurgia do Cristalino diversificou-se.

Jacques Daviel (1693-1762), que esteve em Lisboa como catarateiro ambulante no final de 1736, início de 1737, realizou a primeira extracção de um cristalino cataratado em 8 de Abril de 1747. O registo da nova técnica foi feito seis anos depois nas «Memoires de l'Academie Royal de Chirurgie, Paris, 1753, vol. 2, pp. 337-354.

O Arquivo da Universidade de Coimbra guarda um «Inventário dos instrumentos cirúrgicos e anatómicos que se acham no Teatro», datado de 17 de Novembro de 1797, assinado pelo Doutor João de Campos Navarro de Andrade (Cota IV – 1ª E – 8 – 3 – 47 – UC – Fac. Med. Teatro Anat.) a que alguém acrescentou, com distinta caligrafia, uma nota final que abre pistas, e deixa dúvidas: «Levou para Lisboa o Dor. Picanço os instrumentos da operação da catarata segundo o método de «Ruter».

A designação incorrecta «Rust», que possibilita aproximações especulativas a Lorenz Heister (1683-1758), Johann Nepomuk Rust (1775-1840), e

a eventual fabricante de material cirúrgico, parece resultar de uma deficiente transcrição do nome alemão «Richter», August Gottlieb Richter (1742-1812), autor bem conhecido em Coimbra, referenciado por Caetano José Pinto de Almeida (1738-1798) nos seguintes termos «... primeiro médico do Rei da Grã Bretanha, ... deu à luz tres Fasciculos sobre varias materias Cirurgicas, principalmente a respeito das molestias dos olhos ... O segundo impresso alli mesmo (Gottinga) em 1776 trata ...; da gotta serena; de uma nova maneira de extrahir a cataracta: do estafyloma... O terceiro finalmente, publicado tambem alli em 1780, versa sobre o pterygio, a fistula lacrymal ... sobre a cataracta ... São egregios estes opusculos: em muito avaliamos o seu merecimento; e por isso não só os lêmos, e folheamos repetidas vezes, mas rogamos com a maior instância a todos os Cirurgiões Litteratos e que possuem a Lingua Latina, que fação delles o mesmo uso». Nota de rodapé, introduzida por Jozé Bento Lopes, acrescenta: « Richter reforma muitos pontos de doutrina àcerca das materias de que trata. Corrigo, e aperfeiçoou alguns instrumentos, e o methodo de Daviel para a extracção da cataracta: serve-se do instrumento de Pamart para segurar o globo do olho na occasião desta operação ...» (Primeiros Elementos de Cirurgia Therapeutica, que para uso da Universidade de Coimbra, por ordem da Muito Augusta rainha D. Maria I compos Caetano Jozé Pinto de Almeida, Doutor em Cirurgia, e Medicina, e Lente cathedratico da mesma Universidade. Traduzida do Latim em vulgar por Jozé Bento Lopes, Médico no Porto. Acrescentado de muitas notas do traductor, revistas pelo próprio Auctor. Partes I e II, Porto. Na Offic. De Antonio Alvares Ribeiro, Anno 1794).

Pinto de Almeida, antigo colaborador de Picanço, contou com a colaboração de Bento Lopes.

Picanço trocou Coimbra por Lisboa em 1790, no ano em que Caetano Jozé Pinto de Almeida publicou os «Chirurgia Therapeutices Elementa».

A referencia que acompanha a relação de instrumentos deslo-



Esqueleto montado em 1779

cados para Lisboa, e a data proposta, sugerem um diagnóstico para a doença ocular de D. Francisco Sotto Mayor, provavelmente Catarata, opacificação da Lente cristalina determinada pela idade com bom prognóstico cirúrgico, e ajuda a explicar o bom acolhimento do Doutor Picanço na Corte, devastada pela demência da Rainha.

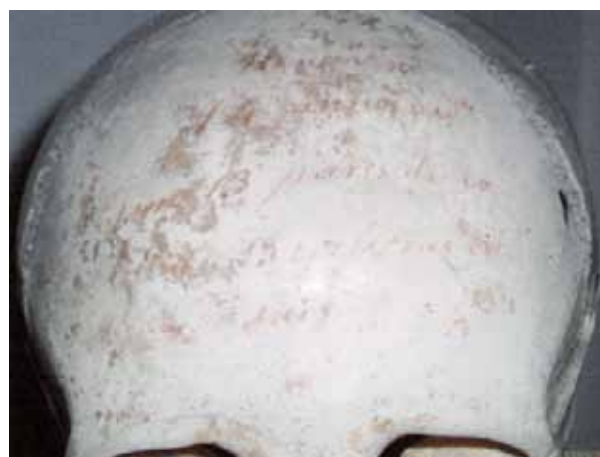
O Aviso de 11 de Fevereiro de 1791 informou a Universidade de que, «*impedida pela doença, a Rainha deixará de despachar os assuntos correntes*». A Junta médica que fundamentou esta decisão contou com 17 peritos, dois dos quais doutorados, o Doutor António José Pereira, formado em 1758, jubilado em 1776, que presidiu, e o Doutor José Corrêa Picanço, que assinou em oitavo lugar (M. Lopes de Almeida: Doc. Ref. Pombalina, II, 1979, p. 335).

Da passagem de Picanço por Coimbra, recordada no edifício da Faculdade inaugurado em 1956, que já começou a ser abandonado, ficaram o baixo relevo de Vasco Pereira da Conceição em uma das entradas, o retrato imaginado no grande mural de Severo Portela Junior, e autografos, merecendo destaque o documento datado de 25 de Abril de 1790 por referir dois esqueletos, um dos quais parece estar, ainda, à disposição dos Alunos, nas Aulas!!!, provavelmente aquele que Caetano Jozé Pinto de Almeida (1738-1798) preparou em 1779 «*para a demonstração de todos os ossos, que he o primeiro que tem tido esta Universidade*» (Alfredo Rasteiro: Ensino médico em Coimbra, 1999, p. 93). No osso coronal inscrição a tinta, tom acastanhado: «*rapaz de 14 anos*». Falta-lhe a mão esquerda. Um outro esqueleto, montado no tempo de Picanço, poder estar na sala de aula de Zoologia, instalada no Colégio de Jesus em 1772.

A Imprensa Régia do Rio de Janeiro, que fora embarcada para o Brasil em 1807, publicou em 1812 um «Ensaio sobre os perigos das sepulturas dentro das cidades e nos seus contornos». O título desta obra, assinada por J.C.P., lembra a «Memoria sobre os prejuizos causados pelas sepulturas dos cadáveres nos templos, e methodo de os prevenir», 1800 do brasileiro Vicente Coelho da Silva Seabra Teles (1764-1804), professor em Coimbra.

Tal como o seu Mestre que nasceu no limite da Beira Interior, em Constância, Jozé Correa Picanço escreveu História, sem gastar tinta: reformou os

estudos e actualizou o ensino da Anatomia. e Operou cataratas. No Brasil, praticou uma cesariana e salvou o nascituro (Carlos Luiz Campana: «José Correa Picanço, fundador do ensino médico no Brasil», *Jornal Brasileiro de história da medicina*, 2008, Vol. 11, nº 1, p.18). Impulsionou a criação das Universidades brasileiras, cultivou a pratica dos bons costumes, aceitou a autoridade pública, respeitou a santidade dos templos, promoveu a salubridade das Cidades (J.C.P.: Obra citada).



Crânio, pormenor, 1779.

Em 2008 a Sociedade Brasileira de História da Medicina, presidida por Lybio Martire Junior, da Faculdade de Medicina de Itajubá, criou a «Medalha José Correia Picanço» e atribuiu as primeiras 15 medalhas em 15 de Setembro de 2008, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, distinguindo médicos em representação das Faculdades de Medicina das Universidade Federal da Bahia (primaz do Brasil), Universidade Federal do Rio de Janeiro (segunda do Brasil), Universidade de São Paulo, Universidade Federal de São Paulo (Escola Paulista de Medicina), Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, Universidade de Coimbra e nove eminentes médicos brasileiros.

Além da Sociedade Brasileira de História da Medicina, fundada em 1997, a Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco, fundada em 17 de Abril de 1953, criou uma «Medalha de mérito Dr. Corrêa Picanço» em celebração de 58 anos da Escola e 200 do Ensino e o «Museu Histórico Nacional», do Rio de Janeiro, propôs repetir em Lisboa, em Novembro de 2008, a Exposição «Saúde e Medicina no Brasil e Portugal -200 anos de História» inaugurada em 8 de Julho, encerrada em 7 de Setembro.

Distinguido pela Sociedade Brasileira de História da Medicina, um de nós, A.R., agradece às Jornadas de Medicina da Beira Interior terem-se associado a esta Homenagem ao Brasil e ao brasileiro **Doutor Jozé Corrêa Picanço**, professor em Coimbra, Fundador do Ensino Médico Brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, A.: «*Tratado Completo de Medicina Operatória*», Lisboa, 1800
- Almeida, M.L.: «*Documentos da Reforma Pombalina*», II, Coimbra, 1979
- Bernardino Machado: «*Oração de Sapiência*», Anuário da Universidade, Coimbra, 1904
- Campana, C.L.: «*Jose Correa Picanço, fundador do ensino médico no Brasil*», J. Bras. Hist. Med., 2008, Vol. 11, nº 1, p.18
- Coelho S. Seabra T, V.: «*Memória sobre os prejuízos causados pelas sepulturas dos cadáveres nos templos, e methodo de os prevenir*», Coimbra, 1800
- Francisco Guerra: «*Historia de la Medicina*», Madrid, 1989, pp. 1089-1099 e 858-866
- J.C.P.: «*Ensaio sobre os perigos das sepulturas dentro das cidades e nos seus contornos*», Rio de Janeiro, 1812
- Junot, J.-A.: «*Diário da I invasão francesa*», Livros Horizonte, 2008, pp. 93-105
- Lázaro da Silva, Alcino: «*Primeiro Curso Médico no Brasil*», J. Bras. Hist. Med., vol. 6, nº 1, p. 5, 2003
- Mirabeau, B.A.S.: «*Memoria historica e commemorativa da Universidade de Coimbra*», Coimbra 1873
- Rasteiro, A.: «*Ensino médico em Coimbra*», Coimbra, 1999
- Santa Anna, J.J.: «*Elementos de Cirurgia Ocular*», Lisboa, 1793

* Gabinete do acervo histórico,
Faculdade de Medicina, Coimbra



Assembleia Legislativa de São Paulo, 15 de Setembro de 200

UM TEXTO INÉDITO DE SOUSA VITERBO

Armando Moreno *

Nascido no Porto, a 29 de Dezembro de 1845, Sousa Viterbo deixou uma extensa obra. O seu apelido resultou do facto de seu pai, Henrique de Sousa que quis que o filho usasse o sobrenome do 1.º Director da Escola Médico Cirúrgica do Porto, Francisco Pedro de Viterbo, seu padrinho. Destinado à vida eclesiástica, frequentou o Seminário mas em 1869 matriculou-se na escola Médico Cirúrgica de Lisboa, formando-se em 1876.

Dedicou-se à Arqueologia, à Poesia, ao Jornalismo. No ano da sua formatura começou a perder a vista e viria a cegar. Segundo a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, nos últimos cinco anos da sua vida, ditou a sua filha Clementina Leite de Sousa Viterbo, milhares de páginas. Na verdade, a obra deste médico é imensa. Surge, porém um desentendimento quando a mesma

Enciclopédia refere, com autógrafo do autor, o seguinte poemeto:

Não é extrema a cegueira
Nem se fez noite num dia
Vejo um botão na roseira
E esse botão me alumia
Bendita seja a roseira
Bento é seu nome - Sofia

Como curiosidade direi ainda que legou ao Ateneu Comercial do Porto o seu busto e o de sua filha, com a condição de ficarem colocados de modo a que olhassem um para o outro. Assim os pode ver o visitante da Biblioteca daquela Instituição.

O infatigável Sousa Viterbo dedicou a sua insaciável verve a campos muito diversificados da escrita.

Por mero acaso, veio parar-me à mão um texto de três páginas, que reputo de muito curioso, a que o autor deu título O Doutor da Mula Ruça.

Como ficou dito, este médico passou a ditar a sua filha os textos pelo que não se trata de um texto manuscrito, nem sequer assinado.

Convencido de que se trata de um texto original e inédito, procurei reconhecê-lo por peritos da Biblioteca do Ateneu Comercial do Porto e da Biblioteca Nacional.

A fim de não fatigar com a sua extensão total, transcrevo a parte inicial do texto, para apreciação:

Ainda hoje é vulgar a expressão doutor da mula ruça, mas não lhe sei determinar rigorosamente a significação, que me parece se emprega sempre em sentido irónico e de troça. Fallando do ratiño, isto é, do aldeão da Beira, o sr. dr. Theóphilo Braga, suggestionado não sei por que analogia, diz o seguinte do dr. da mula ruça:

“Como este tipo isolado, creou-se entre o povo o tipo do Doutor pedante, de um personagem do tempo de D. João III, o Doutor da mula ruça, e o tipo da criada ladina ou Sirigaita”

Como se vê, não exemplifica nem documenta a sua asserção. Não seria antes o doutor da mula ruça um tipo semelhante ao João semana, tão admiravelmente desenhado por Júliuo Diniz? A única allusão, que ora tenho encontrado na nossa antiga literatura é a que traz o poeta Chiado no Auto das regateiras:

“o doutor da mula ruça
vos dara são, como a palma,
ou o das sete carapuças,
que aqui anda vaganau”

O doutor da mula ruça não é contudo uma entidade de phantasia, teve uma realidade histórica, documentalmente comprovada. Chamava-se Antonio Lopes e residia em Evora na primeira metade do século XVI. parece que elle se glorificava do seu epitheto popular, porisso que vem muito claramente expresso na sua carta de doutor. Por certo que o adquiria com tal ou qual honra, de modo a apregoal-o jactanciosamente, doutra sorte não se comprehende que elle lhe dêsse fóros de cidade.

Antonio Lopes estudara durante dez annos na Universidade de Alcalá de Henares, onde se fez bacharel em artes e medicinas, tendo toda a sufficiencia e requisitos para obter o grau de doutor, o que todavia não fez por falta de meios. Requereu, portanto, a el-rei que lhe concedesse aquella qualificação para gosar das honras e privilegios que usufruiam os doutores pela Universidade de Lisboa.

A concluir o seu texto, Sousa Viterbo debruça-se sobre o importância que os machos e mulas assumiam naquele tempo em que era proibido proceder ao cruzamento de cavalos e burros para manter a pureza das raças. No entanto, os médicos eram autorizados a utilizá-los devido à sua natureza calma, propícia ao transporte de humanos mas também das malas e demais utensílios dos médicos.

Assim, Sousa Viterbo, no texto que agora apresento escreve:

No Cancioneiro Geral, de Garcia de Rezende, (vol. 3º da edição de Stuttgart, pag 176) vem o testamento do Macho ruço de Luiz Freire, o qual termina por pedir que lhe ponham na sua sepultura o seguinte ditado ou epitaphio:

Aqui jaz o mais leal
Macho ruço que nasceu
Aqui jaz quem não comeu
A seu dono um só real

* Professor Doutor — Universidade de Lisboa

